

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DJALMA RIBEIRO JUNIOR

**PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS EM EXPERIÊNCIAS DE
COMUNICAÇÃO POPULAR NA MOSTRA AUDIOVISUAL DE CAMBUQUIRA-MG
(MOSCA)**

**São Carlos
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DJALMA RIBEIRO JUNIOR

**PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS EM EXPERIÊNCIAS DE
COMUNICAÇÃO POPULAR NA MOSTRA AUDIOVISUAL DE CAMBUQUIRA-MG
(MOSCA)**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação do Centro de
Educação e Ciências Humanas da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para obtenção
do Título de Doutor em Educação.**

**Orientação: Professora Dra. Maria
Waldenez de Oliveira**

**São Carlos
2016**

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R484p Ribeiro Junior, Djalma
 Processos educativos vivenciados em experiências
de comunicação popular na Mostra Audiovisual de
Cambuquira-MG (MOSCA) / Djalma Ribeiro Junior. --
São Carlos : UFSCar, 2016.
 230 p.

 Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2016.

 1. Processos educativos. 2. Comunicação popular.
3. Democratização da comunicação. 4. Mostra
Audiovisual de Cambuquira (MOSCA). I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Djalma Ribeiro Junior, realizada em 19/02/2016:

Prof. Dra. Maria Waldenez de Oliveira
UFSCar

Prof. Dra. Sonia Stella Araujo Olivera
UFSCar

Prof. Dra. Ilza Zenker Leme Joly
UFSCar

Prof. Dra. Hadija Chalupe da Silva
UFF

Prof. Dra. Lucia de Fatima Estevinho Guido
UFU

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas com quem venho compartilhando a experiência de aprender e de ensinar nestes mais de dez anos de vivências na Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA). Foi com vocês que o audiovisual ganhou um sentido na minha vida, o de atrelar a comunicação popular com a educação popular num processo contínuo de luta pela democratização da sociedade e que passa – entre outras – pela democratização da comunicação. Um agradecimento especial ao Alexandre e à Simone, pessoas com as quais vivi momentos de formação crítica na MOSCA e que deram um significado para esta tese. Um agradecimento especial, também, a equipe de organização da MOSCA que já contou com muitas pessoas, mas que sempre teve em seu núcleo a Ananda, a Maíra e a Sharen.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos que sempre nos acolhe para momentos de reflexão e que nos renova a energia e a vitalidade em seguir militando na pesquisa pela construção de um mundo cada vez mais democrático.

Agradeço a Wal, orientadora desta pesquisa, pelo carinho, pela dedicação, pela parceria, pelo respeito e pelo compromisso.

Agradeço à Stella por compartilhar seus conhecimentos e por lançar provocações que estimulam o pensamento crítico.

Agradeço à Ilza por compartilharmos experiências que aliam cultura e educação popular.

Agradeço à Hadija pelo olhar cuidadoso sobre os aspectos intrínsecos ao universo audiovisual.

Agradeço à Maíra, minha companheira, que sempre esteve ao meu lado, vibrando com meus sucessos e sofrendo com minhas angústias e incertezas.

Agradeço ao Tom, que durante este processo de pesquisa, me ensinou a ser pai.

Este trabalho foi realizado dentro do quadro de pesquisas do Grupo de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” da Universidade Federal de São Carlos (www.processoseducativos.ufscar.br)

RESUMO

A presente tese se dedicou a pesquisar os processos educativos que são vivenciados em experiências de comunicação popular na Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA). Pretendemos compreender, juntos com os sujeitos participantes da pesquisa, que processos educativos estão presentes nas suas experiências de participação na MOSCA. É evidenciado que a MOSCA compõe processos de comunicações populares, aproximando perspectivas críticas em relação à concentração dos meios de comunicação e fortalecendo lutas em favor da democratização da sociedade, a qual passa pelo processo de democratização dos meios de comunicação. Outro objetivo buscado foi o de colaborar para o reconhecimento da Comunicação Popular como parte fundamental do campo da Comunicação, contribuindo com a reflexão crítica acerca das interfaces sociais da comunicação, sobretudo àquelas em que a Comunicação Popular se encontra com a Educação Popular para estabelecer uma proposta de construção de um mundo cada vez mais justo que respeite e fortaleça as diversas culturas que compõem nossa sociedade. Buscamos aliar cientificidade e criticidade em um processo de construção do conhecimento científico com compromisso social na interface entre a Comunicação Popular e a Educação Popular. Nesta pesquisa assumimos uma postura de ciência crítica e nos propomos a participar do debate acerca da descolonialidade do saber, destacando que há outras comunicações e educações que são vivenciadas em práticas sociais marginalizadas pelos aparatos jurídicos que legislam sobre o setor da comunicação. Partimos, também, da compreensão de que em todas as práticas sociais é possível encontramos processos educativos em diversas dimensões e que possibilitam a construção do conhecimento científico com compromisso social, pautada no diálogo, no respeito e na responsabilidade dos sujeitos participantes da pesquisa. A metodologia da pesquisa foi de característica qualitativa, pautada no diálogo e na proposta de uma comunidade de trabalho. Importante destacar que o pesquisador científico possui uma relação de militância com a MOSCA desde 2005, onde atua como oficinairo de realização audiovisual. A coleta de dados foi configurada por entrevistas realizadas no ano de 2015, em registros audiovisuais que remontam desde o ano de 2006 e em observação participante sistematizada no ano de 2015, quando ocorreu a décima edição da MOSCA. Os dados analisados apontaram para categorias que indicam processos educativos que valorizam o diálogo, as trocas, a criticidade, a participação, a autonomia, o pertencimento, a identificação, o engajamento, a afirmação e a apropriação.

Palavras-Chaves: Processos Educativos, Comunicação Popular, Democratização da Comunicação, Mostra Audiovisual de Cambuquira (MOSCA).

ABSTRACT

The current thesis is dedicated to research the educational processes that are lived deeply in experiences of popular communication in Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA). We intend to understand together with the participant subjects of the research which educational processes are present in their experiences of participation in MOSCA. It is evident that MOSCA composes popular communications processes, approaching critical perspectives on the concentration of the media and fortifying struggles for democratization of society, which goes through the democratization of the media process. Another sought objective was to collaborate to the recognition of the Popular Communication as a key part of the Communication field, contributing to the critical analysis concerning social interfaces of communication, especially those in which Popular Communication finds the Popular Education to establish a proposal of construction of a fairer world that respects and fortifies the diverse cultures that compose our society. We seek to combine scientific and critical in a process of construction of the scientific knowledge with social commitment at the interface between Popular Communication and Popular Education. This research assumed a posture of critical science and proposes the participation in the debate concerning the non-coloniality of knowledge, noting that there are other communications and educations that are experienced in marginalized social practices by the legal apparatuses that legislate on the sector of the communication. It is being considered the understanding that in all social practices it is possible to find educational processes in various dimensions and allow the construction of scientific knowledge with social commitment, based on dialogue, respect and responsibility of the participant subjects of the research. The research methodology was qualitative characteristic, based on dialogue and proposal of a working community. It is important to detach that the scientific researcher has a militancy relationship with MOSCA since 2005, where he acts as a teacher of audiovisual workshops. Data collection was set up by interviews carried through in 2015, in audiovisual recordings that date back from 2006 and systemize participant observation in 2015, when occurred the tenth edition of MOSCA. The analyzed data had pointed with respect to categories indicating educational process that values the dialogue, the exchanges, the criticality, the participation, the autonomy, the belonging, the identification, the engagement, the affirmation and appropriation.

Keywords: Educative Processes, Popular Communication, Democratization of the Communication, Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA).

RÉSUMÉ

Cette thèse est consacrée à la recherche sur les processus éducatifs qui sont vécus dans les expériences de communication populaires à la Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA). Nous avons l'intention de montrer, en collaboration avec les participants à l'enquête en question, que les processus éducatifs sont présents dans leurs expériences de participation à l'événement MOSCA. Il est évident que la MOSCA englobe des processus de communication populaires, apportant des perspectives critiques sur la concentration des médias et le renforcement des luttes pour la démocratisation de la société, qui passe par la démocratisation des processus communicatifs. Un autre objectif recherché était de contribuer à la reconnaissance de la communication populaire en tant qu'un élément clé du champ de la communication, en contribuant à l'analyse critique des interfaces de communication sociales, en particulier ceux dans lesquels la communication populaire stimule l'éducation populaire à établir une proposition la construction d'un monde toujours plus juste, qui respecte et renforce les diverses cultures qui composent notre société. Nous cherchons à mélanger des sciences et de la critique dans un processus de construction de la connaissance scientifique avec l'engagement social à l'interface entre la communication populaire et d'éducation populaire. Cette recherche cherche une posture de science critique proposant de participer au débat sur la décolonisation des connaissances, notant qu'il y a d'autres sortes de communications et formations qui sont expérimentés dans les pratiques sociales qui sont marginalisées par des questions juridiques désirant d'organiser l'industrie des communications. De même façon, on part de la compréhension de que dans toutes les pratiques sociales, il est possible de trouver des processus éducatifs dans ses différentes dimensions et de permettre la construction de la connaissance scientifique avec l'engagement social, structurés sur le dialogue, le respect et la responsabilité des sujets participant à la recherche. On a proposé la méthodologie de recherche qualitative, fondée sur le dialogue et en tant que la proposition d'une communauté de travail. Surtout, il est important de remarquer que le chercheur a une longue relation de militantisme devant la MOSCA depuis 2005, où il est conférencier et coordinateur des ateliers de réalisation l'audiovisuel. La collecte des données a été mis en place par des entrevues menées le 2015, par des enregistrements audiovisuels qui datent de 2006 et de l'observation participante systématique pendent l'année 2015, quand il y eu lieu la dixième édition de la MOSCA. Les données analysées montrent les processus éducatifs qui valorisent le dialogue, les échanges, la criticité, la participation, l'autonomie, l'appartenance, l'identification, l'engagement, l'affirmation et l'appropriation.

Mots clés: Processus Éducatifs, Communication Populaire, Démocratisation de la Communication, Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA).

RESUMEN

Esta tesis expone la investigación realizada sobre los procesos educativos que fueron vivenciados en las experiencias de comunicación popular en la Mostra Audiovisual Cambuquira-MG (MOSCA). La investigación tuvo por objetivo comprender, junto con los sujetos participantes de la misma, los procesos educativos que desarrollan en sus experiencias de participación en la MOSCA. Se evidencia que la MOSCA promueve procesos de comunicación populares, aporta perspectivas críticas sobre la concentración de los medios de comunicación y contribuye con el fortalecimiento de las luchas por la democratización de la sociedad, que pasa – entre otros – por la democratización del proceso de comunicación. Otro objetivo que se persiguió fue el de colaborar con el reconocimiento de la Comunicación Popular como una parte clave del campo de la comunicación, lo que contribuye al análisis crítico de las interfaces sociales de la comunicación, especialmente aquellas en las que la Comunicación Popular se entrecruza con la Educación Popular para establecer una propuesta de construcción de un mundo cada vez más justo – em el que se respeta y se refuerzan las diversas culturas que conforman nuestra sociedad. Buscamos combinar científicidad con criticidad en un proceso de construcción del conocimiento científico con compromiso social en la interfaz entre la Comunicación Popular y la Educación Popular. Em esta investigación se asume la postura de la ciencia crítica a fin de participar en el debate sobre la descolonialidad del conocimiento, señalando que hay otras formas de comunicación y de educación que se producen en las prácticas sociales, pero que son marginalizadas por los aparatos jurídicos que legislan sobre la industria de las comunicaciones. Partimos, también, del entendimiento de que en todas las prácticas sociales es posible encontrar procesos educativos en diversos âmbitos que permiten la construcción del conocimiento científico con el compromiso social, sustentada en el diálogo, el respeto y la responsabilidad de los sujetos participantes en la investigación. La metodología de la investigación es caracterizada como cualitativa, cimentada en el diálogo y en la propuesta de una comunidad de trabajo. Es importante destacar que quien realiza este estudio, además de investigador científico tiene una actuación como militante em la MOSCA desde 2005, siendo coordinador de talleres de realización de audiovisuales. La recolección de datos fue realizada mediante entrevistas en 2015, a partir de registros de las grabaciones audiovisuales que se remontan a 2006 y la observación participativa, efectuadas em el año 2015, cuando se produjo la décima edición de la MOSCA. Los datos analizados indicaron categorías analíticas que mostraron procesos educativos que valoran el diálogo, el intercambio, la criticidad, la participación, la autonomía, la pertenencia, la identificación, el compromiso, la afirmación y la apropiación.

Palabras-clave: Procesos Educativos, Comunicación Popular, Democratización de la Comunicación, Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Contextualização política, social, econômica e cultural desta pesquisa.....	34
Figura 2: Condicionamentos e possibilidades.....	64
Figura 3: Tratamento dos dados coletados.....	108
Figura 4 – Cartazes das edições da MOSCA.....	112
Figura 5 – Localização de Cambuquira.....	114
Figura 6 – Mapa detalhando o desenho de Cambuquira.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro comparativo entre a Comunicação Hegemônica e Comunicação Popular	94
Tabela 2 - Organização dos dados coletados nas entrevistas e as categorias analíticas	117
Tabela 3 – Categorias Analíticas	154
Tabela 4 – Articulação entre as categorias analíticas, as tensões e os conceitos teóricos	159
Tabela 5 – Compreensões dos participantes da pesquisa sobre os processos educativos	162

SUMÁRIO

Considerações iniciais	13
Introdução	24
Parte 1 - Construção de conhecimento científico com compromisso social na interface entre a Comunicação Popular e a Educação Popular.....	57
Capítulo 1 - A democratização da comunicação: aspectos filosóficos e epistemológicos em torno dos conceitos de democracia e de comunicação	58
1.1 – Democratização da comunicação como projeto de mundo	60
1.2 – Outras “democracias”.....	68
1.3 – Outras comunicações	71
Capítulo 2 - Comunicação Popular: a comunicação como resistência	76
2.1 - Comunicação Popular nos grupos populares na América Latina	76
2.2 - A Comunicação Popular no debate científico	86
Capítulo 3 - Práticas Sociais e Processos Educativos	90
3.1 – Educação e relações sociais	90
3.2 - Educação Popular e Comunicação Popular	93
Capítulo 4 - Dimensões metodológicas	96
4.1 - Metodologia e aspectos éticos	96
4.2 - Processos metodológicos	100
4.3 - Comunidade de trabalho e implicação do pesquisador.....	103
4.4 - Processos de coleta de dados	104

Parte 2 - A Comunicação Popular e a Educação Popular experienciadas pela Mostra Audiovisual de Cambuquira (MOSCA)	109
Capítulo 5 – Contextualização da pesquisa	110
5.1 – A MOSCA	110
5.2 – Cambuquira	113
Capítulo 6 – Organização e análise dos dados	116
6.1 – Organização dos dados	116
Capítulo 7 – Processos educativos experienciados na Mostra Audiovisual de Cambuquira – MG (MOSCA)	159
Considerações finais	182
Referências	186
Apêndice – Revisão das produções científicas	195
Anexo – Comitê de ética em pesquisa	225

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate bem mais forte o coração
Gonzaguinha (Caminhos do Coração)

Apresentar-se, antes de qualquer conversa, é sempre a melhor maneira de tentar-se compreender os sentidos e as razões daquela pessoa que será a nossa interlocutora, debatedora ou companheira de prosa. Apresentar-me, nesta tese, significa olhar no olho pelas palavras que ora saltam, ora se afundam no papel, mas que sempre toca de alguma maneira os olhos do outro que, por quaisquer motivos e motivações, percorrem as páginas que aqui seguirão. Apresentar-me, aqui, tem a intenção de alinhar as memórias, as subjetividades que configuram a vida sendo tecida nas escolhas, nos caminhos percorridos, nas opções de lutas, nos processos contínuos em que vou aprendendo e ensinando, junto com os outros e, no qual, esta tese faz parte.

Dessa maneira, começo esta apresentação discorrendo um pouco sobre minha trajetória de vida que me trouxe até este momento, tentando mostrar que este momento em que esta tese está sendo compartilhada trata-se de uma parte da caminhada na busca constante e desafiadora de se tornar um pesquisador científico.

Começo indicando que os cenários de produções audiovisuais realizadas e exibidas por/com/para grupos de pessoas vem se constituindo, desde o início deste século XXI, os espaços de ações e reflexões em que cada vez mais me envolvo e que tanto me desperta a curiosidade e que me instiga a seguir caminhando.

Graduei-me no bacharelado em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no ano de 2003 e na ocasião participei do processo de realização, escrevendo o roteiro e coordenando a produção, de dois curtas-metragens: Meu Amigo

Girassol, em 2002 e Liberdade Futebol Clube, em 2003.

O primeiro curta-metragem aborda a temática da violência doméstica contra mulheres e crianças através de uma linguagem audiovisual estruturada de maneira mais poética e simbólica que tem como intenção a de convidar o espectador e a espectadora a serem sujeitos da narrativa. O curta-metragem não é falado, valendo-se de olhares, gestos, da força dramática das imagens e dos sons. O espectador e a espectadora são provocados a serem sujeitos da narrativa de modo que o silêncio possa angustiá-lo a ser participante e não apenas observador¹.

O segundo curta-metragem possui como temática a relação estabelecida entre a ditadura militar e a copa do mundo de 1970, ocorrida no México. Sua realização data de 2003 e sua veiculação se efetivou em 2004, ano em que refletíamos sobre os 40 anos do início da ditadura militar no Brasil. Trata-se de um vídeo que pretende problematizar esta relação entre futebol e política, apontando para uma perspectiva de luta contra um regime desumano que se acobertou, precisamente neste período, em um momento de euforia do povo brasileiro em relação ao tricampeonato mundial conquistado pela seleção brasileira de futebol². A intenção era a de que o curta-metragem pudesse contribuir com as reflexões acerca dos 40 anos do golpe militar no Brasil, na tentativa de olharmos para este passado, analisarmos o presente e planejarmos um futuro cada vez mais democrático.

Ambos os curtas tem como preocupações centrais temas que estão relacionados com questões sociais, políticas e de gênero. Estes dois curtas-metragens possuem a intenção de apontar a possibilidade de o audiovisual trabalhar com a perspectiva de indivíduos que são vítimas de situações e sistemas injustos, ao mesmo tempo em que se pretendem veículos de reflexões críticas, diálogos e construções de mecanismos na busca de se coibir práticas

¹ Este curta-metragem foi exibido em escolas públicas, centros comunitários com o intuito de promover um debate acerca do tema da violência doméstica. O curta também foi utilizado pelo Laboratório de Prevenção da Violência (LAPREV) da Universidade Federal de São Carlos e, por intermédio da Professora Lúcia Williams, na época coordenadora deste laboratório, o curta foi exibido em vários congressos cuja temática era a prevenção da violência doméstica. O vídeo também foi apresentado ao Comité de América Latina y el Caribe para la defensa de los derechos de la mujer (CLADEM), que durante o Fórum Social Mundial de 2003, realizado em Porto Alegre-RS se reuniu para discutir o seguinte tema “Violencia contra las Mujeres Rurales en América Latina y el Caribe Hispanoparlante”.

² A relação entre os negócios que exploram mercadologicamente o futebol e o desrespeito ao ser humano vestiu, recentemente, uma outra camisa. Nos preparativos para a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, foi possível acompanhar, por meio das denúncias de grupos populares, a maneira truculenta que o poder instituído tratou as pessoas que vivem em regiões que receberam obras da Copa. Milhares de famílias foram desalojadas e obrigadas a abandonarem os territórios em que sempre viveram. Mais informações no blog do Comitê Popular da Copa e da Olimpíadas do Rio (<http://comitepopulario.wordpress.com/>)

desumanizadoras.

Os processos envolvidos nas realizações dos dois curtas-metragens citados acima foram pautados pelo objetivo de se estabelecer um diálogo com o público que os assistissem³. Este objetivo exigiu um cuidado com a linguagem audiovisual, a fim de que a narrativa fílmica não se fechasse nela própria, mas que, pelo contrário, sugerisse a opinião do espectador ou da espectadora. Este cuidado com a linguagem audiovisual nos exigiu pesquisas acerca das temáticas específicas de cada curta-metragem, bem como uma aproximação dos contextos em que as vítimas de ambos os curtas eram representadas. Dessa maneira, ao realizar os curtas-metragens já tínhamos traçados a vontade de exibí-los e de estar juntos na exibição para que ao final fosse possível ouvir a opinião do outro e, enfim, acontecer o diálogo almejado.

Em diversas parcerias com escolas públicas e privadas, com o poder público do município de São Carlos, com universidades e com centros comunitários, iniciamos nossa caminhada para exibir os filmes, denunciar a prática da violência doméstica contra as mulheres e crianças e as mazelas praticadas pela ditadura militar brasileira e realizar o desejo de dialogar por meio do audiovisual, na crença de que seria possível contribuir para ampliar a conscientização acerca dos problemas abordados nos filmes.

Estes momentos de conversas após os filmes geralmente se iniciavam com um longo silêncio, até que uma voz o rompia para dizer o que sentia e o que pensava sobre as temáticas. Foi num desses momentos que, ao final das conversas de uma exibição acontecida em um centro comunitário na cidade de São Carlos, uma mulher se aproximou de uma assistente social, que acompanhava as exibições, para fazer a denúncia sobre violências que ela sofria por parte do seu companheiro e que, até aquele momento, ela não se sentia amparada para poder fazer esta denúncia. A mulher passou a ser assistida pelas políticas públicas do município e tivemos a constatação dolorosa, pois nos solidarizamos pela dor daquela mulher, de que era possível executar um processo de realização e exibição de vídeos que fossem pautados pelo diálogo e que buscassem a denúncia de injustiças e o anúncio de meios para coibir tais injustiças, junto com as pessoas que se prontificavam a assistirem e debaterem os vídeos.

³ Os dois curta-metragens e seus respectivos roteiros podem ser acessados nas abas vídeos e artigos em <http://audiovisualeducacao.blogspot.com.br/>.

Estas experiências iniciais, vivenciadas na graduação, tanto no processo de realização, quanto na proposta de exibição audiovisual me marcaram profundamente, pois me indicaram possibilidades de diálogo por meio do audiovisual, vislumbrando a contribuição para a construção de um mundo que tente se constituir cada vez mais justo, dando, assim, um sentido para a minha formação universitária, uma vez que não me projetava em entrar na competitividade do mercado de trabalho.

Se as experiências com as realizações audiovisuais, na graduação, foram fundamentais para eu seguir nesta caminhada; as experiências como militante do movimento estudantil também colaboraram para a construção de uma visão mais crítica em relação às conjunturas políticas, sociais, econômicas e culturais.

Particpei ativamente da vida do Centro Acadêmico Imagem e Som (CAIS) de 2000 à 2003. Neste período, os estudantes mobilizados, realizamos uma série de debates sobre a política neoliberal levada à cabo, no Brasil, pelo presidente da república Fernando Henrique Cardoso que, paulatinamente, foi privatizando vários setores do Estado⁴.

No ano de 2001, diversos setores do serviço público realizaram uma grande greve contra as privatizações e contra ao atrelamento da economia brasileira aos ditames do Fundo Monetário Internacional (FMI) que restringia investimentos em setores sociais a fim de gerar o superávit primário que seria canalizado para o pagamento dos juros da dívida externa. Nesta ocasião, os estudantes universitários também realizaram uma greve em defesa da Educação Pública e de qualidade para todos.

Na UFSCar, os estudantes decidimos por uma greve de ocupação. Ficamos na UFSCar e ocupamos setores da universidade para que pudéssemos garantir a presença de todos os estudantes e avaliarmos criticamente a influência da política neoliberal para a universidade pública e construirmos, juntos com outros setores, mobilizações para que pudéssemos frear ou reverter privatizações e derrubar, definitivamente, a pauta das privatizações.

Nesta experiência participei com muito entusiasmo da comissão que assumiu o

⁴ Fernando Henrique Cardoso foi presidente do Brasil entre os anos de 1994 e 2002. Em seu mandato foram privatizadas por volta de 70 estatais federais em setores de telecomunicação, energia e educação. Para mais detalhes, consultar (www.fpabramo.org.br/fpadefato/?p=225)

Restaurante Universitário (RU) da UFSCar com o intuito de garantirmos a alimentação da comunidade universitária. Tínhamos uma rotina diária, dividida em turnos que passavam a semana cozinhando e servindo a quem frequentasse o RU. Esta experiência foi carregada de um senso de solidariedade, de responsabilidade e de comunidade que fortalecia o grupo e que nos mostravam que esta atitude, de cozinhar e de servir às outras pessoas, colaborava com o andamento do movimento grevista.

Quando saíamos da universidade era para levar à sociedade em geral a nossa pauta de sermos contrários à privatização da universidade pública que já estava passando por um processo de privatização dos serviços de limpeza e de segurança. Serviços considerados, por nós estudantes, como estratégicos para inibir os movimentos parestistas, já que com limpeza e segurança a universidade poderia “funcionar”. E isto se mostrou verdadeiro, pois as demais greves que se seguiram perderam força estratégica quando a sensação de limpeza e a sensação de segurança, fornecidas pelas empresas terceirizadas, adentraram a universidade pública federal. Em outros tempos, as greves dos servidores públicos federais que atuam na educação eram imediatamente sentidas pois a falta de limpeza e o sentimento de insegurança incomodavam outros setores que eram quase que obrigados a se mobilizarem.

Neste período de militância no movimento estudantil, fomos de braços unidos bloquear a Rodovia Washington Luiz, nas proximidades do campus da UFSCar em São Carlos com intuito de distribuímos panfletos que explicavam nossa pauta específica de nos posicionarmos contrários às privatizações das universidades e nossa pauta geral que era nossa posição contrária à política neoliberal levada a cabo pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso.

Também caminhamos lado a lado com tantos outros setores sociais que vinham sendo castigados pelas ações neoliberais em curso. Em uma dessas caminhadas, partimos de ônibus de São Carlos para Brasília. Estudantes e Técnicos-Administrativos da UFSCar. Em Brasília, nos somamos à uma grande marcha que pedia o fim das privatizações e a derrubada da política neoliberal. Enquanto andávamos em uma multidão que gritava contrária às privatizações e ao neoliberalismo, éramos acompanhados, de perto, pela cavalaria da polícia e, de longe, por atiradores de elite que estavam colocados sobre os

prédios dos ministérios. Foi aí também que senti uma mistura de medo e de coragem quando vivenciei a marcha da tropa de choque vindo para cima dos manifestantes. Medo, porque o aparato em si é amedrontador: a tropa de choque vem batendo cassetetes nos escudos, num som de marcha militar em um bloco fechado de onde se avista alguns policiais portando determinados tipos de armas. Sempre marchando, nunca para: se alguém estiver na frente é massacrado. Coragem, porque estávamos em muitos e que estávamos perto de construirmos algo novo e bom para a sociedade.

Foi ainda no ano de 2001, que articulei a construção de site que chamamos de Diário de Greve e o hospedamos em um serviço gratuito. A ideia do site, a princípio, era registrar as atividades grevistas que aconteciam na UFSCar. Tínhamos uma equipe de fotógrafos, uma de redação e outra que gerenciava a construção do site. Em todos os lugares que íamos protestar, levávamos o endereço do site escrito à mão em um papel para distribuímos. Também enviamos vários e-mails para dezenas de deputados e senadores federais na tentativa de sensibiliza-los com as causas dos estudantes. O número de respostas que nos chegaram foi surpreendente. Pouco a pouco, o Diário de Greve foi se expandindo e começou um canal de comunicação com outros grupos de estudantes de outras universidades públicas que também estavam participando do movimento grevista. Aí eu começava a sentir que a internet poderia se constituir em um processo comunicativo que ajudasse a consolidar um espaço de articulação coletiva.

Toda esta experiência vivida durante a graduação, seja no campo da formação acadêmica ou no campo da formação política, foi se mostrando, pouco a pouco, que era possível continuar no caminho de atrelar a prática comunicativa por meio das realizações e das exibições audiovisuais à um projeto de mundo cada vez mais justo.

Foi assim que desde 2006 venho coordenando as oficinas de realização audiovisual na Mostra Audiovisual de Cambuquira (MOSCA) realizada anualmente em Cambuquira-MG⁵. Gostaria destacar desta experiência outro trabalho audiovisual em que estive

⁵ Esta experiência foi abordada detalhadamente em um artigo apresentado na 33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) em Caxambú-MG, em 2010. O artigo está intitulado “Realização audiovisual em um contexto de Educação Popular e Comunicação Popular: apropriação dos meios e construção dos significados” e pode ser conferido em Ribeiro Junior, 2010 no link <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT06-6282--Int.pdf>

envolvido, o documentário Cine Elite – um sonho possível⁶ que foi uma obra criada coletivamente durante uma oficina⁷ realizada na segunda edição da MOSCA. Ao propor a criação deste documentário, utilizamos como mote o antigo cinema da cidade, o Cine Elite, que foi fechado no início da década de 1980 e que, hoje, é o espaço onde acontecem as edições da MOSCA. Nesta oficina, após o grupo debater sobre o tema, caminhamos para realizarmos um curta-metragem que denunciava a falta de políticas culturais na cidade e anunciava um engajamento coletivo a favor de uma construção de diálogo com o poder público sobre políticas culturais para o município. O trabalho surtiu efeito. Os participantes da oficina, na sua maioria habitantes de Cambuquira-MG e que nunca tinham tido contato com outros processos de criações audiovisuais de forma coletiva, exibiram e discutiram o tema do documentário em algumas escolas da rede pública e no próprio espaço da prefeitura da cidade, mobilizando a cidade para o debate sobre políticas públicas na área da cultura.

Estas experiências, vivenciadas com as pessoas de Cambuquira, me colocaram o desafio de coordenar um processo de formação voltado para o audiovisual. Até então, eu havia realizado e exibido vídeos, mas nunca havia sido responsável em montar uma proposta de curso para compartilhar o que eu sabia com outras pessoas. Tais experiências demonstraram o grande potencial mobilizador e transformador do processo de realizações e exibições audiovisuais junto com a população. Este potencial foi me instigando a continuar a trabalhar com estas possibilidades mobilizadoras e transformadoras e buscar compreender mais profundamente este processo em uma perspectiva crítica. Foi a partir desta experiência em Cambuquira que comecei a pensar na ideia de aliar o audiovisual com a educação. Uma ideia que fui burilando junto com pessoas próximas e que compartilham os mesmos espaços de trabalho e de militância. Se hoje esta tese está sendo lida e compartilhada é porque devo às pessoas que me proporcionaram esta experiência de oficina de realização audiovisual de 2006. Esta experiência, sem dúvida, lançou-me a querer compreender os fundamentos que sustentavam esta relação entre o audiovisual e os processos de formação vivenciados em diferentes espaços e momentos.

⁶ O vídeo pode ser assistido nos links: <http://www.youtube.com/watch?v=nOJj4f8YCbM> | <http://www.youtube.com/watch?v=ilKRxbtLgPg>

⁷ Esta oficina foi coordenada por mim, Djalma Ribeiro Junior, com a colaboração de Vivian Malusá.

Desde o ano 2004 trabalho como servidor público federal, atuando como técnico de laboratório audiovisual no Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar; mesmo lugar que frequentei do ano 2000 até final de 2003 como estudante de graduação do curso de Imagem e Som. Todos estes anos participando do curso de Imagem e Som, como estudante e como servidor, foram fundamentais para observar como todo o potencial transformador das realizações audiovisuais vivenciado junto com a população não era valorizado e estimulado dentro de um curso de graduação de audiovisual em uma universidade pública. Em conversas com estudantes de graduação de audiovisual e em pesquisas nas grades curriculares de outros cursos, pude perceber que este fenômeno não se circunscreve apenas ao curso de Imagem e Som da UFSCar; são raros os cursos universitários na área do audiovisual que se dedicam a estudar e incentivar práticas e processo audiovisuais que promovam o encontro entre universidade e comunidade em uma perspectiva dialógica e transformadora.

Dentro da universidade, trabalhando como técnico de nível médio, e, fora dela, experienciando possibilidades transformadoras de realizações audiovisuais com grupos de pessoas e, ao mesmo tempo, vendo estas possibilidades negadas dentro da grade curricular do curso de graduação em que eu havia me formado e no qual agora eu trabalhava, levou-me a buscar, na própria universidade, um espaço que fosse crítico e que propusesse uma mirada transformadora para os processos formativos que estão presentes na própria universidade. Foi a partir desta percepção que comecei a propor e coordenar projetos de extensão relacionados à educação popular e comunicação popular.

O fato de escolher a universidade como um dos espaços para atuar a favor da construção de uma sociedade cada vez mais justa, talvez esteja relacionado com a relação que fui construindo com este espaço. Fui o primeiro da minha família a ter a possibilidade de continuar os estudos em uma universidade; e nela já dediquei quase a metade de minha vida com momentos felizes e outros tristes; de conquistas e de perdas; de valorização e de desvalorização. Nela me formei enquanto profissional e por meio dela experienciei a sentimento de lutar pela construção de uma sociedade que seja cada vez mais justa. Dessa maneira, desde o início a universidade foi se evidenciando como um território de lutas políticas concretas e simbólicas e, cada vez mais, foi se transparecendo que estas lutas precisam ser lutadas junto com grupos com os quais compartilho uma perspectiva ética de

um projeto de mundo que vá se desenhando cada vez mais justo e equânime.

Foi nessa andança que a Professora Ilza Zenker Leme Joly⁸ me convidou a participar de uma reunião aberta do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, cujos membros estavam, em sua maioria, ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

A Pós-Graduação em Educação na Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos foi o local em que encontrei pessoas que também estão dispostas a seguir caminhando para a construção de um mundo mais justo e que tem no ato de pesquisar junto com os grupos populares uma de suas estratégias de militância.

Foi nesta Linha de Pesquisa que, em 2007, ingressei no mestrado. Durante o processo do mestrado, tive a oportunidade de conviver com as pessoas que fizeram parte do grupo de dança de rua Arte Urbana que atuava na periferia de São Carlos e experienciarmos, juntos, a inserção do audiovisual no cotidiano do grupo como mais uma forma de expressão. Na ocasião realizamos o vídeo Família Arte Urbana que tem como objetivo colaborar para afirmar a dança de rua como uma manifestação cultural e contribuir para combater o preconceito contra dançarinos e dançarinas de rua⁹. O mestrado também me aproximou do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos que vem me permitindo compartilhar conhecimentos acerca do ato de pesquisar junto com grupos populares, compreendendo a pesquisa científica como ato político e de compromisso social.

A participação nas atividades do Grupo de Pesquisa e os projetos de extensão que venho coordenando na UFSCar incentivaram-me a criar e a coordenar o Grupo de Estudos e Extensão em Comunicação e Educação Popular (GECEPop), estimulando a participação de estudantes da graduação do curso de Imagem e Som em projetos de extensão na área da educação e da comunicação popular que possuem atividades em rádio escola, fotografia na escola, realização de vídeo popular, mostra de vídeo popular e comunicação e cultura popular.

Coordenar o GECEPop vem se tornando um aprendizado muito interessante, uma

⁸ Conhecia a Professora Ilza Zenker Leme Joly desde a graduação, quando tive com ela a disciplina “Metodologia de Pesquisa”. Depois estreitamos um pouco mais a relação quando comecei a colaborar com alguns registros audiovisuais da Orquestra Experimental da UFSCar que foi coordenada por ela por quase 25 anos.

⁹ Este trabalho pode ser acompanhado na dissertação “Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de dança de rua como processo de educação humanizadora” (RIBEIRO JUNIOR, 2009) no seguinte link: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp096350.pdf>

vez que, por um lado, permite estreitar os diálogos entre a universidade e a sociedade em geral, sobretudo com as escolas públicas, possibilitando inserir uma perspectiva crítica e criativa atreladas às linguagens audiovisuais no ambiente escolar e, por outro lado, complementar a formação dos estudantes de graduação, estabelecendo uma relação entre estes e outras pessoas que não estão no ambiente acadêmico e que, muitas vezes, estão marginalizadas de todo o conhecimento construído na universidade.

Estreitar os diálogos entre a universidade e a escola, por meio dos projetos de extensão, vem se mostrando como um potencial para se transformar a própria prática pedagógica escolar. Mais de uma vez tivemos o relato, por parte de coordenadoras pedagógicas, de que determinado estudante, considerado “problema” passou a participar mais das aulas depois de frequentar os projetos de extensão.

Complementar a formação dos estudantes de graduação, aproximando os de contextos marginalizados, ampliou as possibilidades de atuar, por meio do audiovisual, com outras perspectivas que não se enquadram com as exploradas na competitividade do mercado de trabalho. Tenho relato de uma estudante que, emocionada, me disse que participar do GECEPop foi o que deu força para que ela continuasse a graduação.

Muitos destes projetos de extensão realizados em escolas públicas junto com crianças e jovens acabam por puxar alguns fios da memória que se entrelaçam com a trajetória de vida e com os projetos de mundo! Quando cursava o ensino fundamental, em uma escola pública na cidade de Piracicaba, eu participava do grupo de teatro da escola que apresentava peças sobre a temática do meio ambiente, escrevia poesias e poemas sobre questões relacionadas à terra, ao trabalho, aos sonhos juvenis de um grande amor e de dias melhores e também fazia parte de um grupo de rap no qual dançava e compunha músicas sobre a conscientização para a preservação do meio ambiente. Foi na escola, também, que realizei, junto com um grupo de amigos, um vídeo sobre anatomia para a feira de ciências e um sobre a história da Argentina, numa época em que o vídeo era analógico e os computadores ainda não tinham invadido nossas vidas! Estas experiências com as linguagens audiovisuais e corporais sempre foram vivenciadas por mim nas brechas deixadas pela escola.

Além da trajetória pessoal que vai construindo o caminho desta pesquisa e, ao mesmo tempo, motivando a continuar caminhando, é fundamental destacar que este

caminho não se constitui apenas de uma experiência individual, mas que ganha força nas histórias de vidas de pessoas e de coletivos que se dedicaram e se dedicam ao processo de Educação Popular e de Comunicação Popular. Dizendo de uma outra maneira, é importante salientar que há uma opção política em continuar esta trajetória no território da pesquisa, ou seja, dentro do campo científico e, sobretudo, em um Programa de Pós-Graduação em Educação e, mais especificamente ainda, junto com a Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos. Partindo da compreensão de que o fazer pesquisa científica é um ato político: quem pesquisa, pesquisa a favor de alguém ou contra alguém¹⁰; é importante estabelecer, portanto, que o território acadêmico não se constitui de forma homogênea. Na universidade encontraremos pesquisadores e pesquisadoras que possuem visões de mundo diversificadas e, em determinados momentos, antagônicas. Neste cenário, o ato de pesquisar é assumir uma postura diante do mundo.

Dessa maneira, quando assumimos o compromisso de pesquisar junto com os grupos populares e encetar um processo de pesquisa a partir do diálogo com estes grupos, estamos assumindo uma postura diante do mundo. Quando enraizamos nossos estudos no seio do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, construindo esta pesquisa em uma comunidade de trabalho, estamos assumindo uma postura diante do mundo. Quando afirmamos a possibilidade de aliar científicidade e criticidade, buscando a construção do conhecimento com compromisso social, estamos assumindo uma postura diante do mundo.

Minha relação com o tema proposto, minhas vivências e experiências que foram brevemente relatadas acima e a certeza de “que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá”¹¹ me estimularam a aprofundar o processo de construção do conhecimento que interfaceia a comunicação audiovisual popular e a educação popular, articulando pesquisa e ação em constante diálogo com os grupos populares, a fim de contribuir para a construção de um mundo cada vez mais justo e mais equânime.

¹⁰ Trata-se de uma relação entre o pesquisar e o estudar. O pesquisador brasileiro em Educação Popular, Freire (1996, p. 77) aponta que “há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar por estudar*. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele. Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?”

¹¹ Trecho da canção Caminhos do Coração de Gonzaguinha que pode ser ouvida no seguinte link: http://www.youtube.com/watch?v=HxsBU3px1Nc&feature=player_embedded.

INTRODUÇÃO

As produções audiovisuais, bem como as exibições destes conteúdos realizados por coletivos ou grupos de pessoas ligadas aos movimentos sociais ou grupos populares já se constituem, no Brasil e na América Latina, como uma questão significativamente estudada na área da Comunicação.

Santoro (1989), pesquisador brasileiro da área de Comunicação¹², traça um detalhado panorama acerca deste processo que vai desde as décadas de 1960 e 1970, primórdios da realização de vídeo como forma de expressão de grupos populares no Brasil e em outros países latino-americanos, até o final da década de 1980. Toledo (2010), pesquisadora da área de Educação Audiovisual, continua este panorama histórico e o relaciona com as propostas pedagógicas contidas em oficinas de realizações audiovisuais oferecidas ou organizadas, no Brasil, por e para grupos populares no período que vai de 1990 até 2009. Estes dois períodos constituem momentos importantes para a comunicação popular. O primeiro período (1970 – 1990) foi marcado pela militância dos grupos populares no campo da realização e da exibição audiovisual que integrava um projeto maior de comunicação popular. No quadro político, a América Latina estava passando por um período de ditaduras militares e por uma grande resistência popular que se organizava para lutar pela democracia. Ao mesmo tempo em que a ditadura militar brasileira se impunha como regime político, ela também traçava os rumos dos meios de comunicação de massa, concedendo vantagens para que a Rede Globo se consolidasse como uma rede nacional que servisse de instrumentos de consolidação ideológica e econômica do regime de exceção. O pesquisador brasileiro da área de Comunicação, Silva (1986, p. 44) assinala que

... a televisão teve um crescimento extraordinário depois do golpe militar de 1964. (...) Não há dúvida de que a propagação dos aparelhos de televisão por todo o País e na maioria dos domicílios foi uma política traçada de forma premeditada e dentro de um plano global de consolidação do poder político e do modelo econômico. Assim, foi dada prioridade absoluta à instalação de uma rede de micro-ondas capaz de atingir todo o território nacional, ao mesmo tempo em que se incentivou a produção e o consumo de aparelhos receptores e a tecnologia de tv em cores. Da mesma forma, foram oferecidas vantagens para que uma rede nacional de tv, a Rede Globo, se

¹² Toda vez em que houver uma referência a uma determinada pessoa, apresentaremos o seu sobrenome sua ocupação. Isto nos permite uma localização mais completa de quem está sendo referenciado ou referenciada. Acreditamos que localizar com mais detalhes as pessoas referenciadas contribui para que o leitor e a leitora identifiquem com mais precisão o gênero e o seu “lugar” epistêmico. As informações que completam as referências foram extraídas de currículos, minibiografias, orelha de livros.

instalasse por todo o País, muitas vezes burlando a própria Constituição. Foi amplamente denunciado, inclusive por parlamentares do próprio partido do governo, como senador João Calmon, em 1965, o estabelecimento de um convênio entre a Globo e o grupo norte-americano Time-Life. Este convênio, de duvidosa validade legal, lhe daria condições de, a partir do ano de 1969, assumir um virtual monopólio da audiência no Brasil inteiro, com índices médios em torno de 70% do total de aparelhos ligados na Nação.

No segundo período (1990 – 2009), é possível diagnosticar uma atuação crescente e preponderante de organizações não governamentais (ONG's) que promovem oficinas de realização audiovisual em periferias urbanas e rurais. No quadro político, este período está relacionado com o avanço das propostas neoliberais na América Latina, com o aumento do desemprego, com os processos de privatizações de empresas e de serviços do Estado e com uma articulação dos movimentos sociais para propor a construção de um outro mundo possível¹³. Foi um período marcado por grandes privatizações, incluindo os setores de comunicação. O escritor uruguaio Galeano (2007, p. 283) alertou que “o controle do ciberespaço depende das linhas telefônicas e não é nada casual que a onda de privatizações dos últimos anos, no mundo inteiro, tenha arrancado os telefones das mãos públicas para entrega-los aos grandes conglomerados da comunicação”.

Estes dois períodos, brevemente pontuados acima, estão condicionados pelo processo histórico, político, social e econômico que os caracterizam, interferindo, sobremaneira, nos rumos dos meios de comunicação e definindo uma política de comunicação centralizada que privilegia um pequeno grupo empresarial. Se no primeiro período, durante uma ditadura militar, são definidos os grupos empresariais que irão controlar os meios de comunicação de massa, no segundo período, marcado por um processo de redemocratização política, estes grupos se consolidam tecnológica e ideologicamente. Estes grupos empresariais obtêm investimentos com apoio estatal e com parcerias com a iniciativa privada e conseguem ampliar sua atuação no território e com grande qualidade de imagem e som. Em termos ideológicos, estes mesmos grupos que ascendem aos meios de comunicação de massa em um período de ditadura irão se manter alinhados aos interesses políticos e econômicos de uma parcela da elite no período da

¹³ “Um outro mundo é possível” é o lema do Fórum Social Mundial que vem sendo organizado desde 2001. “O Fórum Social Mundial é um espaço internacional para a reflexão e organização de todos os que se contrapõem à globalização neoliberal e estão construindo alternativas para favorecer o desenvolvimento humano e buscar a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais”. Trecho extraído do site do Fórum Social Mundial (http://www.forumsocialmundial.org.br/index.php?cd_language=1).

redemocratização, ou seja, o fim da ditadura política não significou o fim de sua ideologia e dos privilégios de determinados grupos sociais que obtiveram vantagens neste período de exceção.

Ao mesmo tempo em que se consolidam estruturas estatais e privadas para atenderem grandes corporações empresariais midiáticas que servem de suporte para modelos políticos e econômicos dominantes, também é possível ver o crescimento das articulações de um sem número de grupos que lutam para um processo de democratização da sociedade e que caminha junto com o processo de democratização dos meios de comunicação e da consolidação de uma política de comunicação mais diversificada e participativa (DORNELES¹⁴, 2007; MARTIN-BARBERO¹⁵, 2007; LEITE¹⁶, 2005).

A pesquisadora brasileira da área de Comunicação, Peruzzo (2006) destaca que as pesquisas em Comunicação Popular ganham evidência na década de 1970 no Brasil e em toda a América Latina, acompanhando o momento histórico de engajamento dos grupos populares e de movimentos sociais em práticas comunicativas. Neste período, o principal foco de estudo passa a ser o surgimento e a sistematização de uma comunicação alternativa à comunicação exercida pelas grandes corporações midiáticas aliadas aos governos militares. Aqui cabe destacar que, muitas vezes, o termo popular é identificado como alternativo e vice-versa quando se aborda o tema da Comunicação Popular. Contudo, é importante salientar que esta relação entre os termos popular e alternativo é fruto de um período histórico marcado, mais uma vez, pela ditadura militar. O jornalista brasileiro Pereira (1986, p. 61) pontua que

antes de 1964 a imprensa de oposição ao modelo capitalista de desenvolvimento chamava-se 'imprensa popular'. A imprensa popular deve, possivelmente, o apelido *alternativa* à fase recente¹⁷ do movimento democrático e popular no Ocidente, que impôs a discussão de formas alternativas de vida, de experiências comunitárias, de contra-culturas, de rebelião dos jovens e temas correlatos.

Por compreender que o termo popular, para além de uma alternativa ao modelo capitalista, representa um outro projeto de mundo que resiste sustentado pelas lutas de grupos populares é que compreendemos que o termo popular situa politicamente a comunicação a favor de pessoas ou grupo de pessoas que se encontram em situações de

¹⁴ Pesquisadora brasileira da área de Comunicação.

¹⁵ Semiólogo hispano-colombiano.

¹⁶ Pesquisadora brasileira da área de Mídia-Educação.

¹⁷ O texto foi escrito em 1986, momento de transição de um modelo ditatorial para outro dito democrático.

marginalizações.¹⁸

É entre as décadas de 1960 e 1970 que o vídeo aparece como possibilidade tecnológica para se configurar em mais um instrumento de comunicação popular, todavia, ainda com grandes custos o que faz com que esta tecnologia seja incorporada, num primeiro momento, por movimentos sociais com capacidade de arrecadação financeira, principalmente dos grandes sindicatos. Não é a toa que a pesquisadora brasileira da área de Comunicação, Festa (1986, p. 25) declara que a “comunicação popular no Brasil nasce efetivamente a partir dos movimentos sociais, mas sobretudo da emergência do movimento operário e sindical, tanto na cidade como no campo”.

Outros estudos inserem a questão do processo de comunicação popular, mediada pela linguagem audiovisual, realizado por grupos populares no Brasil e na América Latina no debate acerca da democratização dos meios de comunicação, defendendo revisões nos aparatos normativos que regulam a produção e veiculação de conteúdos radiofônicos e televisivos, a fim de eliminar os oligopólios das grandes corporações que controlam os meios de comunicação de massa, permitindo e garantindo a participação de outros atores da sociedade no sistema de comunicação (DÍAZ ESTEVES¹⁹, 2009; SORJ²⁰, 2012; LEÓN²¹, 2013).

Na área da Educação, o termo audiovisual, muitas vezes, é abordado dentro da relação que se estabelece entre as tecnologias de informação e comunicação (TIC) com a educação escolar ou como ferramenta para auxiliar modelos de educação a distância, ou seja, o audiovisual, frequentemente, está relacionado com o sistema educativo escolar sob uma óptica técnica e funcionalista. Em estudo anterior (RIBEIRO JUNIOR²², 2009) este caráter técnico e funcionalista dado ao audiovisual ao serviço do sistema educativo já foi evidenciado e criticado.

Todavia, podemos sinalizar que as questões relacionadas às produções e exibições audiovisuais realizadas por grupos populares podem ser abordadas por outros ângulos dentro da área da Educação.

Estudos realizados por pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa

¹⁸ Nas páginas 31 e 32, deste trabalho, voltaremos debate em torno do termo popular.

¹⁹ Pesquisador em Comunicação e comunicador popular uruguaio.

²⁰ Sociólogo uruguaio-brasileiro.

²¹ Pesquisador da área de Comunicação equatoriano.

²² Pesquisador brasileiro em Educação e Comunicação.

Práticas Sociais e Processos Educativos, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, há quase duas décadas, nos apontam que encontramos processos educativos nas mais diversas práticas sociais²³, ou seja, que a educação se processa em outros ambientes para além do sistema educativo escolar (OLIVEIRA²⁴; SOUSA²⁵, 2014).

Dentro desta compreensão, propomos um olhar para o audiovisual e para a sua relação com a educação onde miramos para o audiovisual como uma proposta pedagógica, que, inserido em um processo de comunicação popular, possibilite uma diversidade de processos educativos pautados pela afirmação de lutas e anseios de grupos populares. Desde esse olhar, traçamos um breve panorama de como o audiovisual contribui, pedagogicamente, com os anseios destes grupos.

Na América Latina, atualmente, é possível encontrarmos movimentos e grupos populares que, há décadas, promovem realizações e exposições audiovisuais integradas com suas lutas políticas, tais como movimentos camponeses, comunidades indígenas, coletivos de vídeo popular em áreas urbanas e rurais

No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) possui um longo trabalho em comunicação popular que se evidencia, por exemplo, na sua Brigada de Audiovisual, coletivo de produção audiovisual cuja realização está voltada para as aspirações do Movimento. Os vídeos, que ficam armazenados em uma videoteca virtual²⁶, retratam o cotidiano do Movimento e registram acontecimentos históricos e decisivos que marcam a luta política pela terra e são constantemente exibidos pelo Movimento com o intuito de contribuir para o debate que circunda as questões da reforma agrária.

A comunicação tem um papel central na sociedade na disputa entre hegemonia e contra-hegemonia. Nesse sentido, é essencial que o povo organize seus próprios meios de comunicação para que seja feita a disputa contra-hegemônica. Por isso, o MST criou o Setor de Comunicação, que tem o papel de construir os próprios meios de comunicação do Movimento, tanto com caráter mais interno quanto mais externo, assim como se relacionar e fazer a ponte entre a organização com os demais meios de comunicação²⁷.

²³ As compreensões mais aprofundadas acerca dos conceitos “práticas sociais” e “processos educativos” serão desenvolvidos no referencial teórico. Por ora, destacamos que a educação é um processo “que se dá nas relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla (OLIVEIRA, et al, 2009)

²⁴ Pesquisadora brasileira em Educação Popular.

²⁵ Pesquisadora brasileira em Educação Popular.

²⁶ Videoteca Audiovisual Gregório Bezerra (<https://www.youtube.com/channel/UC3C5WLLfrDnNsMR7Z-46eug>)

²⁷ <http://www.mst.org.br>

Há mais de 20 anos o projeto Vídeo nas Aldeias vem contribuindo para que os povos originários brasileiros realizem produtos audiovisuais com o intuito de fortalecer suas lutas por territórios e pela liberdade de manifestar suas culturas. “O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais”²⁸.

A comunicação dos e entre os povos originários se fortalece em toda a América Latina por meio dos encontros da Cumbre Continental de Comunicación Indígena del Abya-Yala organizada por conselhos indígenas de vários países latino-americanos com o propósito de promover e consolidar uma política continental de comunicação voltada para os anseios e lutas dos povos originários como expressa a Declaración de la II Cumbre Continental de Comunicación Indígena del Abya Yala²⁹:

Que reconocemos el acompañamiento solidario de expertos de todos los campos, ONG, gobiernos y organismos internacionales, para fortalecer la comunicación indígena que está al servicio de nuestros pueblos. Agradecemos este acompañamiento y solicitamos el respeto a nuestra autonomía y libre determinación para definir la dirección de nuestros procesos de comunicación. Asimismo, rechazamos todo dominio que repita los viejos esquemas impuestos desde la colonia y el nuevo colonialismo, en el que se expresa una relación de asimetría económica, social, política y cultural. Que asumimos la palabra, el pensamiento y los acuerdos de esta II Cumbre como un Mandato e invitamos a todos los hombres y mujeres, organizaciones, gobiernos y organismos internacionales a que nos acompañen en este proceso de construcción de sistemas alternativos de comunicación y experiencia de lucha de los comunicadores indígenas que hemos dado vida y sentido a esta II Cumbre Continental de Comunicación Indígena del Abya Yala. Que la autonomía de la comunicación indígena, parte del principio de la vida, pilar fundamental de las cosmovisiones del Abya Yala, que se sustenta en la relación del ser humano y la Madre Tierra, la que se aprende desde la familia. Esta autonomía debe estar cobijada por los planes de vida y procesos organizativos de nuestros pueblos y sus autoridades legítimas³⁰.

Na Bolívia, por exemplo, é possível encontramos uma rede de comunicação constituída por povos originários, organizada no Sistema Plurinacional de Comunicación, o qual estabelece como missão

Construir un sistema propio de comunicación plurinacional, intracultural, intercultural, plurilingüe, comunitario, como pilar fundamental para el fortalecimiento de la identidad sin discriminación, con respeto y unidad y de acuerdo a la cosmovisión de los pueblos y naciones indígenas originarios campesinos, comunidades interculturales y afrobolivianas, a través de la participación, apropiación y el empoderamiento comunicacional en una perspectiva de

²⁸ <http://www.videonasaldeias.org.br>

²⁹ A II Cumbre Continental de Comunicación Indígena del Abya Yala ocorreu na comunidade de Tlahuitoltepec, Mixes, Oaxaca, México, durante los días 7 al 13 de octubre del 2013

³⁰ <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=175540>

transformación social, política, económica y cultural para vivir bien y con dignidad³¹.

Somam-se a estas experiências citadas acima inúmeros coletivos de vídeos populares que se constituem nas periferias urbanas produzindo e/ou exibindo vídeos populares. Em São Paulo, por exemplo, existe o Coletivo de Vídeos Populares que, desde 2009, edita e publica a Revista do Vídeo Popular³², incluindo em seu expediente escritores oriundos das periferias urbana e rural e que atuam de forma engajada no movimento de vídeo popular, aliando a comunicação audiovisual com as causas políticas dos grupos marginalizados nas grandes cidades.

Uma vez que esta pesquisa parte da compreensão de que em todas as práticas sociais encontramos processos educativos, podemos antecipar que nos processos de produções audiovisuais realizadas por grupos populares ou de exibições de vídeos populares coordenadas por ou para estes grupos encontramos processos educativos que estão enraizados naquele contexto em que as pessoas atuam, lutam, vivem e que contribuem para uma formação pautada nas relações humanas em um sentido comunitário. Esta ideia também é apresentada pela Carta Manifesto no. 01³³ elaborada pelo Coletivo de Vídeo Popular onde se posiciona da seguinte maneira:

Agimos e entendemos o audiovisual pela totalidade de seu processo de forma integrada e dialética: formação, produção, distribuição e exibição. A formação é a base de nossas ações, estando inserida em todas etapas. A cada processo nos formamos e assim contribuimos com a formação dos outros. Nosso objetivo é a formação como relação³⁴.

Ainda dentro do universo da Comunicação Popular, é preciso destacar o espaço da internet como meio de veiculação de conteúdos produzidos e organizados por grupos ou movimentos sociais.

Nesse sentido, a utilização da internet como estratégia de luta dos grupos populares foi mundialmente reconhecida com a investida do Movimento Zapatista no México, em 1994. No dia primeiro de janeiro daquele ano, enquanto as autoridades mexicanas assinavam o acordo de participação no Tratado Norte-Americano de Livre Comércio

³¹ <http://www.apcbolivia.org/inf/mision-vision-objetivos.aspx>

³² <http://videopopular.wordpress.com/revista>

³³ Carta elaborada na IV Semana do Vídeo Popular, 18 e 19 de dezembro de 2010. Sacolão das Artes, zona sul de São Paulo.

³⁴ <https://videopopular.wordpress.com/carta-manifesto-no-01-2/>

(NAFTA), o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) tomava o controle de algumas cidades situadas próximas à floresta de Lacandon, no Estado de Chiapas com o intuito de denunciar as mazelas que o neoliberalismo estava acarretando para a sociedade mexicana e de evocar todo histórico de resistência popular presente na identidade do povo mexicano.

Naquela ocasião o EZLN divulgou em toda a rede mundial de computadores o manifesto conhecido como “Declaración de la Selva Lacandona – Hoy decimos ¡basta!”³⁵ e conseguiu sensibilizar e mobilizar um sem número de pessoas em todo o mundo que lançou seus olhos para Chiapas, solidarizando-se com as causas zapatistas e possibilitando, dessa maneira, uma proteção ao Movimento, já que suas ações haviam ganhado notoriedade pública internacionalmente.

É evidente que a capacidade de articulação de luta do Movimento Zapatista precede a utilização da internet. A coerência da luta e a clareza do projeto político a ser seguido foram fundamentais para a força do Movimento que teve na internet a possibilidade de uma articulação internacional.

Articular a Comunicação e a Educação, desde uma perspectiva Popular, significa, portanto, colocar em evidência as práticas comunicativas e os processos educativos que se dão no interior dos grupos populares ou em relação com estes.

A Comunicação Popular é um processo que nasce no interior dos grupos populares e dos movimentos sociais e que, portanto, está enraizado em seu contexto local e expressa a vontade dos atores sociais que protagonizam este processo.

Da mesma forma, o movimento de Educação Popular, que historicamente ganhou evidência, no Brasil e na América Latina, com o processo de alfabetização de jovens e adultos, também vai fincar suas raízes na realidade concreta dos grupos populares e dos movimentos sociais.

Educação Popular é o processo contínuo e sistemático que implica momentos de reflexão e estudo sobre a prática do grupo ou da organização; é o confronto da prática sistematizada com elementos de interpretação e informação que permitam levar tal prática consciente a novos níveis da compreensão. É a teoria a partir da prática e não a teoria ‘sobre’ a prática (NUÑEZ HURTADO³⁶, 1993, p. 44).

Na Comunicação Popular e na Educação Popular, o termo popular é constitutivo de

³⁵ O manifesto pode ser lido na íntegra em: <http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993.htm>

³⁶ Educador popular mexicano.

uma posição política de resistências contra sistemas educativos e comunicativos dominantes que sempre excluíram de suas pautas milhares de pessoas e de grupos populares. Assim, a palavra popular representa

grupos e movimentos sociais que compartilham uma situação de domínio social e econômico. São, na maioria das vezes, setores aos quais se negou sua qualidade de sujeitos históricos; setores que não participam ou participaram subalternamente dos benefícios do trabalho, do poder e da cultura (GAJARDO³⁷, 1986, p. 14-15).

Dessa maneira, quando a palavra popular acompanha as palavras comunicação e educação pretende-se, na verdade, marcar uma posição política e apontar que tanto a Comunicação quanto a Educação compreendem diversas perspectivas, das quais, muitas vêm sendo, historicamente, negadas ou desqualificadas pelos sistemas dominantes de comunicação e educação.

Há, portanto, um sistema comunicativo que opera em função de um projeto de sociedade excludente e que desqualifica outras comunicações presentes no cotidiano dos excluídos. Mais ainda, o sistema comunicativo dominante também condiciona processos educativos que tendem ao alinhamento aos sistemas políticos e econômicos. Conforme Galeano (2007, p. 26) denunciou: “através dos meios massivos de comunicação, os donos do mundo nos comunicam a obrigação que temos de nos contemplar num único espelho, que reflete os valores da cultura de consumo”. Martin-Barbero (2004, p. 114) acrescenta que, em relação à televisão,

é certo que, do México à Patagônia argentina, essa mídia convoca hoje as pessoas, como nenhuma outra, mas o rosto de nossos países que aparece na televisão é um rosto contrafeito e deformado pela trama dos interesses econômicos e políticos, que sustentam e amoldam essa mídia.

Se, por um lado, podemos constatar a tentativa de homogeneização cultural dos meios de comunicação de massas concentrados nas mãos das grandes corporações midiáticas; também podemos destacar, por outro lado, que há a resistência a este modelo excludente e que promove outras comunicações que são incorporadas nas lutas políticas dos grupos populares, engendrando processos educativos.

A Comunicação Popular, por ser enraizada no cotidiano das classes populares, consegue ser um elemento expressivo e reflexivo sobre as práticas sociais presente no dia a dia das pessoas que vivem nesta comunidade. É por isso que o antropólogo argentino

³⁷ Socióloga chilena.

García Canclini (2008, p. 198) nos indica que “os produtos gerados pelas classes populares costumam ser mais representativos da história local e mais adequados às necessidades presentes do grupo que o produz”.

A comunhão entre as pessoas que vivem na comunidade em que se processa a Comunicação Popular é extremamente importante para a construção e a manutenção de espaços críticos, criativos e colaborativos. Nestes contextos, o conteúdo “universal” choca-se com o conteúdo local. Aquilo que era imposto, agora é contestado. É proposto um debate de ideias, uma troca de visões de mundo, ou, até mesmo, um confronto de projetos de mundo. Tal comunhão também está presente no processo de Educação Popular. Por este motivo que, tanto a Comunicação Popular quanto a Educação Popular, enquanto práxis, estão enraizadas no contexto em que se processam. O local é onde a vida é vivida e, por isso, trata-se do espaço onde são plantadas a criticidade, a criatividade, a expressividade e a esperança na construção de um mundo cada vez mais justo (RIBEIRO JUNIOR, 2011).

Em processos de Comunicação Popular e Educação Popular são cuidados para que todos os saberes sejam respeitados e dialogados para que o coletivo avance junto de forma autônoma, respeitando a individualidade de cada um(a), valorizando a comunidade e construindo espaços colaborativos.

Até este momento, indicamos que os processos de Comunicação Popular são levados a cabo por grupos populares e movimentos sociais. Porém é fundamental atentarmos que a práxis desta comunicação acontece no e por indivíduos que se engajam pelas causas dos grupos, dos movimentos sociais em e com os quais atuam.

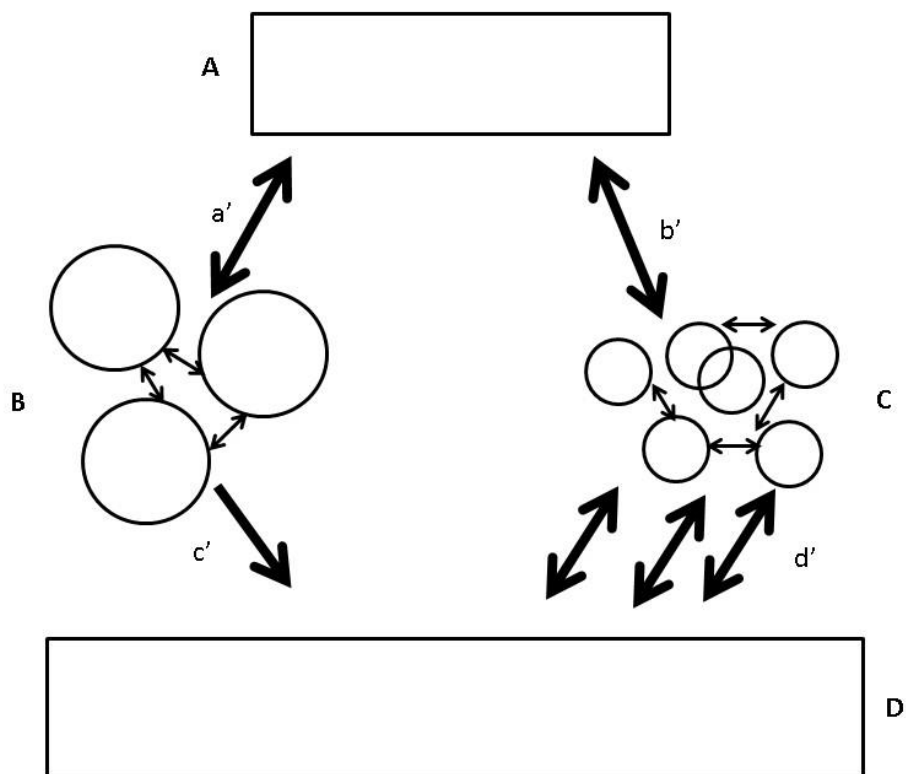
Em estudo anterior (RIBEIRO JUNIOR, 2009) procuramos compreender os processos educativos presentes no processo de realização audiovisual no interior de um grupo de dança de rua da periferia de São Carlos que nunca havia participado de realizações audiovisuais de forma coletiva. Deste estudo, foi realizado um vídeo junto com o grupo, cujo objetivo foi afirmar a dança de rua como uma expressão artística e contribuir para a positivação da imagem dos/as dançarinos/as de rua, muitas vezes vítimas de preconceitos. A pesquisa revelou alguns valores presentes no grupo como o amor, a confiança, o respeito, a responsabilidade. Valores estes que já faziam parte do cotidiano do grupo e que foram estendidos para o processo de realização audiovisual, uma vez que este se integrou no cotidiano do grupo. Os resultados permitiram concluir que o processo de

realização audiovisual foi incorporado por algumas pessoas que faziam parte deste grupo e se tornou um meio que contribuiu para expressar os anseios do próprio grupo, ao mesmo tempo em que processos educativos presentes no cotidiano das pessoas foram revisitados e ressignificados.

Contudo, se tivemos a oportunidade de experienciar a incorporação do processo de realização audiovisual no interior de um grupo e de identificar processos educativos presentes nesta incorporação, nos angustiava procurar compreender que processos educativos são construídos nas relações entre as pessoas que já experienciam, há algum tempo, um processo de comunicação popular por meio do audiovisual.

Cabe destacar que, até este momento, tivemos a preocupação de contextualizar histórica e socialmente a relevância desta pesquisa, acreditando na sua contribuição para o processo de construção de um projeto de mundo que seja cada vez mais justo e equânime. Assim, a figura abaixo aponta o cenário no qual esta pesquisa está inserida.

Figura 1 – Contextualização política, social, econômica e cultural desta pesquisa



A retângulo **A** representa o sistema político e econômico excludente. Os círculos indicados com a letra **B** representam os meios de comunicação de massa concentrados nas mãos das grandes corporações midiáticas que estabelecem relações pautadas pela competitividade entre si, motivada por questões econômicas. Os círculos representados pela letra **C** representam experiências de comunicação popular que estabelecem relações de solidariedade e de compartilhamento de experiências entre si. O retângulo **D** representa a sociedade em geral. A seta **a'** nos mostra uma relação de cumplicidade entre **A** e **B** que se alinham em um projeto de mundo baseado em uma política e em uma economia que privilegiam poucos e que excluem muitos, lançando mão, inclusive, de aparatos jurídicos que legitimam esta condição. Nesta relação a comunicação permanece concentrada nas mãos de poucos privilegiados e tem como função suportar ideologicamente a política e a economia que a sustenta. A seta **b'** nos mostra uma relação de oposição entre **A** e **C** construída por projetos de mundo antagônicos. Enquanto **B** sustenta um projeto de mundo excludente, evidenciado, aqui, pela concentração dos meios de comunicação; **C** lutam por outros projetos de mundo que passam pela democratização dos meios de comunicação e a construção de uma política de comunicação mais diversificada e participativa. A seta **c'** aponta processos educativos que tentam homogeneizar culturas, determinar uma única perspectiva de mundo, estabelecer parâmetros para se alcançar sucesso dentro de um mundo de privilégios. A seta **d'** aponta processos educativos contextualizados nas práticas comunicativas populares, que buscam ampliar um processo de reflexão crítica e promover a participação de todos e todas em um processo mais amplo de comunicação. É em **D** onde estas tensões ganham materialidade e se complexificam nas mais diversas práticas sociais

A partir de aqui, apresentamos um panorama sobre a produção científica acerca da articulação entre os processos educativos presentes em práticas de comunicação audiovisual popular realizadas por ou para grupos populares que foi empreendida por meio de uma revisão de diversos trabalhos científicos.

Este panorama visa colaborar com a ampliação do debate acerca da relação entre a comunicação popular e a educação popular e contribuir com o processo de construção do conhecimento científico que circunda a temática desta pesquisa. Cabe destacar que o

panorama das produções científicas está condicionado pelas opções de buscas empreendidas nesta pesquisa. Ou seja, é importante reconhecer que, se por um lado conseguimos dialogar com uma parte importante destas produções, por outro lado esbarramos nos limites que as próprias opções de buscas nos colocam. Contudo, o que nos anima é que a construção do conhecimento científico se trata de um processo inesgotável e primordialmente coletivo, no qual compartilhamos e colocamos em debate perspectivas e projetos de mundo.

Desta maneira, iniciamos com uma revisão das produções científicas presentes na base de dados, disponível na internet, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)³⁸ que é coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Também foi procedido busca de artigos científicos na base de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na ferramenta de busca Google Acadêmico.

Para a realização deste mapeamento foram adotados como descritores iniciais os termos “educação popular e comunicação popular”, “vídeo popular” e “audiovisual popular”. A partir destes descritores foi possível encontrar 2 teses e 6 dissertações compreendidas nas seguintes áreas de conhecimento: 6 na comunicação, 1 na educação e 1 na antropologia. A análise dos resumos e das referências bibliográficas destes trabalhos acadêmicos permitiu complementar os descritores iniciais com os seguintes termos: “educação popular e comunicação comunitária”, “vídeo comunitário”, “vídeo e movimentos sociais” e “educação audiovisual”³⁹.

Com a definição dos descritores, foi possível complementar as buscas realizadas nas teses e dissertações contidas na base de dados da BDTD. Cabe destacar que, a princípio, não foi delimitado nenhum período específico para ser realizada esta busca, já que os resultados alcançados nesta base de dados demonstraram uma produção científica não muito vasta. A partir dos descritores foi possível encontrar um total de 21 produções, sendo 15 dissertações e 6 teses defendidas entre os anos de 1995 e 2013. Nesta busca, 4 estudos se repetiram em descritores diferentes.

A análise dos resumos das dissertações e teses possibilitou encontrar em quais áreas

³⁸ <http://bdttd.ibict.br/>

³⁹ O detalhamento deste mapeamento pode ser conferido no apêndice I.

do conhecimento foram realizadas as pesquisas científicas: Comunicação (10), Educação (7), Antropologia (1), Ciências Sociais (1), Serviço Social (1) e Arqueologia (1). A grande preponderância de pesquisas nas áreas da Comunicação e da Educação se deve pelo direcionamento dado aos descritores.

Há de se destacar, também, que a grande maioria das teses e dissertações encontradas foram desenvolvidas no Estado de São Paulo (São Paulo, 10; Campinas, 4; Ribeirão Preto, 1). Números que servem para ilustrar um predomínio dos Programas de Pós-Graduação na região Sudeste e que mascaram a diversidade regional desta temática. Este é um fato importante e que interfere, sobremaneira, no processo de construção do conhecimento científico de uma forma geral, restringindo a pluralidade de perspectivas que compõe a sociedade brasileira. Assim, é preciso olhar para estes números de forma crítica: o fato de não haver produções acadêmicas na região Norte e Centro-Oeste, por exemplo, não significa que não haja experiências populares de comunicação e educação nessas regiões. Uma leitura crítica da distribuição das produções acadêmicas por região brasileira nos sugere uma concentração na região Sudeste, consequência de uma falta de descentralização do processo de construção do conhecimento⁴⁰.

Apesar da restrição de pluralidade de perspectivas, foi possível, por meio da análise dos conteúdos dos resumos encontrados, compreender uma grande diversidade temática dentro das relações entre educação popular e comunicação audiovisual popular. As produções científicas da área da Comunicação abordavam questões relacionadas: a) ao papel das oficinas de realizações audiovisuais nas periferias das grandes cidades; b) ao processo de construção da identidade juvenil; c) às ações comunicativas das dioceses direcionadas aos católicos; d) à construção de representações simbólicas por meio da linguagem audiovisual; e) à relação entre documentário e vídeo popular; f) à relação entre educação audiovisual e a formação de professores. Os trabalhos acadêmicos da área da Educação apontaram para os seguintes temas: a) rádio comunitária e promoção da cidadania na educação de adultos; b) educação do campo e reforma agrária; c) educação

⁴⁰ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) mantém um aplicativo gráfico denominado de Geocapes com dados quantitativos acerca da pós-graduação no Brasil. Neste aplicativo é possível constatar que os dados de 2012 (última atualização disponível) apontam para uma concentração de Programas de Pós-Graduação nas regiões Sul e Sudeste e maior concentração de investimentos da CAPES em bolsas e fomento também nestas regiões. Mais informações podem ser obtidas em <http://geocapes.capes.gov.br/geocapesds/#>

ambiental; d) didática e educação para as mídias aplicadas à formação de professores; e) educação e estética. A tese defendida na área de Antropologia apresenta o processo de construção simbólica da cidade de São Paulo por meio das práticas de realização e de exibição de vídeos populares articulados em uma rede de coletivos de vídeos populares e destaca os debates acerca das políticas públicas relacionadas ao audiovisual popular. A tese realizada na área de Serviço Social destaca as ações, dentre elas as comunicativas, do Movimento Popular de Saúde de Sergipe. A dissertação da área de Arqueologia aponta o vídeo como um instrumento educativo a ser utilizado no ensino de arqueologia.

A diversidade temática que circunda as interfaces entre a Educação Popular e a Comunicação Popular, destacando desta, o audiovisual popular, nos indica diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas de investigação científica.

Os estudos da área da Educação apresentam um panorama amplo de articulação entre a Educação e a Comunicação, bem como diferentes compreensões acerca do que se configura como Popular.

O pesquisador brasileiro em Comunicação, Almeida (2008) analisa o papel da comunicação popular na construção da educação popular, investigando a dinâmica de um projeto de rádio que serviu como espaço de ensino - aprendizagem aos adultos que retornaram ao processo de escolarização na Universidade Popular Comunitária (UPC), em Cuiabá, Mato Grosso, concluindo que a inclusão do rádio em todo o processo contribuiu para uma formação cidadã e para que os sujeitos reivindicassem e ampliassem seus direitos. O professor brasileiro da área de Educação, Silva (2013) apresenta um debate acerca da qualidade da educação no campo em um assentamento na cidade de Matão, São Paulo, destacando a necessidade de maior investimento financeiro para as escolas dos assentamentos rurais, indicando, em seu estudo, a reivindicação de pais e professores para a construção de salas de vídeo e de internet nestas escolas. O educador ambiental brasileiro Gonçalves (2010) estuda o engajamento de jovens que fazem parte de grupos ambientalistas que se articulam em redes por meio da internet, lançando mão do vídeo como instrumento de coleta de dados em sua pesquisa que é concluída acenando que a comunicação em rede pela internet contribui para uma formação cidadã dos jovens ambientalistas. O pesquisador brasileiro da área de Mídia-Educação, Silva (2006) se propõe a investigar um processo de formação aplicado à professores de Curitiba, apontando a

importância de educar os professores para melhorar a prática docente através da utilização das mídias como recurso pedagógico. O pesquisador brasileiro em Educação, Cortes (2013) traz a crítica à posição do modelo tradicional de educação frente às propostas pedagógicas que a internet propicia. Os pesquisadores brasileiros da área de Educação, Costa (2007) e Silva, G. (2013), por fim, propõem uma abordagem estética que concatena a comunicação com a arte em um processo mais amplo de educação visual.

Embora os trabalhos científicos na área da Educação nos aproximem da relação entre a Comunicação e a Educação, ainda faltam elementos para um debate mais profundo sobre os processos educativos presentes em práticas comunicativas de indivíduos que se identificam com grupos que, historicamente, experienciam um processo de comunicação popular por meio das linguagens audiovisuais.

O levantamento dos artigos científicos cadastrados no banco de dados do SciELO também se pautou pelos mesmos descritores utilizados para as buscas das dissertações e teses adaptados à plataforma de pesquisa do site.

As pesquisas realizadas por descritores apontaram 80 resultados. Desses 80, um artigo se repetiu em 3 descritores e outro artigo se repetiu em 2. Dessa maneira, foram encontrados um total de 77 artigos concentrados em periódicos das áreas de: Saúde (37); Educação (19); Comunicação (05); Interdisciplinar (Educação, Comunicação e Saúde) (05); Música (04); Psicologia (03); Sociologia (02); Ciências Agrárias (01); Ciências da Informação (01) e Religião (01).

Notamos uma grande incidência de artigos na área da Saúde, provavelmente isso se deu por causa do grande número de periódicos desta área cadastrado no SciELO em relação às outras áreas do conhecimento. Este é um fato relevante a ser levado em consideração, uma vez que nem todos os periódicos estão cadastrados nesta plataforma de busca.

De uma forma geral, os artigos da área da Educação abordavam os seguintes temas: audiovisual aplicado ao ensino de ciências; relações entre mídias audiovisuais e a educação escolar; educação em saúde; cultura audiovisual e sua relação com a formação docente e a prática pedagógica; mídia-educação na escola; o processo de educação popular em festas da cultura popular; audiovisual como instrumento de coleta de dados em pesquisas da área da Educação. Os artigos da área da Comunicação, amiúde, trouxeram as seguintes temáticas: promoção da comunicação em rede de jovens de áreas rurais; a relação entre oficinas de

rádio e a formação para a cidadania; a comunicação comunitária como processo de intervenção social.

Dos artigos encontrados foram analisados 5 que mais se aproximaram das intenções desta tese.

Miani (2010), pesquisador brasileiro da área de Comunicação, destaca a importância do estudo da comunicação comunitária dentro da grade curricular dos cursos de comunicação social da Universidade de Londrina (UEL), pontuando que tal estudo permite aos estudantes de graduação ampliar a formação sociopolítica, incluindo momentos de intervenção social. A possibilidade de experimentar o estudo da comunicação comunitária durante a graduação, de acordo com Miani (2010), contribui para a construção de um olhar mais crítico para o posicionamento da Universidade pública diante da sociedade e para a defesa de uma Universidade que alie excelência acadêmica com compromisso social. A pesquisadora brasileira da área de Educação Ambiental e Mídia, Guido (2013) apresenta um processo de educação ambiental vivenciado nos distritos rurais de Uberlândia que teve como objetivo conhecer e valorizar o conhecimento popular sobre as plantas. A proposta pautou-se em buscar interagir e integrar os jovens e os mais idosos durante este processo. Como estratégia foi realizado um documentário coletivo e colaborativo entre os participantes do projeto. A pesquisadora brasileira da área de Comunicação e Educação, Pires (2010) destaca as interfaces entre a educação e a comunicação, indicando o audiovisual como possibilidade de transversalidade entre estas duas áreas do conhecimento e os desafios que a atual contemporaneidade traz para a educação escolar, uma vez que as mídias se configuram, também, como outro processo educativo de grande influência sobre as crianças e os jovens. As pesquisadoras brasileiras da área de Comunicação, Lima e Santos (2012) analisam a apropriação dos meios de comunicação via internet por jovens moradores em áreas rurais do Ceará, buscando identificar como redes globais podem contribuir para o desenvolvimento local. As pesquisadoras concluem que os jovens acabam se inserindo nas dinâmicas das redes sociais, mas as mediações tecnológicas em si, não se configuram como coletivos internacionais capazes de impulsionar o desenvolvimento local. Deliberador e Lopes (2011), pesquisadoras brasileiras da área de Mídia-Educação, evidenciam um estudo de mídia-educação estruturado em oficinas de rádio realizadas para alunos do ensino fundamental de uma escola pública no interior do Paraná. Através deste

estudo, as pesquisadoras concluem que a educação para as mídias possibilita um processo de formação cidadã, já que acaba por ocorrer uma integração entre as crianças que participam do projeto e a comunidade escolar e do entorno.

Assim como a revisão das teses e dissertações realizada na base de dados da BDTD, podemos concluir que os artigos científicos encontrados na plataforma do SciELO nos evidenciam diversas possibilidades de atrelar a educação popular com a comunicação popular. O audiovisual, contudo, é abordado muitas vezes como ferramenta de produção de conteúdo para processos de educação escolar. Quando encontramos estudos que abordam a comunicação popular com possibilidades de articulações pedagógicas com grupos populares é comum encontrarmos análises de experiências realizadas sobre a linguagem do rádio e não a do vídeo.

Outro procedimento adotado para realizar a revisão de produções científicas sobre a relação entre educação popular e comunicação audiovisual popular foi o de utilizar os mesmos descritores para empreender buscas na plataforma do Google Acadêmico. Em um primeiro momento os descritores foram lançados na plataforma de busca de forma ordinária, o que acarretou muitos resultados, já que as palavras contidas nos descritores interferiam de forma aleatória nos textos encontrados. Partindo desta experiência, optou-se em agrupar as palavras contidas nos descritores (“educação popular” “comunicação comunitária”; “educação popular” “comunicação popular”; “vídeo comunitário”, “vídeo popular”; “vídeo” “movimentos sociais”; “audiovisual popular” e “educação audiovisual”) e orientar as buscas para apresentar resultados que continham os descritores apenas nos títulos dos trabalhos científicos.

As pesquisas realizadas por descritores apontaram 34 resultados. Desses 34, uma produção científica se repetiu em 2 descritores diferentes. Foram encontrados 15 textos apresentados em eventos científicos, 10 artigos publicados em periódicos, 06 produções entre teses, dissertações e monografias de conclusão de curso de graduação, 02 capítulos de livros e 01 texto classificado, pelo próprio autor, como material didático. Outro procedimento adotado foi o de buscar os *curricula lattes* dos autores e das autoras das produções científicas encontradas, a fim de assegurar a veracidade das informações obtidas e compreender como as produções eram concebidas em relação ao seu tipo: artigos científicos em periódicos, textos apresentados em eventos científicos, capítulos de livros,

etc.

De imediato é importante destacar que a busca na plataforma do Google Acadêmico possibilitou uma maior interação com produções científicas elaboradas com diferentes propósitos, sobressaindo as produções que foram apresentadas em congressos, seminários, colóquios das áreas de Comunicação, Educação e Extensão Universitária.

O fato de se identificar produções científicas em eventos direcionados à Extensão Universitária amplia os horizontes para além do âmbito da pesquisa, incluindo a extensão como possibilidade de construção de conhecimento e de participação no debate científico.

Do universo de produções científicas identificadas na plataforma do Google Acadêmico, foram selecionadas algumas consideradas de maior relevância para esta tese, pois evidenciavam, de forma mais objetiva, as relações entre a Comunicação e a Educação Popular.

O pesquisador brasileiro da área de Educação Audiovisual, Chavez (2009) nos mostra um texto apresentado em um seminário de educação popular e audiovisual, organizado pela equipe do festival Visões Periféricas⁴¹ cujo objetivo foi apontar como a educação popular pode contribuir metodologicamente para que trabalhadores sejam instigados a refletir sobre o seu cotidiano. Esta proposta é trabalhada em um projeto denominado de Vidas Paralelas⁴² que acontece na Universidade de Brasília e consiste em colaborar para que trabalhadores das mais diversas categorias e situações registrem em mídias seus cotidianos e compartilhem em rede, gerando debates acerca das condições de vida destes trabalhadores que participam do projeto.

O pesquisador colombiano da área de Comunicação, Pedraza Tabares (2012) chama a atenção para as metodologias de ensino da linguagem audiovisual em oficinas realizadas em escolas de formação popular na Argentina e na Colômbia. Estas escolas são espaços de formação geridos por organizações comunitárias e que buscam se apropriar das linguagens e dos meios audiovisuais para ampliar os direitos à comunicação de comunidades que

⁴¹ Trata-se de um festival de vídeos que acontece desde 2007 na cidade do Rio de Janeiro e que tem como objetivo “ampliar o universo de expressão e percepção estética das múltiplas periferias brasileiras, mas também repensar periferia como um conceito sujeito a deslocamentos e permanentes revisões” (<http://www.visoesperifericas.org.br/2014/index.html>).

⁴² O Projeto Vidas Paralelas (PVP) busca revelar o cotidiano de vida e trabalho a partir do olhar dos sujeitos pertencentes a diferentes grupos sociais - trabalhadores, povos indígenas e população do campo - por meio da apropriação da cultura digital e compartilhamento das expressões culturais em uma rede social e em espaços socioculturais que favoreçam a reflexão, a participação social e a construção de políticas públicas (<http://www.projetovidasparalelas.com.br/>)

foram alijadas de expressar suas próprias mensagens. Há uma compreensão que o audiovisual, neste contexto, colabora para que as comunidades usem suas vozes para contarem suas próprias histórias. O autor também conclui que as metodologias vivenciadas nas escolas de formação popular podem complementar as metodologias utilizadas na educação superior formal, possibilitando propostas pedagógicas que sejam mais equânimes.

Outro trabalho encontrado foi de minha autoria (Ribeiro Junior, 2010) no qual também chamo a atenção para o processo de formação vivenciado em oficinas de realização audiovisual com jovens de regiões periféricas desprovidas de políticas públicas que atendam os interesses culturais da juventude. Destaco que a educação popular contribui como metodologia capaz de associar a instrumentalização técnica de operacionalizar equipamentos audiovisuais com projetos políticos de construção de um mundo cada vez mais justo e solidário. Neste movimento, apropriar-se dos meios e das linguagens audiovisuais é de fundamental importância para construir os próprios significados e as próprias representações. Para exemplificar as conclusões, é indicada a experiência que vem sendo realizada nas oficinas de realização audiovisual que acontecem durante a Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA).

O historiador e pesquisador brasileiro da área de Educação, Machado Junior (2011) traz a crítica às representações feitas pelo cinema e pela televisão sobre os povos indígenas, direcionando sua crítica para as produções brasileiras. Reconhece que os povos indígenas são vítimas de um processo de colonização territorial e simbólica e defende que sejam os indígenas os protagonistas de suas próprias representações.

Maranhão (2005), pesquisador brasileiro da área de Comunicação e Educação Popular, constrói possibilidades teóricas e epistemológicas de articulação entre a comunicação comunitária e a educação popular, sugerindo uma proposta metodológica para esta articulação por meio de uma leitura da teoria da ação dialógica do educador brasileiro Paulo Freire. O texto é importante pelo seu caráter reflexivo e pelo esforço teórico em contribuir para este debate no âmbito da construção do conhecimento científico com compromisso social. Nesta mesma esteira, em outro estudo de minha autoria (Ribeiro Junior, 2011) também trago uma reflexão teórica entre a Comunicação e a Educação como possibilidades de articulação enraizadas em experiências comunicativas populares. Detalho que há uma comunicação hegemônica que atende aos interesses da manutenção de uma

sociedade de privilégios, ao mesmo tempo em que destaco que há resistências a este modelo e que são protagonizadas em processos de educação e comunicação popular, sobretudo por meio de coletivos audiovisuais organizados por jovens de periferias urbanas e rurais.

De uma forma geral, a revisão das produções científicas que orbitam o universo temático da relação entre educação popular, comunicação popular e audiovisual popular e que foram identificadas na base de dados do Google Acadêmico por meio dos descritores acima relatados permitiu apresentar para este debate científico produções acadêmicas pouco comuns, tais como textos didáticos, experiências extensionistas e comunicações em congressos e seminários.

Em síntese, podemos destacar que os trabalhos científicos encontrados versam sobre as seguintes temáticas:

- Educação Audiovisual: aspectos relacionados à linguagem audiovisual para atender ao mercado da Educação à Distância (GERBASE⁴³, 2006); o audiovisual como tecnologia que permite ampliar o número de pessoas dentro da Educação à Distância e, ao mesmo tempo, influenciar na prática docente (BINVIGNAT GUTIERREZ⁴⁴, 2006).
- Material Didático: audiovisual como recurso didático para a educação de pessoas surdas (RAMO⁴⁵ e REZENDE FILHO⁴⁶, 2014); audiovisual como recurso didático integrado à uma proposta pedagógica escolar com maior criticidade (SILBINGER⁴⁷, 2005); audiovisual como material didático em Educação de Jovens e Adultos (BUENO⁴⁸, 2005).
- Formação de Professores: inclusão da educação para as mídias em projetos que trabalham a formação de professores (SILVA e SILVA⁴⁹, 2010; RIZZO JUNIOR⁵⁰, 2011; DALLA COSTA⁵¹, 2005).

⁴³ Cineasta e pesquisador brasileiro da área do Audiovisual.

⁴⁴ Pesquisador chileno da área de Saúde e Educação.

⁴⁵ Pesquisadora brasileira em Educação Especial.

⁴⁶ Pesquisador brasileiro em Educação e Comunicação.

⁴⁷ Pesquisadora brasileira em Comunicação.

⁴⁸ Pesquisadora brasileira das áreas de Comunicação e Educação.

⁴⁹ Pesquisadoras brasileiras das áreas de Comunicação e Educação.

⁵⁰ Pesquisador brasileiro em Educação Audiovisual.

⁵¹ Pesquisadora brasileira em Educação e Comunicação.

- Extensão Universitária: articulação entre projetos de extensão de universidades junto às escolas públicas, destacando as possibilidades e os limites (PRUDÊNCIO⁵² et al., 2010; RIBEIRO JUNIOR, 2013); a extensão universitária e sua relação entre os processos comunicativos envolvidos em projetos de Economia Solidária (CHERFEM⁵³, 2006);
- Tecnologia Digital: a tecnologia digital de gravação e reprodução de vídeo que confere maior dinamicidade à grupos populares que se apropriam desta linguagem como uma forma de expressão (RENÓ⁵⁴ e GONÇALVES⁵⁵, 2008); as possibilidade de articulação destas tecnologias com as políticas públicas dos Pontos de Cultura, permitindo a constituição de espaços de realizações audiovisuais inseridas em um contexto de formação crítica por meio de práticas culturais (PINHEIRO⁵⁶, 2011).
- Linguagem na Comunicação Popular: a linguagem na comunicação popular tem potencial de contribuir para a consolidação de uma sociedade cada vez mais democrática (BRITTOS⁵⁷ e MENEZES⁵⁸, 2011)

Há de se considerar que a maioria dos estudos que se dedicam ao processo de comunicação popular aponta para experiências que contribuem para um processo de democratização da comunicação e para um processo de conscientização crítica acerca da relação entre a comunicação e os arranjos políticos, sociais, econômicos, culturais, etc.

Embora seja evidente a diversidade de abordagem sobre a relação entre educação popular, comunicação popular e audiovisual popular não foi possível encontrar um debate mais profundo que focasse nos processos educativos desencadeados em práticas de comunicação popular protagonizadas por indivíduos que lançam mão do audiovisual como forma de expressão, de diálogo e de formação integradas às causas políticas, sociais, culturais, raciais, econômicas, de gênero com as quais se identificam.

Também é importante salientar que não foi possível identificar, sobretudo na área da Educação, estudos que compreendam as metodologias vivenciadas pelos grupos populares nos seus processos comunicativos pautados pela linguagem audiovisual que possam ser

⁵² Pesquisadora brasileira em Educação e Comunicação.

⁵³ Pesquisadora brasileira em Educação Popular.

⁵⁴ Jornalista, documentarista e pesquisador brasileiro em Comunicação.

⁵⁵ Pesquisadora brasileira da área de Comunicação.

⁵⁶ Pesquisador brasileiro da área de Comunicação.

⁵⁷ Pesquisador brasileiro da área de Comunicação e Cultura.

⁵⁸ Jornalista e pesquisador brasileiro da área de Comunicação.

articuladas pedagogicamente com outros processos educativos.

A intenção desta pesquisa, portanto, é a de articular a educação popular com a comunicação popular junto com sujeitos que já vem fazendo estas articulações junto a sociedade, muitas vezes aliadas com propostas de atuação em diversas áreas sociais e culturais.

Tais articulações e atuações nos mostram uma miríade de possibilidades de pesquisa, da qual destacamos duas para levarmos a cabo nesta tese. A primeira possibilidade tem relação com a posição política e o projeto de mundo buscado. O campo da comunicação popular confronta com o campo da comunicação exercida pelas grandes empresas de comunicações. Entre estes dois campos há posições políticas e projetos de mundo divergentes e, muitas vezes, antagônicos. Se por um lado a comunicação exercida pelas grandes empresas comunicativas se constitui de forma centralizada e atreladas à interesses financeiros que vão de encontro com os interesses populares; por outro, a comunicação popular prevê uma comunicação descentralizada, mais democrática e que vai ao encontro dos interesses populares. A segunda possibilidade advém de que o próprio processo da comunicação popular nos evidencia processos educativos que tendem a ampliar a criticidade dos seus participantes em relação à estrutura comunicativa centralizada e promover sua participação como sujeito comunicativo nos contextos em que estão inseridos.

Estas duas possibilidades: a dimensão política e de projeto de mundo aliada à dimensão educativa inerente ao processo de comunicação popular levaram-me a construir uma proposta de projeto de pesquisa de doutorado que sustentasse a tese de que o processo de comunicação popular contribui para a democratização da comunicação e colabora para a formação crítica de seus participantes, no sentido de se entenderem como sujeitos comunicativos capazes de agir na e por meio da comunicação.

A partir da intenção inicial e do projeto de pesquisa construído, comecei a buscar possíveis sujeitos que pudessem colaborar com suas experiências no campo da comunicação popular. De início, assumimos que esta pesquisa estaria enraizada no contexto sócio-cultural-político da América Latina, por se tratar do espaço geográfico e epistemológico nos quais atuamos em uma perspectiva de colaborar para a construção de conhecimento científico que esteja aliado aos processos de libertação dos povos latino-

americanos.

No início da pesquisa, quando ela ainda era projeto, havia a intenção de buscar compreender os processos educativos advindos de práticas de realização audiovisual de grupos populares que, historicamente, utilizam este meio como instrumento de amplificação de suas lutas e anseios.

Esta intenção foi motivada pelos seguintes fatos: a) por conhecer, a cerca de uma década, o universo das realizações audiovisuais dos grupos populares veiculados pela internet e em mostras de vídeos; b) por considerar que estes vídeos fazem parte de um processo mais amplo de lutas sociais em que estes grupos estão envolvidos.

Para conseguir dar conta desta intenção, conforme a posição ético-metodológica adotada no ato de pesquisar⁵⁹, seria necessária a inserção em um dos grupos que produzem vídeos atrelados às lutas sociais e uma convivência que permitisse realizar a pesquisa com a postura ética e metodológica aqui apresentada dentro do prazo institucional.

A maioria dos grupos que conhecia e com o qual poderia iniciar este processo de pesquisa se encontrava distante espacialmente o que exigiria muito deslocamento, além de um tempo difícil de precisar. Estas dificuldades foram analisadas de forma que elas poderiam prejudicar a postura ética e metodológica da pesquisa para favorecer um tempo institucional.

Em um primeiro momento me encantava, por exemplo, a ideia de inserir-me em uma prática comunicativa que vem sendo realizada pelos povos originários na Bolívia. Durante todo o tempo que venho militando e pesquisando na e com a comunicação popular, a experiência política boliviana me chamava (e ainda chama) a atenção para como foi sendo conduzido todo o processo de construção de um Estado Plurinacional, que parte da cosmovisão aymará para a elaboração de uma Constituição que assume a busca pelo bem-viver e a definição do poder como sendo um poder obediencial. Sem dúvida trata-se de um projeto político de grande importância para a experiência popular latino-americana: a chegada de um aymará de Oruro na presidência da Bolívia significa a conquista de um povo fatigado pela opressão e resistente pela esperança na construção de um outro mundo que leve em consideração os modos de ser e de viver dos povos originários da América

⁵⁹ Esta posição ética-metodológica será detalhada mais adiante quando abordarmos o capítulo 4 que trata das dimensões metodológicas desta tese.

Latina.

Esta experiência boliviana levada de forma integral e radical trouxe consequências para as organizações em todo o âmbito social. Na comunicação não foi diferente. Com a constituição de um Estado Plurinacional, ganha força a consolidação do Sistema Plurinacional de Comunicación Indígena, Originária, Campesina e Intercultural⁶⁰ que promove a formação de comunicadores populares e de meios midiáticos para colocar em prática uma comunicação realizada pelos próprios sujeitos oriundos das diferentes nações que compõe o Estado Plurinacional Boliviano.

A experiência vivenciada pelos sujeitos que fazem parte de todo este processo levado a cabo pelo Sistema Plurinacional de Comunicación Indígena, Originária, Campesina e Intercultural ia ao encontro da intenção e da proposta inicial desta pesquisa. Estava planejando minha vida familiar e profissional para que eu conseguisse inserir-me e conviver por um período de 6 meses junto com as pessoas que trabalham em um dos meios de comunicação orientado pelo Sistema Plurinacional de Comunicación Indígena, Originária, Campesina e Intercultural.

Neste tempo em que pensava neste planejamento, fui agraciado com a notícia de que seria pai. Um dos momentos mais felizes da minha vida! E que me fez reconfigurar todas as dimensões de minhas vidas, incluindo os âmbitos familiares, profissionais, estudantis. A possibilidade de ir para a Bolívia, pelo menos neste momento do processo do doutorado, estava descartada pela minha opção de estar junto de Maíra e de Tom, minha companheira e meu filho. Todavia, este descarte não significou uma impossibilidade perene, pelo contrário, sinto que há aí uma possibilidade de dar continuidade na minha jornada de pesquisador e de aprofundar a pesquisa no campo da comunicação popular e da educação popular.

No momento em que o Tom me ensinava a ser pai eu buscava possíveis sujeitos de pesquisa que estivessem mais próximos e que me permitissem conciliar a vida de pai e a de pesquisador. Voltei os olhos para a minha trajetória, não sei se motivado pela condição de pai ou a de pesquisador, mas olhar para trás foi bom para as duas condições. Pelo fato de ser pai, pude me reconhecer como filho e rever as relações que havia estabelecido com o meu pai e isto me ajudou e me confortou com a relação que fui estabelecendo com meu

⁶⁰ <http://www.apcbolivia.org/inf/antecedentes.aspx>

filho. Pelo fato de ser pesquisador, pude perceber que já estava militando e pesquisando junto com muitas pessoas que estavam relacionadas aos processos de comunicação popular.

Havia chegado em um impasse: com quais pessoas poderia realizar esta pesquisa, levando em consideração o tema da comunicação popular e a postura ética e metodológica adotada?

Ao conversar sobre este impasse com outras pessoas, fui interpelado por uma das organizadoras da Mostra Audiovisual de Cambuquira que seria interessante olhar para a mostra e para tudo o que ela tem realizado nestes 10 anos junto com a população cambuquirense, no qual eu estive presente. Foi me chamado a atenção que já estava há 10 anos neste processo e que devia às pessoas com quem compartilhei aprendizagens nesta década a minha vontade de seguir pesquisando e atuando na área da educação popular e da comunicação popular!

A princípio fiquei temeroso em propor uma pesquisa junto a uma prática com a qual venho atuando e me fortalecendo a continuar atuando na interface entre a educação e a comunicação popular.

Aceitei o convite e o desafio de pesquisarmos juntos com as organizadoras da Mostra Audiovisual de Cambuquira.

Como havia aceitado este convite, foi inevitável não pensar na Mostra de Vídeo Popular de São Carlos que foi idealizada por mim e vem sendo organizada junto ao grupo de estudos que coordeno na UFSCar e que teve a influência das experiências vividas na Mostra Audiovisual de Cambuquira. Agora já não estava mais apenas molhado com à prática social em que me inseria, estava encharcado.

Sabia que estava envolvido demais com as duas mostras e que isto acarretaria em situações difíceis para compreender o que era minha militância e o que se configurava como pesquisa científica. Fechar-me nestas experiências parecia-me enclausurar a pesquisa na militância e vice-versa. Sentia falta da palavra do outro.

Já conhecia, por meios virtuais, a Mostra Luta! de Campinas e a acompanhava como sendo uma experiência consolidada de comunicação popular. Entrei em contato com uma das pessoas que organizam a mostra. Parabenizei pela caminhada na luta em defesa da comunicação popular e fiz uma apresentação sobre mim e sobre o projeto de pesquisa.

Neste retrospecto, muitas possibilidades foram se desenhando, das quais, três se

mostraram no caminho de dar continuidade à pesquisa e manter a articulação entre a educação popular e a comunicação popular, possibilitando a aliança entre a dimensão política e de projeto de mundo e a dimensão educativa inerente ao processo de comunicação popular. Estas três possibilidades, num primeiro momento, permitiam ainda sustentar a tese de que o processo de comunicação popular pode contribuir para a democratização da comunicação e auxiliar na formação crítica de seus participantes em relação aos contextos que circundam o universo da Comunicação.

Estas três possibilidades eram a de realizar a pesquisa junto com os participantes da Mostra Audiovisual de Cambuquira, que ocorre em Cambuquira-MG ou junto com os participantes da Mostra Luta!, que acontece em Campinas-SP ou, ainda, junto aos participantes da Mostra de Vídeo Popular de São Carlos, que acontece em São Carlos-SP. As três possibilidades permitiam manter a intenção inicial do projeto proposto em 2011 para o processo seletivo junto ao programa de doutorado em Educação, no PPGE/UFSCar.

Minha relação com a Mostra Audiovisual de Cambuquira é a mais antiga. Foi participando como oficinairo de uma oficina de realização de documentário, em 2006, que despertei pela possibilidade de aliar comunicação e educação. Foi esta experiência, vivenciada em 2006, que me levou a procurar a linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos do PPGE/UFSCar e propor um projeto de mestrado, em 2007, que visava, justamente, buscar entender a relação possível e viável entre a comunicação popular e a educação popular. E esta relação com a MOSCA perdura até hoje. Neste espaço fui aguçando minha curiosidade de buscar, cada vez mais, ampliar a compreensão do potencial educativo que há presente nos processos comunicativos vivenciados em grupos de pessoas motivadas a se expressarem e canalizar suas expressões para a construção de uma autonomia comunicativa e de um compromisso com os outros que também fazem parte do processo comunicativo. Em todos os anos de vida da MOSCA eu sempre estava presente ora orientando uma oficina de realização audiovisual, ora participando de debates e rodas de conversa que estabeleciam relações entre a educação e a comunicação popular.

Minha relação com a Mostra de Vídeo Popular origina-se do fato de que esta Mostra é um projeto de extensão coordenado por mim junto ao Departamento de Artes e Comunicação e à Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar. A ideia da Mostra nasceu junto ao Grupo de Estudos e Extensão em Comunicação e Educação Popular (GECEPop) que

também é coordenado por mim e que visa trazer para a universidade o debate sobre a relação entre a Educação Popular e a Comunicação Popular, além de contribuir para a formação dos estudantes do curso de Imagem e Som que acabam vivenciando outras perspectivas relacionadas com o campo da comunicação que não são contempladas na grade curricular do curso de graduação.

Minha relação com a Mostra Luta! surge como um admirador que acompanha, a distância, por meio das redes sociais, o trabalho realizado pelo coletivo de comunicadores populares de Campinas que consegue dar um caráter político de resistência contra as grandes empresas de comunicação de massa, além de estabelecer parcerias com outros tantos movimentos sociais que militam contra o racismo, contra o sexismo, a favor da reforma agrária e a favor de moradia digna. Esta relação se estreitou quando convidei seus organizadores para promoverem uma mostra itinerante da Mostra Luta! dentro da Mostra de Vídeo Popular de São Carlos em 2014.

Escolher entre as três opções para dar continuidade ao projeto me pareceu difícil, pois cada experiência complementava a outra no que tangia as articulações entre comunicação popular e educação popular.

Para a etapa da qualificação desta pesquisa, decidimos indicar que, a princípio, estávamos buscando realizar a pesquisa com as pessoas participantes das três Mostras e ouvir a sugestão da banca de qualificação sobre esta intenção.

Por diversas considerações realizadas pelas Profa. Dra. Hadija Chalupe da Silva e Profa. Dra. Sonia Stella Araújo-Olivera, integrantes da banca de qualificação, foi indicado que optássemos em escolher uma única Mostra, sobretudo por causa de restrições de tempo e para manter a qualidade e o rigor científico da pesquisa.

Dias depois da banca de qualificação, eu e a Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira, orientadora desta pesquisa, fizemos uma reunião para avaliarmos juntos todas as sugestões e comentários que a banca, generosamente, havia nos indicado. Dentre todos os tópicos da pesquisa, chegamos à conclusão que a pesquisa carecia das falas dos sujeitos, tão essenciais para dialogar com todo o nosso corpus teórico-metodológico. Este diálogo entre os sujeitos da pesquisa e os aportes teórico-metodológico faz parte, inclusive, de uma posição ética e epistemológica cobrada pelos autores e autoras e assumida como atitude política e científica do pesquisador.

Precisávamos definir os sujeitos da pesquisa para que, juntos, pudéssemos levá-la a cabo. A Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira trouxe-me a informação de que as professoras da banca sugeriram que eu optasse em realizar a pesquisa junto com os participantes da Mostra de Vídeo Popular de São Carlos, por se tratar daquela que, aparentemente, menos me exigiria tempo para deslocamentos e com a qual eu mais estava envolvido. Ouvi as ponderações, mas contrapropus que se concordávamos que a escolha de uma Mostra era importante para que conseguíssemos finalizar a pesquisa no tempo que nos restava, eu me sentiria mais desafiado a optar pela Mostra Audiovisual de Cambuquira, por se tratar da primeira experiência que diretamente me levou para a área científica, por ser aquela com a qual eu tinha um vínculo mais profundo, por ser aquela com a qual havia estabelecidos redes de amizades que já perduravam por mais de uma década. Em síntese, a Mostra Audiovisual de Cambuquira havia se tornado o espaço em que eu havia dedicado tempo de militância e de pesquisa e no qual eu havia compartilhado experiências de articulação entre a comunicação audiovisual e a educação popular.

Com todo o respeito, a Profa. Dra. Maria Waldenez me ouviu e me interpelou sobre como eu estava planejando fazer a coleta de dados junto com as pessoas de Cambuquira. Respondi que estava me organizando junto ao trabalho e a minha família para passar um tempo em Cambuquira conversando com algumas pessoas que vinham participando da MOSCA nos últimos 10 anos, a fim de buscar compreender, com elas, se todo o processo de comunicação popular experienciado durante a MOSCA vem contribuindo para a luta pela democratização da comunicação e que processos educativos estão presentes quando da participação na MOSCA que podem colaborar para a formação crítica de seus participantes.

A Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira ouviu meus argumentos e ponderou que, se a possibilidade de diálogo com as pessoas de Cambuquira pudesse ser concretizada, esta seria uma boa opção para darmos continuidade com a pesquisa e ficarmos atentos aos conselhos sugeridos pelas Profa. Dra. Hadija Chalupe da Silva e Profa. Dra. Sonia Stella Araújo-Olivera na ocasião da realização da banca de qualificação.

Esta decisão, mais uma vez, me fez olhar para trás e buscar na memória espaços e momentos de convivência com outros participantes das edições da MOSCA, muitos dos quais haviam se tornado companheiros e companheiras de caminhada na estrada da comunicação. Todo este período de participação na MOSCA encontra-se registrado, além

da memória, em vídeos, fotografias e materiais escritos que foram fundamentais para auxiliar na seleção dos sujeitos a serem convidados a participarem deste processo de pesquisa.

A equipe organizadora da MOSCA mantém um acervo digital público com fotografias que registram toda a história das edições da MOSCA e eu, particularmente, tenho um acervo no qual selecionei algumas fotografias que registram os momentos nos quais eu participei com mais efetividade. Neste sentido, é importante destacar que minha participação e o meu vínculo maior com a MOSCA vem se dando como coordenador de oficinas de realização audiovisual e de rodas de conversas sobre temáticas que circundam as relações entre a comunicação e a educação, de uma forma geral.

Esta relação com a MOSCA que, desde 2005, venho construindo me permitiu estabelecer um vínculo com a cidade de Cambuquira-MG e com parte de sua população que participa das atividades promovidas pela MOSCA.

Diante deste panorama é que propomos a seguinte questão de pesquisa: que processos educativos permeiam um processo de comunicação popular experienciada na Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA)?

A fim de nos ajudar a responder esta questão, buscamos que a definição dos sujeitos desta pesquisa, bem como suas participações, respeitasse seus próprios tempos e espaços e também suas disponibilidades para participarem.

Esta informação pode parecer banal, mas é fundamental para corroborar a postura ética e metodológica assumida nesta pesquisa, que não foi abalada por exigências institucionais de prazos, embora tivesse que com isso se relacionar. Por este motivo, é preciso destacar que esta pesquisa se encerra num tempo acadêmico – absoluto e inexorável. Todavia, o seu encerramento neste tempo não significa o seu fim. A pesquisa prossegue e prosseguirá em outros tempos e espaços que compreendem a militância na prática da comunicação popular e no debate científico acerca deste tema e de seus desdobramentos epistemológicos.

Foi me pautando neste vínculo com a MOSCA que foi proposto um convite para duas pessoas participarem como sujeitos desta pesquisa. Ambas possuem muitos anos de participação na MOSCA e são consideradas por outros participantes e moradores de Cambuquira como referências na articulação entre o audiovisual e as experiências

vivenciadas na MOSCA.

Um dos sujeitos da pesquisa é o Alexandre, cambuquirense que participa desde a primeira edição da MOSCA e com quem tive a oportunidade de compartilhar momentos de formação e reflexão crítica em oficinas de realização audiovisual e em debates sobre temas trazidos por curta-metragens. Hoje, Alexandre é um realizador audiovisual que busca sustentar sua família por meio de uma pequena produtora audiovisual e que reconhece e faz questão de deixar público que as experiências vividas na MOSCA orientaram sua vida.

Outro sujeito de pesquisa é a Simone, cambuquirense que participa desde os primórdios da MOSCA e que faz questão de ressaltar o caráter reflexivo e o potencial comunicativo que as linguagens audiovisuais permitem. Sempre participando da MOSCA é uma incentivadora para que outras e outros jovens participem ativamente das atividades propostas pela MOSCA.

Tanto o Alexandre, quanto a Simone consideram que suas participações na MOSCA foram importantes para os rumos que suas vidas seguiram e são considerados por muitos moradores como uma referência para outros e outras jovens.

Ao propor esta pesquisa, portanto, objetivamos compreender, junto com os sujeitos da pesquisa, que processos educativos estão presentes nas experiências de participação na MOSCA.

Outro objetivo desta pesquisa é reconhecer quais processos educativos contribuem para um processo de democratização da comunicação.

Objetivamos, também, promover uma articulação entre a Comunicação e a Educação desde uma perspectiva Popular, ou seja, construir todo o processo de pesquisa junto com os sujeitos, em constante diálogo⁶¹.

Pretendemos, assim, colaborar para o reconhecimento da Comunicação Popular como parte fundamental do campo da Comunicação, contribuindo com a reflexão crítica acerca das interfaces sociais da comunicação, sobretudo àquelas em que a Comunicação Popular se encontra com a Educação Popular para estabelecer uma proposta de construção de um mundo cada vez mais justo que respeite e fortaleça as diversas culturas que

⁶¹ Cabe destacar que, conforme apresentado anteriormente, possui uma relação direta e afetuosa com as pessoas que organizam e que participam da MOSCA. Os cuidados éticos e metodológicos relacionados à minha participação e envolvimento com a MOSCA serão abordados posteriormente quando apresentarmos as compreensões teóricas, metodológicas e epistemológicas que sustentam esta pesquisa.

compõem nossa sociedade.

Depois de apresentar as motivações que me levaram, como pesquisador acadêmico, a realizar esta pesquisa e de introduzir o universo temático em que esta tese se entremeia, iremos apontar agora como optamos por organizar a redação desta tese.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira parte indica as compreensões a respeito da ideia de ciência que orienta este estudo e afirma a posição do pesquisador em aliar cientificidade com criticidade, buscando a construção do conhecimento científico com compromisso social junto com os sujeitos participantes da pesquisa, na interface entre a Comunicação Popular e a Educação Popular. Esta primeira parte é composta pelos capítulos 1 ao 4. No capítulo 1 são apresentados os diálogos com alguns autores e autoras que nos ajudam a compreender a construção do problema de pesquisa em que esta tese se debruça, bem como indica a posição teórico-metodológica que foi adotada para a realização do processo de pesquisa. Neste mesmo capítulo, trazemos algumas compreensões filosóficas que nos auxiliam a entender os fundamentos do que estamos denominando de democratização da comunicação. Evidenciamos a posição ético-política de buscar tais compreensões em aportes teóricos situados em uma concepção de ciência crítica e em experiências de grupos que atuam na luta pelo processo de democratização da comunicação. No capítulo 2 destacamos que há uma comunicação que se movimenta como resistência à modelos comunicativos que são empreendidos por grandes corporações midiáticas nacionais e transnacionais em cumplicidade com um projeto de mundo que se evidencia excludente. Também indicamos que um processo de democratização dos meios de comunicação é fundamental para a democratização da sociedade e buscamos apresentar outras comunicações que são invisibilizadas pelos meios de comunicação de massa e, muitas vezes, rechaçadas pelo debate científico. No capítulo 3 apresentamos nossas compreensões sobre a Educação e de como ela se processa nas práticas sociais, destacando estudos que apontam possibilidades de articular a pesquisa na área da Educação com compromisso social, evidenciando que em todas as práticas sociais é possível encontrarmos processos educativos. No capítulo 4 dedicamos a falar sobre o enfoque metodológico que orienta a realização do processo de pesquisa, entendendo a metodologia como uma indicação de um caminho a seguir no processo de pesquisar. Caminho este que se insere dentro de uma concepção de ciência crítica e que aponta métodos e técnicas que sejam

coerentes com o ato de pesquisar e de construir conhecimento com compromisso social, junto com os sujeitos da pesquisa. Trazemos, também, a indicação de algumas dimensões metodológicas que orientaram esta pesquisa e como foi procedido a coleta de dados.

A segunda parte mostra as experiências vivenciadas em práticas de comunicação popular e de educação popular pela Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA). Esta parte é composta pelos capítulos 5, 6 e 7. No capítulo 5 são apresentados um breve panorama histórico sobre a MOSCA e sobre a cidade de Cambuquira, como intuito de contribuir para a compreensão do contexto em que a pesquisa foi realizada. No capítulo 6 são indicados a organização e a análise dos dados, dando se destaque para categorias analíticas que nos permitem qualificar, juntos com os sujeitos da pesquisa, os processos educativos que são vivenciados nas experiências de comunicação popular praticadas na MOSCA. No capítulo 7, estabelecemos as relações entre as categorias analíticas e os processos educativos vivenciados e apontamos com mais detalhes as compreensões dos participantes da pesquisa acerca dos processos educativos experienciados na MOSCA. Em seguida tecemos as considerações finais, destacando as contribuições para o debate sobre a constituição da ciência aliada à projetos de mundo que buscam construir relações humanas cada vez mais justas e democráticas. Neste caminho, propomos uma reflexão acerca das dimensões metodológicas que foram vivenciadas no decorrer desta pesquisa e traçamos algumas possibilidades de relações com propostas pedagógicas seja no âmbito escolar ou em outros espaços, além de indicar contribuições para política pública processada na interface entre a Educação e a Comunicação, dentro de um princípio de democratização e participação.

PARTE 1

**CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO COM COMPROMISSO
SOCIAL NA INTERFACE ENTRE A COMUNICAÇÃO POPULAR E A
EDUCAÇÃO POPULAR**

CAPÍTULO 1

A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: ASPECTOS FILOSÓFICOS E EPISTEMOLÓGICOS EM TORNO DOS CONCEITOS DE DEMOCRACIA E DE COMUNICAÇÃO

Neste capítulo apresentamos os diálogos com alguns autores e autoras que nos ajudam a compreender a problemática de pesquisa sobre a qual esta tese se debruça.

A apresentação do referencial teórico, nesta pesquisa, tem como objetivo apontar o horizonte⁶² que permite identificar uma problemática e, dentro desta, um problema de pesquisa e indicar, ainda, a posição teórico-metodológica que foi adotada para a realização do processo de pesquisa.

De acordo com os pesquisadores canadenses de Metodologia de Pesquisa, Laville e Dionne (1999), a construção de um quadro teórico pode ser compreendida como “um instrumento de leitura e de compreensão dos problemas que podem ser encontrados no real” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 94). O pesquisador colombiano da área de Educação, Sánchez Gamboa (2007) afirma que “uma situação ou um fenômeno é ou não problemático segundo um quadro compreensivo, geralmente denominado teoria (...) um problema é problema dentro de uma teoria específica” (SÁNCHEZ GAMBOA, 2007, p. 109). Ao mesmo tempo em que o referencial teórico permite, portanto, indicar o horizonte no qual é possível a construção do problema de pesquisa e apontar a posição teórico-metodológica de qual parte o ato de pesquisar, também é importante a observação que Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p. 158), pesquisadores brasileiros de Metodologias Científica, nos indicam que “a adoção prévia de uma direção teórica, não impede que outras categorias teóricas sejam posteriormente acrescentadas, desde que estas não sejam incompatíveis com a posição anterior”.

⁶² A ideia de horizonte corrobora a perspectiva assumida pelo filósofo argentino Dussel (1995, p. 87) quando diz que a palavra “horizonte viene del griego *horizo* que significa 'delimitar'. (...) Si no tuviésemos horizonte nada se nos avanzaría y estaríamos en la oscuridad o en la confusión de imágenes; sería como estar en la profundidad de una mina, de una caverna. Estamos, entonces, en un mundo”.

Assim, quando indicamos acima a seguinte questão de pesquisa: que processos educativos permeiam um processo de comunicação popular experienciada na Mostra Audiovisual de Cambuquira (MOSCA)? estamos apontando uma perspectiva de compreensão de um fenômeno dentro de uma problemática mais ampla, ao mesmo tempo em que tal problemática foi identificada, partindo de uma certa concepção de ciência. Mas qual é a concepção de ciência adotada nesta pesquisa? Qual é esta problemática mais ampla?

Dussel (2001) identifica três critérios epistemológicos de demarcação do que vai se constituindo ciência e cientificidade no decorrer da história por meio de uma leitura crítica de autores europeus que contribuíram para consolidar estas demarcações: 1º critério (“ciência” ou pseudo-ciência); 2º critério (ciência da natureza ou ciência social); 3º critério (ciências sociais “funcionais” ou “críticas”). Esta terceira demarcação é importante para os pesquisadores compreendermos como a ciência funcional atua intimamente em função de preservar e aprimorar a normatividade dentro da totalidade vigente, ou seja, a exterioridade⁶³ não faz parte do seu projeto; já a ciência crítica orienta sua perspectiva desde a exterioridade e integra em seu projeto a alteridade⁶⁴.

Desde esta perspectiva crítica é possível aliar cientificidade com criticidade e é neste caminho que esta pesquisa pretende colaborar com a construção do conhecimento com compromisso social, atrelando, de acordo com o pesquisador brasileiro de Educação

⁶³ O conceito de exterioridade trabalhado neste texto se remete aos trabalhos de Enrique Dussel acerca da Filosofia da Libertação e está articulado com o conceito de totalidade. Em suma, há um projeto de mundo totalizado e excludente que gera vítimas que vivem na exterioridade deste projeto. Esta vítima é o outro coisificado, oprimido dentro da lógica da totalidade. Dussel vai propor a filosofia da libertação que reconhece este outro como Outro que possui também outras perspectivas de mundo e que, colocado em diálogo, é possível a construção de uma filosofia desde a exterioridade, permitindo pensar mais além de um mundo totalizado cerrado e centrado na perspectiva do homem europeu. Neste contexto que ele sugere o método analéctico. “El método ana-léctico surge desde el Otro y avanza dialécticamente; hay una discontinuidad que surge de la libertad del Otro. Este método, tiene en cuenta la palabra del Otro como otro, implementa dialécticamente todas las mediaciones necesarias para responder a esa palabra, se compromete por la fe en la palabra histórica y da todos esos pasos esperando el día lejano en que pueda vivir con el Otro y pensar su palabra, es el método ana-léctico. Método de liberación, pedagógica analéctica de liberación” (Dussel, 1995: 235 – 236).

⁶⁴ O conceito de alteridade também é abordado na perspectiva defendida e sugerida por Enrique Dussel. A alteridade não é apenas o reconhecimento da vítima como tal, mas a responsabilidade ético-crítica com a vítima dentro do sistema vigente e da ação para que se negue a negatividade da vítima, assegurando-lhe a manifestação da vida digna (Dussel, 1998, nota 13, p.43). É neste ponto que Dussel reconhece na pedagogia de Paulo Freire uma proposta ético-crítica, uma vez que ambos os autores trabalham com a perspectiva das vítimas (oprimidos) num processo contínuo de libertação praticado pelas vítimas (oprimidos) a partir da conscientização destes sobre sua condição.

Popular, Brandão (1981, p. 12) “o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir”.

Outros autores latino-americanos também chamaram a atenção para a postura crítica em relação à ciência. O sociólogo colombiano Fals Borda (1981, p. 43-44) aponta que a ciência não pode ser fetichizada como se fosse “uma entidade com vida própria, capaz de reger o universo e determinar a forma e o contexto de nossa sociedade, tanto presente quanto futura”. Brandão (1981, p. 10) também indica que “nenhum conhecimento é neutro e nenhuma pesquisa serve teoricamente ‘a todos’ dentro de mundos sociais concretamente desiguais”.

Pesquisa e compromisso social, portanto, só é possível dentro de uma perspectiva crítica de ciência e de uma postura dialógica entre os sujeitos, cujo ato de pesquisar também é uma atitude militante.

Problemática aqui é entendida, conforme sugere o pesquisador franco-brasileiro de Metodologias Científicas Thiollent (2007, p. 57 – 58) “como a colocação dos problemas que se pretende resolver dentro de um certo campo teórico e prático (...). A problemática é o modo de colocação do problema de acordo com o marco teórico-conceitual adotado”. Laville e Dionne (1999, p. 98) acrescentam que “a problemática é o conjunto dos fatores que fazem com que o pesquisador conscientize-se de um determinado problema, veja-o de um modo ou de outro, imaginando tal ou tal eventual solução”.

Ao partir de uma perspectiva crítica que compreende como uma postura ética a construção do conhecimento com compromisso social, torna-se fundamental, para esta tese, o estabelecimento de um diálogo entre produções científicas, movimentos populares, organizações sociais, grupos de pessoas que denunciam a manutenção de um sistema comunicativo que opera em função de um projeto de sociedade alicerçado em uma economia capitalista globalizada excludente, amparada por um conjunto de leis que, amiúde, protegem o privado e achacam o público.

1.1 DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO COMO PROJETO DE MUNDO

Pensar a democratização da comunicação nos remete a tecer algumas observações

acerca dos conceitos de democracia e de comunicação. Neste sentido, buscaremos apontar como estes conceitos se articulam dentro dos arranjos sociais, políticos, econômicos, culturais condicionando projetos de mundos antagônicos: um, pautado pela dominação; e outro pela libertação.

A fim de compreender como se definem e como se embatem estes dois projetos de mundo antagônicos, lançaremos mão de um diálogo com o filósofo Enrique Dussel que propõe um método de pensar que parte da cotidianidade em direção à filosofia e não o contrário. “El ‘discurso’ (entiéndase ‘dis-curso’ en el sentido del ‘curso que atraviesa’) que les propongo no va a partir de la filosofía para interpretar la cotidianidad, sino que va a partir de la cotidianidad en dirección a la filosofía, porque va a ser una introducción al pensar metódico radical” (DUSSEL, 1995, p. 85).

Dussel (1996, p. 38) parte da conceitualização de mundo como sendo uma totalidade de sentido. Ou seja, o que está no horizonte compreensível se torna mundo. “‘Mundo’, de etimología latina, quiere designar la totalidad de sentido comprendida por el horizonte fundamental. Mundo es así la totalidad de los entes (reales, posibles o imaginarios) que son por relación al hombre [y a la mujer] y no sólo reales, de suyo”.

Esta compreensão de mundo nos auxilia a entender como vão se dando a construção de sentidos e como podemos trabalhar com o conceito de mundo, como sendo um sistema centrado no ser humano. “El mundo es así el sistema de todos los sistemas que tienen al hombre [y la mujer] como su fundamento. Los sistemas económicos, políticos, sociológicos, matemáticos, psicológicos, etc., son sólo subsistemas de un sistema de sistemas: el mundo” (DUSSEL, 1996, p. 38).

Partiremos deste conceito de mundo para entender como vão se constituindo os conceitos de democracia e de comunicação em uma dada totalidade de sentido que se reconfigura no decorrer da história. “La totalidad del mundo nunca se fija, sino que se desplaza histórica o espacialmente. Porque el hombre [y la mujer] diariamente incorpora[n] entes a su mundo, el horizonte de su mundo se desplaza para comprenderlos, para abarcarlos” (DUSSEL, 1996, p. 43).

A totalidade do mundo, portanto, está em movimento. A cada momento estamos incorporando ao nosso horizonte determinados elementos, significando-os ou ressignificando outros a partir de nossa experiência de vida.

Vivemos em um mundo, em uma cidade, em um bairro, em uma classe social e temos um horizonte que delimita este nosso mundo.

Es decir, vivimos en un mundo; el mundo de una ciudad, el mundo de nuestro barrio, o el mundo de una clase social. Es decir, estamos dentro de un cierto horizonte (...) Horizonte viene del griego horizo que significa "delimitar" (...) Estamos, entonces, en un mundo. El mundo es la totalidad dentro de la cual todo lo que nos acontece se nos avanza. (DUSSEL, 1995, p. 87).

Por meio de nossa experiência de estar no mundo, compreendemos tudo o que nos circunda. A compreensão do mundo é a compreensão do mundo que experienciamos. Assim, se algo está no meu horizonte, ele é compreendido, porém quando nos deparamos com algo que está fora do nosso horizonte (uma vez que os horizontes se interceptam) nos questionamos para tentar relacionar o diferente com algo que seja comum ao nosso mundo. Este é um movimento que fazemos cotidianamente, sem refletir sobre esta dinâmica. “De lo dicho se desprende que la totalidad de nuestra experiencia está situada dentro de un horizonte, que hace que todo lo que se encuentra en mi mundo me sea ‘comprensible’” (DUSSEL, 1995, p. 87).

Neste momento, Dussel nos chama a atenção para o conceito de existência que foi sendo construído pela filosofia contemporânea como “ser-no-mundo” e que esta existência acarreta uma obviedade de se estar no mundo que gera cruéis interpretações, já que esta existência, por ser óbvia, passa a não ser crítica e tende a interpretar o diferente dentro de um mesmo horizonte. Dussel (1995, p. 88) vai nos dizer que “este modo de existir sin conciencia crítica es lo que se llama existencial. Existencial es el modo cotidiano de ser en el mundo, de existir obvia y cotidianamente, sin crisis”.

Até aqui, Dussel nos apresentou uma proposta de pensar desde a cotidianidade, desde o mundo em que estamos vivendo de forma óbvia, sem crise. Veremos que há uma busca por um método que parte da cotidianidade, do óbvio para compreensões do mundo cada vez mais complexas.

Num primeiro momento é proposta uma *compreensão existencial*.

Comprensión existencial es, entonces, el modo cotidiano y no crítico por el que abarco la totalidad de mi experiencia. Esto ha sido llamado, también, la posición natural. "Posición", porque es lo mismo que el existir; es la "posición" del mí mismo en el mundo; natural, porque es lo contrario a una posición crítica (DUSSEL, 1995, p. 89).

Num segundo momento, Dussel propõe uma *compreensão fundamental*, aquela que,

em processo, deriva-se da compreensão existencial. “*Fundamental*, en el sentido que es una comprensión que se abre a lo que en filosofía llamamos el ‘fundamento’. Fundamento es una palabra castellana que indica lo que los griegos llamaban *éinai* (ser) o *physis*...” (DUSSEL, 1995, p. 89).

O fundamento do mundo esta relacionado com o sentido do ser (DUSSEL, 1995, p. 90). Para cada fundamento teremos um sentido do ser. Parece que giramos o sentido do ser e o sentido que damos as coisas conforme o fundamento do nosso mundo. Esta compreensão fundamental é chamada de *totalidade de sentido* (DUSSEL, 1995, p. 90). “Si tengo como fundamento primero el ‘estar-en-la-riqueza’, todo lo que esté en mi derredor lo consideraré sólo desde allí” (DUSSEL, 1995, p. 90). Ou seja, o cotidiano faz com que o fundamento do nosso mundo seja óbvio e vamos buscando o nosso sentido de ser de forma não-crítica e, cotidianamente, estamos vivendo diversas circunstâncias em busca de estar sendo em um mundo fundamentado, todavia não alcançado, criticamente, quando ficamos na compreensão existencial. “En nuestra sociedad, la totalidad del ser se funda en el valor, en el capital. Desde el fundamento del capital se despliega el ‘mundo’ como totalidad concreta, histórica” (DUSSEL, 1996, p. 37).

Este debate é importante para compreendermos a relação entre o fundamento do mundo e o sentido do ser, quer dizer, de como o cotidiano que vivemos de forma não-crítica nos lança em um mundo fundamentado, no qual vamos nos constituindo. O óbvio, por isso, é cruel por justificar, muitas vezes, atitudes e ações que não são enfrentadas de forma crítica.

Advertan, entonces, que es la comprensión existencial cotidiana la que permite que todo lo que nos rodea se nos aparezca como importante; lo más importante es el fundamento y se nos pasa absolutamente desapercibido. En el fondo, somos llevados como "de la nariz" por el fundamento y nos creemos señores de los entes, entes que nunca nos descubren del todo lo que tienen detrás...” (DUSSEL, 1995, p. 92).

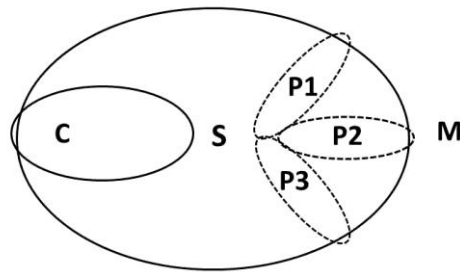
Mais adiante, Dussel reflexiona sobre a relação entre a totalidade de sentido e o processo de construção do ser que não se encerra no que está sendo vivido cotidianamente, mas que se completa no projeto futuro de existência.

La comprensión de la totalidad, no es sólo una estática comprensión de lo que me rodea, sino que el ser o la totalidad de sentido de una época está siempre pendiente de un futuro adviniente. La palabra adviniente significa que voy (ad-) hacia lo que viene desde adelante como fruto. Quiero decir que el fundamento de lo que llamé mundo (el de mi barrio, por ejemplo) no es simplemente lo que se está dando, sino que es principalmente el proyecto de existencia que soy, que nosotros somos, que un

pueblo es (DUSSEL, 1995, p. 92).

Aqui temos a ideia de projeto de existência que permite um vir-a-ser-no-mundo e não somente um ser-no-mundo, ou seja, temos aqui uma abertura para possibilidades e uma compreensão dinâmica de um mundo que também está sendo, pois somente podemos falar em projeto quando vislumbramos um futuro. Todavia, estar no mundo, significa que estou sendo condicionado por uma história da própria humanidade. Dussel (1995, p. 94) propõe uma figura que nos ajuda a compreender esta relação. Abaixo elaboramos uma releitura desta figura para esta tese.

Figura 2: Condicionamentos e possibilidades - elaborado pelo autor a partir de Dussel (1995, p. 94).



C: condicionamentos passados

S: sujeito

P1, P2, P3: possibilidades

M: projeto de mundo

Há, conforme o esquema acima, uma compreensão do mundo condicionada por um passado e motivada por um futuro que se desdobra em possibilidades.

Es decir, el pasado condiciona o emplaza un proyecto futuro; desde ese proyecto se abren las posibilidades (...) que empuño en mi presente (...) Es por eso, entonces, que el ser del hombre [y de la mujer] en su mundo no es solamente un puro presente

abstracto, sino que el ser del hombre [y de la mujer] es un ser que, como poder-ser, empuña ciertas posibilidades. Por ello lo que "estoy siendo" es lo de menos, porque lo que estoy siendo se define como me comprendo poder-ser; desde el proyecto se abren las posibilidades" (DUSSEL, 1995, p. 94-95).

Após abordar a compreensão existencial e a compreensão fundamental, Dussel apresenta a *compreensão dialética do ser*.

El hombre [y la mujer] que es en el mundo, es en el mundo comprendiéndose existencial y cotidianamente como poder-ser, es decir desde el futuro, y como es desde el futuro, ese mundo no es un mundo estático, sino desplegable: a medida que un niño o un pueblo van creciendo, los horizontes se van sucediendo. Horizonte significa la mismo que lógos; lógos es lo que abarca y diá en griego, significa "a través de". De ahí que dia-léctica quiere decir: "atravesar el horizonte", abrirse a otro horizonte para a su vez atravesarlo también sucesivamente. La comprensión cotidiana como futuro es dialéctica, en el sentido que va pasando de un horizonte a otro y va creciendo (DUSSEL, 1995, p. 96).

A compreensão do mundo, portanto, está em constante movimento e esta constatação é importante para vislumbrarmos projetos de mundos distintos e não apenas um projeto cerrado em uma perspectiva. "Puedo afirmar que conozco algo desde un horizonte, pero inmediatamente otro horizonte fluye como futuro o como espacialmente incomprensible, lo que nos hace ver que esta comprensión está continuamente en movimiento" (DUSSEL, 1995, p. 97).

Quando um ente que não compreendo adentra meu horizonte, esforço-me a enfrentá-lo compreensivelmente, levando em consideração o passado que me condiciona e, sobretudo, o projeto de mundo que me impulsiona. Esta relação empreendida pela compreensão deste ente no meu horizonte, Dussel denominou de compreensão derivada.

Primero, la comprensión derivada va a ser el momento en que me enfrente a algo, pero todavía en general. Por ejemplo, cuando tomo una tiza o digo: "Es una tiza", se trata de un objeto. Antes que "tiza" es un trozo de yeso en forma cilíndrica, que puede tener muchos sentidos; uno, el de servir "para" escribir sobre el pizarrón, pero también podría tirarla contra alguien y entonces tendría la "función-de" arma, o también podría tener la "función-de" sacar una mancha de tinta que hubiera caído sobre un papel. Es decir, "esto" no es únicamente "tiza" sino que antes que como tiza la comprendo en su consistencia, en su estructura, en su constitución. Ese primer modo de abordar algo es lo que queremos llamar comprensión derivada (DUSSEL, 1995, p. 100).

A compreensão derivada permite observar algo de uma maneira geral, porém, este algo é interpretado e ganha sentido nesta interpretação. "Es decir, el primer acceso al ente de manera global lo llamamos comprensión derivada. Pero acceder al ente como 'algo' es la

interpretación propiamente dicha. Lo que interpreto se llama sentido” (DUSSEL, 1995, p. 101).

Se, por um lado, o mundo é a totalidade de sentido que está no meu horizonte de compreensão, por outro, podemos apontar que há uma exterioridade que não faz parte do meu mundo. De acordo com Dussel (1996, p. 57) a exterioridade “quiere indicar el ámbito desde donde el otro hombre [o mujer], como libre e incondicionado por mi sistema y no como parte de mi mundo, se revela”

Esta aproximação filosófica em torno da ideia de compreensão e de construção de sentido é importante para mostrar que haverá encontros de horizontes. Nesses encontros há, por um lado, uma perspectiva que tende a coisificar e operacionalizar algo ou alguém em função de um projeto de mundo totalizado, fechado em uma única perspectiva.

Totalizar la exterioridad, sistematizar la alteridad, negar al otro como otro es la alienación. Alienar es vender a alguien o algo; es hacerlo pasar a otro poseedor o propietario. La alienación de un pueblo o individuo singular es hacerle perder su ser al incorporarlo como momento, aspecto o instrumento del ser de otro. (...)Se aliena el ser del otro al descolocarlo de su propio centro; al hacerlo girar en torno del centro de la totalidad ajena (DUSSEL, 1996, p. 70).

Por outro lado, há outra perspectiva que se esforça para compreender algo ou alguém que também traz consigo outros projetos de mundo que, em diálogo com o projeto de mundo com o qual me identifico, possa criar algo novo.

Descubrir al otro como otro y ponerse-junto-a (con-) su miseria, vivir como propia la desproporción de ser libre y sufrir su esclavitud; ser distinto y alguien, y al mismo tiempo ser sólo una parte diferente interna; dolerse con el dolor de dicha escisión es la posición primera del êthos liberador. No es la amistad, ni la fraternidad (de los iguales), sino el amor a los oprimidos en razón de su real dignidad como exterioridad (DUSSEL, 1996, p. 83).

Nesta segunda perspectiva, é onde se busca a construção de outro mundo possível, pautado em princípios de solidariedade, equidade, justiça social e que refute os valores do projeto de mundo em curso, proclamado como a única possibilidade viável e que é atrelada aos interesses financeiros e de poder.

Dussel (1996, p. 69) aponta como o projeto de mundo da totalidade vigente foi sendo colocado em função de uma totalização do mundo europeu e de uma negação da exterioridade como alteridade ou de uma incorporação da exterioridade como ente para o projeto da Modernidade.

La conquista de América Latina, la esclavitud del Africa y su colonización al igual que la del Asia, es la expansión dialéctica dominadora de "lo mismo", que asesina "al otro" y lo totaliza en "lo mismo". Este proceso dialéctico-ontológico tan enorme de la historia humana ha simplemente pasado desapercibido a la ideología de las ideologías (más aún cuando pretende ser la crítica de las ideologías): a la filosofía moderna y contemporánea europea.

Desta discussão podemos apreender como irrompe o Outro e como este Outro se torna outro em uma perspectiva totalizante. Desde esta perspectiva, o outro é coisificado e se torna objeto em função de se atingir o projeto do colonizador europeu. Dussel vai apontar que a Filosofia da Libertação reconhece este outro como Outro que possui também outras perspectivas de mundo e que, colocado em diálogo, é possível a construção de uma filosofia desde a exterioridade, possibilitando pensar mais além de um mundo totalizado cerrado e centrado na perspectiva do homem europeu.

El otro es exterioridad de toda totalidad porque es libre. Libertad no es aquí sólo una cierta posibilidad de elegir entre diversas mediaciones que penden del proyecto cotidiano. Libertad es ahora la incondicionalidad del otro con respecto al mundo en el que siempre soy centro. El otro como otro, es decir, como centro de su propio mundo (aunque sea un dominado u oprimido), puede decir lo imposible, lo inesperado, lo inédito en mi mundo, en el sistema. Todo hombre [y mujer], cada hombre [y mujer], en cuanto es otro es libre, y en cuanto es parte o ente de un sistema es funcional, profesional o miembro de una cierta estructura, pero no es otro. Se es otro en tanto se es exterior a la totalidad, y en ese mismo sentido se es rostro (persona) humano interpelante. Sin exterioridad no hay libertad ni persona. Sólo en la incondicionalidad de la conducta del otro se descubre el hecho de la libertad, del libre arbitrio (DUSSEL, 1996, p. 61)

O Outro como exterioridade é quem pode criticar e abalar os pressupostos que se escondem as bases de sustentação do projeto de mundo totalizado. O Outro, que não sucumbe, resiste e interpela. Os povos originários, do território que conhecemos como América Latina, há muito tempo vêm denunciando as crueldades do colonizador e anunciando outras perspectivas que buscam a construção de um mundo solidário e não totalitário, como podemos observar nas palavras de Fernando Huanacuni, pesquisador aymará da Cosmovisão Aymara:

O movimento indígena não é só do campo, é uma forma de vida e um convite a viver com respeito. As montanhas estão degelando. Vai faltar água. E isso vai afetar a todos, brancos, mestiços, indígenas etc. Por isso, necessitamos de novas formas de política, porque as atuais não nos permitem resolver. E isso é incumbência de todo mundo. O ocidente tem buscado respostas e o povo indígena as está dando: para que todos tenhamos alimentos, temos que produzir com os ciclos da natureza, não somente com elementos químicos, ou de maneira anormal ou antinatural. Os povos originários estão avisando que as mudanças da história são também mudanças de ciclos naturais. Por isso, devemos aproveitar este momento e voltar ao paradigma

comunitário e ao seu modelo pedagógico, jurídico, de governo. Aqui, por exemplo, nas comunidades, não há eleições. Nós não queremos a democracia, como agora se conhece, porque ganha o que faz mais campanha, o que tem mais dinheiro, o que tem mais poder de influência nos meios de comunicação. Aqui, um é a autoridade em um ano, no ano seguinte é outro, no seguinte outro, ninguém pode repetir. Todos têm que participar e todos têm que se desenvolver como autoridade. Porque se alguém se mantém, algo vai falhar na sua mente e tudo vai se desequilibrar. Então, para que descanse, se passa para o outro (HUANACUNI, 2009)

O que foi exposto, até este momento, foi a compreensão de como o mundo vai se constituindo como uma totalidade de sentido em movimento com o curso da história. Esta totalidade de sentido amplia seus horizontes de compreensões cada vez que encontra outros horizontes e está condicionada pelo projeto de mundo que se busca. Nesse encontro de horizontes há, por um lado, o movimento perverso, dominador que totaliza a exterioridade instrumentalizando-a em função de seu projeto e, por outro lado, há a abertura para a exterioridade, positivando a alteridade como possibilidade de construção de um novo projeto.

1.2 OUTRAS “DEMOCRACIAS”

Acreditamos que seja importante destacar que o debate acerca do conceito de democracia nos permite vislumbrar a democratização da comunicação, entendendo a democratização como um processo contínuo e não como ponto de chegada.

É pertinente destacar que o conceito de democracia não é absoluto e isto nos leva há dois momentos: primeiro, identificar que há uma absolutização de um dado conceito de democracia que favorece poucos e desfavorece muitos; ou seja, é preciso descolonizar o conceito de democracia; segundo, buscar compreender que há outros arranjos democráticos que nos evidencia outros conceitos de democracia, permitindo vislumbrar outros projetos de mundo.

Mignolo (2014, p. 22), semiótico argentino e pesquisador da Universidade de Duke, nos mostra como a democracia, trajada com sua veste liberal, foi instrumentalizada a fim de permitir a consolidação da classe burguesa no poder político e econômico e legitimar a colonização em favor do capital.

En ese sentido, la democracia liberal fue un momento crucial de emancipación de la

emergente etno clase burguesa al mismo tiempo que un momento crucial en la re-organización del control político y económico de las colonias. Al mismo tiempo, consolidación político-económica que sustentó el despegue posterior – la colonización de gran parte de África y Asia y el comienzo de la colonialidad sin colonias: las repúblicas iberoamericanas y la guerra del opio que subyugó a China al control de los estados y economías occidentales.

Foi neste momento histórico que “la democracia liberal enfatizó un aspecto particular: la libertad individual junto al crecimiento económico del estado-nación” (MIGNOLO, 2014, p. 24).

Comprender que a democracia não é um conceito universal e identificar o seu local epistêmico nos permite relacionar os aspectos filosóficos e lingüísticos com o projeto de mundo orientado pelo capital.

El concepto de «democracia» en la Europa moderna (geográficamente, mediterránea y atlántica) y en Estados Unidos, está in-corporado a un fuerte legado lingüístico y filosófico: la lengua y el pensamiento greco-romano. Más claro: el concepto greco-occidental de «democracia» no está in-corporado al mandarín, como lengua, ni a los legados del pensamiento chino; tampoco al árabe y a la filosofía árabo-islámica; tampoco a la lengua aymara y quechua y el pensamiento ligado con esas lenguas, etc. *Lo cual no quiere decir que todas estas sociedades fueran despóticas por naturaleza, tal como ocurre en los ejemplos de John Locke.* De ello no se debe inferir que el concepto y la idea occidental de democracia deba ser adaptada en todos los lugares del mundo de tal manera que el mundo no sería otra cosa que una vasta red de sucursales de la democracia occidental (MIGNOLO, 2008, p. 44).

A origem da palavra democracia é grega, o que significou, também, um conceito de democracia atrelado à esta origem etimológica. Contudo, a origem da palavra não significa que não havia processos democráticos como prática da vida em outros povos e culturas.

Normalmente se piensa que la política empieza por Grecia. Pues no, los griegos no son los primeros, en nada, ni siquiera en la democracia. Mucho antes de que existieran, en Biblos, Sidón, y los países fenicios, surgió eso que llamamos democracia. Se trataba de sociedades mercantiles, igualitarias, no monárquicas que aparecieron 2500 años antes que Atenas (DUSSEL, 2001b, p. 13).

Contribuir para a descolonização do conceito de democracia implica em denunciar que a universalização deste conceito está atrelada à um projeto de mundo imperialista, colonizador, dominador e anunciar possibilidades que qualificam a democracia de outras maneiras, com outras vivências e visões de mundo.

Descolonizar la democracia no significa rechazarla sino des-universalizarla para dar lugar a propuestas equivalentes que honran formas de vida, lenguas y tradiciones ajenas a la tradición sobre la que se fundó la democracia liberal y se empleó, y emplea, como un arma y un justificativo para la expansión imperial (MIGNOLO, 2014, p. 24).

O conceito de democracia, que sustenta a proposta de democratização da comunicação trabalhada nesta pesquisa, pauta-se em aspectos que lhe configurem, na prática, políticas de participação. Concordamos com Paulo Freire (1967, p. 81) quando aponta que

A democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do ser humano. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o ser humano seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o ser humano participe.

A participação é uma condição fundamental para se construir um processo de democratização que pautar a própria vida que se está vivendo. Confundir a democracia com a sua figura política e jurídica, que no caso do Brasil se manifesta pela democracia representativa, é correr o risco de compreender a democracia apenas como instância de organização jurídica e não como processo de vida.

A ideia de participação, todavia, sempre foi dominada pelas características colonizadoras do projeto de mundo imperialista (europeu, num primeiro momento, estadunidense, num segundo) que submetem povos africanos, latino-americanos e asiáticos aos arranjos políticos, econômicos, culturais.

Assim vivemos todo o nosso período de vida colonial. Pressionados sempre. Quase sempre proibidos de crescer. Proibidos de falar. A única voz, no silêncio a que éramos submetidos, que se poderia ouvir, era a do púlpito. As restrições às nossas relações, até as internas, de Capitania para Capitania, eram as mais drásticas. Relações que, não há dúvida, nos teriam aberto possibilidades outras no sentido das indispensáveis trocas de experiências com que os grupos humanos se aperfeiçoam e crescem. Relações que vão levando os grupos humanos, pelas observações mútuas, a retificações e seguimento de exemplos. Somente o isolamento imposto à Colônia, fechada nela mesma, e tendo por tarefa bastar as exigências e os interesses, cada vez mais gulosos da Metrópole, revelava claramente a verticalidade e a impermeabilidade antidemocrática da política da Corte. Não nos importa discutir se outra poderia ter sido a política dos colonizadores — aberta, permeável, democrática. O que nos importa afirmar é que, com essa política de colonização, com seus moldes exageradamente tutelares, não poderíamos ter tido experiências democráticas (FREIRE, 1967, p. 75).

Reconhecer que a colonização ceifou, paulatinamente, um processo contínuo e constante de participação não significa que a democracia participativa não possa ser construída. A própria ideia de democratização já assume que a democracia é processo e seu caráter participativo é tarefa de todos e todas comprometidos com um projeto de mundo que seja cada vez mais justo.

A busca pela construção de um processo de democratização pautado pela participação passa pelo reconhecimento de que este processo pode ser aprendido com outros povos e culturas que há tempo conduzem suas vidas desta maneira. Dussel (2011, p. 10) aponta que “en muchos casos, como en el de los pueblos originarios, habituados al ejercicio comunitario, una tal cultura [participativa] en la base está garantizada”.

1.3 OUTRAS COMUNICAÇÕES

Para podermos tratar de outras comunicações é preciso adotar uma perspectiva de ciência crítica que nos auxilia a desconstruir posições científicas dogmáticas que foram sendo forjadas por uma epistemologia eminentemente ocidental arquitetada por cientistas e filósofos provenientes, na grande maioria, dos Estados Unidos e da Europa⁶⁵.

Para além do pensamento centrado nas perspectivas europeia e estadunidense que, presunçosamente, se confunde como sendo o próprio pensamento científico, esta pesquisa assume o compromisso de buscar outras referências em práticas comunicativas como, por exemplo, as dos povos originários⁶⁶ deste chão que conhecemos como América Latina.

Um primeiro ponto importante para compreendermos a comunicação na perspectiva dos povos originários é a desconstrução de que a comunicação é um recurso técnico-

⁶⁵ A crítica a esta posição científica dogmática estadunidense e europeia está detalhada no início deste capítulo.

⁶⁶ A designação povos originários tem a intenção de apontar que havia, aqui neste chão que conhecemos como América Latina, outros povos com cosmovisões diversas e que foram denominados de indígena pelos primeiros europeus que por aqui chegaram. De acordo com a pesquisadora uruguaia, nacionalizada sueca da área de Educação, Araújo-Olivera (2014, p. 99) “denominar genericamente a população originária com o termo indígena é cabível quando se pretende o ocultamento e a invisibilização da diversidade, da multipluriculturalidade originária. É uma estratégia para decretar o não ser de diversas pertenças e culturas originárias deste continente”. O termo povos originários vêm sendo utilizado pelos povos e culturas originárias em suas lutas. Na declaração de Kito, de 2004, os povos originários escrevem: “Somos pueblos originarios de Abya Yala. Nuestros antepasados, nuestros abuelos nos enseñaron a amar y venerar nuestra fecunda Pacha Mama, a convivir en armonía y libertad con los seres naturales y espirituales que en ella existen. Las instituciones políticas, económicas, sociales y culturales que tenemos, son herencia de nuestros antepasados y son la base para la construcción de nuestro futuro. Los valles y las pampas, las selvas y los desiertos, los cerros y los nevados, los mares y los ríos, el águila y el cóndor, el quetzal y el colibrí, el puma y el jaguar, han sido testigos de nuestros sistemas socio políticos colectivos basados en la sustentabilidad humana y ambiental. Fuimos despojados de nuestros territorios originales por los colonizadores y los estados nacionales; divididos para garantizar el control político y empujados a lugares inhóspitos. Los territorios que hoy habitamos se caracterizan por la conservación de la biodiversidad y existencia de recursos naturales que son ambicionados por las multinacionales por lo que nuevamente estamos sufriendo el despojo”. Esta declaração está disponível em <http://www.cumbreindigenabyayala.org/>.

instrumental que apenas permite as relações entre as pessoas, muitas vezes pautadas por uma ordem hierárquica e intermediada por algum aparato tecnológico.

Na Declaração de la II Cumbre Continental de Comunicación Indígena del Abya Yala, a Comunicação é assim entendida pelos povos originários:

Que es un compromiso de la comunicación indígena la defensa de la vida y los derechos ancestrales de los pueblos indígenas como la lucha por la tierra y el territorio, conformado por el subsuelo, suelo y espacio aéreo, todos ellos de carácter sagrado, tal como se concibe desde nuestras cosmovisiones y se propone construir el BUEN VIVIR desde nuestras raíces. Esta comunicación debe responder a la necesidad vital de preservar y fortalecer las lenguas y las culturas, difundiéndolas en los medios, para el fortalecimiento de las raíces identitarias de todos los pueblos originarios del Abya Yala y del mundo. Que ofrecemos al mundo la cosmovisión, el saber y el pensamiento indígena como alternativa para la construcción de una nueva utopía social basada en la reciprocidad y la relación respetuosa entre los seres humanos y con la Madre Naturaleza, en el contexto de la crisis civilizatoria occidental⁶⁷.

O sociólogo aymara Yampara Huarachi (2011) nos aponta, por exemplo, que os aymaras vivem e convivem com o mundo animal, com o mundo vegetal, com o mundo das deidades, com o mundo da terra. Ou seja, os aymaras possuem um jeito próprio de se constituir no mundo que passa pela comunicação entre os diversos mundos, na busca constante por uma convivência integral e harmoniosa. Isto implica em dizer, que a comunicação extrapola as relações entre pessoas, muitas vezes hierárquicas e mediadas por tecnologias alheias, e nos apresenta outra maneira de nos depararmos com o conceito de comunicação: uma perspectiva mais ampla, mais horizontal, menos tecnicista e, principalmente, constituinte do próprio ser com o mundo.

Rodriguez Rojo (2013, p. 87), pesquisador espanhol em Educação Intercultural, nos apresenta que a comunicação se dá com o outro, qualificando este outro em uma perspectiva mais ampla que envolve valores de solidariedade, respeito e compromisso.

Comunicarse con los otros supone estar abierto al grupo pequeño con quien trabajas, con quien investigas, con quien proyectas tu vida y tu profesión. Pero también significa estar abierto a otros grupos más grandes, como el sindicato, el partido político, la comunidad eclesial, la otra cultura, la otra etnia, la otra religión, la otra nación, el otro continente, el otro hemisferio. Abrirse a los otros implica interculturalidad, aceptación del fenómeno de la emigración, del internacionalismo, del mundialismo, del contexto donde se encontrarán explicaciones a muchos hechos y pensamientos (...) El cambio de conciencia debe capacitar al sujeto humano para que sea capaz de comunicarse con lo otro, es decir, con la naturaleza, con la Pachamama, con la madre Tierra. Comunicarse con el Planeta y con el Cosmos

⁶⁷ <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=175540>

significa respetar la tierra, las aguas, los motes, la atmósfera, la vida. Más aún considerar que todo es vida de un tipo o de otro; pero todo es ser viviente.

Mirar para a comunicação como um fenômeno mais amplo, como nos sugere a perspectiva aymara, significa nos colocarmos abertos para apreendermos as linguagens que nos possibilitam realizar esta comunicação. Como se comunicar com o mundo vegetal, com o mundo dos animais, com o mundo das deidades, com o mundo da terra, se nos fechamos nos quadros teóricos e epistemológicos eurocentrados que, insistentemente, separa ciência da filosofia e da religião, por exemplo?

O pesquisador boliviano da área de Educação, Zenteno Brun (2009, p. 88) nos apresenta que há uma comunicação constante entre o universo e os seres humanos e exemplifica esta ideia nos mostrando como se dá a comunicação entre os povos andinos e a *choka*, uma ave lacustre que vive no lago Titicaca.

También existe una comunicación continua entre el universo y los seres humanos, a través de los animales, un claro ejemplo de este tipo de comunicación es la *choka*, ave lacustre que anida en las totoras a orillas del Lago Titicaca. Cuando esta ave anida en las partes altas de los totorales, se sabe a ciencia cierta que existirá un período de mucha lluvia, que elevará el nivel del lago inundando las zonas bajas de las orillas lacustres. Si la *choka* anida en las partes bajas de los totorales, existirá un período de poca lluvia y los niveles del lago no subirán mucho, permitiendo el cultivo agrícola en las zonas bajas.

Nesta perspectiva de comunicação, a própria ideia de mediação no processo comunicativo precisa ser revisitada e complementada com outras possibilidades. Esta mediação não se restringe aos meios de comunicação simplificados nos aparatos tecnológicos que permitem uma relação multilinear entre emissor e receptor. A mediação no processo comunicativo presente nas perspectivas dos povos originários inclui os próprios seres vivos. A ave *choka*, por exemplo, medeia a comunicação entre o ser humano e o universo, ao mesmo tempo em que ela faz parte integrante deste universo comunicativo.

O *xamã*, por exemplo, presente em várias culturas indígenas, representa uma mediação na comunicação entre os seres humanos e os demais seres, como aponta o pesquisador brasileiro em Realização Audiovisual Indígena, Damas (2012, p.4):

O *xamã* é uma agência indígena que serve como elo de comunicação entre humanos e não-humanos, ou entre humanos e humanos, como organizador do caos (...) Ele pode estar entre os humanos, entre os mortos, entre os deuses, só ele, somente ele tem a capacidade de unificar esses três níveis cosmológicos (...) O *xamã* transpõe os limites da experiência humana, fazendo uma espécie de intercâmbio de perspectivas (DAMAS, 2012, p. 4)

Em muitas perspectivas de povos originários, a comunicação é constituinte do próprio ser dentro da comunidade, processando-se por meio de linguagens e contextos que possibilitam a comunicação entre as próprias pessoas e entre elas e os outros seres constituintes do mundo, incluindo os entes da natureza e os antepassados.

A insistência em apontar outras concepções de comunicação e localiza-las epistêmica e geograficamente se constitui em um labor científico na esteira do processo de descolonização da ciência. Quando indicamos outras perspectivas de entendimentos e de vivências em processos comunicativos, estamos, por um lado, questionando a pretensa neutralidade da ciência e da universalidade do conceito de comunicação e, por outro, indicando possibilidades de construção de outros sentidos e valores, ao pluralizarmos e situarmos, epistêmica e geograficamente, os conceitos de comunicações.

Se, conforme vimos na figura 2⁶⁸, há um passado que nos condiciona e um futuro que pode ser construído por meio de várias possibilidades, desde que haja uma compreensão crítica do projeto de mundo totalizado, faz parte da atitude crítica questionar o que tenta se impor como a única possibilidade viável e exequível quer seja de ciência, de democracia, de comunicação.

Este debate acerca dos conceitos de democracia/democratização e de comunicação dentro de um processo de construção de uma ciência crítica, nos permite lançarmos mãos de posições epistemológicas que possibilitam a incorporação, de forma dialógica, de outros conhecimentos que não se restringem aos processados única e exclusivamente nas universidades.

Entender que a ciência é uma (mas não a única) das possibilidades de construção de conhecimentos, nos ajuda a ficar atentos para as outras possibilidades que constroem outros conhecimentos. Da mesma maneira, compreender que a democracia e a comunicação se desdobram em possibilidades de práticas democráticas e comunicativas, nos permite um olhar e uma atitude crítica em relação aos fundamentos do que se constitui na ideia unívoca de democracia e comunicação dentro do projeto de mundo totalizado e excludente.

As possibilidades se entrelaçam e se dialogam no curso do projeto de mundo que se busca concretizar. Se se entra “de nariz” no projeto de mundo totalizado, não será possível uma atitude crítica para compreender e praticar a construção de outros mundos possíveis

⁶⁸ Página 64 deste trabalho.

ou, segundo os zapatistas, de um mundo que caibam todos os mundos.

CAPÍTULO 2

COMUNICAÇÃO POPULAR: A COMUNICAÇÃO COMO RESISTÊNCIA

Neste capítulo pretende-se apontar que há uma comunicação que se movimenta como resistência à modelos comunicativos que são empreendidos por grandes corporações midiáticas nacionais e transnacionais em cumplicidade com um projeto de mundo que se evidencia excludente. Há a intenção de apontar que um processo de democratização dos meios de comunicação é fundamental para a democratização da sociedade. Assim, buscamos apresentar outras comunicações que são invisibilizadas pelos meios de comunicação de massa e, muitas vezes, rechaçadas pelo debate científico.

2.1 COMUNICAÇÃO POPULAR NOS GRUPOS POPULARES NA AMÉRICA LATINA

A construção da problemática desta tese passa pelo reconhecimento do papel da comunicação como uma atividade prática que se entrelaça com a atividade política e que traz em si inúmeras tensões que compõe o tecido social.

A fim de localizar a comunicação, neste debate, como atividade prática e campo de atuações é importante destacar que por um lado, é necessário denunciar que há uma comunicação sistematicamente sendo exercida junto às instituições políticas que, historicamente, vem se deteriorando e deixando de atender as necessidades de vida dos que estão excluídos, gerando vítimas e alijando-as de participar dos debates e das instâncias de legitimação do poder democrático. Por outro lado, é fundamental anunciar que outros processos comunicativos vêm sendo realizados pelas comunidades de vítimas, permitindo, não somente, a voz crítica dos excluídos, mas, também a possibilidade de diálogo entre setores historicamente excluídos. Tal fato amplia o poder de participação dos excluídos que começam a vislumbrar possibilidades de articulação em grupos com reivindicações que passam pelo processo de democratização da comunicação.

Desta maneira, é fundamental levar estas tensões contidas nas atividades comunicativas (mas não limitadas a elas) para um debate político que permita compreender a comunicação como uma dimensão determinante para a garantia da vida e para a legitimidade de um poder democrático e participativo.

Compreendemos com Dussel (2007, p. 17) que

Tudo o que denominamos *político* (ações, instituições, princípios, etc.) tem como espaço próprio o que chamaremos *campo político*. Cada atividade prática (familiar, econômica, esportiva, etc.) possui também seu campo respectivo, dentro do qual se cumprem as ações, sistemas e instituições próprios de cada uma destas atividades.

Assim, tudo o que se manifesta no campo político se dá por meio de condições materiais e na ordem dos princípios. Da mesma maneira, podemos dizer que as atividades comunicativas se dão dentro de um campo comunicativo por meio de condições materiais específicas a este campo. Reconhecer a especificidade de cada campo nos permite estabelecer relações entre elas, ressaltando que todos os campos encerram uma atividade prática, ou seja, levada a cabo por indivíduos que, constantemente em sua vida vivida, cruzam estes campos transitando de um para o outro.

Neste sentido, é importante destacar o caráter subjetivo e intersubjetivo presente na constituição destes campos, como sugere Dussel (2007, p. 18)

Todo campo político é um âmbito atravessado por forças, por sujeitos singulares com vontade e com certo poder. Essas vontades se estruturam em universos específicos. Não são um simples agregado de indivíduos, mas sim de sujeitos intersubjetivos, relacionados desde início em estruturas de poder ou instituições de maior ou menor permanência. Cada sujeito, como ator, é um agente que se define em relação aos outros.

Há, portanto, uma tensão entre o subjetivo e o intersubjetivo condicionada pelas ações práticas que se manifestam nos mais diversos campos, por meio de estruturas que sustentam e são sustentadas por forças que se sobressaem nestas tensões. Estas sobreposições de forças determinam o poder de um grupo ou de um indivíduo em relação ao outro. Poder que se converte, dentro do campo político, em poder político e que, ontologicamente, não está associado à ideia de dominação, embora, historicamente, esta associação se estreitou por evidências cruéis de subjugação de um grupo que detém o poder político institucionalizado em detrimento de outro que se encontra fora dele não apenas no âmbito participativo, mas também do representativo.

A relação quase sinonímica entre poder político e dominação foi forjada, de acordo

com Dussel (2007, p. 26), no período das invasões europeias em outros territórios, quando a subjugação de povos e de culturas alcançou uma escala global, motivada pela ganância materialista na busca de mercados e mercadorias e por conflitos em territórios europeus. “Na Modernidade⁶⁹ eurocêntrica, da invasão e da posterior conquista da América em 1492, o pensamento político definiu em geral o poder como dominação”.

Contudo é fundamental restabelecer o significado ontológico da política e de sua atividade prática. Concordamos com Dussel (2007, p. 26) quando afirma que “a política é uma atividade que organiza e promove a produção, reprodução e aumento da vida de seus membros”. Ou seja, o poder político não está condicionado à dominação. Este condicionamento foi naturalizado por meio da corrupção do político a favor de vantagens de outros grupos e indivíduos não apenas no campo político, mas também em outros campos atravessados pelo político, como o da comunicação, por exemplo.

A concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos não permite a expressão de muitos ou a sufoca e a desqualifica. A perpetuação de um determinado grupo conduzindo os meios de comunicação, inevitavelmente, irá gerar grupos que estão excluídos destes meios, que não conseguem expressar suas vontades e suas demandas e nem representar os seus sonhos e suas culturas, uma vez que não lhe é permitido, sobretudo juridicamente, ocupar este espaço comunicativo.

A dimensão comunicativa, que faz parte da constituição do ser humano, permite a expressão e a relação com o outro e com o mundo e se efetiva nas atividades práticas. Ou seja, a vontade de se expressar, de se relacionar, enfim, de se comunicar se concretiza em instâncias institucionais que proporcionam a realização desta atividade, sem a possibilidade prática, a comunicação não é atividade, ela ainda opera na esfera da vontade.

Em relação à esta tensão entre vontade e atividade e estabelecendo uma ponte com o campo político, compreendemos junto com Dussel (2007, p. 33) quando nos apresenta a categoria *potentia* para indicar a vontade, a capacidade de se realizar uma atividade que

⁶⁹ Em relação ao conceito de Modernidade indicamos outra obra de Dussel que complementa a citação trazida neste texto. Dussel (2005) nos apresenta duas ideias de Modernidade, uma que é eurocêntrica e que se sustenta em pensadores europeus que consideram o século XVIII como marco da Modernidade e que tem no Iluminismo e na Revolução Francesa seus pilares ideológicos e políticos. Outra ideia que tece a crítica a este conceito de Modernidade e que parte das invasões europeias nos territórios conhecidos como América Latina como momento histórico fundador de uma única História Mundial, quando povos e culturas, que até 1492 coexistiam entre si, passam a se relacionar em escalas globais, interferindo, sobremaneira, nas definições políticas, econômicas, sociais, raciais e culturais e, também, nas questões filosóficas e epistemológicas.

ainda não se manifestou. Vontade esta que se processa na *potestas*, que é a possibilidade material, institucional de se concretizar a vontade, a capacidade, ou seja, de colocá-la em prática⁷⁰.

... todo exercício do poder é institucional, porque o poder da comunidade como *potentia em-si* não é um momento empírico inicial no tempo, mas sim um momento fundamental que permanece sempre em ato sob as instituições e ações (sob a *potestas*). Falar de “exercício de poder” significa, então, que este é atualizado em alguma de suas possibilidades institucionais.

A criação de instituições, portanto, objetiva colocar em prática uma vontade. A institucionalização é o que vai permitir a materialização desta vontade que foi identificada e articulada por um grupo de pessoas junto com outros grupos, sempre de maneira intersubjetiva por meio de debates, embates e, por fim, consensos.

A institucionalização, contudo, ao mesmo tempo em que opera para concretizar uma vontade política de um grupo de pessoas vai se deteriorando entropicamente, pois sua corrupção é inevitável a partir do momento em que ela se fecha em si e não se transformar, acompanhando as demandas da sociedade como um todo. Conforme Dussel (2007, p. 35) aponta

a mediação é necessária (sem instituições e sistemas de reprodução da vida é impossível, tais como a agricultura, o pastoreio; sem acordos intersubjetivos nenhuma legitimidade pode ser aceita; e sem estes requisitos não há poder político possível), mas ao mesmo tempo é opaca, não é transparente, como a representação (necessária mas ambígua) ou como toda instituição.

Se a institucionalização é condição material para a atividade política (e aqui nos referimos ao sentido ontológico da política), também é verdade que se ela não se atualizar, conforme as demandas dos grupos de oprimidos, ela irá operar contra o sentido ontológico do poder político, ou seja, intensificando a geração de vítimas, fetichizando o poder e ressignificando-se como dominação. Por este motivo, concordamos com Dussel (2007, p. 35) quando nos alerta que

bem cedo, embora possam ser séculos, as instituições dão prova de cansaço, de um processo entrópico, de desgaste e, por outro lado, da fetichização inevitável que a burocracia produz ao usufruir a instituição (a *potestas*) para a sobrevivência da

⁷⁰ Dussel (2007, p. 29 - 31) relaciona a “*potentia* ao poder que tem uma comunidade como uma faculdade ou capacidade que é inerente a um povo enquanto última instância da soberania, da autoridade, da governabilidade, do político. (...) A *potentia* é, então, o ponto de partida. Mas o mero poder da comunidade, não obstante seja o fundamento último, não possui ainda existência real, objetiva, empírica”. A *potestas* é a dimensão prática da *potentia*. Dussel (2007, 33) vai dizer que o poder “torna-se *real* graças à institucionalização (*potestas*) (...) Ou seja, o exercício do poder sempre é um momento da *potestas* (...)”

burocracia autorreferente. Quando isso acontece, a mediação inventada para a vida e a democracia, e seu aumento, começa a ser um caminho para a morte, a repressão, a dominação.

Se voltarmos para o campo da comunicação, orientados pelas propostas de Dussel (2007) para o campo político, poderemos destacar como a institucionalização dos meios de comunicação avançou e se deteriorou entropicamente dentro do seu processo de afirmação atrelado ao poder fetichizado e transformado em dominação.

Para compreender como as instituições que comandam os grandes meios de comunicação, no Brasil, foram se firmando dentro de um projeto político de dominação é preciso destacar que toda a política que regulamenta a exploração do setor comunicativo pela iniciativa privada nasceu na época da ditadura militar em cumplicidade com uma economia marcada pela grande concentração de renda nas mãos de uma pequena parcela da elite brasileira. Foi neste período de ditadura que, um governo, autocrático e sem nenhuma legitimidade democrática, concedeu um bem público (todo o espaço aéreo pelo qual circulam as ondas eletromagnéticas e mecânicas relacionada à transmissão de conteúdos audiovisuais e sonoros) à um grupo de famílias que, até hoje, dominam e ampliam seus domínios neste campo.

Esta política comunicativa permitiu um desenvolvimento deste setor, possibilitando a circulação de conteúdos audiovisuais e sonoros para todo o território nacional, todavia, foi ceifada a pluralidade destes conteúdos, uma vez que o projeto político em curso (quando da implantação da política do setor comunicativo no Brasil) estava assentado em uma perspectiva centralizadora e antidemocrática. Contudo, se o fim da ditadura militar significou uma democratização na esfera política com a constituição de uma democracia representativa, não podemos dizer que a democratização tenha atingido o campo econômico, já que a concentração de renda se intensificou, gerando cada vez mais vítimas.

O resultado desta ligação entre o campo político, essencialmente corrompido pela centralidade dogmática da ditadura militar, o campo econômico marcado pela concentração de renda e pelo aumento da miséria e o campo comunicativo institucionalizado dentro de um espaço antidialógico e antiparticipativo, foi a criação de uma certa “mídia-cracia” que consegue operar com muita eficiência na constituição de verdades públicas absolutas, eufemisticamente denominadas de “opinião pública”. Conforme Dussel (2007, p. 72) nos sugere

A “opinião pública” penetra a totalidade do corpo político, sendo o momento “hermenêutico” (interpretativo) de todos os outros aspectos da vida do campo político; daí sua centralidade ontológica: é como uma pré-compreensão antediscursiva do político (que não se pode deixar sem regulamentar juridicamente em mãos das transnacionais privadas do “negócio” das notícias e da “diversão”).

Desta maneira o campo comunicativo alcança, na prática, o poder institucionalizado de se consolidar como mecanismo hermenêutico de todas as atividades públicas e privadas e, por sua vez, esta hermenêutica parte de um pequeno grupo de indivíduos que concentra e centraliza todo o setor comunicativo. Temos, portanto, a institucionalização de uma comunicação que é contrária aos princípios da participação, da pluralidade de perspectivas e que está atrelada à um projeto de dominação, de manutenção de privilégios e de exclusão.

A partir daí, a “opinião pública” vai ser decisiva para manter a política corrompida, uma vez que o sentido ontológico da política, colocada em prática, significaria a destruição das próprias instituições comunicativas. Por este motivo é que a política é tratada, pelos meios de comunicação, como espetáculo, como adverte Dussel (2007, p. 72)

A política como “espetáculo”, e não como “participação” e como “cultura” em que se deve educar o povo, é a *corrupção* política da informação a que nos conduz a *mídia-cracia* (o poder político fetichizado do dinheiro penetra todos os interstícios dos sistemas políticos, invertendo-os: pondo-os a serviço do poder *como dominação*).

Alinhar o campo da comunicação com o significado ontológico da política, no qual, “a política é acima de tudo uma ação em vista do crescimento da vida humana da comunidade, do povo, da humanidade!” (DUSSEL, 2007, p. 78) consiste em transformar as instituições comunicativas em espaços *cada vez mais* participativos e plurais. É importante frisar o “*cada vez mais*” para apontar que não há e não haverá uma instituição que determine a participação e a pluralidade de todos os grupos e setores da sociedade de forma perene e imutável. Sempre haverá a destruição entrópica do princípio (*potentia*) por meio da funcionalidade das instituições (*potestas*). Por isso concordamos com Dussel (2007, p. 87) quando nos alerta que

toda ordem política, mesmo a melhor, empiricamente falando, não é perfeita. Já indicamos anteriormente que, para a *condição humana finita*, tal tipo de acabamento é *impossível*. Isso permite deduzir que, não sendo perfeita são inevitáveis, e mais quando se leva em conta a incerteza de toda decisão humana, efeitos negativos. Os que sofrem os efeitos negativos são as vítimas.

Reconhecer a impossibilidade de uma atividade política de não gerar vítimas não

significa assumir, resignadamente, que a vítima é um produto natural de toda a atividade política. Muito pelo contrário, reconhecer que toda a atividade política gera vítimas significa, antes, atentar que estas vítimas são histórica e culturalmente determinadas por uma política corrompida que está a favor da dominação e da manutenção de privilégios para um grupo de indivíduos que se perpetua no poder.

De acordo com Dussel (2007, p. 104)

Essas vítimas são vítimas porque: não podem viver plenamente (momento material); porque foram excluídas da participação das decisões que sofrem (momento formal de não legitimidade), e porque manifestam em seu próprio sofrimento ou reivindicação insatisfeita que o sistema não é eficaz (ao menos com respeito a esses grupos vitimados).

Quando um grupo de vítimas reconhece que suas necessidades vitais ou que sua participação não está sendo levada em consideração pelos poderes institucionalizados é que se começa um processo reivindicativo. Conforme Dussel (2007, p. 90)

É a partir da *negatividade* das necessidades – de alguma dimensão da vida ou da participação democrática – que a luta pelo reconhecimento se transforma frequentemente em mobilizações reivindicativas (que não esperam a justiça como dom dos capitalistas, mas sim como conquistas dos próprios movimentos). Haverá tantos movimentos quanto reivindicações diferenciais.

Em contraposição a negatividade da vida das vítimas, Dussel (2007, p. 106) sugere o momento afirmativo que retoma o princípio ontológico da política e que “deveria ser enunciado como algo assim: devemos produzir e reproduzir a vida dos oprimidos e excluídos, as vítimas, descobrindo as causas de tal negatividade, e transformando adequadamente as instituições, o que de fato aumentará a vida de toda a comunidade!”

Mais uma vez Dussel (2007) nos alerta que as instituições precisam ser transformadas para que se adequem à afirmação da vida das vítimas e, como já apontamos, estas transformações precisam ser encaradas como algo dinâmico e cada vez mais crítico.

Concordamos com Dussel (2007, p. 132) quando ressalta que “as instituições são necessárias para a reprodução material da vida, para a possibilidade de ações legítimas democráticas, para alcançar eficácia instrumental, técnica, administrativa. Ser *necessárias* não significa serem eternas, perenes, não transformáveis”. Pelo contrário, ser necessárias significa acompanhar incessantemente às necessidades que são geradas durante o processo de condução da vida de uma comunidade humana planetária.

Neste sentido, é de vital importância compreendermos que as grandes empresas de

comunicação não estão alinhadas à um princípio ontológico da política como sendo o de construir incessantemente um mundo cada vez melhor para todos vivermos. Sistemáticamente, estes meios de comunicação, operando na construção e consolidação de uma única “opinião pública”, se fortalecem como um poder político capaz de interferir em todos os outros campos práticos da vida. Dussel (2007, p. 155) aponta que

Os meios de comunicação (grandes empresas transnacionais ligadas aos capitais estrangeiros nos países periféricos e pós-coloniais, com seus interesses frequentemente contrários aos povos oprimidos) *formam esses julgamentos de valor*. Tem um imenso *poder* por detrás de todos os Poderes do Estado. *É um Super-poder*.

Para destruir este monopólio comunicativo e minimizar ou distribuir este “super-poder” é urgente a criação de instituições que operem a favor da democratização dos processos comunicativos e que alinhem o campo comunicativo com o sentido ontológico da política.

Desta maneira, gostaríamos de destacar as palavras de Dussel (2007, p. 155) em relação ao processo de democratização da comunicação, palavras com as quais concordamos e tentamos, pouco a pouco e na medida das condições encontradas, colocar em prática nos espaços em que vamos conduzindo nossas vidas.

Portanto, trata-se de democratizar os meios de comunicação. Cada universidade, associação, município, sindicatos, etnia, bairro, etc., poderia ter sua televisão, sua rádio ou sua imprensa escrita. A ruptura do monopólio em mãos de poucos permitiria devolver à “opinião pública” seu lugar central no sistema de legitimação, porque as decisões, eleições, projetos, etc., determinam-se em última instância no segredo da subjetividade, quando se “formou um julgamento *próprio*” sobre o que deve ser decidido e feito.

A Comunicação Popular, dentro desta perspectiva, se configura como um processo importante em diversos movimentos sociais e organizações populares que lançam mão de meios de comunicação que travam verdadeiros embates contra os meios de comunicação de massas concentrados nas mãos de grandes grupos empresariais. Por um lado a Comunicação Popular é praticada como meio de comunicação dentro do próprio movimento e em rede com outros movimentos populares. Por outro lado, a Comunicação Popular é aquela experienciada pelos próprios sujeitos, ou seja, não é aquela que é veiculada pelas grandes corporações midiáticas que falam *sobre* estes sujeitos. A luta pela democratização da comunicação não está isolada no âmbito da comunicação; ela faz parte de um projeto de mundo que busca a democratização de todas as relações sociais. Por este

motivo, é que a democratização da comunicação vem se configurando como bandeira de luta de vários movimentos populares.

O MST, por exemplo, caracterizado como um movimento social de luta pela terra, também traz como bandeira política a luta pela democratização da comunicação, pois tanto a democratização da terra, quanto a democratização da comunicação são processos que caminham para a democratização das relações sociais como um todo.

O povo tem o direito de organizar seus próprios meios de comunicação social, de forma associativa. E o Estado deve garantir os recursos para que exerça esse direito. É preciso democratizar os meios de comunicação, começando por acabar com o monopólio privado dos meios. Atualmente no Brasil menos de dez grupos – constituídos por famílias ou agremiações religiosas – controlam as maiores redes de comunicação, incluindo televisão, rádio, jornais, revistas e portais na internet. O Estado deve estimular, com políticas e recursos para que se amplie o maior número possível de meios de comunicação, sob controle social, nas mais diferentes formas de organização popular. Devemos lutar pela garantia de funcionamento de milhares de rádios comunitárias existentes no país e não compactuar com a burocracia criada pelo próprio Estado para a manutenção do poder da comunicação nas mãos de poucos. Acreditamos que as concessões de radiodifusão (radio e TV) que têm caráter público devam ser discutidas no âmbito da sociedade, para que essa possa debater sobre outorgas e renovações. Deve ser proibido o uso de concessões públicas de meios de comunicação como forma de obtenção do lucro. A comunicação não é mercadoria. Ela é um serviço público em benefício do povo, como determina a Constituição brasileira e não pode estar subordinada à lógica financeira. Deve ser proibido qualquer investimento ou ingerência estrangeira em qualquer meio de comunicação social⁷¹.

Esta posição assumida pelo MST em relação à comunicação é apresentada pelo pesquisador brasileiro da área de Comunicação, Miani (2006, p. 7) que aponta que “os meios de comunicação de massa se afirmam permanentemente como instrumentos efetivos no estabelecimento e/ou reforço dos valores políticos e ideológicos da ordem capitalista”. Valores estes que vem sendo combatidos, em toda a América Latina, pela sociedade civil organizada e pelos movimentos populares como o Coletivo Intervozes, por exemplo, que, desde 2003, atua sistematicamente na luta pela democratização da comunicação no Brasil “para que todas as pessoas, todos os sotaques, todas as raças, todas as religiões, todas as ideias, possam ser respeitadas, vistas e ouvidas”.⁷²

Estes arranjos técnicos e jurídicos, ligados ao setor da comunicação social, estão concentrados nas mãos das forças dominantes das grandes corporações midiáticas nacionais e transnacionais com a anuência de uma legislação construída, sobretudo, nas épocas das

⁷¹ <http://www.mst.org.br/quem-somos/>

⁷² Coletivo Intervozes (<http://intervozes.org.br/>)

ditaduras militares e aperfeiçoada pelos governos neoliberais que se seguiram ao final do século passado. Tal legislação é ainda sustentada por setores conservadores que atuam nos poderes legislativos⁷³ e ampara grupos familiares que concentram os meios de comunicação, desqualificando e invisibilizando outra comunicação que está presente no cotidiano das vítimas deste sistema excludente: é desde aqui que podemos falar em práticas comunicativas realizadas por ou junto com grupos populares. Eis aqui a nossa situação problemática mais ampla.

Há, portanto, outra comunicação que enfrenta o sistema comunicativo dominante e que é incorporada nas lutas políticas dos grupos populares. Esta Comunicação Popular atua como resistência a uma comunicação estruturada de forma hierárquica, dominante e direcionada para o desenvolvimento econômico. Para além de uma comunicação que se impõe como único modelo viável, é possível pensarmos em uma proposta de comunicação, tal qual sugere León (2013, p. 27), como “proceso social dialógico y participativo” que supere “el predominante paradigma de la información (circunscrito a potenciar y multiplicar flujos desde el emisor al receptor)”.

Outra comunicação é a que também vem sendo praticada pelos povos originários da América Latina que entendem que a Comunicação tem um papel decisivo para a construção de significados que afirmem suas culturas e os seus modos de existirem e a destruição de discursos plasmados com posições racistas que são veiculados pelas grandes corporações midiáticas. Por isso

que la comunicación desde los pueblos indígenas debe descolonizar el pensamiento y las prácticas sociales, difundiendo las luchas históricas, intercambiando contenidos y conformando redes de trabajo, al igual que denunciar las corrupciones e injusticias que afectan nuestro sistema de vida, replanteando también la importancia de una comunicación para la paz y el diálogo, no para la guerra, en cualquiera de sus expresiones⁷⁴.

⁷³ Medidas estatais que visam uma regulamentação dos meios de comunicação, tornando-os mais democráticos e participativos vem acontecendo na América Latina sob pressão popular. León (2013) traz excertos de leis e trechos de Constituições recém modificadas para garantir, legalmente, a democratização dos meios de comunicação em países como Venezuela, Argentina, Uruguai, Equador, Bolívia. Este fato, mesmo não significando a democratização de imediato, são avanços conquistados pelos movimentos sociais e pela sociedade civil organizada, baixo a contraofensiva dos que, historicamente, monopolizaram os meios de comunicação. Aqueles que lutam pela democratização dos meios de comunicação defendem a regulamentação do Estado no setor; aqueles que concentram os meios de comunicação utilizam os mesmos para denunciar o risco que a regulamentação representa para a liberdade de expressão. O Brasil entra, tardiamente, neste processo. O segundo mandato da presidenta Dilma Roussef previa reformas que visavam uma regulamentação dos meios de comunicação, porém esta proposta foi abandonada.

⁷⁴ Trecho da Declaración de la II Cumbre Continental de Comunicación Indígena del Abya Yala disponível em <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=175540>

Compreender a Comunicação como um processo social dialógico e participativo significa se posicionar contrariamente ao discurso tecnicista que confunde a Comunicação com os meios tecnológicos que estão concentrados nas mãos de poucos. Esta mudança de mirada em relação à Comunicação também nos aponta que a democratização da sociedade passa pela democratização dos meios de comunicação.

La democratización de la comunicación es, ante todo, una cuestión de ciudadanía y justicia social, enmarcada en el derecho humano a la información y a la comunicación. Por lo mismo, es consustancial a la vida democrática de la sociedad, cuya vitalidad depende de una ciudadanía debidamente informada y deliberante para participar y corresponsabilizarse en la toma de decisiones de los asuntos públicos (LEÓN, 2013, p. 9).

É importante destacar que esta compreensão de que a democratização da sociedade passa pela democratização dos meios de comunicação já vem sendo vivida na experiência do Estado Plurinacional da Bolívia por meio do Sistema Plurinacional de Comunicación sob responsabilidade de representantes dos povos originários que vivem no espaço que denominamos de Bolívia. Este Sistema tem como objetivos

Contribuir, desde la comunicación, al proceso de transformación de la sociedad boliviana desde la perspectiva e intereses de los pueblos y naciones indígenas originarios campesinos, comunidades interculturales y afrobolivianas.
Aportar a democratizar la información, el conocimiento y el saber, sobre la base del consenso, la participación y la consulta; gestionando un amplio acceso de los pueblos y naciones indígenas originarios campesinos, comunidades interculturales y afrobolivianas a los medios de comunicación masiva, de una forma crítica, reflexiva, libre y educativa⁷⁵.

2.2 A COMUNICAÇÃO POPULAR NO DEBATE CIENTÍFICO

As ciências não são separadas das dinâmicas da vida, ou seja, as ciências condicionam e estão condicionadas aos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Nenhum conhecimento científico pode arrogar a si mesmo a universalidade, a neutralidade e a detenção do saber absoluto, conforme nos alerta o sociólogo português Santos (2010, p.58) “uma vez que nenhuma forma singular de conhecimento pode responder por todas as

⁷⁵ <http://www.apcbolivia.org/inf/mision-vision-objetivos.aspx>

intervenções possíveis no mundo, todas elas são, de diferentes maneiras, incompletas”. Esta atitude de transferir para as ciências ares de absolutismo já nos mostrou, no decorrer da história da humanidade, que somente contribui para o fortalecimento de discursos que pregam políticas sectárias, economias exploratórias, sociedades fascistas, culturas elitistas, cujas consequências são a opressão, a humilhação, a repressão e o extermínio de pessoas, de sociedades e de culturas que não fazem parte do projeto de mundo hegemônico em curso.

Neste sentido, é de extrema importância lembrarmos que a contínua exploração dos territórios que conhecemos como África e América Latina, por parte de nações europeias e por investidas estadunidenses, estiveram amparadas por aparatos científicos que subsidiavam instituições de poder que justificavam um determinado ponto de vista etnocêntrico e absoluto.

Galeano (2007) aponta que “o filósofo Augusto Comte, um dos fundadores da sociologia moderna, acreditava na superioridade da raça branca e na perpétua infância da mulher” (p. 54). Também destaca que

Cesare Lombroso tornou o racismo uma questão policial. Este professor italiano, que era judeu, quis demonstrar a periculosidade dos selvagens primitivos através de um método muito semelhante ao que Hitler utilizou, meio século depois, para justificar o antissemitismo. Segundo Lombroso, os delinquentes nasciam delinquentes, e os sinais de animalidade que os denunciavam eram os mesmo sinais peculiares aos negros africanos e aos índios americanos descendentes da raça mongoloide (GALEANO, 2007, p. 54).

Assim, pretendemos chamar a atenção que é preciso sempre um olhar crítico para o quefazer científico, buscando analisar não somente os conhecimentos desvelados, mas, também, em qual contexto político, cultural, social, econômico e ideológico este quefazer científico está se processando.

O sociólogo portorriquenho Grosfoguel (2010, p. 459) nos chama a atenção que “na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise”, gerando um “mito sobre um conhecimento universal verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia”.

Esta pesquisa se coloca, na esteira deste alerta, para contribuir com o debate sobre a

possibilidade de se atrelar o conhecimento científico com compromisso social desde outro ponto de vista, ou seja, desde a perspectiva dos que vivem na exterioridade de um dado projeto de mundo, assumindo e revelando o “lugar epistêmico” de partida desta pesquisa.

Dentro desta outra perspectiva, de imediato, assumimos que as ciências configuram uma forma de processar e produzir conhecimentos e não a única. Há outros arranjos fora dos muros das universidades e das corporações científicas que, por séculos e por milênios, vem processando e produzindo outros conhecimentos enraizados em outras cosmovisões. Ou seja, é preciso romper a “linha que separa, de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia” (SANTOS, 2010, p. 34).

Nesta perspectiva, não se trata de hierarquizar conhecimentos, já que a hierarquização pode ser interpretada e executada como opressão, humilhação, repressão, extermínio. O que propomos é a complementaridade e o compartilhamento entre os diversos conhecimentos aplicados nos mais diversos contextos, ou seja, não há a sobreposição de um conhecimento dito universal que subjuga um conhecimento popular, mas uma complementação, um compartilhamento de um conhecimento com o outro naquele dado contexto. Assim, os conhecimentos processados e produzidos nas universidades poderiam complementar e serem complementados pelos conhecimentos advindos das medicinas populares, dos cultos, dos ritos, das danças, das histórias orais, das pinturas nos corpos, das conversas com os outros seres da natureza, etc.

Não é incomum, inclusive é até preponderante, encontrarmos os percursos teóricos da construção do conceito de Comunicação nas referências científicas produzidas e conformadas dentro de uma perspectiva ocidental europeia ou estadunidense. Isto significa que outras perspectivas não são trazidas para o debate teórico acerca da construção do conceito de Comunicação.

Mattelart e Mattelart (2011), casal de pesquisadores em Comunicação belga e francesa, respectivamente, por exemplo, apresentam uma proposta de uma “História das Teorias da Comunicação” e partem de uma perspectiva ocidental, ocultando quaisquer contribuições epistemológicas advindas de África, Ásia e América Latina. Aliás, para que não se cometa uma injustiça, a única menção que foge da estrutura do pensamento

ocidental proposto na “História das Teorias da Comunicação” é uma referência breve a América Latina que “põe na ordem do dia a política de democratização da comunicação” (p. 119), concluindo que “se a América Latina aparece na vanguarda nesse gênero de estudo é porque (...) nessa região do mundo o desenvolvimento da mídia é, então, bem mais importante do que em outras regiões do Terceiro Mundo” (p. 119). E, para encerrar a contribuição teórica dos estudos em Comunicação realizados na América Latina, apontam a teoria da dependência e os estudos de Paulo Freire como referências para destacar que a “América Latina distinguiu-se bastante cedo, e de maneira constante, por sua reflexão sobre o vínculo entre comunicação e organização popular”. Evidentemente que os autores ignoram, em suas análises, quaisquer contribuições dos povos originários do chão que conhecemos como América Latina. A perspectiva trabalhada pelos autores é conduzida por determinantes econômicos, políticos e filosóficos dentro de um quadro epistemológico unicamente ocidental euro-estadunidense. Talvez a proposta dos autores pudesse ser reescrita assumindo-se o “lugar epistêmico” de partida de suas perspectivas e, assim, teríamos uma História das Teorias Ocidentais da Comunicação!

CAPÍTULO 3

PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Neste capítulo temos a intenção de apresentar nossas compreensões sobre a Educação e de como ela se processa nas práticas sociais, destacando estudos que apontam possibilidades de articular a pesquisa na área da Educação com compromisso social.

3.1 EDUCAÇÃO E RELAÇÕES SOCIAIS

Partimos da compreensão de que em todas as práticas sociais é possível encontrarmos processos educativos, ou seja, nas práticas comunicativas realizadas por grupos populares encontramos processos educativos que estão enraizados naquele contexto em que as pessoas atuam, lutam, vivem.

Estudos realizados por pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, desde 1997, nos apontam que é possível encontrarmos processos educativos nas mais diversas práticas sociais, ou seja, que a educação se processa em outros ambientes para além do sistema educativo escolar (OLIVEIRA, et al, 2009)⁷⁶.

Com o objetivo de compreender os processos educativos em práticas sociais diversas e de dialogar tais processos educativos com o sistema educativo escolar, foi se constatando que as categorias teóricas disponíveis na área da Educação não davam conta da complexidade e positividade dos processos educativos advindos de práticas sociais que não, necessariamente, estavam dentro do ambiente escolar. Dessa maneira, quando se referia à estas categorias era comum a utilização de termos como “educação não-escolar”, “educação não formal”, “educação informal”, evidenciando o caráter de negação de uma categoria consolidada dentro de uma visão institucional de compreender a Educação, como se não

⁷⁶ Trata-se de um texto científico redigido: pelas pesquisadoras brasileiras, Maria Waldenez de Oliveira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Ilza Zenker Leme Joly; pela pesquisadora chilena, Aida Victoria Garcia-Montrone e pelo pesquisador Luiz Gonçalves Junior

fosse possível processos educativos fora do ambiente escolar.

Por práticas sociais compreendemos as relações entre os indivíduos e destes com o mundo orientadas em diversos sentidos e que propiciam processos educativos diversificados. Assim, as práticas sociais possuem características humanizantes ou desumanizantes e os processos educativos advindos destas práticas constituem diversas dimensões do formar (formar, deformar, transformar, conformar, reformar, informar...).

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e o ambiente natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA; SILVA; GONÇALVES JUNIOR; GARCIA MONTRONE; JOLY, 2014)

Oliveira; Silva; Gonçalves Junior; Garcia Montrone; Joly (2014) apresentam uma série de pesquisas em práticas sociais e processos educativos trabalhadas na perspectiva da exterioridade e apontam os caminhos metodológicos deste pesquisar: a) contextualizar pesquisas em uma perspectiva histórica ampla de América Latina, o que permite dialogar com o processo histórico de luta e resistência do povo latino-americano; b) compartilhar experiências e visões de mundo a fim de que o processo de construção do conhecimento se dê em uma comunidade de trabalho, que reconheça a incompletude do conhecimento e a tarefa contínua e infindável de construí-lo orientado a favor dos oprimidos e das vítimas geradas pelo projeto de mundo hegemônico em curso; c) inserir as pesquisas em um processo de convivência que permita a construção da confiança, da amizade e a busca incessante de fazer do ato de pesquisar uma atitude coletiva, crítica e criativa, que alie cientificidade com criticidade.

Os estudos realizados por pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos nos apontam que o conceito de práticas sociais vem se construindo constantemente em diálogos promovidos entre os saberes científicos e populares. Esta perspectiva é importante, pois denota o compromisso do Grupo em aliar cientificidade com compromisso social, buscando a construção, em comunhão, de um projeto de mundo cada vez mais justo e equânime.

Na busca da construção do conceito de práticas sociais podemos destacar o seu caráter complexo constituído de alguns elementos fundamentais que as pesquisas realizadas no/com o Grupo nos trazem para ampliar e aprofundar sua compreensão.

O trabalho que é considerado, pelo Grupo de Pesquisa, como marco histórico para a compreensão do conceito de práticas sociais e processos educativos, bem como da própria constituição do Grupo de Pesquisa é a tese de Silva (1987), pesquisadora negra brasileira da área de Educação, que nos aponta a compreensão dos processos educativos que estão presentes na constituição da identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro, comunidade rural situada na cidade de Palmares do Sul, no Rio Grande do Sul, que foi reconhecida como uma Associação Quilombola, cuja tese teve relevante contribuição para este reconhecimento.

Silva (1987, p. 11) nos aponta que “a educação é um processo inesgotável, inacabado que opera na experiência, nas relações com os outros, no dia a dia, e se concretiza numa maneira de se engajar no mundo, de tomar posição frente à situação humana”. Assim, partindo desta compreensão, podemos vislumbrar que os processos educativos estão presentes nas relações entre pessoas e destas com o mundo e evidenciam, ao mesmo tempo, uma postura ética e um projeto de mundo.

Associar o conceito de práticas sociais com a ideia de relações entre pessoas implica em entender que estas relações trazem consigo um encontro, complementar ou antagônico, de visões de mundo, conforme aponta Cherfem (2009, p. 9):

Num espaço/tempo, seja por escolha política, pela necessidade de participar de alguma atividade, ou por qualquer outra natureza, as práticas sociais são constituídas pelas pessoas que delas fazem parte. Pessoas de diferentes gêneros, crenças e culturas, de diferentes classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais, o que implica diferentes percepções e conhecimentos, bem como maior possibilidade de aprendizado.

Uma perspectiva que ilustra o choque de visões de mundo, presentes nas práticas sociais, pode ser encontrada em Silva (2009), pesquisador negro brasileiro em Educação, que, buscando compreender o processo educativo presente no educar-se de docentes brasileiras e estadunidenses que orientam suas práticas pedagógicas no ensino de Ciências pelo debate acerca das relações étnico-raciais, constatou que

as hierarquias raciais decorrentes de tal ideologia [racismo] concretizam-se em práticas sociais que privilegiam uns, considerados superiores, e marginalizam outros, considerados inferiores. O racismo manifesta-se, portanto, nas relações entre pessoas e entre grupos, orientadas por tais hierarquias injustificáveis que apontam brancos como ocupantes das posições mais altas e, não-brancos distribuindo-se ao longo das posições inferiores (SILVA, 2009, p. 31)

Se, por um lado, o racismo se concretiza em práticas sociais desumanas e evidencia

a projeção de uma visão de mundo e a subjugação de outras visões de mundo que não são consideradas e, muitas vezes, cruelmente, são eliminadas; por outro lado é possível entrever que a construção de uma identidade no seio de uma comunidade só se consolida com o compartilhamento e a complementaridade de visões de mundo.

Construindo o mundo, as pessoas nos grupos e com eles, bem como com outros com que se relacionam, constroem sua identidade. Identidade não como qualidade de ser perfeitamente igual, nem tampouco completamente diferente. Identidade, como consciência que uma pessoa tem de si própria, ao ter da sua comunidade, da sua classe, do seu grupo social; consciência que se elabora na experiência do dia a dia com aqueles com quem se convive. A identidade, pois, se explicita nas relações que se dão na família, na comunidade, na escola, no mundo do trabalho (SILVA, 1987, p. 73).

3.2 EDUCAÇÃO POPULAR E COMUNICAÇÃO POPULAR

Em trabalho anterior (RIBEIRO JUNIOR, 2011) foi apresentado, de forma detalhada, possíveis relações que podemos encontrar entre a Comunicação e a Educação, levando em consideração as intenções e os projetos das pessoas envolvidas nestes processos.

A tabela abaixo mostra duas perspectivas antagônicas que se influenciam e são influenciadas pelas mais diversas práticas sociais presentes na sociedade, evidenciando projetos de mundos que se chocam.

De um lado temos um bloco que está associado ao poder dominante na sociedade e que lançam mão de estruturas e instituições que visam perpetuar uma sociedade de privilegiados e que se constitui em uma totalidade. De outro, temos um bloco de forças sociais que se mobilizam para lutar contra a exploração e conquistar e ampliar direitos rumo à um processo de construção de uma sociedade cada vez mais justa e democrática e que se encontram na exterioridade ou transitam como “coisificados” na totalidade (DUSSEL, 1995; 1996).

As duas concepções antagônicas de Comunicação, apresentadas na tabela abaixo, foram chamadas, respectivamente de hegemônica⁷⁷ e de popular e se relacionam com as

⁷⁷ “As informações veiculadas pelas grandes empresas de comunicação obedecem a uma estrutura organizacional que está atrelada à grandes interesses políticos e econômicos. Por este motivo, estas empresas monopolizam todo o sistema comunicativo, exercendo o que chamaremos de Comunicação Hegemônica” (RIBEIRO JUNIOR, 2011, p.1).

perspectivas trabalhadas por Freire (2005) na Educação, quando sugere uma Educação Bancária e uma Educação Popular e com as propostas filosóficas de Dussel quando nos aponta uma leitura do mundo em que se configura uma Totalidade e uma Exterioridade.

Tabela 1 – Quadro comparativo entre a Comunicação Hegemônica e Comunicação Popular⁷⁸

	Comunicação Hegemônica Educação Bancária Totalidade	Comunicação Popular Educação Popular Exterioridade
Sistema comunicativo	Comunicação diretiva e verticalizada pautada no Binômio emissor – receptor, em que apenas o emissor é o sujeito deste processo. Grandes empresas transnacionais de comunicação. Formação de opinião pública baseada em valores centrados em uma perspectiva ocidental.	Comunicação horizontalizada pautada no diálogo entre sujeitos e na troca de visões de mundo. Pequenos grupos e experiências individualizadas que dialogam em redes. Compartilhamento de experiências baseado em respeito e responsabilidade com a pluralidade de perspectivas.
Sistema educativo	Educação opressora	Educação libertadora
Conteúdos	“Universais” que ignoram os aspectos locais.	“Locais” que dialogam com os aspectos tidos como “universais”.
Valores	Individualismo direcionado para a competitividade. Orientação pelo capital, pelo financeiro.	Solidariedade aplicada para o fortalecimento de comunidade.

⁷⁸ Esta tabela complementa a Figura 1(p. 34), onde é possível visualizar dois projetos de mundos distintos e, em certa medida, antagônicos. Evidenciamos estes dois projetos de mundo no campo da Comunicação e da Educação, por serem estes o foco desta pesquisa, contudo vale destacar que estes dois projetos de mundo orientam outros campos como o da cultura, o da economia, o da política, definindo e delimitando forças que atuam pela manutenção de um mundo pautado por privilégios e forças que se constituem como resistência e que lutam por um mundo mais justo e equânime.

Atuação	Atuam em todos os lugares, pois possuem o aval institucional e jurídico. Amplificam suas atuações por meio de grandes corporações empresariais.	Atuam territorialmente e estão inseridas no cotidiano de uma comunidade. Ampliam suas atuações por meio de redes colaborativas.
---------	---	---

Poderíamos acrescentar a este quadro o debate acerca da ciência: de um lado a ciência funcional, atrelada a Totalidade e, do outro, a ciência crítica, solidária à Exterioridade.

É evidente que o quadro possui limitações que impedem uma leitura mais dinâmica sobre o que acontece nas práticas sociais. Trata-se de uma representação da realidade orientada para contrapor dois projetos de mundo que estão em marcha: um, o da Totalidade que orbita o capital, gerando vítimas e fincado em uma perspectiva única de um mundo constituído; outro, o da Exterioridade, que busca orbitar o humano, na tentativa de construir um mundo que caibam todos os mundos, como dizem os zapatistas e já apontado anteriormente.

Na perspectiva, que aqui chamamos de Popular, os processos de Comunicação e de Educação poderiam se aproximar por meio do diálogo, da convivência, da busca da construção constante de uma sociedade cada vez mais justa, democrática e participante.

Podemos destacar, portanto, que Comunicação e Educação se configuram como áreas de conhecimento e também práticas sociais que tensionam constructos epistemológicos relacionados com questões culturais, sociais, econômicas e políticas, viabilizando projetos de sociedades plasmados em determinados pontos de vista. Dizendo de outra maneira, a Comunicação e a Educação se concretizam em práticas sociais que constroem conhecimentos que, dentro de uma estrutura social, política, econômica e cultural, operam na sua manutenção e consolidação ou no seu questionamento e na sua transformação.

Articular a Comunicação e a Educação, desde uma perspectiva popular, portanto, significa colocar em evidência as práticas comunicativas e os processos educativos que se dão no interior dos grupos populares ou junto com eles e que fortalecem as lutas políticas destes grupos.

CAPÍTULO 4

DIMENSÕES METODOLÓGICAS

Nesta parte que dedicamos a falar sobre o enfoque metodológico que orienta a realização do processo de pesquisa, nos parece importante destacar o que estamos compreendendo sobre o que aqui denominamos metodologia.

4.1 METODOLOGIA E ASPECTOS ÉTICOS

A metodologia, nesta pesquisa, é entendida como uma indicação de um caminho a seguir no processo de pesquisar. Caminho este que se insere dentro de uma concepção de ciência crítica e que aponta métodos e técnicas que sejam coerentes com o ato de pesquisar e de construir conhecimento com compromisso social, junto com os sujeitos da pesquisa. Neste sentido, concordamos com Sánchez Gamboa (2007) quando diz que

O método é encarado frequentemente como uma questão puramente técnica que tem a ver com formas de coletar dados, construir questionários, selecionar amostras, organizar informações; no entanto, os métodos dentro de um contexto menos técnico e mais epistemológico se referem aos diversos modos como se constrói a realidade, às diferentes maneiras como nos aproximamos do objeto do conhecimento. Isso quer dizer que a questão do método exige análises mais complexas e não se reduz apenas à parte instrumental da pesquisa (...) Em todo enfoque metodológico existe implícita uma concepção de ciência (SÁNCHEZ GAMBOA, 2007, p. 63 – 75)

A metodologia traz consigo, então, algo que antecede e determina os procedimentos técnicos, um contexto epistemológico, ou seja, o de construir conhecimento válido dentro de uma dada concepção de ciência.

Neste sentido, esta pesquisa se aproxima da crítica que Santos (2010) faz ao pensamento moderno ocidental denominado de pensamento abissal que consiste em um sistema de distinções “estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos” (SANTOS, 2010, p. 32). Estes dois universos distintos são classificados por Santos (2010) como o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A primeira classificação faz referência ao pensamento moderno ocidental abissal

que nega e desqualifica outras formas de conhecimentos processados em outras perspectivas e que, ao mesmo tempo, valida o seu conhecimento como universal, justificando a coisificação e a objetivação do outro. “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (SANTOS, 2010, p. 39).

Esta constituição do pensamento moderno ocidental e de sua forma abissal vai se consolidar na conquista ibérica do continente que conhecemos como sendo o americano. Neste ponto, concordamos com o sociólogo venezuelano Lander (2005, p. 25 – 36) quando aponta que

... com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo mas – simultaneamente – a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória e do imaginário (...). As outras formas de ser, as outras formas de organização da sociedade, as outras formas de conhecimento, são transformadas não só em diferentes, mas em carentes, arcaicas, primitivas, tradicionais, pré-modernas” (LANDER, 2005, p. 34).

A fim de situar esta pesquisa no debate epistemológico, compreendendo a pluralidade de perspectivas presentes no processo de construção do conhecimento, pretende-se um diálogo mais aprofundado com os conceitos de “ecologia de saberes” (Santos, 2010), de “transmodernidade” (Dussel, 2005) e com o “pensamento descolonial” (Mignolo, 2008b).

Santos (2010) sugere o pensamento pós-abissal, aquele que

confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes (...) que se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (SANTOS, 2010, p. 53).

Neste sentido, concordamos que “como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de forma de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS, 2010, p. 54).

Podemos traçar, desde aqui, uma relação com o conceito de trasmodernidade trabalhado por Dussel (2005, p. 66), que defende que “o projeto transmoderno é uma co-realização do impossível para a Modernidade; ou seja, é co-realização de solidariedade (...)

não por pura negação, mas por *incorporação* partindo da Alteridade”.

A incorporação da alteridade significa um esforço em pensar desde a exterioridade, ou seja, buscar desconstruir conceitos e posturas moldadas por uma colonialidade do saber provocada pela imposição eurocêntrica de modelos e metodologias que garantem exclusividade ao que venha ser conhecimento científico.

À esta crítica, somam-se posições e posturas científicas de buscar descolonizar não apenas os territórios, mas, também, o pensamento. Segundo Mignolo (2008b, p. 292)

As opções descoloniais e o pensamento descolonial têm uma genealogia de pensamento que não é fundamentada no grego e no latim, mas no quechua e no aymara, nos nahuatl e tojolabal, nas línguas dos povos africanos escravizados que foram agrupadas na língua imperial da região (cfr. espanhol, português, francês, inglês, holandês), e que reemergiram no pensamento e no fazer descolonial verdadeiro: Candomblés, Santería, Vudú, Rastafarianismo, Capoeira, etc.

Apontamos, quando abordamos as questões relacionadas ao referencial teórico desta pesquisa, que a concepção de ciência, aqui adotada, está baseada em uma perspectiva trabalhada por Dussel (2001) que abre a possibilidade de uma ciência crítica que alia cientificidade com criticidade e que busca um processo de construção do conhecimento com compromisso social levado a cabo em comunhão com os sujeitos da pesquisa.

Este processo de construção do conhecimento com compromisso social se dá no constante diálogo entre os sujeitos participantes desta pesquisa com a intencionalidade de atrelar “o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir” (BRANDÃO, 1981, p. 12).

Assim, reflexão e ação são compreendidas como partes de um mesmo processo de pesquisar e que busca colaborar com um processo de transformação de situações-limites⁷⁹ identificadas pelos sujeitos da pesquisa. Teoria e prática se constituem como unidade e como processo: “separada da prática, a teoria é puro verbalismo inoperante; desvinculada da teoria, a prática é ativismo cego” (FREIRE, 1981. p. 135).

A promoção de um diálogo entre os conhecimentos científicos e os outros conhecimentos não fica circunscrito aos aspectos epistemológicos, embora sejam fundamentais, sobretudo no que tange as concepções filosóficas que baseiam o conceito de

⁷⁹ Situações-limites são identificadas como momentos, espaços, processos que operam na opressão de homens e mulheres dentro de um sistema injusto e excludente. Este conceito é bastante trabalhado de forma crítica por Paulo Freire, sobretudo na Pedagogia do Oprimido e na Pedagogia da Esperança.

epistemologia. Contudo, se como apontado acima, as ciências conformaram e foram conformadas por questões políticas, sociais, econômicas e culturais também se reveste de importância que o diálogo se processe no âmbito político, social, econômico e cultural. Obviamente que nesta trama, muitas atrocidades cometidas por políticas sectárias, economias exploratórias, sociedades fascistas, culturas elitistas precisarão ser denunciadas e enfrentadas para que seja possível a construção de um mundo cada vez mais justo que parta da exterioridade que sempre foi negada e desqualificada pelo projeto hegemônico de mundo em curso.

Dentro deste debate, as linguagens e seus signos, para além de um suporte técnico de veiculação de conhecimentos, precisam ser observados como elementos constitutivos de uma dada perspectiva de mundo. É preciso destacar que não é possível separar as linguagens e seus signos dos contextos culturais, sociais, econômicos e políticos. Este é mais um aspecto que nos permite afirmar que é falacioso garantir ao conhecimento científico rubricas de neutralidade e objetividade, concebendo-o como absoluto.

Na construção dos conhecimentos científicos a palavra ganha *status* de conceito e o conceito define e determina. O próprio discurso que impõe a ciência como conhecimento absoluto, ao mesmo tempo, desautoriza outros conhecimentos e desqualifica outras possibilidades de ciências, já que os outros conhecimentos e as outras ciências são constructos de sujeitos que vivem na exterioridade de uma dada concepção de mundo, que não compartilham os mesmos códigos linguísticos e que foram alijados, de forma direta ou indireta, dos benefícios advindos de uma certa visão de evolução científica.

Voltemos para os territórios que conhecemos como a África e a América Latina cujos povos originários tiveram suas línguas e suas linguagens atacadas pela ação repressora e opressora do colonizador. Instituições e centros de decisões conformados pelas políticas coloniais se ergueram por meio das palavras do dominador.

A língua portuguesa, a língua espanhola, a língua inglesa, a língua francesa, a língua italiana, a língua alemã ao mesmo tempo em que tentaram se impor ao tupi, ao quéchua, ao aimará, ao banto, ao ioruba também criaram conceitos para definirem os povos originários africanos e latino-americanos. Sobre este aspecto é importante uma reflexão problematizada por Mignolo (2008b, p. 289) em relação à construção da identidade do dominado moldada pela visão do dominador., quando se refere

que a identidade em política é crucial para a opção descolonial, uma vez que, sem a construção de teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis; e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais (nas seis línguas da modernidade europeia – inglês, francês e alemão após o Iluminismo; e italiano, espanhol e português durante o Renascimento), pode não ser possível desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista.

A imposição de uma língua, de forma geral, e a imposição de uma linguagem, de forma específica, são elementos que contribuem para a manutenção de um projeto de mundo moldado pela opressão, pela humilhação, pela repressão e pelo extermínio.

Dentro desta trama, que envolvem tensões políticas e culturais e que entrelaçam questões epistemológicas com arranjos sociais e econômicos, é que são forjadas relações de opressão e reações que buscam a construção de um mundo cada vez mais respeitoso e que, portanto, não se dogmatize em uma única visão de mundo, mas que tente alcançar possibilidades de viabilizar diálogos entre diversas perspectivas de mundos.

É neste contexto de construção do conhecimento científico e da tensão que está em jogo, que a Comunicação e a Educação se configuram como áreas de conhecimentos e campos de conflitos fundamentais levadas a cabo por experiências populares para que seja possível tecer as denúncias de estruturas opressoras e costurar um tecido de perspectivas que anunciem transformações para se alcançar, cada vez mais, um mundo mais respeitoso e solidário. Por este motivo, entendemos junto com Araújo-Olivera (2014, p. 61) que

Situar-se a partir do lugar da vítima é, além de imperativo ético e metodológico, condição de possibilidade para denunciar as causas e as maneiras em que a dominação se exerce sobre elas, segundo suas próprias compreensões a respeito dessa opressão naturalizada, bem como para, ao mesmo tempo, identificar e contribuir na sua práxis de libertação.

4.2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Em páginas anteriores já indicamos que esta pesquisa busca a construção do conhecimento com compromisso social em um processo que se constrói junto com os sujeitos participantes da pesquisa.

Construir junto com os sujeitos este processo de pesquisa implica em algumas

dimensões metodológicas centrais que incluem a aproximação, a inserção, a convivência metodológica, o diálogo e as estratégias de ação (OLIVEIRA; RIBEIRO JUNIOR; SILVA; SOUSA; VASCONCELOS, 2014).

A aproximação é compreendida como algo mais além daquele primeiro encontro. Aproximar significa, aqui, tornar-me próximo do outro (BOFF⁸⁰, 2006), colocando-me a disposição de conviver com os sujeitos da pesquisa, de aprendermos juntos por meio de uma proposta de pesquisa que esteja atrelada com os propósitos de vida dos sujeitos participantes. Assim, ao relacionar a aproximação com os propósitos da vida, é possível inferir que a aproximação, muitas vezes, está antecipada pelos projetos de mundo que são compartilhados entre os sujeitos, mesmo em atuações e vivências em contextos diferentes. Ou seja, há uma aproximação que opera no nível das ideias, das lutas, das militâncias.

A aproximação, para a realização desta pesquisa, foi um processo antecipado pelos anos de compartilhamento de experiências vivenciados entre o pesquisador científico e os sujeitos de pesquisa. Tanto o pesquisador científico, quanto os sujeitos de pesquisa já possuíam momentos de vivências juntos no caminho da comunicação popular. Podemos apontar que esta aproximação foi se reconfigurando no sentido de experienciar juntos a construção desta tese.

A inserção é entendida como um processo que se vai construindo na medida em que os sujeitos vão se conhecendo e conhecendo as reais intencionalidades de cada um e do que estão se propondo a juntos realizarem. “A inserção de pessoas da academia em outras comunidades significa de um lado, juntar-se a ela, tomar parte da sua vida e de outro, ser por ela admitido. Isto não significa se deixar anular, desfigurando seu papel e sua identidade, mas os enriquecendo e diversificando” (OLIVEIRA, 2003, p.19).

A inserção, para a realização desta tese, também foi antecipada pelos vínculos construídos há anos entre o pesquisador científico e os sujeitos da pesquisa. Contudo, podemos destacar que houve uma inserção de todos os participantes da pesquisa no processo de pesquisar.

A convivência se dá no estar juntos, experienciando um projeto em comum. É momento e espaço de partilha de con-viver. “O convívio não apenas como dado, mas enquanto metodologia, pode ser extremamente rico. Nele, as pessoas se colocam

⁸⁰ Brasileiro, teólogo da libertação.

abertamente e o conhecimento é mais autêntico” (OLIVEIRA, 2003, p.114). O convívio fortalece o diálogo na medida em que se processa no estar junto, no olhar nos olhos, no conversar frente-à-frente e se nutre na simpatia, na confiança, na humildade, na sensibilidade, no respeito (OLIVEIRA, 2003, p. 122).

A convivência com os sujeitos desta pesquisa já existia no nível do compartilhamento de projetos e de visões de mundo. A convivência, para a realização desta tese, se deu no engajamento de todos os participantes em levarem a cabo este processo de pesquisar e que ele pudesse fortalecer nossas práticas e nossos ânimos.

O diálogo é o processo que fundamenta e que une, coerentemente, nossa posição teórica, epistemológica com nossas práticas cotidianas, que inclui o exercício da pesquisa. Neste sentido, o diálogo é constituinte da própria vida que se vai vivendo de forma coletiva. Concordamos com Freire (2005, p. 92) quando aponta que “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os seres humanos, não me é possível o diálogo”. Da mesma maneira que “não há diálogo se não há uma intensa fé nos seres humanos. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e de recriar” (FREIRE, 2005, p. 93). Assim, “saber falar, saber ouvir, cuidar de si, cuidar do outro são atitudes que se fundam e se fundamentam no diálogo” (RIBEIRO JUNIOR, 2009, p.107).

O diálogo, nesta tese, foi vivenciado como fundamento e como imperativo ético e metodológico. Ouvir os sujeitos da pesquisa possibilitou problematizar o contexto em que se deu todo o processo de pesquisar.

Podemos indicar, assim, que a aproximação, a inserção, o convívio, o diálogo são dimensões metodológicas que apontam para a realização do ato de pesquisar como uma atitude colaborativa e que se processa em comunhão. Esta é a perspectiva metodológica que orienta a construção desta tese e que tem como intenção contribuir para a construção do conhecimento com compromisso social.

A metodologia proposta pretende, portanto, fortalecer e se fortalecer nas trocas de saberes e no compartilhamento de visões de mundo dos sujeitos participantes da pesquisa. Propomos, ainda, uma constante articulação entre ação e reflexão em um processo que se pretende crítico e criativo, coletivo e colaborativo. Assim, a definição dos sujeitos que participaram da construção desta tese foi realizada levando em consideração a sua vontade de participar, o respeito com suas visões de mundo e a responsabilidade de criarmos algo

junto e direcionado para a coletividade.

Cabe destacar, também, que a pesquisa em curso obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa junto à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos⁸¹.

4.3 COMUNIDADE DE TRABALHO E IMPLICAÇÃO DO PESQUISADOR

Todo o processo desta pesquisa está conduzido pelo diálogo, pela participação, pelos encontros de subjetividades e de historicidades de pessoas que, de diversas maneiras, contribuíram e seguem contribuindo em outros espaços e tempos.

Por este motivo, é que indicamos que, metodologicamente, buscamos construir todo o caminho desta pesquisa em uma proposta de comunidade de trabalho compreendida de acordo com Silva e Araújo-Olivera (2004, p. 2).

Uma comunidade de trabalho vai além de oportunidades de estar juntos como estratégia para garantir privilégios e de enfrentar competição de outros externos a interesses particulares. Nesta comunidade todos têm de assumir liderança, isto é, utilizar seus achados e crescimento pessoais para consolidação dos objetivos do grupo de trabalho.

Uma comunidade de trabalho, tal como a entendemos, se constitui em torno de objetivos comuns que ultrapassam a ordem do pessoal, se situam e enraízam em compromisso com a construção de uma sociedade justa que garanta iguais direitos e tratamento diverso para diferentes condições, circunstâncias, oportunidades sócio-histórico-sociais.

A comunidade de trabalho, neste caso, tem uma amplitude que permite transitar do espaço acadêmico à sociedade e desta àquele, reconhecidos cada um deles como legítimo em suas diferenças, especificidades, funções.

Na comunidade de trabalho é que esta pesquisa foi se tecendo com a participação atenciosa e militante dos sujeitos da pesquisa e dos colegas da academia. Isto não significa que a responsabilidade do pesquisador científico foi minimizada, pelo contrário, essa responsabilidade se dotou de um espírito comunitário: cada palavra que foi colocada nesta tese visou a construção de um trabalho científico para contribuir com a área da Educação e que teve como posição colaborar para a construção de um mundo mais justo e cada vez mais democrático, conforme os anseios dos participantes desta pesquisa, nos quais incluo a mim e o Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.

⁸¹ Este documento se encontra anexo a esta tese.

Dentro desta posição ético-metodológica, o diálogo é condição fundamental. Cabe ao pesquisador científico o respeito e o cuidado para que os sujeitos da pesquisa possam contribuir com o processo e que a pesquisa também possa contribuir com os sujeitos da pesquisa.

Neste sentido, a posição adotada por mim, enquanto pesquisador, foi a do respeito com o outro e da crença em sua palavra para que pudéssemos construir algo juntos, em que cada um e cada uma doou um pouco de sua experiência para um trabalho coletivo de pesquisa e de compromisso com a construção de um conhecimento científico que se alie à luta por um processo contínuo de democratização da comunicação.

Assim, as minhas perspectivas, enquanto pesquisador e militante do campo da Comunicação Popular, também foram colocadas em debate para que elas, junto com as outras, pudessem culminar em perspectivas que deram sentido para todo o processo de pesquisa que foi sendo criado e vivido e que, ao mesmo tempo, pudessem contribuir para a caminhada em outros espaços onde os participantes estão engajados.

Há a intenção de que a pesquisa se fortaleça nas lutas e experiências dos sujeitos da pesquisa e vice-versa. Cuidar para que a pesquisa possa contribuir com esta intenção foi responsabilidade de todos os participantes e o cultivo de um ambiente dialógico foi fundamental para este processo.

Cabe destacar que o envolvimento do pesquisador científico com a MOSCA foi algo trabalhado no sentido de que esta experiência pessoal não se sobressaísse em relação à dos outros participantes e nem que ela me desse elementos conclusivos a priori.

Este trabalho que visou situar-me como um dos militantes da MOSCA e também como pesquisador científico foi orientado para que a militância não se sobrepusesse ao pesquisador, mas que ela, ao contrário, pudesse colaborar para a construção de espaços de diálogos e de convivências.

4.4 PROCESSOS DE COLETA DE DADOS

No momento em que decidíamos os sujeitos da pesquisa com os quais convidaríamos para participar do processo de construção desta tese, realizamos uma roda

de conversa integrando pessoas envolvidas na organização da Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG, da Mostra Luta! de Campinas e da Mostra de Vídeo Popular de São Carlos.

Esta roda de conversa aconteceu no ano de 2014, na UFSCar, como atividade integrante da programação da Mostra de Vídeo Popular de São Carlos.

A intenção de reunir as pessoas envolvidas nestas três mostras audiovisuais foi a de tentar estabelecer um diálogo entre experiências de pessoas que estão militando na área do audiovisual dentro da comunicação popular.

O mote para esta roda de conversa foi a relação entre o processo de comunicação popular, colocado em prática por estas três experiências, com a universidade pública, sendo esta um espaço que se dedica à construção de conhecimentos científicos.

Esta roda de conversa permitiu identificar, segundo o ponto de vista de seus participantes, que a universidade, muitas vezes, possui uma estrutura rígida que muito pouco se abre para novas práticas e experiências como as que são vividas no processo de comunicação popular. Um outro fator identificado foi o de que a universidade atua como espaço de legitimação que possui suas regras e metodologias próprias que, muitas vezes, se chocam com as regras e metodologias do processo de comunicação popular. Por outro lado, foi levado em consideração que há, nas universidades, experiências que permitem uma aproximação de práticas populares de comunicação, possibilitando experiências de trocas que contribuem para a construção do conhecimento científico com compromisso social e, sobretudo, para o fortalecimento destas práticas. Contudo, foi destacado que estas posições de aproximação entre universidade e práticas populares de comunicação dificilmente conseguem condições para se processarem de forma contínua, ficando em situações de incertezas, já que a falta de institucionalização destas posições impede a consolidação desta atitude como uma política. Nesse sentido, foi exemplificado que o ensino e a pesquisa, geralmente de cunho tecnológico e dita de inovação, conseguem mais segurança para realizar suas atividades.

Esta roda de conversa corroborou a nossa posição crítica em relação ao processo de construção de conhecimentos científicos que assume o diálogo com pessoas e grupos de pessoas que estão marginalizadas de uma política hegemônica de comunicação a fim de colaborar para que este processo some-se a tantas lutas por um mundo que seja cada vez

mais jutos e equânime.

No momento em que decidimos os sujeitos de pesquisa com os quais apresentáramos a possibilidade de realização desta tese, passamos a definir quais dados e como eles seriam coletados para que pudéssemos compreender os processos educativos mobilizados em uma prática de comunicação popular e como eles contribuem para um processo de democratização da comunicação.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas com dois participantes da MOSCA, de registros fotográficos, audiovisuais e textuais que foram arquivados durante todas as edições da MOSCA e de observação participante específica da décima edição da MOSCA ocorrida no ano de 2015.

Em um primeiro momento foram realizadas as entrevistas com os dois participantes em momentos presenciais e em outros virtuais, por meio das redes sociais. Estas conversas foram transcritas e compiladas, permitindo destacar algumas categorias analíticas que iremos elencar mais adiante.

Em seguida, debruçamos para os registros fotográficos, audiovisuais e textuais de todas as edições da MOSCA com o olhar atento para as categorias extraídas das entrevistas. No momento em que empreendemos esta busca nos registros, buscamos problematizar as categorias e estabelecer contrapontos com o que fomos encontrando nos registros de arquivos.

Depois do levantamento das categorias analíticas, do contraponto com os registros de arquivos, partimos para a observação participante ocorrida de forma sistemática durante a décima edição da MOSCA. Nesta observação, buscamos olhar e agir mediados pelas categorias analíticas, levando em consideração a cadência da mostra e a participação dos sujeitos da pesquisa nas atividades relacionadas a ela.

Ao final deste processo, acreditamos ter construído um caminho de qualificação das categorias analíticas, permitindo-nos realizar a análise dos dados em diálogo com o corpus teórico-metodológico e com a posição ética e epistemológica assumida nesta pesquisa.

A entrevista, neste estudo, foi compreendida “como experiência humana que se dá no espaço relacional do conversar” (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI⁸², 2004, p. 110). Optamos pela modalidade de entrevistas não-estruturadas “na qual o entrevistador

⁸² Pesquisadoras brasileiras da área de Educação.

apoia-se em um ou vários temas e talvez em algumas perguntas iniciais, previstas antecipadamente, para improvisar em seguida suas outras perguntas em função de suas intenções e das respostas obtidas de seu interlocutor” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 190).

A observação participante foi entendida e exercida como uma “técnica de observação por meio da qual o pesquisador se integra a um grupo para estudá-lo de seu interior” (LAVILLE e DIONNE, 335). Esta integração se deu no nível da participação prática, o que significou a implicação do pesquisador no processo, ou seja, há de se levar em consideração a implicação do pesquisador como dado a ser analisado.

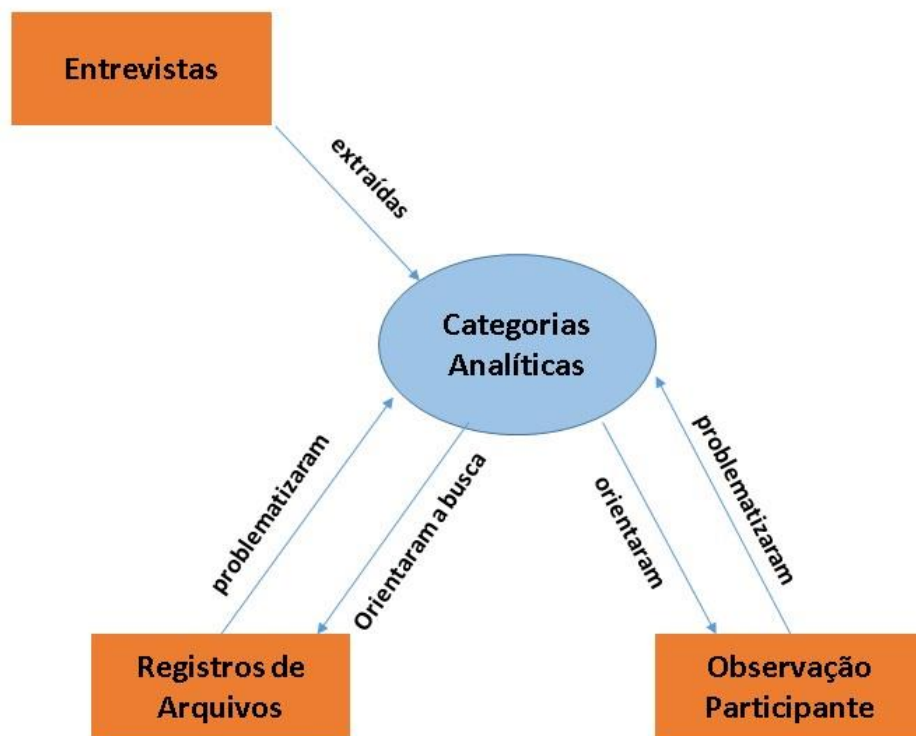
As análises dos dados partiram de uma abordagem qualitativa e foram realizadas por meio da definição de categorias analíticas entendidas como “rubricas sob as quais virão se organizar os elementos de conteúdo agrupados por parentesco de sentido” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 219). A definição das categorias analíticas, nesta pesquisa, dialoga com a perspectiva de categorização denominada de mista por Laville e Dionne (1999, p. 222).

A construção de uma *grade mista* começa, pois, com a definição de categorias *a priori* fundadas nos conhecimentos teóricos do pesquisador e no seu quadro operatório. Mas essa grade não tem mais o caráter imutável (...), pois, em suas análises e interpretações, o pesquisador não quer se limitar a verificação da presença de elementos predeterminados; espera poder levar em consideração todos os elementos que se mostram significativos, mesmo que isso o obrigue a ampliar o campo das categorias, a modificar uma ou outra, a elimina-las, aperfeiçoar ou precisar as rubricas...

Por meio das categorias analíticas pretendeu se destacar os processos educativos descritos pelos sujeitos da pesquisa que foram mobilizados pelas participações destes na MOSCA. Toda a análise e a interpretação dos dados foram debatidas com os sujeitos da pesquisa antes de se tornarem públicas, a fim de garantir que a conclusão da tese esteja referendada pelos sujeitos da pesquisa. Este procedimento consistiu em entregar uma cópia da tese para os dois participantes, indicando as páginas em que suas colocações são transcritas e analisadas.

Abaixo segue-se uma figura que ilustra como se deu o tratamento com os dados que foram coletados nesta tese:

Figura 3: Tratamento dos dados coletados



PARTE 2

**A COMUNICAÇÃO POPULAR E A EDUCAÇÃO POPULAR
EXPERIENCIADAS PELA MOSTRA AUDIOVISUAL DE CAMBUQUIRA-MG
(MOSCA)**

CAPÍTULO 5

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A contextualização desta pesquisa parte da minha experiência em participar da MOSCA desde 2005, a qual me permitiu realizar uma trama de amizades com diversos cambuquirenses e com outras pessoas que transitam pela mostra. Neste período de vivências e experiências junto a MOSCA me possibilitou moldar uma identidade com o espaço e com o momento que são compartilhados mais intensamente nos dias que acontecem a MOSCA.

Para efeitos de contextualização da pesquisa, portanto, levamos em consideração esta experiência de participação na MOSCA e a convivência com as pessoas que também compartilham desta experiência, além de informações registradas em sites e blogs relacionados à organização da MOSCA e a administração da própria cidade de Cambuquira-MG.

5.1 A MOSCA

A MOSCA surgiu em 2005 como uma proposta de um grupo de estudantes recém-formados no curso de Imagem e Som da UFSCar. A opção em escolher Cambuquira se deu pelo fato de uma integrante deste grupo ser filha de uma proprietária de um espaço cultural que começava a engatinhar na cidade.

Este espaço cultural, denominado de Sinhá Prado, em referência à avó da proprietária, era composto pelos espaços do antigo cinema e do antigo cassino da cidade que estavam ameaçados de serem abandonados e deixados a sorte de algum destino.

A MOSCA vem se configurando como uma mostra de curta-metragens independentes, realizados por pessoas de diversas partes de mundo e que passam por um processo de curadoria que visa garantir uma diversidade temática e de perspectivas compondo mostras voltadas para públicos infantis e juvenis e livres para outras faixas etárias. Também são levadas em considerações a diversidade temática que se pretende colocar em exibição e em debate no decorrer da MOSCA.

Além da exibição dos filmes, a mostra prima: pelo debate que acontece após as sessões, pela formação dentro das possibilidades advindas do audiovisual, por meio de oficinas de realização audiovisual, pela exposição de outras manifestações culturais que se dão por meio das linguagens musicais, corporais, fotográficas, etc.

A metodologia que orienta as atividades realizadas na MOSCA se pautam por buscar constituir espaços e momentos dialógicos e participativos que propicie a reflexão crítica e o debate, por meio do respeito à opinião de cada participante e da responsabilidade de cada participante com o espaço, com o momento e com o outro.

De acordo com o blog da MOSCA

A proposta no início do projeto, baseava-se na difusão da produção audiovisual brasileira e em promover o encontro do curta-metragem a um público ávido por oportunidades culturais na área de cinema. Atualmente, a formação de público crítico e a participação da comunidade conferem força e compromisso de continuidade e crescimento à mostra. A MOSCA acontece em meados da temporada de julho, na sede do Espaço Cultural Sinhá Prado de Cambuquira, nos prédios do antigo Cine Elite (que estava de portas fechadas desde 1980) e Cassino Elite (fechado em 1964, na ocasião da proibição dos cassinos). Os espaços hoje revitalizados, recebem as sessões de filmes, debates, oficinas, exposições, clubinho e café da MOSCA⁸³.

Outra característica importante da MOSCA é que ela não se caracteriza como um evento isolado. Por mais que a mostra se restrinja em cinco ou seis dias, os seus desdobramentos em outros projetos e as motivações que ela suscita nos seus participantes lhe conferem um caráter processual.

Foi a partir da MOSCA que se constituiu o Benedita Cineclube, um cineclube permanente e semanal que acontece no Espaço Cultural Sinhá Prado, em Cambuquira, cujo nome é uma homenagem à Dona Benedita, última proprietária do cinema na cidade e que a ele dedicou uma vida.

Também é notório que a MOSCA incentivou um grupo de jovens que hoje são realizadores audiovisuais de Cambuquira, o que mobiliza parte da cidade que se vê representada e convidada a se posicionar sobre estas representações.

Por se caracterizar como um espaço de formação, de leitura crítica e de compartilhamento de ideias e de visões de mundo por meio do audiovisual e por estar contextualizada junto à cidade de Cambuquira é que podemos apontar a MOSCA como uma experiência de comunicação popular que, ainda, contribui com a democratização da

⁸³ <https://blogdamosca.wordpress.com>

comunicação e com a divulgação de uma pluralidade de perspectivas pautadas pelos vídeos que são exibidos e debatidos⁸⁴.

Figura 4 – Cartazes das edições da MOSCA⁸⁵



⁸⁴ Entre as páginas 30 e 33, desta tese, trazemos alguns elementos que são característicos da Comunicação Popular. Estes elementos nos auxiliam a indicar a MOSCA como uma experiência de processo de Comunicação Popular.

⁸⁵ Os cartazes, exceto o da primeira edição, foram criados pelo desenhista Mateus Rios.

5.2 CAMBUQUIRA

Cambuquira é uma cidade situada no circuito das águas no sul de Minas Gerais. Possui uma região central donde se destacam antigos e grandiosos hotéis que nos remetem ao tempo em que Cambuquira era conhecida e frequentada pelo seu cassino nos anos de 1930-40. Também possui um Parque das Águas onde concentram algumas fontes de águas minerais reconhecidas pelos seus efeitos terapêuticos.

A população mais antiga ainda guarda na memória uma Cambuquira muito próspera e financeiramente rica, frutos da exploração do ramo dos jogos de azar. Nesta época Cambuquira possuía equipamentos culturais como o cinema, por exemplo, além de praças e passeios públicos bem estruturados.

Por ocasião da proibição dos cassinos no Brasil, Cambuquira começou a declinar financeiramente e os investimentos nos equipamentos culturais e nos demais espaços públicos foram cessando, até se extinguirem de vez com o passar dos anos. O cinema, por exemplo, deixou de existir.

Por este motivo, os mais velhos costumavam dizer que Cambuquira era a cidade do “já teve”, remetendo-se ao tempo em que ela possuía uma estrutura coletiva bem montada por conta das receitas provenientes dos frequentadores do cassino.

Hoje em dia, muitos jovens se engajam para que Cambuquira seja vista como a cidade do “tem” e que tentam construir uma atitude e uma consciência ecológica para que a cidade possa, de forma sustentável, estimular o turismo das águas.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁸⁶, estima-se que a população de Cambuquira chegue a 13.026 habitantes em 2015. Seu bioma predominante é a Mata Atlântica.

⁸⁶ Dados estatístico sobre a cidade de Cambuquira podem ser acessados no site do IBGE em: <http://cod.ibge.gov.br/FX7>

Figura 5 – Localização de Cambuquira



Fonte: Google Maps

Figura 6 – Mapa detalhando o desenho de Cambuquira



Fonte: IBGE

Ao caminhar pelas ruas de Cambuquira é possível sentir que a cidade foi bastante

movimentada em um passado remoto. A rua principal da cidade é cheia de grandes construções, com pé direito alto e que outrora abrigaram hotéis, cassinos e cinemas. As tintas descascando nas paredes destes grandes casarões funcionam como marcadores de páginas de um livro antigo que ainda espera o desenrolar da história. Os paralelepípedos das ruas contribuem para alicerçar uma história passada que parece insistir em não fluir. Há a sensação de se estar em um lugar do passado. Cenário este que é logo quebrado pela agitação da cidade, pelos movimentos das pessoas, pelos sons dos carros. Pouco a pouco percebe-se que no livro antigo vão surgindo marcações contemporâneas de uma história em movimento. O encontro dos jovens nas noites de fim de semana, ilustrando a socialização por meio da música que invade o silêncio da cidade, situada na beira de um remanescente pedaço de mata atlântica já nos coloca na contemporaneidade. Há um mosaico entre o urbano e o rural que integra, no mesmo espaço, os cavalos e as carroças e os carros e as motos. Há uma loja de roupas, uma agência bancária que ocupam prédios que em outros momentos foram outros espaços. De repente é possível sentir que a arquitetura antiga, que marca a memória de uma cidade que foi economicamente próspera na época dos cassinos, é o cenário de uma vida dinâmica levada a cabo por pessoas nas mais diversas práticas sociais presentes em uma cidade contemporânea.

É neste contexto que os jovens de Cambuquira se aproximam da MOSCA e vice-versa. Uma aproximação originalmente marcada pela curiosidade de conhecer o outro e que vai se revelando como a possibilidade de com o outro compartilharmos projetos, perspectivas e expectativas.

CAPÍTULO 6

ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, se expõe como os dados coletados foram organizados e analisados em diálogo com as referências conceituais abordada neste estudo. Partimos do princípio de que a própria organização dos dados já antevê uma análise dos mesmos, uma vez que a organização dos dados já se insere em uma posição ético-metodológica que, no caso desta tese, se pauta em evidenciar as falas dos participantes da pesquisa e articulá-las com conceitos abordados anteriormente, estabelecendo relações ou, até mesmo, propiciando a abordagem de outros conceitos que não necessariamente tenham sido tratados.

6.1 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Para a organização dos dados, optamos em elaborar uma tabela (tabela 2) que mostra os dados coletados nas entrevistas realizadas com o Alexandre e com a Simone, sujeitos participantes desta pesquisa, e a indicação das categorias analíticas.

A tabela possui 4 colunas que indicam:

- a) o nome dos participantes da pesquisa;
- b) as falas transcritas das entrevistas, com destaque em negrito para alguns trechos que são mais significativos para a construção das categorias analíticas;
- c) os comentários que indicam uma reflexão acerca das falas transcritas e, especificamente nesta coluna, já podemos apontar uma análise prévia dos dados e;
- d) as categorias analíticas sintetizadas em referências conceituais.

As entrevistas foram pautadas por quatro questões orientadoras estruturadas de forma aberta, de cunho genérico e construídas no sentido de estimular a participação dos entrevistados. As questões foram:

1. Como a MOSCA influenciou na sua vida? Você lembra de alguma passagem que exemplifica como a MOSCA te influenciou? Qual?
2. Qual a importância da MOSCA pra Cambuquira?

3. Na sua opinião a MOSCA se configura como uma ação de educação popular e/ou comunicação popular? De que maneira você vê isso?
4. Quais valores, sentidos e significados a MOSCA consegue mobilizar?

Tabela 2 - Organização dos dados coletados nas entrevistas e as categorias analíticas.

Sujeito⁸⁷	Falas dos sujeitos⁸⁸	Comentários⁸⁹	Referências conceituais (Categorias Analíticas)⁹⁰
Alexandre	Como a gente vive nesta cidade, de 12 mil habitantes, a oferta a si mesmo de contato com produção cultural mais forte... é obvio que a gente tem a romaria, tem a folia de reis, tem essas manifestações culturais com um pé na religião, que são super legais, super ricas e que acho até que elas são bem valorizadas aqui, pelo menos pelas pessoas. Mas isto que a MOSCA chegou oferecendo, a gente não tinha; pelo menos minha geração não pegou nada próximo disso. Então realmente foi algo que... mais assim, com 18 anos, 18 ou 19 que era o que eu tinha na época, esta	A importância da MOSCA em apresentar outras perspectivas culturais que acabaram influenciando decisões que foram tomadas por jovens que orientaram os rumos de suas vidas. Há o reconhecimento de outras manifestações culturais ligadas às tradições populares e religiosas, como é o caso da Romaria. O audiovisual foi um espaço criativo onde foi possível canalizar as	CURIOSIDADE PARTICIPAÇÃO CRITICIDADE

⁸⁷ Sujeito participante da pesquisa

⁸⁸ Trechos extraídos das entrevistas realizadas com os sujeitos participantes da pesquisa

⁸⁹ Observações realizadas pelo pesquisador da academia em relação às falas dos sujeitos.

⁹⁰ Palavras-chaves que cada fala dos sujeitos, depois de comentada pelo pesquisador científico, inspiram em relação ao quadro teórico-metodológico adotado para a realização desta tese.

	<p>transição da adolescência para a fase adulta, jovem assim... Cabeça a milhão, energia a milhão... aquilo ali foi um estímulo incrível pra mostrar uma abertura de percepção do que eu podia fazer da minha vida, né.</p>	<p>energias. Alexandre foi responsável, anos depois, pelo documentário “Chão e Fé” que retrata a prática da Romaria por cambuquirenses.</p>	
Alexandre	<p>A gente participou da oficina (de documentário realizada em 2006), a gente tinha participado com um curta totalmente intuitivo e de ali em diante foi só isso também... Todos os anos a gente colocava um curta intuitivo (na MOSCA) e foi pra faculdade... Aí na faculdade, então, eu estabeleci seguir nesta área audiovisual e cada vez mais fui me interessando pelo universo do audiovisual: pelos processos técnicos, pelos processos destas discussões mais filosóficas, do papel do audiovisual, do que se pode fazer com o audiovisual e isto, conseqüentemente, acaba abrindo nossa mente em termos de senso crítico político, social, humano... porque o audiovisual é totalmente humano. Então com certeza este foi o maior impacto, a maior influência da MOSCA na minha vida pessoal: foi a determinação</p>	<p>As perspectivas do processo de comunicação audiovisual apresentado pela MOSCA e a metodologia com que esta perspectiva foi apresentada contribuíram para a tomada de decisões que perfilaram os caminhos que a vida foi tomando, sempre relacionada ao audiovisual. Há uma dedicação pessoal orientada para compreender os aspectos técnicos que envolvem uma realização audiovisual, sem perder de vista que o audiovisual estimula a criticidade e se configura como algo humano.</p>	<p>CURIOSIDADE CONDUZIR A PRÓPRIA VIDA CRITICIDADE</p>

	da minha escolha profissional, da minha formação na faculdade e depois que eu me formei eu tenho tentado me manter com uma produtora aqui na cidade.		
Alexandre	E este trabalho que a gente vem fazendo aqui não tem como negar que ele tem um impacto na cidade, porque a gente filma, a gente mostra a própria cidade. Estes trabalhos, sejam comerciais ou não, nós sempre estamos mostrando a cidade para a própria cidade, com nosso olhar, é claro, não tem como fugir disso , mas isso tem um impacto grande.	O registro da cidade nos trabalhos gera um impacto que surge da tensão entre a cidade e a cidade representada pela visão de seus realizadores. Este impacto gera reflexões, debates e estimulam um processo de comunicação popular contextualizado e crítico.	RESPONSABILIDADE CRITICIDADE DIÁLOGO
Alexandre	eu conversei com outras pessoas que participam da MOSCA, colocando filmes aqui de Cambuquira, e a conversa é mais ou menos essa... acaba que quando a gente vê, e é recíproco, quando eu vejo que tem mais galera produzindo também eu me sinto mais à vontade, mais estimulado a produzir mais, inclusive com eles mesmo, como aconteceu no ano passado (2014)... a gente colocou um filme nosso, mas a gente também participou de outros dois	Tangencia uma questão importante do processo de comunicação popular que tem a ver com a metodologia da realização que se pauta em momentos de trocas e de solidariedade entre os realizadores, além da vontade de participar do processo, levando suas próprias perspectivas para serem apresentadas e debatidas. Há uma	SOLIDARIEDADE PARTICIPAÇÃO DIÁLOGO COMUNIDADE ENGAJAMENTO

	<p>curtas e eu acho isso muito bom... Fica aquela ânsia de quase toda a MOSCA a gente discutir isso, de como é que a gente pode fazer para produzir mais...</p>	<p>configuração de uma comunidade de trabalho, onde responsabilidades são compartilhadas em um processo mútuo no qual cada um e cada uma se envolve e se engaja para que seja possível concretizar um trabalho coletivo.</p>	
Alexandre	<p>A própria atmosfera da MOSCA, não é que ela não abre espaço, ela não tem controle sobre isso, não estimula (a competição), pelo contrário, é uma grande festa... a gente chega lá, se abraça.... Eu lembro que, acho que foi uns 3 anos atrás... que teve uma sessão de Cambuquira, porque teve uns 6 ou 7 curtas produzidos aqui... Putz, foi muito mais uma festa do que uma mostra, no sentido de ir e discutir sobre os filmes. Tanto que eu acho que a gente nem discutia sobre os filmes... era mais para afirmar que olha como uma cidade com 12 mil habitantes está aí com 7 curtas, produzindo, sem entrar no mérito em si da produção, mas tá produzindo, tá se expressando, acho que isso é o mais</p>	<p>Destaca o sentido de celebração e de festa que a MOSCA proporciona quando culmina com a reunião e as exposições dos curtas cambuquirenses. Festa que é importante para a renovação, fortalecimento e reconhecimento de um processo de comunicação popular que somente é possível por meio das articulações de seus realizadores. O valor dado à quantidade de curtas produzidos nos remete a um nível de participação importante e à atitude de se expressar.</p>	<p>SOLIDARIEDADE PARTICIPAÇÃO COMUNIDADE AFIRMAÇÃO</p>

	importante...	Tal quantidade não gera competição, pelo contrário, amplia os laços de solidariedade entre os realizadores.	
Alexandre	quando a gente está tratando da MOSCA, vamos fazer um filme pra MOSCA, que não envolve grana, só envolve o vamos fazer o filme, a coisa funciona super bem, é super legal... E fora dali, não é nada muito declarado, mas fica uma coisa meio mal interpretada, eu acho... da nossa opção de também trabalhar comercialmente. Parece que a gente tem a obrigação de trabalhar com filme aqui e só na boa vontade, entendeu? Não pode falar de dinheiro não, porque pega mal...	Retrata que a MOSCA motiva um processo de comunicação e de pertença que mobiliza uma prática solidária entre os realizadores que comungam em produzir audiovisual com a proposta de exibí-los na MOSCA. Contudo, a opção em apostar profissionalmente na área do audiovisual é encarada de forma pejorativa. Nos mostra uma relação tênue entre o mercado de produções audiovisuais e o engajamento cultural por meio da realização audiovisual	ENGAJAMENTO TENSÃO POSSIBILIDADE ECONÔMICA
Alexandre	É um ofício... eu tenho minha carga horária, tenho meu salário, preciso pagar minhas contas e tem coisas que eu preciso cobrar... E não quando acontece o que estou	A MOSCA representa momento de fortalecimento de amizades por ter proporcionado o	PERTENCIMENTO AMIZADE ENGAJAMENTO PARTICIPAÇÃO

	<p>falando... Po, você pode me dar uma mão lá... Com certeza... e ninguém fala de grana, ninguém toca no assunto... mas eu acho que é o que eu quero reforçar, eu acredito que é por conta do espírito da MOSCA, do que a MOSCA representa pra nós... É como se fosse uma coisa quase sagrada. Pô, é a MOSCA e precisamos participar este ano e vamos fazer... É totalmente diferente: a relação nossa. É diferente no período da MOSCA, acho que ela é mais a vontade, mais espontânea... E foi mudando com o tempo... Talvez porque eu tive focar bastante nisso. Eu confesso que fiquei fechado bastante nos meus propósitos e acabei perdendo um pouco a relação com a galera, não sei... eu tenho que falar por mim só, não sei o que acontece do outro lado... Mas a gente se fala... continuamos super amigos todo mundo, mas a sensação que eu tenho é que a amizade é maior quando estamos na MOSCA.</p>	<p>compartilhamento de uma experiência impactante para os jovens que dela começou a participar. O fato de ser espaço “sagrado” remete a um cuidado, a um respeito com a MOSCA e canaliza uma atitude de produção audiovisual. A MOSCA é espaço de expressão da coletividade que se irmana para representar aspectos culturais que circundam a cidade e seus habitantes.</p>	
Alexandre	<p>Eles (professores do ensino médio) estimulavam o senso crítico na gente, até dentro da própria escola.</p>	<p>Destaca que houve professores no ensino médio que estimularam a</p>	<p>CRITICIDADE ENGAJAMENTO</p>

	<p>E a MOSCA chegou... pra gente era a ampliação disso... De ouvir o pessoal de fora. De quando vocês vêm e trazem pra gente: “nossa vocês tem potencial, nossa a cidade é super legal, olha isso daqui é interessante”... e daí quando a gente discute sobre os filmes, que é a parte mais legal, eu acho... É prazeroso assistir um filme, mas é mais interessante, eu acho, discutir sobre o filme, até as vezes pra entender seja o processo técnico, seja a reflexão, a mensagem que o filme propõe. E se não é a MOSCA, como é que a gente ia fazer isso aqui?</p>	<p>reflexão crítica e que a MOSCA permitiu a ampliação desta postura crítica. Evidencia a importância dos espaços de diálogo para ajudar na reflexão e na compreensão dos processos que fazem parte das dinâmicas da realização de um curta, bem como dos conteúdos que são por ele veiculado.</p>	
<p>Alexandre</p>	<p>Há um mês atrás uma galera me parava na rua pra perguntar se realmente a MOSCA vai acontecer (...) Eu falei a MOSCA vai acontecer... a inscrição está aberta, inclusive se você quiser participar, faz um filminho e manda... Isso mostra uma coisa legal, que fica esta preocupação: pô, será que a MOSCA vai acabar... Eu acho que se isso acontecesse, de não ter um ano da MOSCA, seria uma perda sensível pra muita gente...</p>	<p>A preocupação com a continuidade por parte dos cambuquirenses demonstra a importância cultural da MOSCA para a cidade e, sobretudo, para as pessoas que com ela se envolve. Tal preocupação é fundada pelo caráter de resistência que a MOSCA possui, assim como a maioria das iniciativas culturais</p>	<p>PERTENCIMENTO</p>

		<p>voltadas para a comunicação popular. Resistencia, no sentido de que nunca há condições financeiras que permita um trabalho com segurança, dependendo bastante da militância e do engajamento das pessoas envolvidas com este processo há mais de 10 anos.</p>	
Alexandre	<p>Quando a gente fez aquela oficina com você (em 2006), nós que eu digo assim, a galera que participou... A gente pegou aquele documentário do Cine Elite e passou nas escolas... A gente estava com umas ideias muito doida assim, não sabia muito bem o que estava fazendo, mas era a intenção de mostrar para as pessoas que... na verdade a intenção nossa, olhando assim mais friamente, era compartilhar aquela experiência que a gente estava tendo de abertura total de percepção nossa em relação a nossa cidade, em relação ao que a gente podia fazer. De repente a gente fez um</p>	<p>A experiência de participar da oficina de realização de documentário, em 2006, foi impactante pois mostrou possibilidades de expressão e de mobilização. Experiência que precisava ser compartilhada, no sentido de ampliar a participação, fundamental para um processo de reflexão crítica sobre a cidade e de buscar meios para se agir com ela. Esta experiência, de fato,</p>	<p>ENGAJAMENTO COMUNIDADE PARTICIPAÇÃO DIÁLOGO CRITICIDADE TROCAS</p>

	<p>documentário falando sobre a nossa cidade e aquilo mobilizava e era de interesse mesmo... do tipo: o que que a gente pode fazer? E a aceitação, tanto dos professores, como dos alunos... não foi aquele negócio que você passou e o cara estava sentado ali na sala de aula pensando quando aquele negócio ia acabar, sabe... O olhar das pessoas assistindo, eu lembro que foi muito marcante assim... e os próprio professores depois discutiram, o pessoal fez umas redações sobre o que cada um pode fazer pela cidade... Eu tenho pra mim muita convicção de que a contribuição é enorme e poderia ser talvez até maior, não sei como isso exatamente... Mas acho que há uma aceitação, uma abertura muito grande de o audiovisual colaborar no ensino dentro do processo educativo sim.</p>	<p>foi fundamental para muitas pessoas que dela participou. Comentei ao Alexandre que foi esta experiência que me levou para a área da pesquisa, pois ela me mostrou possibilidades de atrelar o audiovisual com processos de formação e de mobilização. Na verdade, ela me ajudou a encontrar um sentido para a minha formação da graduação na área do audiovisual.</p>	
<p>Alexandre</p>	<p>Eu não acho, sinceramente, que a MOSCA seja uma formadora de opinião como a mídia aberta é... Até porque a proposta é outra, na verdade é o contrário né, não é nem formar opinião, é provocar uma confusão mental mesmo, porque</p>	<p>A proposta de pluralidades de visões sobre determinados temas faz parte da metodologia da MOSCA que é a de ampliar perspectivas para que</p>	<p>PLURALIDADE DIÁLOGO CRITICIDADE TROCAS</p>

	<p>se a gente assiste a vários curtas numa mostra, numa sessão, vai que sejam 5 ou 6 curtas. Normalmente a MOSCA separa por afinidade de assuntos ou tema qualquer coisa do tipo ali, né. Então, supondo que a gente pegue o mesmo tema, sei lá, um exemplo: violência contra a mulher. Como são vários produtores diferentes é obvio que são várias visões diferentes sobre o mesmo tema, há as concordâncias e há as divergências... E eu acho que isso provoca com certeza uma confusão, por isso que eu acho que o debate é legal, pra depois no final a gente ficar ali pra poder entender, principalmente quando os caras vem, os diretores, os roteiristas, vem pra poder ajudar no entendimento do filme, eu acho isso bem bacana.</p>	<p>elas componham um campo reflexivo e que ajude a fomentar os momentos de criticidade e de debates. Uma “confusão mental” que amplia as perspectivas e não sugere uma única dada perspectiva como a mídia convencional.</p>	
Alexandre	<p>Nesse ponto eu acho que ela funciona bem melhor que a mídia aberta que chega e estabelece uma opinião que você tem que seguir. É mais ou menos isso o papel da mídia aberta, até algumas alternativas mesmo. Querem defender com unhas e dentes o que elas pensam que é verdade e tal e o</p>	<p>O papel de ampliar as perspectivas é fundamental para contrapor ao papel das mídias convencionais que sustentam uma posição, uma opinião e quer buscar seguidores e não problematizar suas</p>	<p>DIÁLOGO PLURALIDADE PARTICIPAÇÃO</p>

	<p>mais incrível que eu acho de festivais, como a gente tá falando da MOSCA, principalmente pra nós aqui, uma cidade pequena, interiorana, também muito conservadora, apesar de muita ligação assim com manifestações artísticas e cultural, em toda sua história assim, sempre estiveram pessoas aqui que conseguiram algum destaque, seja na música, seja no teatro... a gente tem João Sinoele que é um cara que faz o papel de Gandhi sei lá há quanto tempo, tem uma peça em cartaz há anos, um dos caras super conhecidos também, enfim... Então a cidade tem bastante essa pegada artística e tal, mas é uma cidade conservadora. As pessoas que ditam a política, a economia são pessoas conservadoras, sem dúvida. Então é sei lá, como se fosse uma ruptura mesmo no processo de formação de opinião, principalmente por conta do debate, por conta da diversidade do olhar dos curtas, são vários curtas, então são vários olhares e aí depois o debate... Foi o que mais me encantou assim de cara da</p>	<p>posições. Um debate mobiliza para o diálogo e é preciso apurar o ouvir e o se relacionar com o outro.</p>	
--	--	--	--

	<p>MOSCA: ficar ali pra poder ouvir a opinião de cada um... Até porque a gente discorda de várias, concorda com várias... E a coisa funciona super bem, você não vê ninguém jogando cadeira no outro porque fala uma coisa que você não concorda, sacou?</p>		
Alexandre	<p>A MOSCA tem... a MOSCA itinerante, né? Que ela passa em algumas cidades depois. Eu fui em Lambari, quando a MOSCA passou (...) Deu movimento, deu público, mas realmente é uma coisa totalmente aquém. Talvez, estou pensando isso aqui agora, não sei se vai ter algum sentido, mas talvez, uma das coisas que pode ajudar bastante aqui, eu acredito que sim, que ajuda a ter bastante público aqui, é o fato de pessoas daqui produzirem. As pessoas gostam de se ver. Mesmo que a gente faça uma ficção, que não fale de Cambuquira, não fale nenhum pouco sobre Cambuquira... são cambuquirenses que estão ali e, bem ou mal, as pessoas se enxergam neste momento...</p>	<p>Destaque para a apropriação do espaço da MOSCA com cambuquirenses produzindo audiovisual. Isto estimula o evento e faz com que gire uma roda virtuosa de reflexão e realização dentro da cidade, principalmente entre os jovens que conseguem expressar seus anseios por meio da linguagem audiovisual e comecem a mobilizar grande parte de pessoas para que atentem para a cidade, para aquilo que ela tem e, principalmente, para aquilo que ela quer ter como projeto e não fique presa na ideia do “ já</p>	<p>PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO PERTENCIMENTO DIÁLOGO</p>

		teve” que remete a um tempo prospero de sua economia baseada nos jogos de cassino, mas que a imobiliza para novos olhares e novas perspectivas.	
Alexandre	A MOSCA tem um espírito que é daqui. Acho que o fato de ter pessoas daqui que produzem ajuda muito, por exemplo, quando as pessoas sabem que tem um filme, que o Clésio (ator amador de Cambuquira) vai participar, fica um alvoroço, sacou? Ele conta que passa o ano inteiro as pessoas perguntando se vai ter filme este ano e tal.... Acho que isto contribui muito, entendeu? Uma pessoa conhecida na cidade...	A MOSCA nasce em Cambuquira e a ela se atrela como projeto de construção de um processo de comunicação popular que, cada vez mais, permite colaborar com uma identidade da cidade como espaço de formação, ao colocar em diálogo pluralidades de perspectivas que inclui, com igual peso, a do próprio cambuquirense.	IDENTIFICAÇÃO APROPRIAÇÃO RESPONSABILIDADE
Alexandre	E, ao mesmo tempo, tem essa coisa que não sei, uma atmosfera que deixa todo mundo bem a vontade. É bem mágico assim de... pô, a gente tá se vendo aqui, tá vendo outros curtas incríveis e ao mesmo tempo nós estamos a vontade. Eu já presenciei várias vezes pessoa que ficam do lado de fora, fica olhando assim, meio sem saber o	Atmosfera acolhedora que convida as pessoas a participarem.	ACOLHIMENTO PERTENCIMENTO PARTICIPAÇÃO

	<p>que está acontecendo lá dentro, vê o movimento, fica totalmente sem graça de entrar, até por que, sei lá o porque... mas quando são encorajadas entram e você vê que no dia seguinte ela está lá de novo, sacou? Porque foi fisgada mesmo... isso de ficar tão à vontade assim, não acontece em outros festivais, por exemplo, tô falando de outros festivais que eu já participei, como público mesmo.</p>		
Alexandre	<p>É um lance de identificação muito grande... Eu acho que o cambuquirense... isso é uma coisa que tem muito valor assim pra todo mundo que trabalha na MOSCA, por que... é muito comum mesmo, pessoas de fora virem tentar fazer alguma coisa e serem visto como forasteiro e terem um pouco de resistência do pessoal da cidade... o que aconteceu aqui foi o oposto (...) a cidade criou uma identificação muito grande com a MOSCA. O cambuquirense ele é um sujeito muito patriota... entre nós, entre cambuquirenses a gente discute, fica falando de problemas e acho que isto as vezes atrapalha até a</p>	Identificação com a MOSCA e sentimento de pertencimento.	IDENTIFICAÇÃO PERTENCIMENTO

	<p>própria prefeitura, porque fica-se pegando no pé de coisas que não são assim tão importantes, enquanto coisas realmente que considero impactante para cidade são deixada de lado... mas se chegar um cara de fora e criticar a cidade, ele não vai ter voz, não fala mal daqui não... E com a MOSCA o cambuquirense tem uma identificação mesmo, um sentimento de pertencimento, a MOSCA é nossa, por mais que seja feita por pessoas... todo mundo que organiza a MOSCA são pessoas que não são daqui, né... e não tem problema, a MOSCA é daqui de Cambuquira... o sentimento é mais ou menos esse.</p>		
Alexandre	<p>E aí, neste mesmo período, a gente vai lá e faz um filme e põe lá na MOSCA e as pessoas veem a gente fazendo filmes passando lá no telão. O tratamento, a partir daí, durante o período da MOSCA, foi completamente diferente... Eu lembro que vinham pessoas que, as vezes, até já conheciam, que eram conhecidos nosso, não tinha tanto convívio, pessoas mais velhas assim, como se não nos</p>	<p>Reconhecimento da importância para a comunidade de ser alguém que consegue realizar e exibir um filme em diálogo com tantos outros produzidos em diversos lugares do mundo. Ainda destaca o fato de a MOSCA, por meio de sua metodologia, estimular o senso crítico</p>	<p>CRITICIDADE AMIZADE DIÁLOGO</p>

	<p>conhecessem, perguntando sobre as nossas vidas, curiosos sobre a gente... Aí eu vi, nossa bicho, o que que a MOSCA não faz... E como eu estou te falando sobre as relações assim... mesmo nós, amigos, como cada um tá muito focado na sua própria vida, no seu próprio negócio, pra se estabelecer.. a gente, nossos encontros, nossos momentos de amizade mesmo diminuiu drasticamente se for comparar com esta época, a gente não tinha nada pra fazer e se encontrava todo dia pra não fazer nada junto. Então, na época da MOSCA a coisa é completamente outra eu acho que ela favorece, não só a abertura de percepção, como a gente pra relações muito mais espontâneas... Não sei se vem da MOSCA em si ou se é o fato de qualquer experiência de você está na frente do cinema acontecer isso, mas essa é uma afirmação que eu posso fazer com certeza.</p>	<p>e fortalecer amizades.</p>	
<p>Alexandre</p>	<p>Tem um negócio que acontece aqui na cidade... mesmo pessoas que não puseram nenhum filme e nem sei se vão, por que... é público da</p>	<p>Não se trata apenas de um evento, mas como processo de comunicação popular ela é assumida</p>	<p>IDENTIFICAÇÃO PARTICIPAÇÃO PERTENCIMENTO DIÁLOGO</p>

	<p>MOSCA, sacou? Vem te procurar pra dizer que tá com uma ideia pra fazer um filme ou então acontece qualquer coisa aqui da cidade “ó isso aí ó a gente tem que fazer um filme pra por na MOSCA, tem que mostrar isso aí na MOSCA”. Então a MOSCA acaba que, durante o ano inteiro, ela vive mesmo que seja no imaginário das pessoas daqui de Cambuquira, isso com certeza absoluta, não comentando sobre a MOSCA que passou, mas pensando puxa eu quero participar também quero colocar um filme, puxa se os caras puseram por que é que eu não vou por... e isso eu acho super legal.</p>	<p>no imaginário da cidade e vislumbrada como projeto de realização audiovisual, no sentido de fazer parte da representação da cidade, neste espaço que foi se constituindo como espaço de encontro, de debates, de reflexão, de se estar junto experienciando algo junto.</p>	
<p>Alexandre</p>	<p>sobre o impacto que a MOSCA proporcionou, particularmente, é inquestionável, eu já te falei isto várias vezes, em várias situações que tive a oportunidade de manifestar mesmo minha sincera gratidão a você, a oficina que você deu pra nós lá, por que foi... não foi uma oficina de conhecimento e tal só, foi uma coisa que realmente moveu muito a gente, tanto que logo em seguida a gente tentou este negócio de passar nas escolas, o</p>	<p>Reconhece, mais uma vez, a importância da MOSCA para a condução da vida.</p>	<p>CONDUZIR A PRÓPRIA VIDA CRITICIDADE ENGAJAMENTO PARTICIPAÇÃO</p>

	<p>documentário que a gente fez na oficina, determinou a faculdade que eu ia fazer, determinou a minha profissão, eu tento me estabelecer profissionalmente com a produtora que eu montei e ai meus irmãos trabalham com ela, gera trabalho pra minha mãe, gera trabalho pros meus amigos eventualmente, quando é uma produção que exige mais pessoas. Então, putz, foi totalmente determinante sem sombras de dúvidas. É uma expectativa de vida antes e uma depois da oficina que a gente fez com você (de realização de documentário, em2006).</p>		
Alexandre	<p>Mas, ali eu saquei que o documentário (Chão e Fé, sobre a Romaria e os romeiros cambuquirenses) mesmo foi legal, as pessoas conversaram pra caramba sobre o filme, todo mundo gosta muito, eu também gosto do filme na hora que assisto, mas o documentário mesmo, o que agente experimento ali, na hora que tava gravando a galera, sabe, eu acho que aquilo ali é o mais fantástico que tem. Que a gente descobriu naquela tua oficina... a gente</p>	<p>Destaca a importância do documentário, como linguagem e como processo, pois permite o encontro com o outro e a possibilidade de engajamento com o outro em projetos que são compartilhados.</p>	<p>ENCONTRO COM O OUTRO DIÁLOGO</p>

	<p>conversou com a dona Nina, uma senhora que já faleceu, a gente conversou com o Cid... a gente conversou com um monte de gente que eram pessoas que a gente convive aqui na cidade, mas não se falava (...) Acho que isso é uma coisa muito doida de documentário, é o encontro com o outro mesmo.</p>		
Alexandre	<p>E o lance educador é o lance dos debates, da abertura da percepção dos debates, das reflexões, dos conflitos de pensamento, e eu acho que pra quem participa das oficinas aí então é um processo que é muito mais amplo por que assim... nos filmes rola os debates, rola as discussões que são sempre muito incríveis. Mas na oficina, como esta que a gente fez, e de várias outras, as pessoas sempre comentam das oficinas, a experiência de você chegar até no outro mesmo que é a oficina que proporcionou isso e cambuquirense se falando que não acontece fora da época da MOSCA, assim... Não é que não acontece por que as pessoas não se falam é porque naturalmente cada um tem a sua vida... E quando a</p>	<p>Relação com o outro proporcionado pela MOSCA.</p>	<p>ENCONTRO COM O OUTRO DIÁLOGO</p>

	gente tem o contato com o outro a coisa é bem mais interessante.		
Simone	Hoje não consigo fazer uma distinção da MOSCA e das ramificações que ela gerou como: Benedita Cineclube, Fórum DOC(por um período) e demais atividades no Espaço Cultural Sinhá Prado, pois identifico que a maior influência nos meus trânsitos com esse corpo de programação está no conteúdo de vozes variadas que me foram apresentados. Relacionando questões ambientais, políticas, educacionais, acessibilidades, respeito e coexistência com as diferenças, existencialismo, entretenimento e muitos outros.	Ramificações da MOSCA – desdobramentos que apontam a MOSCA não como um evento isolado, mas que se completa com outras atividades, tendo o audiovisual como foco e a comunicação popular como princípio. O caráter processual e contínuo, garante um espaço de formação crítica voltada para a interpretação e a realização de conteúdos audiovisuais.	ENGAJAMENTO CRITICIDADE PERTENCIMENTO DIÁLOGO
Simone	Só que mais importante que o conteúdo, destaco a maneira com que as atividades são praticadas, ou seja, não recebemos algo pronto e acabado , desde sessões de curtas-metragens/filmes, debates à oficinas e exposições, problematizações são postas, instigando o diálogo e interação dos participantes.	Metodologia de condução das atividades da MOSCA e dela gerada que privilegia a participação e o diálogo.	PARTICIPAÇÃO DIÁLOGO CRITICIDADE
Simone	Acho importantes esses	A importância de se criar	DIÁLOGO

	<p>momentos de problematização, que possibilitam o falar e o ser ouvido tanto de quem realizou os filmes contando sobre as técnicas utilizadas, o interesse ou não com a mensagem e impacto do audiovisual, quanto de quem assistiu e tem considerações sobre o tema ou mesmo dos métodos de produção. Esse momento também carrega influências na minha vida, lembro que foi significativo pra mim a primeira vez que me manifestei num debate pós sessão, sentia que naquele momento não importava quem eram meus pais, aonde eu morava, se estudava ou não, qual era meu grupo, situação financeira etc. – embora reconheça que esses elementos compõem muito dos códigos que apresento, mas naquele momento sentia que o importante era eu mesma e as considerações que tinha à respeito dos audiovisuais que assisti, assim como os demais participantes, cúmplices da experiência na sessão e carregando suas importâncias, trocávamos impressões cada um levantando seu ponto de vista</p>	<p>espaço de diálogo, de trocas de visões, de falar, de ouvir, de ser ouvido. Tudo isso nos remete a um processo que prima por ser dialógico e participativo, na tentativa de se construir uma prática que respeite as opiniões e que busque eliminar assimetrias que interfiram no intuito de valorizar a participação de cada um e de cada uma, assegurando um ambiente crítico, reflexivo que é de responsabilidade de todos e todas envolvidos/as.</p>	<p>PARTICIPAÇÃO AFIRMAÇÃO CONDUZIR A PRÓPRIA VIDA</p>
--	---	--	--

	entrando ou não num consenso e, a medida que o bate-papo ia acontecendo, mais pessoas se expressavam, expandindo assim as reflexões.		
Simone	Temos uma pluralidade de vozes, através de filmes de diferentes regiões do Brasil e, nas últimas MOSCAS, tem até a mostra internacional. Mesmo que os diretores não estejam lá, suas ideias os representam colaborando com o diálogo, com os olhares dos participantes e ampliando nossas relações.	Referência às trocas e aos diálogos que são buscados na metodologia da prática da comunicação popular. O propósito de primar pelo diálogo e pela participação é o que condiciona as metodologias adotadas para levar a cabo as atividades realizadas na MOSCA.	DIÁLOGO PARTICIPAÇÃO PLURALIDADE
Simone	Em 2013 fui na mostra de curtas do Inverno Cultural- UFSJ em São João del Rei e em 2014 fui na Mostra de Cinema de Tiradentes, e fiquei com a sensação de vazio, pois vi tantos filmes/curtas legais, polêmicos, com temas que mereciam ser esmiuçados e queria conversar à respeito, ouvir as opiniões alheias, conhecer a visão dos diretores que estavam lá e apenas se apresentaram rapidamente, entender o recorte dos	Compara a metodologia da MOSCA com a de outras mostras de filmes. Ressalta a importância das teias de relações que são montadas no decorrer das edições da MOSCA e das trocas de saberes que são aí realizadas.	DIÁLOGO CRITICIDADE TROCAS

	<p>organizadores, mas não aconteceu, faltou o exercício do diálogo. Em Tiradentes até teve um dia específico para a conversa com os diretores e trocas de informações, mas eram espaços reservados para públicos menores, sem o grande fluxo dos outros dias. Trouxe essas experiências para ressaltar a troca de saberes que a MOSCA promove, os contatos que ela une e reconhecimentos que gera. Ao menos é o que percebo e sinto.</p>		
Simone	<p>Costumo brincar que a MOSCA é minha “Semana da Arte Moderna”, são dias para oxigenação das ideias, novas e velhas articulações além de muitas trocas. Até no âmbito musical, lembro de um grupo de samba que se apresentava nos primeiros eventos e que era muito bom. Minhas teias de sociabilidade da juventude eram impregnadas na cultura pop rock, samba era só coisa de carnaval, ou de festas em que não íamos, em suma a preponderância do velho estigma que o ritmo carrega. Mas de repente quando os batuques soaram no espaço nobre do</p>	<p>Destaca a importância de (re)conhecer outras perspectivas culturais e de se reconhecer nelas. A MOSCA não se isola nas linguagens audiovisuais, embora elas sejam preponderantes, busca-se transitar por outras linguagens que permitem complementar a vivência de estar junto com outras pessoas num momento dialógico, participativo e que convida para trocas de saberes, reflexões críticas e descobrimentos</p>	<p>DIÁLOGO PERTENCIMENTO CRITICIDADE AFIRMAÇÃO ACOLHIMENTO</p>

	<p>antigo cassino da cidade, e toda aquela confluência de cambuquirenses e visitantes socializando sem “pudores”, eu é que não fiquei de fora, aquela noite foi de catarse com o samba. Você tem noção de como é esse tipo de encontro, de (re) conhecimento mexe com o imaginário de uma menina negra ainda sem acesso a internet em casa (só fui ter em 2010), sem TV por assinatura, grande fã da Rede Globo e presa nas tradições da cultura hegemônica? Eu tenho, me senti livre, em casa, em harmonia com os meus... foi uma grande quebra de paradigmas.</p>	<p>personais complementados por uma experiência coletiva.</p>	
<p>Simone</p>	<p>Costumo dizer que a MOSCA é meu grande livro que serve de referência e ressignificações. Um exemplo, fui apresentada ao curta-metragem “Ilha da Flores” de Jorge Furtado na mostra e fiquei encantada com a narrativa, toda estética do trabalho e muito incomodada com as indagações da obra. Em 2013 em parceria com meus amigos e membros da ONG Nova Cambuquira, produzimos o</p>	<p>Destaca a importância do processo comunicativo que a MOSCA realiza e como ele instiga à participação e mostra que é possível também se expressar por meio do audiovisual. A MOSCA, ao mesmo tempo em que exibe muitos curtas-metragens, também estimula, cada vez mais,</p>	<p>DIÁLOGO CRITICIDADE AUTONOMIA PARTICIPAÇÃO</p>

	<p>vídeo “Projeto Coleta Seletiva”, que correspondia a um trabalho de conscientização para a implantação da coleta de lixo reciclável e não reciclável na cidade. Embora tenhamos trabalhado com animação, a referência para o curta foi “Ilha das Flores”, acredito que tanto a memória do filme base quanto à ideia de realizar o audiovisual, sugeridos por mim, amadurecidos e executado com a equipe, rodeiam meu contato e relação com a MOSCA.</p> <p>Queríamos passar à mensagem de maneira criativa e instigadora pra que atingisse os mais variados públicos da cidade e o audiovisual tem esse poder.</p>	<p>para que as perspectivas trazidas nestes curtas sejam problematizadas e isso só se alcança por meio de uma metodologia que esteja baseada no diálogo e na participação. O que é exibido e debatido vai ganhando significado e sentido para as vidas das pessoas que participam deste processo.</p>	
Simone	<p>Ganhamos outro olhar após ter o esclarecimento de possíveis maneiras para se ler um audiovisual, atentando para o plano detalhe, plano de fundo, como a trilha sonora chega ou sai, enfim os pormenores de uma composição da cena/cenário, entre demais elementos da produção de um audiovisual. Essa ampliação do olhar sobre a construção artística da</p>	<p>Destaca a importância de se aprender a linguagem audiovisual, o que possibilita uma leitura crítica dos conteúdos audiovisuais que nos chegam.</p>	<p>CRITICIDADE APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL TROCAS DIÁLOGO</p>

	parceria imagem-som, fui ter só a partir da oficina “Realização Audiovisual: Adaptação Literária-Do Conto Ao Curta” que você aplicou em 2010 na MOSCA Seis.		
Simone	Da oficina construímos dois curtas a partir dos contos que lemos, e foi tudo muito legal, a montagem do roteiro, escolha de cenário, personagens, contato com câmera, microfone, enfim toda trabalhadeira que fizemos serviu de base não apenas para o “produto final” da oficina, mas principalmente para o conhecimento e possibilidades de apropriação desse tipo de comunicação, as análises e críticas que podemos tecer ao assistir um audiovisual, assim como a criatividade que podemos desenvolver ao trabalhar dentro desta linguagem, que não é um bicho de sete cabeças. Lembro com ênfase de um comentário seu, “os objetos/detalhes de uma cena também carregam informações sobre a mensagem que está sendo apresentada”.	Aponta como a criticidade se constrói quando nos apropriamos das linguagens audiovisuais e das técnicas de realização.	CRITICIDADE APROPRIAÇÃO AUTONOMIA PARTICIPAÇÃO
Simone	Foi de extrema importância produzir um curta-metragem para ser exibido na MOSCA, em 2012.	Destaca o primeiro trabalho audiovisual realizado com o intuito	AUTONOMIA CRITICIDADE ENGAJAMENTO

	<p>O curta foi feito especialmente com essa intenção, ser apresentado na mostra, naquele ano não queríamos apenas ir ao evento, nas oficinas, no café, queríamos compor o evento, apresentar um trabalho que trazia nossa leitura sobre a cidade. Falo no plural porque a realização do curta foi em parceria com mais dois companheiros, Felipe Lemes e Raoni Vilhena, eles abraçaram a ideia original que depois ganhou corpo com características dos três. Um grupo com poucos recursos tecnológicos, mas com o necessário: um celular com câmera, um cara que desenha, um cara que sabia editar e o amor por Cambuquira, cidade com recursos naturais de grande valia, potencial turístico e certa cegueira em perceber suas qualidades. Então queríamos mostrar esse emaranhado de “acoplamento sem conexão” (nome original do curta, que depois virou Cambuquira) que a cidade representava pra gente. Então, resolvemos brincar com a ideia e construir um curta com quatro elementos que</p>	<p>de ocuparem todos os espaços e as oportunidades que a MOSCA podia contribuir. Apresenta o processo de criação do curta e as intenções contidas nele. Há elementos importantes de uma consciência de comunicação popular quando aponta para a criação de um filme que seja reflexivo, contextualizado e que pretende a participação de quem irá assisti-lo. Um filme que só se completa naquele público específico, que deixa de ser público e passa a ser cúmplice ou parceiro.</p>	<p>PARTICIPAÇÃO</p>
--	---	--	---------------------

	<p>representavam a cidade, a Menina, tímida cidade com óculos que lhe atrapalhavam a visão, o Menino, os vivos recursos hídricos, demais elementos naturais e outros locais marcos da cidade, o Céu com o Sol e as Nuvens, que é a cidade no todo além de serem insígnias da bandeira de Cambuquira e, o Vento que é o tempo que compactua com o movimento e dinâmica das ações que temos na e/ou pela cidade. Aproveitamos o espaço da MOSCA e conhecimentos adquiridos lá para passar nossa mensagem (...)</p> <p>Acredito que fora do contexto de Cambuquira o curta não passaria de uma historinha de encanamento entre os personagens, mas pra gente é o amor que a cidade desperta, assim como o desejo de vê-la em consonância com tudo que carrega de precioso.</p>		
Simone	<p>Na MOSCA de 2013 participei da “Roda de Conversa-Audiovisual e Educação: Propostas Pedagógicas em Espaços Educativos”, o que aumentou o meu encantamento pela parceria com o audiovisual, até porque, tal método que valoriza a</p>	<p>A roda de conversa citada buscou articular a educação e a comunicação por meio de uma perspectiva de comunicação popular que privilegia os contextos no</p>	<p>TROCAS CRITICIDADE DIÁLOGO IDENTIFICAÇÃO</p>

	<p>comunhão da escola com a comunidade, dialoga muito com as novas correntes historiográficas, – sou estudante de História – que busca a micro história, indo ao encontro de tradições orais, memórias, principalmente as não oficiais, vozes silenciosas e/ou silenciadas, em suma temos buscado maior diálogo com o sujeito “comum”, afim de historicizar e evidenciar tais memórias no espaço público. Posso dizer que a MOSCA faz parte da minha constituição na preferência por esta linha de pesquisa. Participei da equipe que produziu dois documentários, coordenados pela Dr. Prof^a. Dr.^a Glória M. F. Ribeiro-DFIME/UFSJ, “Memória e Esquecimento: O Alto das Mercês” (Alto das Mercês é um bairro periférico de São João del Rei, com vários problemas socioeconômicos e também aonde se extraiu muito ouro, mas hoje as betas são ilegais depósitos de lixo), o outro com nome ainda em definição procura dar voz as casas de religião de matriz africana da histórica cidade</p>	<p>qual a vida vai sendo vivida. Mostra ainda, que a metodologia que se processa na MOSCA influenciou a sua posição como pesquisadora na graduação do curso de História, que valoriza o diálogo e a memória como dimensões constitutivas de resistência e de construção de identidades.</p>	
--	---	---	--

	de São João del Rei.		
Simone	A MOSCA me influenciou na desmistificação do que se tem por trás das telas de um audiovisual, aguçou meu senso crítico sobre vários assuntos de cunho sociocultural, foi um dos primeiros espaços públicos que me senti a vontade e com desejo de expor minhas considerações sobre Cambuquira, é referência de material crítico e de pessoas que entro em contato para tirar dúvidas e/ou mesmo firmar parcerias, além de ser a inspiradora da corrente historiográfica que escolho compor, que é dialógica, interdisciplinar e tem o compromisso com presente através das lutas pela cidadania e em defesa dos direitos humanos.	Há o reconhecimento de que a MOSCA se constitui em um espaço de formação constante e de ponto de convergência de redes de amizades e de parcerias. A metodologia dialógica e participativa que orienta as atividades da MOSCA contribui para que estes momentos de encontro se de em um ambiente de respeito e de responsabilidade como espaço, com o momento e com o outro.	CRITICIDADE PARTICIPAÇÃO AUTONOMIA AFIRMAÇÃO APROPRIAÇÃO
Simone	A MOSCA é importante para Cambuquira em diferentes pontos, primeiramente porque desperta o “Cine Elite” que esteve fechado por mais de vinte anos , em seguida vai recuperando a própria importância do local e polo cultural que redes de	Aponta uma perspectiva de democratização da comunicação e uma mobilização cultural. É interessante como a narrativa vai cadenciando uma sequência de fatos importantes em um	DIÁLOGO APROPRIAÇÃO PARTICIPAÇÃO COMUNIDADE

	<p>comunicação representam, simultaneamente democratiza a linguagem da imagem e som para os cambuquirenses e demais interessados, tanto através das oficinas como nos âmbitos de discussão e exibição de filmes, o que procede em cambuquirenses que se apropriam das técnicas e começam a utilizá-las para distintos fins socioculturais.</p>	<p>processo dinâmico.</p>	
<p>Simone</p>	<p>Além da questão educacional a MOSCA é também uma tradição cultural de Cambuquira, já são dez anos de estrada, com participação ativa de cambuquirenses produzindo e exibindo suas artes, sendo parte do evento. E mesmo sem essa participação enquanto produtor de algum filme ou integrante de alguma oficina, só de querer estar no evento e vivenciá-lo já denotam os significados e relações que temos com o momento. Tenho irmãs e amigas que moram em outras cidades, mas que organizam suas datas de viagem para estar na cidade nos dias da mostra. Costumo brincar que não espero o Natal, nem</p>	<p>Ressalta a importância da MOSCA como atividade cultural em Cambuquira e como se relaciona com ela. A participação é, mais uma vez, destacada como elemento fundamental.</p>	<p>PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO TROCAS</p>

	Carnaval, espero a MOSCA, sou uma mosquiiana. Rs!		
Simone	Sujeitos que além de encontrarem na mostra espaço para expor seus trabalhos/ideias, aperfeiçoar e/ou conhecer métodos de produção audiovisual, acabam se apropriando e identificando no campo a própria formação profissional. Quando menciono a escolha profissional, não viso apenas à atividade que determinamos para ganhar dinheiro e trabalhar/lucrar desenfreadamente com aquilo, é algo maior que isso, são as escolhas que temos primeiro porque nos identificamos, há sintonia com a metodologia do ramo e por isso o desejo de aprender mais. Segundo porque são através de tais campos escolhidos que vemos um horizonte para por em prática os nossos anseios, intervir na nossa cultura, compartilhar a nossa voz mediante aos compromissos e responsabilidades crítico-sociais que a vida adulta demanda.	Destaca a apropriação dos participantes da MOSCA em relação às oportunidades que ali são construídas. Participar da/na MOSCA vem se evidenciando como possibilidade de colaborar para apresentar o audiovisual como campo profissional, articulado com o campo cultural da cidade. Há um alinhamento do profissional com os anseios da vida, sobretudo no aspecto cultural.	APROPRIAÇÃO AFIRMAÇÃO PARTICIPAÇÃO AUTONOMIA CONDUZIR A PRÓPRIA VIDA
Simone	Minha geração, apesar de morrer de amores por Cambuquira, se constituiu com base no lema	Ressignificação da cidade e o caráter dinâmico que uma	APROPRIAÇÃO AFIRMAÇÃO ENGAJAMENTO

	<p>“Cambuquira é a cidade do já teve”, entretanto nos últimos tempos percebemos que não é bem assim, aliás, nunca foi. Mesmo que hoje em dia não circule rios de dinheiro na cidade como na época dos cassinos e dos aquáticos, temos nossa cultura viva, temos nossas preciosidades aquíferas, temos nossa história, nosso estilo de vida, claro que ainda não atingimos o cenário de cidade ideal com o devido respeito à nossas fontes, mata, bens naturais e reconhecimento dos nossos patrimônios imateriais que produzem valores cognitivos, históricos, afetivos, ambiental etc., mas eles estão aí demonstrando o que a cidade “tem”.</p>	<p>geração contesta a outra. Há uma apropriação da cidade e uma valorização do que ela tem e do que ela pode ter, como projeto. A comunicação joga um papel importante nesta tensão quando permite ser mais um meio de expressão capaz de provocar reflexões e convocar participantes para que se irmane neste processo mais amplo de comunicação que não se restringe aos seres humanos e se estende aos ambientes naturais.</p>	<p>TENSÃO CRITICIDADE</p>
<p>Simone</p>	<p>Uma das formas mais eficazes para a difusão do novo comportamento socioambiental, assim como para percepção do que temos na cidade é através do audiovisual, que é como um espelho que gera reflexões e ao mesmo tempo reproduz imagens, fazendo a gente se perceber numa conversa com a gente mesmo, uma conversa com o que a gente é e/ou gostaria de</p>	<p>Importância do audiovisual como linguagem que contribui para a construção de uma consciência coletiva em relação à cidade e suas maneiras de se relacionar com o meio ambiente que a circunda, além de uma consciência crítica de si sempre em processo</p>	<p>CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA APROPRIAÇÃO CRITICIDADE COMUNIDADE ENGAJAMENTO AFIRMAÇÃO</p>

	<p>ser (...) Apropriamos da linguagem e a utilizamos para expressar nossa luta ideológica em Cambuquira, “a cidade que tem”, somos agentes coletivos que interagem na/pela cidade que acreditamos.</p>	<p>que entrelaça o subjetivo e o intersubjetivo. Há, ainda, o destaque para aspectos da ressignificação da cidade por meio da apropriação do audiovisual, tecendo-se um contraponto entre a cidade do “já teve” e a cidade do “tem”.</p>	
<p>Simone</p>	<p>A seleção dos curtas exibidos entra como exemplo, pois somos levados a uma conversa mundial, que retrata questões de gênero, étnicas, ambientais, políticas, existenciais, em suma há uma pluralidade de vozes/imagens que adquirem visibilidade e convidam para o diálogo/reflexão. A experiência em oficinas legitima as considerações, já que com o término de uma oficina de audiovisual você consegue perceber que não importa se você ficou segurando o microfone, se você foi o galã diante das câmeras, se você elaborou o roteiro, ou seja lá qual foi o papel que desempenhou. O que importa é perceber a parceria na construção daquele trabalho que</p>	<p>Os curtas exibidos na MOSCA são provenientes de diferentes localidades do mundo, o que significa uma diversidade de perspectivas que são levadas em consideração nos debates que se sucedem depois das exposições. Estes momentos de trocas são importantes para um ambiente crítico e reflexivo e são complementados pela participação em práticas de realização audiovisual que visam desmistificar as técnicas de produção e</p>	<p>PARTICIPAÇÃO DIÁLOGO CRITICIDADE PLURALIDADE</p>

	dependeu da função de cada um.	ensinar os elementos que compõe às linguagens audiovisuais.	
Simone	<p>Vejam os minha geração em Cambuquira, caldada na melancolia da cidade que “já teve”, hoje olha para si por meio daquilo que “tem”, sem lástimas ou devaneios, sim se movimentando para por em prática os sonhos que carrega.</p> <p>Observo isso entre a teia a qual me ligo, com pessoas amigas ou não, que possuem íntimas ligações com a mostra, com o Espaço Cultural Sinhá Prado e aproveitam das técnicas iniciadas lá – em alguns casos aprimoradas em outros espaços – para desenvolver expressivos trabalhos no cenário cambuquirense.</p>	Destaca mais uma vez um fortalecimento dos anseios de buscar a cidade que “tem” e considera o audiovisual (e o domínio de suas técnicas de realização) de fundamental importância para a expressão dos anseios e para a construção de práticas que visem concretizar tais anseios.	<p>ENGAJAMENTO</p> <p>AFIRMAÇÃO</p> <p>APROPRIAÇÃO</p> <p>IDENTIFICAÇÃO</p>
Simone	<p>Aguça o nosso senso crítico ao mesmo tempo em que nos ajuda a fazer leituras da grande mídia que chega todos os dias nas nossas casas, no nosso cotidiano.</p> <p>Só que além de ler/entender o audiovisual, caminhar por esses outros olhares que encontramos no dia-a-dia mas que dificilmente são reportados pela grande mídia do</p>	Aspectos da cultura local. Do contexto sociocultural que vai sendo construído por meio de participação em propostas amplas de construir uma sociedade mais justa que passa pela comunicação popular e pela pauta da	<p>CRITICIDADE</p> <p>AUTONOMIA</p> <p>APROPRIAÇÃO</p> <p>ENGAJAMENTO</p>

	<p>contemporâneo, aprendemos também a utilizá-lo, o que é fantástico, pois é uma das inspirações para que sejamos a “mídia” local, a mídia dos olhos que procura por si, que fala de si, que dialoga com os seus sujeitos reais. Desse diálogo parcerias são firmadas e embocam-se em trabalhos maiores, criativos e inteligentes com trocas e multiplicidade de ideias que afetam a historicidade local.</p>	<p>participação e do diálogo. Uma comunicação que não é alheia à quem vive na cidade, mas que, pelo contrário, só ganha sentido porque nela se origina e a ela se integra.</p>	
Simone	<p>Os dez anos de estrada da MOSCA me fazem perceber que os significados impulsionados são pedagógicos e de um grande encontro de saberes, da liberdade de expressão de quem produziu ou apenas assistiu ao filme/curta, da partilha de ideias que podem ser comungadas ou não, do acesso simples ao sofisticado na produção de audiovisual que acontece sem modelos cristalizados, sim numa construção da equipe, e como podemos aplica-los em outras partes.</p>	<p>As construções de significados apontam para uma dimensão de formação constante, processual, coletiva e crítica que vai ao encontro da construção de autonomia que visa a democratização da comunicação e a possibilidade de colaborar para que haja, em Cambuquira, uma comunicação integrada às vidas, às lutas dos cambuquirenses.</p>	<p>PERTENCIMENTO APROPRIAÇÃO CRITICIDADE TROCAS</p>
Simone	<p>Há uma identidade “mosquiana” firmada, de cambuquirenses e</p>	<p>Aspectos de construções de identidades e de</p>	<p>ENGAJAMENTO IDENTIFICAÇÃO</p>

	<p>agregados que além de participarem do evento (assistindo aos filmes, em oficinas, exibindo etc.), reinterpretam e inovam leituras sobre a cidade por meio do audiovisual, em vídeos para além da mostra, sim como mecanismo de diálogo político-sociocultural.</p>	<p>posições assumidas em vista a construir um diálogo constante, crítico e reflexivo acerca dos caminhos que Cambuquira vai trilhando.</p>	<p>PARTICIPAÇÃO DIÁLOGO</p>
--	--	--	---

Este quadro que apresenta a organização e uma análise prévia dos dados nos permite estabelecer uma aproximação entre as falas dos sujeitos da pesquisa e as referências conceituais articuladas com o embasamento teórico-metodológico desta tese.

Este diálogo entre as falas do Alexandre e da Simone com os conceitos trabalhados junto com os referenciais teórico-metodológico constitui-se como fundamento de uma metodologia de pesquisa que se pretende dialógica e participativa.

Por meio da organização e da análise dos dados, chegamos a um conjunto de categorias analíticas pautadas pela relação estabelecida entre as falas dos sujeitos e os conceitos trabalhados, nesta tese, junto com os referenciais teórico-metodológico.

Desta maneira, destacamos a seguir, as categorias analíticas com as quais iremos articular com as outras fontes de coleta de dados: análise de registros audiovisuais, fotográficos e textuais e a observação participante sistematizada durante a décima edição da MOSCA, realizada em 2015.

Tabela 3 – Categorias Analíticas

Falas dos sujeitos	Categorias Analíticas
<p>“Acaba abrindo nossa mente em termos de senso crítico político, social, humano... porque o audiovisual é totalmente humano” (Alexandre).</p>	<p>Criticidade</p>
<p>“Pô, é a MOSCA e precisamos participar este ano e vamos fazer” (Alexandre).</p>	<p>Engajamento</p>
<p>“A MOSCA tem um espírito que é daqui” (Alexandre).</p>	<p>Identificação</p>
<p>“E com a MOSCA o cambuquirense tem uma identificação mesmo, um sentimento de pertencimento, a MOSCA é nossa!” (Alexandre).</p>	<p>Pertencimento</p>
<p>“Não recebemos algo pronto e acabado (...) problematizações são postas, instigando o diálogo e interação dos participantes” (Simone).</p>	<p>Participação</p>
<p>“Possibilidades de apropriação desse tipo de comunicação, as análises e críticas que podemos tecer ao assistir um audiovisual, assim como a criatividade que podemos desenvolver ao trabalhar dentro desta linguagem, que não é um bicho de sete cabeças” (Simone).</p>	<p>Autonomia</p>
<p>“Temos nossa cultura viva, temos nossas preciosidades aquíferas, temos nossa história, nosso estilo de vida” (Simone).</p>	<p>Afirmação</p>
<p>“Apropriadamos da linguagem e a utilizamos</p>	<p>Apropriação</p>

para expressar nossa luta ideológica em Cambuquira, “a cidade que tem”, somos agentes coletivos que interagem na/pela cidade que acreditamos” (Simone).	
“Inspirações para que sejamos a ‘mídia’ local, a mídia dos olhos que procura por si, que fala de si, que dialoga com os seus sujeitos reais” (Simone). “A experiência de você chegar até no outro mesmo (...) E quando a gente tem o contato com o outro a coisa é bem mais interessante” (Alexandre).	Diálogo
“Um grande encontro de saberes, da liberdade de expressão (...) da partilha de ideias que podem ser comungadas ou não” (Simone).	Trocas

Além das categorias analíticas, também conseguimos depreender do quadro de organização e análise dos dados alguns momentos de tensão:

- a) Tensão entre o **engajamento cultural**, motivado pela vontade de participar da MOSCA através da criação de obras audiovisuais coletivas e a **possibilidade econômica** advinda do audiovisual e assumida como profissão que acaba não sendo aceita por determinadas pessoas.
- b) Tensão caracterizada por nuances geracionais na qual os mais velhos, melancolicamente, referem-se a Cambuquira como a **cidade do “já teve”**, enquanto os mais jovens buscam afirmar que Cambuquira é a **cidade do “tem”** e se apropriam do audiovisual como uma linguagem para comunicar esta afirmação.

Motivados pelas categorias e pelas tensões encontradas e destacadas, voltamos os olhos para os registros das outras edições da MOSCA.

Um dos registros que fomos buscar foi o primeiro curta-metragem documentário realizado de forma coletiva na MOSCA. Uma análise deste documentário, Cine Elite – um sonho possível, realizado na primeira oficina de realização audiovisual da MOSCA, em 2006, permitiu problematizar algumas destas tensões e destas categorias analíticas.

Abaixo seguem alguns trechos das falas de pessoas que deram depoimentos neste documentário de 2006, com destaque em negritos para momentos que se relacionam com as categorias que estamos elaborando:

Trecho 1:

“Era prazeroso ir ao cinema. Era prazeroso passear na Rua Direita. Cambuquira era prazer... E hoje... Segundo eu escuto: ‘ah, já teve, já teve, a cidade do já teve’” (Dona Nina).

Esta fala da Dona Nina ilustra a melancolia de quem, desesperançosamente, se remeta à Cambuquira como a cidade do “já teve”, referindo-se a um tempo em que a cidade colhia certos investimentos em equipamentos culturais e espaços coletivos motivados pela vida social que circundava o cassino. Quando a Simone afirma que Cambuquira é a cidade do “tem”, ela está convocando os cambuquirenses para um engajamento que tire a cidade do imobilismo que o sentimento do “já teve” proporciona. Para a realização desta tarefa, Simone reconhece o audiovisual como uma prática de comunicação que permite colaborar para a (re)construção deste pertencimento com a cidade, em um movimento dialético de se (re)construir neste processo.

Trecho 2:

“Então você me perguntou: o que é que você acha da cultura em Cambuquira? Não existe, infelizmente não existe (...) Povo unido jamais será vencido! Em Cambuquira, a única união que eu já vi em Cambuquira é naquele açúcar que é vendido lá no...**Porque aqui não existe união, ninguém se une pra coisa nenhuma**” (Seu Cid Ney).

Esta fala do Seu Cid Ney é muito forte e simbolicamente representa uma provocação aos jovens. Este depoimento foi dado a um grupo de jovens que estava participando da oficina de realização de documentário, em 2006 e o autor da pergunta sobre

a cultura em Cambuquira foi o Alexandre, sujeito participante desta pesquisa e que, anos depois, iria mobilizar um grupo de realizadores audiovisuais na cidade. Mais uma vez a fala traz um caráter de desesperança, muito motivada pelo sentimento do “já teve”. Sem dúvida este depoimento serviu como uma provocação para os jovens e como reflexão para a cidade. Na ocasião da exibição deste documentário para o público, em Cambuquira, a sala do Cine Elite estava ocupada por mais ou menos 150 pessoas.

Trecho 3:

“Na verdade, antes de mudar qualquer coisa, **é preciso mudar a maneira de pensar**. Porque essa espera de um salvador, de chegar alguém aqui e dar pra gente tudo aquilo que a gente precisa é uma fantasia, né” (Alexandre).

Neste documentário, o Alexandre, juntamente com outros jovens, também dá seu depoimento e o orienta para a importância em se mudar o sentimento do “já teve” para que a cidade possa assumir sua autonomia e não ficar, passivamente, esperando que alguém faça por ela. A cobrança por atitude e a vontade de se mudar um pensamento determinista e desesperançoso acabam por influenciar, também, os rumos que Alexandre deu para sua vida junto a cidade. Sem dúvida, o audiovisual e o processo comunicativo desencadeado por esta linguagem ajudaram a catalisar um engajamento e uma criticidade tão importantes para se construir um sentimento do “tem” que é mais dinâmico, participativo, coletivo e afirmativo.

Trecho 4:

“**Eu notei que era uma coisa tão unida. Que parecia uma grande família.** Uma família imensa, numa sala, numa sala de estar, todo mundo vendo um filme. Parecia isso. Você sentava ao lado de uma pessoa que você nunca viu, um cambuquirense que você nunca conversou, **mas o filme, o cinema, traz você a ter o contato com a pessoa maior.** Você se abre né” (Delsinho).

A fala do Delsinho ilustra uma experiência de comunidade, de comunhão e de esperança. Esta fala faz referência ao sentimento que a MOSCA propiciou a ele, lá no ano de 2006. Há aí o reconhecimento de um espaço e de um momento que contribui para trocas, diálogos e de afirmação.

A observação participante, realizada durante a 10ª edição da MOSCA, permitiu destacar que tanto a Simone, quanto o Alexandre participaram intensamente da MOSCA. Em muitos momentos os dois se integravam na equipe realizadora da MOSCA: Simone participou e colaborou nas oficinas e Alexandre ficou responsável por registrar, audiovisualmente, o dia-a-dia da MOSCA e exibir, no dia seguinte ou até no mesmo dia, uma síntese do que aconteceu na MOSCA 10.

Outro ponto de destaque é que tanto a Simone, quanto o Alexandre são responsáveis por aproximar seus familiares do espaço e da atmosfera proporcionada pelas atividades realizadas durante a MOSCA. Há uma dedicação e um cuidado dos dois em proporcionar aos seus familiares e amigos mais próximos a sensação de participar das atividades da MOSCA e de se integrar ao momento e ao espaço.

A observação participante possibilitou corroborar a participação e o engajamento dos dois, bem como os sentimentos de identificação, pertencimento, apropriação experienciados por meio do diálogo.

CAPÍTULO 7

PROCESSOS EDUCATIVOS EXPERIENCIADOS NA MOSTRA AUDIOVISUAL DE CAMBUQUIRA-MG (MOSCA)

Neste capítulo apresentamos a análise dos dados coletados e que foram previamente analisados durante o processo de organização dos mesmos.

Para este momento de análise dos dados, voltamos para a questão de pesquisa que orientou todo o processo de construção desta tese. A questão de pesquisa com a qual iniciamos esta pesquisa foi redigida desta maneira: que processos educativos permeiam um processo de comunicação popular experienciada na Mostra Audiovisual de Cambuquira-MG (MOSCA)?

A partir da questão de pesquisa estabelecemos uma articulação entre os principais conceitos teóricos e as categorias analíticas que foram abordados nesta tese, com a intenção de apontarmos os processos educativos envolvidos na experiência de participação na MOSCA. Outro ponto que analisaremos, a seguir, são as duas tensões que destacamos quando os dados foram organizados no capítulo anterior. Entendemos que as tensões, bem como as categorias analíticas, nos ajudam a compreender os processos educativos que são experienciados durante a MOSCA. Temos, abaixo, uma tabela que sintetiza esta articulação.

Tabela 4 – Articulação entre as categorias analíticas, as tensões e os conceitos teóricos.

Categorias Analíticas	Participação	Autonomia
	Identificação	
	Criticidade	Apropriação
	Pertencimento	
	Engajamento	Diálogo
	Afirmação	
		Trocas

Tensões	Engajamento Cultural X Possibilidade Econômica Cidade do “já teve” X Cidade do “tem”
Conceitos Teóricos	Democratização X Educação Popular Comunicação Popular

A partir das categorias analíticas e das tensões destacadas, podemos inferir que os processos educativos experienciados na MOSCA são constituídos durante o espaço e o momento em que a MOSCA vem acontecendo desde 2005 e que extrapolam a Mostra para outros espaços de atuação dos participantes da pesquisa. Queremos indicar com isso, que os processos educativos não são pensados a priori e aplicados de uma forma unidirecional. O que há, de início, é a intenção de que a MOSCA se constitua em um espaço de trocas e de diálogos, que estimule a criticidade e o quefazer audiovisual, dentro de uma proposta mais ampla de Comunicação Popular e de Educação Popular e que se some às lutas pela Democratização da Comunicação.

Por meio das entrevistas com os dois participantes da pesquisa e da experiência vivenciada por mim desde 2005 é possível afirmar que a MOSCA vem se configurando, cada vez mais, como uma prática social que mobiliza e tensiona diversos processos educativos.

Na tensão entre “Engajamento Cultural” e “Possibilidade Econômica” é possível destacar um debate que mobiliza os jovens realizadores audiovisuais de Cambuquira em relação ao rumo em que todo o processo audiovisual deve seguir. É importante ressaltar que este debate vem se concretizando no decorrer de uma década (de 2005 a 2015). Isto implica em dizer que há uma historicidade e um processo de formação destes jovens nas mais diversas práticas sociais. Os projetos de vida vão sendo colocados em prática, vão se

adaptando às circunstâncias, horizontes vão se ampliando ou se estreitando. São nestas idas e vindas que as vidas vão sendo vividas. O encontro destas historicidades trazidas por cada um destes jovens gera tensões provocadas pelo quefazer audiovisual que se entrelaçou às vidas de cada um. Assim, a tensão que o quefazer audiovisual promove entre “Engajamento Cultural” e “Possibilidade Econômica” leva cada um a buscar, por meio das atividades práticas, a constituir a finalidade que o audiovisual vai costurando. Todavia é interessante apontar que esta tensão fica suspendida quando a finalidade é participar da MOSCA. Há, na MOSCA, um chamamento à comunhão, um compartilhamento de ideias e de memórias. Esta distensão permite o diálogo, no qual as partes tensionadas se abrem a se ouvirem mutuamente.

Na tensão entre “cidade do já teve” e “cidade do tem” é possível encontrarmos uma clara distinção geracional. Os que arrogam que Cambuquira é a “cidade do já teve” se apegam à memória de terem participado de um momento de grande desenvolvimento econômico da cidade no período dos cassinos. Nesse momento histórico, Cambuquira recebia milhares de turistas provenientes das elites brasileiras o que estimulava a construção de grandes hotéis e de outros equipamentos culturais, tais como cinema e teatro. Com a criminalização dos jogos de azar, por volta de 1946, os cassinos fecharam as portas e a elite que frequentava estes espaços foram deixando de visitar Cambuquira, gerando o fechamento de hotéis, cinemas, teatros e empobrecendo a arrecadação do município. Esta decadência econômica motivou os que apontam que Cambuquira é a “cidade do já teve”, pois não tem mais o que outrora teve e que está relacionado com a vida cultural promovida pelos grandes hotéis, cassinos, cinema e teatro. Os que afirmam que Cambuquira é a “cidade do tem” são jovens que não viveram a época dos cassinos e que se apegam às riquezas hidrológicas e culturais da cidade para promover uma afirmação de Cambuquira e dos cambuquirenses. Neste sentido, estes jovens criam ONG’s, coletivos, grupos que visam estimular a participação e o engajamento dos cidadãos na defesa dos recursos hídricos, já que Cambuquira é uma estância hidromineral, bem como promover atividades artísticas de fruição estética relacionadas às linguagens audiovisuais, musicais e de outras artes.

Além dos processos educativos vivenciados nestas tensões, outros processos educativos são identificados pelos participantes da pesquisa e se articulam com as próprias categoria analíticas trazidas neste estudo. Cada categoria analítica, portanto, se configura

como uma postura, uma posição, uma atitude que aprendemos e ensinamos e, muitas vezes, também são os próprios processos educativos.

Com o intuito de identificar estes processos educativos, elaboramos a tabela a seguir que explicita como cada participante da pesquisa compreende a constituição destes processos. Mostramos, na tabela, a perspectiva dos dois participantes, Simone e Alexandre, e minha perspectiva também, uma vez que estou implicado em todo este processo.

Tabela 5 – Compreensões dos participantes da pesquisa sobre os processos educativos⁹¹

<u>Simone Assis</u>			
Categorias Analíticas (identificadas nas entrevistas)		Como vocês aprendem na MOSCA?	Como vocês ensinam na MOSCA e em outros momentos?
1	PARTICIPAÇÃO	<p>Aprendo “Participação” na MOSCA através das oficinas que são oferecidas, que estimulam a interação dos participantes entre si para elaboração de um audiovisual mediante ao tema proposto e apresentação dos códigos de produção de imagem e som. Contribuo participando dos diálogos sobre o tema, construção do roteiro, processos de gravação, captação de áudio e/ou atuação diante das câmeras, levando em consideração os acordos estipulados por nós membros do grupo.</p> <p>Também aprendo “Participação” na MOSCA através do bate-papo após as sessões que permitem a troca de informações a respeito dos</p>	<p>Singelamente acho que ensino “Participação” na MOSCA quando exponho minhas ideias/inquietações nas oficinas e debates pós sessões na qual participei e de alguma forma fui agitada. Estas ideias podem ser aceitas, ignoradas ou refletidas, gerando sensações que fomentam ainda mais a conversação entre o público (incluindo os produtores da arte que gera o estímulo) e as considerações sobre a mensagem levantada no filme e oficina.</p> <p>Também ensino “Participação” na MOSCA quando firmo parcerias com amigos para construirmos conjuntamente uma mensagem, por meio do</p>

⁹¹ Nota para banca – As compreensões dos participantes ainda estão sendo colocadas nesta tabela. Para este momento ela se encontra incompleta em alguns tópicos, mas até a publicação da tese ela estará completa.

		<p>filmes e temas abordados. Nesse espaço percebo que posso compartilhar minhas impressões sobre o que assisti e meu conhecimento sobre o assunto, assim como ouço os demais num processo dialógico.</p> <p>Aprendo “Participação” agindo, interagindo com os sujeitos, vozes, imagens e projetos que são acionados na MOSCA. Ao agir e expor minhas considerações também sou sujeita à críticas, que colaboram para o amadurecimento, reflexões e (re) construções das minhas próprias ideias.</p>	<p>audiovisual, para ser especialmente exibida na mostra, ou seja, para ser contribuinte com a gama de informação do evento. Depois essa mesma mensagem também entra no processo dialógico, sendo questionada e interpretada pelos demais participantes. Acredito que fora da MOSCA também ensino “Participação” produzindo a problematização dos temas socioculturais e ambientais que me causam inquietações, ou estão envolvidos nas atividades acadêmicas ou no coletivo que participo, e tais atividades na maioria das vezes visam a área das humanas que dependem da “Participação”, das atitudes e interação de determinado grupo.</p>
2	ENGAJAMENTO	<p>A MOSCA por si só apresenta traços de “Engajamento”, sendo composta por uma equipe que atua com dedicação e afinco para deixar acessível a cultura do audiovisual, uma equipe que vibra e se emociona junto com o público envolvido e procura conhece-lo, uma equipe que ao mesmo tempo que desmistifica os códigos da “caixa mágica”, destaque nos Mass Media, amplia as leituras para as representações sociais e coloca a comunicação audiovisual a serviço dos envolvidos. Estimula a troca de informação entre quem produz, quem recebe e ressignifica as informações,</p>	<p>Acho que talvez ensine “Engajamento” na MOSCA quando em parceria com o coletivo que componho e com alguns dos organizadores da mostra adquirimos espaço para apresentarmos e fomentar discussões a respeito das atividades, conquistas, lutas e ideias que desenvolvemos. Como foi com a mesa redonda “Cambuquira, a Cidade Azul” sugerida pela ONG Nova Cambuquira e que contou com as contribuições dos organizadores do Projeto Mover, MOSCA e interação dos participantes. Em outros momentos talvez ensine “Engajamento”</p>

		<p>sendo espaço alternativo de educação popular, e sendo exemplo de um frutífero trabalho já com seus dez/onze anos de estrada.</p> <p>Aprendo “Engajamento” com a MOSCA através do que vejo na organização da equipe que reavivou o antigo cinema da cidade, que procura parcerias entre cambuquirenses e demais conhecidos para realização dos eventos, deixando transparente através de canais eletrônicos e diálogos os interesses, atividades, procedimentos e abertura da mostra para trocas de produção cultural.</p> <p>Também devido ao conteúdo de informações que recebo, dos exemplos de atividades individuais e coletivas de pessoas comuns que conseguem mobilizar os locais em que estão, através de ações que ressaltam as próprias especificidades da região, pessoal ou do grupo.</p> <p>Aprendo “Engajamento” tendo a possibilidade de participar, colaborar me engajar nas atividades da mostra.</p>	<p>quando mais uma vez em parceria com educadores, produtores culturais e organizados não governamentais trocamos ideias a respeito da cultura das águas em Cambuquira, e promovemos projetos educativos, através de oficinas que contemplem o público infanto-juvenil, para criação de audiovisuais que retratem a cultura e especificidades hidrológicas da cidade.</p> <p>Ensinar e aprender “Engajamento” é uma espécie de convite para se pensar e construir junto a organicidade das lutas que se levanta, uma espécie de terreno que demanda a participação de mais agentes para desencadear ações por determinada causa.</p>
3	CRITICIDADE (SENSO CRÍTICO)	<p>A MOSCA me possibilita aprender “Críticidade” por meio da seleção dos temas que aborda através dos curtas/filmes exibidos que são produzidos e dirigidos em diferentes regiões do país e do globo, com distintos formatos de trabalho como animação, experimental, documentário, 3D etc., o que amplia as possibilidades de referência</p>	<p>É possível que ensine “Críticidade” na MOSCA apontando minhas interpretações sobre o que vejo, sinto e compartilhando os conhecimentos que carrego e aprendo, corroborando com as vozes além da mensagem do audiovisual para que juntos ampliemos a leitura sobre o tema em questão.</p>

		<p>estética para novas produções e vivências. O senso crítico é acionado no intercâmbio de vozes apresentadas, debates despertados, que me fazem refletir sobre a realidade em que estou imersa e como influir nela. Algumas vezes essa confluência de vozes inspiram ações, tornam-se referências, outras vezes apenas mostram as peculiaridades do outro que requer respeito, mesmo que seja algo tão alheio ao que penso e sou, alguns momentos apresentam questões que nem sequer imaginava. Há um conjunto de saberes que são partilhados, transmitidos, mas não de maneira universal sim para que tomemos consciência das distintas expressões, no plural. Quando recebo signos distintos ou semelhantes aos meus, começo a pensar a respeito do que vejo, do que sou, de como estou e acabo construindo ideias e valores que convergem, divergem, ou seguem a par dos signos que carrego, aliás processo.</p> <p>Também aprendo “Criticidade” nas oficinas, sendo indagada e motivada a questionar as fontes que recebo, tentando entender os processos que a fazem ser, pensar e atuar da maneira em que se mostram. Com a MOSCA aprendo a ler a linguagem da produção do audiovisual, entender a maioria dos elementos que compõem a mensagem do</p>	<p>Imagino que também ensine “Criticidade” quando participo de oficinas e em parceria com a equipe inscrita criamos uma mensagem em audiovisual que será exibida no último dia da mostra. Já que uma das maneiras de ensinar “Criticidade” é se manifestar de alguma maneira, para que o outro reflita e faça leituras daquilo que recebe, a fim de maior compreensão e não uma conversa de surdos. Dentro desse contexto talvez promova indiretamente o senso crítico quando em parceria com amigos construo curtas que participam da “Mostra Cambuquira” tornando-se alvos de críticas e indagações.</p>
--	--	---	--

		registro, interpretá-la, e tomar emprestado tal linguagem para futuros trabalhos. Tudo isso pode ser discutido e apontado nas mesas de debate, oficinas e conversas de café.	
4	IDENTIDADE	<p>Acredito que a MOSCA contribua com minha “Identidade” cultural, pois a partir do envolvimento com a mostra passei a ter contato com diferentes formatos de audiovisual, não apenas os tradicionais do cinema comercial ou TV. Experiência que aguçou minha aproximação por essa linguagem, refinou meu olhar para outros espaços difusores de comunicação em audiovisual, além de me inspirar na participação das oficinas que promovem a construção de curtas, e posteriormente na livre produção, em parceria com amigos, de dois curtas-metragens.</p> <p>A MOSCA foi meu primeiro espaço de contato prático com o mundo das artes, com o chamamento para sensibilidade de expressões que não a literária, tradicionalmente vista em sala de aula.</p> <p>Cabe destacar que um dos pontos chamativos nas oficinas em que participei e demais momentos na MOSCA, por qual tenho estima e acabo tentando me aproximar de tais práticas em outros momentos da minha vida, é a forte pegada do trabalho em conjunto, na</p>	<p>Fico confusa com essa questão, provavelmente não ensino “Identidade” na MOSCA, apenas deixo implícitos ou mesmo explícito os códigos socioculturais que me constituem, meu jeito de ser, atuar e participar nos espaços em que compareço. A credibilidade, recusa ou afinidade do outro(s) para com minha representação foge do meu conhecimento. Embora seja possível que ao atuar em prol dos cuidados, valorização e preservação dos mananciais hídricos da cidade, ou mesmo falando das transformações da cidade, das últimas conquistas e especificidades, como a própria MOSCA, ou o título de Cidade Azul, as reformas no Observatório Centauro etc., esteja não apenas valorizando como também promovendo identidade cultural que acredito, tentando talvez ensiná-la.</p> <p>Ademais, uma vez que tais falas sobre o que a cidade tem, que são comuns a outros sujeitos e que mesmo em grupos distintos circulam e encontram-se em semelhantes espaços públicos, inclusive firmando parcerias como é o caso de</p>

		<p>divisão de tarefas e importância que cada setor tem para que o objetivo seja alcançado.</p> <p>Também me identifico e aprendo com a educação/comunicação popular que a mostra realiza. Por meio da sensibilidade e criatividade de filmes podemos tratar de temas sérios ou de difícil compreensão, de uma forma mais descontraída, interessante e lúdica, mexendo com os sentidos individual ou mesmo do outro(s) que desejamos atingir. Depois da exibição de filmes é sempre bem-vindo um diálogo, que é para ir além do que audiovisual traz e gerar troca de informações e de impressões com os participantes da sessão.</p> <p>Posso dizer que meu frequente trânsito pela MOSCA, minha afinidade ou desavenças com o que vivo na mostra colabora com minhas escolhas de ação e reação ao que recebo, ou pratico no evento, firmando assim um dos elementos da minha “Identidade” cultural.</p> <p>Também aprendo “Identidade” na MOSCA quando tomo consciência de trabalhos e atividades dos meus conterrâneos sobre Cambuquira. Além de conhecer um pouco mais sobre tradições da cidade, como foi com o atual documentário “Chão e Fé” produzido pela turma do Alexandre, ou com a exibição</p>	<p>alguns dos organizadores da MOSCA, Projeto Mover e ONG Nova Cambuquira, é possível apontar que há certa afinidade entre nós envolvidos que já realizamos trabalhos juntos com o intuito de apresentar o que a cidade é/tem, principalmente tocante das águas.</p>
--	--	---	--

		de antigos trabalhos como os do Marquinhos, retratando a Cambuquira de outrora, na época dos jogos esportivos, entre outros. Acabo me identificando com essa memória coletiva da cidade, dos sujeitos da minha cidade, da história que mesmo de outros fazem parte da psicofera na qual estou envolta.	
5	PERTENCIMENTO	Acho meio complicado aprender “Pertencimento” a um local/evento em que não tenho a obrigação ou tratados mesmo que moral de comparecer. Essa questão de pertença é mais sutil, espontânea e nasce das minhas escolhas em procurar pela mostra, pela identificação com o formato das atividades que são estabelecidas no evento e claro, pela possibilidade que o espaço oferece de atuação/participação, apresentado também as minhas considerações, trabalhos e óticas. O sentimento de “Pertencimento” manifesta-se porque me relaciono com a mostra, posso agir e contribuir mesmo que de forma singela com as atividades da MOSCA.	É provável que não ensino “Pertencimento” na MOSCA, é meio complicado ensinar o que o outro deve sentir. Talvez o máximo que faça nesse sentido seja convidar amigos e familiares para conhecer e compartilhar do evento a qual me sinto pertencente. Depois meus convidados acabam desenvolvendo as próprias relações, particulares e coletivas com a MOSCA.
6	AFIRMAÇÃO	Aprendo “Afirmação” na MOSCA por conta da abertura de diálogos que ela fornece, através da apresentação dos mais diferentes setores da sociedade, regional, nacional e internacional, essa abertura	Ensinar “Afirmação” é muito próximo da linha do aprender a me afirmar mediante ao público, aos que não são pares, e conviver com o distinto. Então talvez ensine “Afirmação” na MOSCA quando participo das

		<p>de vozes sociais, linguísticas, étnicas, de gênero, culturais, ambientais etc., promovem a coexistência e troca de vozes, sem homogeneizar os envolvidos. Portanto aprendo a me afirmar na MOSCA quando minha participação é respeitada, mesmo que não haja consonância, mesmo com divergências há respeito e atividades conjuntas. Esse ambiente inspira para que eu afirme meus ideais individuais e/ou coletivos ao público sem receios de discriminação ou constrangimento socioculturais. Aprendo “Afirmção” lidando com as diferenças, afirmativas alheias que assim como eu se expressam de alguma forma, nem que seja com a presença física ou através da exibição dos trabalhos em audiovisual.</p>	<p>atividades da mostra, me expresso concordando, contestando, entrando em consensos, ou apenas respeitando uma realidade que não é a minha. Em suma acredito que ensinar “Afirmção” é afirmar-se, colaborar com os mecanismos das atividades e entrar para o rol das críticas.</p>
7	AUTONOMIA	<p>No quesito “Autonomia” acredito que aprendo com a MOSCA, participando das oficinas que apresentam uma ideia originária mas que terá o desenvolvimento deliberado pela equipe inscrita e não apenas com as mediações e/ou ideia pronta do oficinairo. Acredito que autonomia no stricto sensu não ocorre, pois na maioria das vezes agimos em grupo, ou seja, somos autônomos no que tange manifestar e sugerir questões, sem que seja uma atividade pré-estabelecida, mas o desenvolvimento será de caráter coletivo, isto é, da decisão mediante a participação dos sujeitos.</p>	<p>Não tenho certeza se ensino “Autonomia” na MOSCA, apenas acredito que sendo livre para me expressar e me expressando, isso possa comover outros participantes que assim como eu ficam inquietos com alguma questão.</p>

		Talvez aprenda “Autonomia” pegando emprestado do meio os momentos oportunos da mostra para participar e interagir.	
8	APROPRIAÇÃO	Como não estudo imagem e som, como não domino as técnicas ou tenho material multimídia de qualidade, acredito que me aproprio, mesmo que singelamente, desta linguagem ao participar da MOSCA, e depois utilizo-a em parceria com amigos que dominam a linguagem do audiovisual melhor que eu para expressar minha/nossas ideias, dentro ou fora da mostra produzindo audiovisuais. Acredito também que aprendo um estilo para apresentar filmes, fomentar discussões, e observo diferentes estéticas de produção imagética, tudo fica armazenado na minha memória e são acionados/apropriados quando necessário.	É provável que não ensine “Apropriação” na MOSCA.
9	DIÁLOGO	Na MOSCA aprendo o “Diálogo” de uma nova linguagem que é o audiovisual, após familiarizar-me com o novo falante e entrar em contato com amigos que também estão próximos desta conversação, expressamos conjuntamente nossa resposta, nossa fala, nossa parte no contato apresentada por meio de mensagens no formato audiovisual. As primeiras respostas são diretamente na mostra, dentro de oficinas. Depois de maneira autônoma	Ensino “Diálogo” correspondendo a programação da MOSCA, também levando minhas questões e trabalhos para interação com as atividades da mostra. Acredito que o “Diálogo” seja inerente a “Participação”.

		<p>eu e amigos construímos curtas revelando a natureza do que queremos levar a público para ser apresentado dentro e com a mostra.</p> <p>Dentro de um “Diálogo” mudo, todavia, mediado pelos organizadores da MOSCA aprendo a dialogar com outras culturas, com diferentes estéticas de produção e consumo da imagem e som.</p>	
10	TROCAS	<p>Com a MOSCA vivo um grande intercâmbio cultural, encontro pessoas com sotaques, identidades, comportamentos, estilos, vivências e saberes distintos dos meus, dos que estou habituada a observar e dialogar. Essa diversidade é apresentada pela presença física, pelos audiovisuais exibidos, pelas oficinas oferecidas, nas exposições fotográficas, nas artes plásticas, na culinária do café da mostra etc.</p> <p>Ao estar fisicamente na programação da MOSCA aprendo e corroboro com as “Trocas” visuais, considerando que nossa sociedade, assim como outras, adorna, veste, modela o corpo de acordo com a representação que tem e faz de si. Ademais as expressões de um rosto, de uma mão, de um andar, da modelação de um cabelo, em suma o corpo humano carrega a história de vida.</p> <p>Ao ouvir e ver os filmes da MOSCA troco a opinião sobre o que recebi através da votação nas cédulas do júri</p>	<p>Acredito que ensinar “Trocas” também esteja ligado com a participação na programação da MOSCA, levando meu corpo, apresentando meus códigos culturais de mulher, negra, proletária, cambuquirense atuante na cultura das águas e por Cambuquira – a cidade que tem etc. Em suma deixo as claras, ou no plano subjetivo as estruturas que me movem e nas quais movo-me, a fim de que o outro passe a ter conhecimento sobre elas, tendo assim reciprocidade ou não sobre o que recebe.</p>

		<p>popular promovido pela mostra. Ou mesmo aprendo a trocar informações participando dos debates, manifestando minhas sensações sobre os filmes, ouvindo e questionando os diretores sobre aquilo que não foi dito, sobre o processo de produção, ou mesmo ampliando o ciclo de discussões sobre os temas abordados.</p> <p>Dentro das oficinas não há hierarquias sim estímulo para participação e o protagonismo de toda equipe. Aprendo a compartilhar ideias e atividades em conjunto, não apenas visando o trabalho final de uma oficina, mas a fim de que todo processo seja de uma relação de qualidade e respeito entre nós, os envolvidos.</p>	
--	--	---	--

Alexandre Félix de Carvalho

	Categorias Analíticas (identificadas nas entrevistas)	Como vocês aprendem na MOSCA?	Como vocês ensinam na MOSCA e em outros momentos?
1	PARTICIPAÇÃO		
2	ENGAJAMENTO		
3	CRITICIDADE (SENSO CRÍTICO)	<p>Acredito que o senso crítico do público, de um modo geral, e aí me incluo nisso, é estimulado a partir das próprias exibições dos curtas e ampliado nos debates após as sessões. Isso porque a curadoria parece organizar as sessões a partir de curtas que abordem temáticas semelhantes, mas sob perspectivas próprias. E isso</p>	<p>Eu acabo fazendo parte desse processo, já que participo como realizador e consequentemente, compartilho minha visão de mundo. Como público, também há sempre a troca nos debates, não sei se posso afirmar que “ensino”, mas participar desse processo provavelmente contribui.</p>

		traz novas referências, possibilita afirmar e/ou rever nossas convicções. Sem dúvida isso contribui para nosso senso crítico.	
4	IDENTIDADE	O aprendizado sobre identidade na MOSCA acontece em diversas esferas. Como público, perceber nossas reações, nossos estímulos e emoções a partir das histórias que nos são contadas dizem muito a nosso respeito e isso, por consequência, acaba afirmando “quem somos”. Além disso, os documentários que abordam os saberes, o modo de vida e o comportamento de culturas diferentes à nossa, contribui muito para afirmamos nossa identidade. Mais particularmente ainda, meu contato com a MOSCA a partir da segunda edição, mais especificamente a oficina de produção audiovisual, foi determinante para a escolha do curso que eu viria a fazer e, posteriormente, a profissão que tenho hoje.	
5	PERTENCIMENTO	Eu aprendo sobre “pertencimento” na MOSCA quando me identifico com determinados trabalhos exibidos na mostra. Tenho em mim essa coisa da vontade, do sonho e da ânsia de produzir e fazer daquele ambiente de exposições, debates, realizações e afins parte do meu cotidiano.	Acredito que eu colabore com esse conceito de “pertencimento” na MOSCA quando exponho esse desejo/sonho de realizar e também quando nos debates, procuro estimular o público, principalmente os moradores de Cambuquira, a buscarem o que realmente os “tocam” e tomarem as atitudes necessárias para que se sintam efetivamente

			pertencentes àquilo que se identificam.
6	AFIRMAÇÃO	Vejo que essa questão da “afirmação” está muito ligada à anterior sobre “pertencimento”. A MOSCA acaba sendo, também, uma oportunidade para que eu possa afirmar as minhas convicções a meu próprio respeito e pra mim mesmo. Isso é uma coisa bastante íntima e, por isso, muito intenso.	Por outro lado, além desse efeito particular, quando participo como realizador há a oportunidade de eu me afirmar perante minha comunidade e, isso, talvez, pode estimular outros membros da minha comunidade a buscarem suas próprias afirmações.
7	AUTONOMIA	Acredito que a MOSCA proporciona, oferece e estimula esse ambiente já citado que favorece uma autonomia do pensamento. Justamente por ser um evento de cunho artístico e midiático à margem do que é oferecido pelos produtos de massa (mass média). Essa autonomia, esse pensar livre, é algo potencialmente estimulado no público a ponto de ser aplicado posteriormente em nosso cotidiano.	Mais uma vez, penso que o fato de eu participar de um grupo de realizadores independentes, onde iniciamos as produções de modo intuitivo, buscamos evoluir profissionalmente, estimulados pelo “fenômeno” MOSCA e por consequência ganhamos “voz” e autonomia de pensamento, onde podemos dizer o que pensamos, muito provavelmente esse processo pode gerar algum nível de identificação por parte da comunidade a ponto de buscarem também e a seus modos suas próprias liberdades de pensamento. Além do mais, essa é uma ideologia que defendemos em maior ou menor escala nos nossos filmes.
8	APROPRIAÇÃO	Como realizador, aprendo sobre apropriação quando vejo outros colegas de trabalho fazendo o mesmo em suas produções, se apropriando de teorias, ou referências de ícones do cinema e adaptando às suas	E acredito que, mesmo não sendo algo consciente ou intencional, “ensino” sobre apropriação na MOSCA ao fazer exatamente como os outros colegas realizadores, me apropriando de teorias e/ou conceitos estéticos,

		respectivas produções. Como público da MOSCA, não me vejo “apropriando” de algo exatamente. Há sim a troca de experiências que são compartilhadas entre as pessoas que se relacionam na mosca, mas não vejo isso como uma apropriação de algo.	narrativos etc, para adaptar às minhas produções.
9	DIÁLOGO	Eu aprendo sobre diálogo praticando-o nos debates após as exposições. Pelo propósito da Mostra de reunir realizadores de diferentes propósitos de trabalho, frente a um público em sua maior parte local, os diálogos, sem dúvida, acontecem de modo bastante heterogêneo e, por consequência, bastante ricos. Ainda mais levando em conta que, por se tratar de um evento e não estar presente no dia a dia da cidade, os diálogos ganham um tom de experiência coletiva ainda mais intensa.	
10	TROCAS	Ao meu ver as “trocas” são a força motriz da relação entre a MOSCA e o público. Esse é um processo fluido e constante, onde nós público ou nós realizadores trocamos visões e opiniões a respeito de temas bastante variados e de modo muito harmônico. E o que enriquece essas trocas ainda mais é o fato do evento reunir pessoas de vários lugares e estados do Brasil para se discutir produções locais, regionais, nacionais e internacionais. O tempo passado impresso nas experiências individuais e	Pela própria característica desse processo de “troca”, acho que minha contribuição vem a partir dos meus conceitos de vida, minhas afirmações, e, principalmente, minhas dúvidas e dilemas exibidas nos filmes que participo ou comentadas por mim nos debates. Talvez eu ensine sobre troca, quando tento expressar a influência que a MOSCA teve/tem na minha formação pessoal e, principalmente, profissional e que isso se deu justamente pelo processo de troca ao longo dos anos.

		coletivas que são oferecidas voluntariamente pelas pessoas envolvidas nas exposições/debates, fazem daquele momento presente outra experiência enriquecedora, onde nos vemos concordando, confrontando ou reafirmando nossas convicções, e então já não estamos mais no mesmo lugar.	
Djalma Ribeiro Junior			
	Categorias Analíticas (identificadas nas entrevistas)	Como aprendemos na MOSCA?	Como ensinamos na MOSCA e em outros momentos?
1	PARTICIPAÇÃO	A experiência de participação que vivenciei no ano de 2006 na MOSCA, com a oficina de documentário e a realização do Cine Elite – um sonho possível foi fundamental para atrelar o audiovisual à um processo de Educação Popular e Comunicação Popular. Participação eu aprendo na MOSCA tentando colaborar com o que eu aprendi sobre audiovisual e suas relações com a educação, por meio de atividades práticas que sejam realizadas de forma coletiva.	Acredito que acabo ensinando participação no momento em que todas as atividades práticas que participo são coletivas e dependem das participações efetivas e das interações entre as pessoas que compartilham comigo estas atividades práticas. Trabalhando como técnico audiovisual em uma universidade pública também tento ensinar aos estudantes de graduação, por meio de projetos de extensão, o audiovisual pode ser trabalhado em uma perspectiva de participação, envolvendo todas as pessoas nesse processo.
2	ENGAJAMENTO	Desde 2005 a MOSCA vem sendo espaço de militância e dedicação no campo da Comunicação Popular e da Educação Popular mediada pela linguagem audiovisual. Cada ano percebo que a militância e a dedicação só se	Acredito que ensinamos engajamento com as posturas que assumimos e que levamos a cabo; quando não disfarçamos que é cansativo, mas que a caminhada faz parte de um processo de transformação do mundo em

		<p>concretizam, na prática, com muito engajamento de todas as pessoas que dedicam um tempo de suas vidas para que este processo não feneça. Venho aprendendo que o engajamento se alimenta na reponsabilidade que assumimos com o outro. Muitas vezes a vontade de desistir e o cansaço de lutar pela democratização da comunicação apareceram e foram vencidas quando pensava na responsabilidade que assumimos com o outro, de estarmos juntos e compartilhando processos de uma educação audiovisual crítica.</p>	<p>um lugar cada vez mais justo. Isto exige militância e dedicação: engajamento que se pratica nas atitudes tomadas junto com o outro na partilha de projetos comuns.</p>
3	CRITICIDADE (SENSO CRÍTICO)	<p>Desde a experiência de realização coletiva do documentário Cine Elite – um sonho possível, a MOSCA vem me ensinando um senso crítico ao quefazer audiovisual. Nesta experiência, quando propus uma oficina de realização de documentário sobre o antigo cinema de Cambuquira, os participantes da oficina se apropriaram da possibilidade de realizar um documentário e realizaram uma obra audiovisual inteiramente crítica em relação à falta de políticas públicas na área de cultura na cidade e à posição inerte de grande parte da população cambuquirense que não se mobilizava para mudar aquela situação. Esta experiência me mostrou o quão crítico pode se tornar não apenas o produto audiovisual, mas também o</p>	<p>Olhar para o audiovisual como uma possibilidade de participação e de engajamento, exige uma postura crítica de quem se dispõem a trabalhar com este processo. Uma crítica que abarca não só o produto audiovisual e seu processo de realização, mas também sua relação com as causas que defendemos e militamos e, sobretudo, uma autocrítica que nos mantenha em constante vigília para que possamos participar de forma dialógica e reconhecer e reparar quando não agimos assim.</p>

		seu processo de realização.	
4	IDENTIDADE	Com o passar dos anos a MOSCA vem me ensinando que a identificação que tenho com ela está relacionada com o projeto de mundo com o qual defendo e tento colocar em prática e que se constitui em buscar um mundo que seja cada vez mais justo. A MOSCA me ensina que quando nos reunimos para vivenciar processos críticos e colaborativos por meio da linguagem audiovisual, conseguimos fortalecer utopias e concretizar caminhadas em grupos ou individuais que são orientadas por esta mesma perspectiva.	A posição de engajamento, de estimular a participação e a criticidade em relação aos processos de realização audiovisual com os quais me envolvo são constituintes de uma posição que preza o compartilhamento de conhecimentos e perspectivas para que seja possível a construção de um processo em comum. Penso que desta maneira podemos nos identificar com os processos: quando eles ganham significados no nosso projeto de mundo.
5	PERTENCIMENTO	O espaço e o tempo em que a MOSCA acontece vem se consolidando em um ambiente de renovação de energias, de poder rever antigos companheiros de caminhada e de conhecer novos. O pertencimento passa pela relação de vínculo com a MOSCA. As pessoas que fazem parte da MOSCA me trazem sentido para o trabalho que realizo, mais uma vez o pertencimento é aprendido por meio da responsabilidade que assumimos com o outro.	Ensinar pertencimento é algo muito difícil e penso que ele só é aprendido quando é possível encontrarmos significado e sentido para os nossos projetos de mundo, ou seja, com participação, engajamento, criticidade e identificação com o processo e com as pessoas.
6	AFIRMAÇÃO	A Mosca vem se configurando, a cada ano, como espaço de afirmação da luta pela democratização da comunicação. A partir do momento em que crio uma identidade com a MOSCA, consigo intensificar um	Tento colaborar para que as atividades com as quais me envolvo sejam cada vez mais abertas ao diálogo e que permitam um processo de participação constante. A afirmação também passa pela identidade e pelo

		processo de afirmação desta luta que se fortalece no compartilhamento de ideias de todas as pessoas envolvidas.	pertencimento que se constrói de forma intersubjetiva, no compartilhamento de projetos de mundo.
7	AUTONOMIA	A MOSCA vem me ensinando que a autonomia também vai se construindo com a responsabilidade que assumimos com o outro. A autonomia vai se construindo quando compartilhamos determinados conhecimentos para que o coletivo possa caminhar. A MOSCA me ensinou que posso colocar meu conhecimento em relação à realização audiovisual a favor de um projeto de mundo que se configure cada vez mais justo e permitiu com que eu encontrasse parceiros para que isso fosse colocado em prática.	No caminho de contribuir para a construção de autonomias tento mostrar que o processo de realização audiovisual de forma coletiva não é algo inatingível, como os grandes meios de comunicação faz transparecer. Também tento mostrar que por trás de toda e qualquer obra audiovisual se esconde uma linguagem que possui uma intenção e uma posição ideológica que se camuflam em códigos audiovisuais. Penso que desta maneira seja possível estimular o quefazer audiovisual de forma crítica, coletiva e compromissada.
8	APROPRIAÇÃO	Apropriar-se das possibilidades que nos são dadas e trazê-las para as nossas intenções foi um dos primeiros aprendizados que tive na MOSCA. E isto se deu na experiência de realização do documentário Cine Elite – um sonho possível, em 2006, quando os participantes se apropriaram da possibilidade de experimentar um processo de realização audiovisual de forma coletiva para criarem uma obra audiovisual totalmente crítica contra a falta de políticas públicas na área de cultura na cidade e a posição inerte de grande parte da população cambuquirense	Ensinar a apropriação me parece algo difícil se olharmos para a apropriação como sendo um processo isolado. Contudo, dentro de uma perspectiva de participação, de engajamento, de criticidade, de identidade, de pertencimento, de afirmação, de construção de autonomia, a apropriação surge como atitude a fim de garantir os meios e os conhecimentos para se colocar uma intenção em prática sem que se corrompa todas as categorias arroladas acima. A apropriação, portanto, faz parte de um processo coletivo.

		que não se mobilizava para mudar aquela situação.	
9	DIÁLOGO	Ouvir. A MOSCA me ensinou a ouvir o outro e buscarmos a construção de um projeto em comunhão. Olhar nos olhos e colocar o meu conhecimento em relação ao processo de realização audiovisual a favor de uma proposta construída de forma coletiva e compartilhada.	Ensinar o diálogo só é possível por meio do diálogo. Aprender a ouvir o outro vem se configurando como um grande desafio que precisa ser superado para que alcancemos a construção em comunhão de um mundo que seja cada vez mais justo e que passa pela reponsabilidade com o outro. Sempre com o espírito vigilante, venho tentando praticar metodologias que sejam cada vez mais dialógicas e que estimulem a participação de todas as pessoas envolvidas.
10	TROCAS	A MOSCA se configura como espaço de trocas que se praticam por meio do compartilhamento de perspectivas e com a manutenção de um espaço dialógico.	Trocas cada vez mais sinceras precisam de espaços cada vez mais dialógicos.

Por meio dos relatos trazidos na tabela acima sobre as relações estabelecidas entre as categorias analíticas e os processos educativos, o que se evidencia é que a proposta de a MOSCA ser um espaço de Comunicação Popular, Educação Popular e de contribuir com a Democratização da Comunicação só obtém resultados se a metodologia de trabalho, que envolve todo o processo de realização da MOSCA, se pautar pelo diálogo, pela convivência, pelas trocas, uma vez que esta metodologia de trabalho se insere dentro das propostas de Comunicação Popular e de Educação Popular⁹² e são constituintes de um processo de democratização, não apenas da Comunicação, mais das relações entre as pessoas e destas com o mundo em qual vivemos.

Ao pautar a metodologia de trabalho no diálogo, na convivência e nas trocas, todo o

⁹² Estas propostas foram detalhadas na Introdução e nos capítulos 3 e 4 desta tese.

processo de realização da MOSCA passa a buscar atividades práticas que estimulem a participação, o engajamento, a criticidade, na tentativa de que cada vez mais seus participantes se identifiquem e criem laços de pertencimentos com este processo, apropriando-se, não apenas do espaço e do momento em que a MOSCA acontece, mas, sobretudo, dos princípios da Comunicação Popular e da Educação Popular.

Nestes processos educativos, nos quais aprendemos e ensinamos, mobilizamos valores como o respeito, a responsabilidade, a solidariedade e optamos em realizar todos estes processos junto com o Outro e de forma dialógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaboramos, neste momento, algumas considerações acerca de todo o processo de pesquisa vivenciado junto com os sujeitos participantes e com o grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.

Em um primeiro momento, destacamos as contribuições que procuramos realizar no debate sobre a constituição da ciência aliada à projetos de mundo que buscam construir relações humanas cada vez mais justas e democráticas. Neste caminho, indicamos, também, os avanços e os limites com os quais nos deparamos, refletimos e aprendemos.

Em um segundo momento, propomos uma reflexão acerca das dimensões metodológicas que foram vivenciadas no decorrer desta pesquisa: aproximação, inserção, convivência metodológica e diálogo.

Por fim, trazemos possibilidades de relações desta pesquisa com propostas pedagógicas seja no âmbito escolar ou em outros espaços e, indicamos, ainda, contribuições no âmbito da política pública processada na interface entre a Educação e a Comunicação, dentro de um princípio de democratização e participação.

No decorrer desta pesquisa, reforçamos que as ciências se configuram como uma maneira de construirmos conhecimentos e interpretarmos o mundo e as relações humanas e que tais atributos não são exclusividades das ciências. Se dentro da comunidade científica são criados critérios de validação de conhecimentos, também é certo que em outras comunidades são processadas construções de conhecimentos e interpretações do mundo e das relações humana conforme outros critérios e metodologias.

Reconhecer que há outras maneiras de se acercar da realidade, de proceder interpretações, de construir conhecimentos não significa ter que subjugar determinadas maneiras em detrimento de uma única. O que esta pesquisa buscou foi articular maneiras de se processar construções de conhecimentos de forma dialógica: com métodos e critérios das ciências e outros advindos das experiências da vida vivida.

Também é importante destacar que, se as ciências possuem seus métodos e critérios de validação isto não significa que tais métodos e critérios sejam universais. A própria comunidade científica não é um espaço homogêneo. Ela é formada por tensões que são construídas por uma diversidade de perspectivas muitas vezes diferentes, tantas outras antagônicas que refletem e são refletidas nos projetos de mundo que se encontram ou que

se chocam. “A ciência fala por meio de pessoas que são sujeitos de escolhas e de preferências. Falamos de algum lugar social: quem é a pessoa que faz a pesquisa, qual é o seu grupo, quem a financia, onde é feita a pesquisa, a que e a quem se destina, qual sua intencionalidade” (OLIVEIRA; RIBEIRO JUNIOR; SILVA; SOUSA; VASCONCELOS, 2014, p. 119).

Um dos desafios que encontramos nesta pesquisa foi o de trabalhar dentro de uma perspectiva de descolonialidade do saber que questiona determinados princípios e certas interpretações e explicações construídas dentro de uma visão dogmática de ciência, como se esta fosse neutra e universal. Ao assumirmos este desafio e tecer a crítica ao conhecimento científico eurocêntrico nos abrimos a outras perspectivas, tais qual a aymará, a fim de buscarmos outros meios de vida em que a Educação e a Comunicação, a democracia e a relação entre as pessoas e destas com o mundo são compreendidas e praticadas de outras maneiras.

Se por um lado, conseguimos aprender com a cosmovisão aymará que a comunicação viabiliza relações entre os diversos mundos em que transitamos: mundo animal, mundo vegetal, mundo das deidades, mundo da terra (YAMPARA HUARACHI, 2001) e que este processo é mediado por diferentes sentidos e que sempre busca uma harmonia entre estes mundos, por outro lado encontramos dificuldades em estabelecer relações conceituais que ainda esbarram em questões de traduções que levam em consideração não os aspectos lexicais da palavra do outro, mas, sim, o seu significado cultural.

Por este motivo, acreditamos que adotar a descolonialidade do saber não significa se limitar a sua posição crítica à uma ciência de cunho eurocêntrico, pelo contrário, partir de uma posição de descolonialidade do saber exige constante vigilância ao quefazer científico e, acima de tudo, uma postura dialógica, a fim de possibilitar que as ciências se enriqueçam da diversidade epistemológica presente no mundo e que há séculos vem sendo sufocada por uma dada concepção eurocêntrica (SANTOS; MENESES, 2010).

Neste sentido, reconhecendo a limitação da tradução conceitual e a escassez de pesquisas que façam estas traduções, não nos furtamos de buscar estabelecer relações epistemológicas acerca das ideias de democracia e de comunicação que são experienciadas em cosmovisões indígenas. Embora reconheçamos que este debate seja muito recente,

preferimos correr o risco de nele entrar a nos omitirmos. Se buscamos um mundo que seja cada vez mais justo e democrático, este debate precisa ser realizado e aprofundado cada vez mais. Ouvir a palavra do outro e deixa-la interpelar convicções assentes em tradições científicas é fundamental para a constituição de uma sociedade cada vez mais democrática.

E por compreender que este processo só pode ser construído de forma coletiva é que optamos em realizar todo o processo de pesquisa de forma dialógica e cuidamos para que a metodologia adotada permitisse a participação dos sujeitos como colaboradores desta pesquisa.

Entendemos que as falas dos dois participantes nos ajudam a compreender, junto com nossas reflexões e com as contribuições teóricas, os processos educativos que são vivenciados na MOSCA e que as possibilidades de articulação com os referenciais da Educação Popular e da Comunicação Popular nos apontam uma intenção colocada em prática de trabalhar para a democratização da sociedade, o que inclui a Democratização da Comunicação.

Por meio das dimensões metodológicas experienciadas nesta pesquisa, que inclui momentos de aproximação, inserção, convivência, diálogo e compartilhamento de ações conjuntas vivenciadas desde 2005 ressaltamos que a caminhada desta pesquisa não se fez de forma solitária e sim solidária e nas estradas de lutas pela construção de um mundo que seja cada vez mais justo e democrático e que se consolide no compartilhamento e no respeito às pluralidades de perspectivas.

Nesta caminhada de lutas, a Educação Popular e a Comunicação Popular, colocadas em práticas, contribuem para concretizar espaços e momentos de respeito, responsabilidade que sejam pautados pelo diálogo e pela participação.

Quando destacamos os processos educativos vivenciados pelos participantes da MOSCA, defendemos a tese de que o processo de comunicação popular contribui para a democratização da sociedade e colabora para a formação crítica de seus participantes, no sentido de se entenderem como sujeitos comunicativos capazes de agir na e por meio da comunicação popular.

A participação, o engajamento, a criticidade, a identificação, o pertencimento, a afirmação, a autonomia, a apropriação, o diálogo e as trocas se mostraram como posturas, posições, atitudes que são aprendidas e ensinadas nas experiências dos participantes desta

pesquisa. Este aprender e ensinar incluem processos que sejam dialógicos, participativos que valorizam o ouvir e que respeitam o outro.

Há aí toda uma dimensão prática e com metodologias bem delineadas que poderiam ser apropriadas por outras experiências educativas nos mais diversos espaços, incluindo a escola, mas não se restringindo a ela.

Da mesma maneira, podemos estender esta experiência relatada nesta pesquisa como contribuição para a construção de políticas públicas nas áreas da Educação e da Comunicação. Políticas públicas que se orientem pelo Popular⁹³. Políticas públicas que levem em consideração a participação dialógica como metodologia de construções destas políticas e que sejam orientadas, acima de tudo, pelo processo contínuo e constante de democratização da sociedade e de todas as práticas sociais.

⁹³ Compreensões sobre o termo Popular são trabalhadas de forma mais específicas entre as páginas 31 e 33 desta tese.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. Comunicação popular como instrumento educativo na promoção da cidadania: a experiência radiofônica na Universidade Popular Comunitária (Cuiabá -MT). 2008. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2008.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ARAÚJO-OLIVERA, Sonia Stella. Exterioridade: o outro como critério. In OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues da. Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- BINVIGNAT GUTIERREZ, Octavio Lionel. A educação a distância, o uso de novas tecnologias e a ênfase no audiovisual. Revista Global Manager, Rio Grande do Sul, ano 7, n. 11, p. 77-87, dez. 2006.
- BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro mundo possível, vol. II: convivência, respeito, tolerância. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar – Participar, In BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. In: ____. A canção das sete cores: educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRITTOS, Valério Cruz.; MENEZES, Eduardo Silveira de. Do vídeo popular às especificidades do padrão tecno-estético alternativo. Eptic (UFS), v. 13, p. 1-17, 2011.
- BUENO, Natalia de Lima. Educação e comunicação popular: elo teórico-prático de tecnologia social na educação de jovens e adultos. In: IX Colóquio Latino Americano da Escola de Comunicação, 2005, São Bernardo do Campo. Anais IX Colóquio Latino Americano da Escola de Comunicação, 2005
- CHAVEZ, M. B.; Juliane Peixoto ; Diego Hoeffel ; HOFFEL, M. G. ; José Ricardo Alves. Surfando nas Ondas das redes Sociais - Um texto em construção sobre a relação entre educação popular, novas mídias e redes sociais tendo como estudo de caso o projeto vidas paralelas. In: Deseducando o Olhar - seminário nacional de educação popular em

audiovisual, 2009, Rio de Janeiro. Deseducando o Olhar - seminário nacional de educação popular em audiovisual, 2009.

CHERFEM, Carolina Orquiza. A experiência da INCOOP UFSCar no processo de incubação da marcenaria coletiva autogestionária no Assentamento Pirituba II: Limites e Possibilidades da Comunicação, Educação Popular e Economia Solidária. In: 2º Seminário de Processos Cooperativos y Associativos: La economía solidária em América Latina ante el desafio de la Integracion Regional. - PROCOAS e AUGM, 2006, Rosário/Argentina. Anais 2º Seminário de Processos Cooperativos y Associativos: La economía solidária em América Latina ante el desafio de la Integracion Regional. - PROCOAS e AUGM Rosário/Argentina, 2006. v. 1.

CHERFEM, Carolina Orquiza. Mulheres marceneiras e autogestão na economia solidária: aspectos transformadores e obstáculos a serem transpostos na incubação em assentamento rural. Dissertação, 235f. São Carlos : UFSCar, 2009.

CORTES, Rafael Luqui. Ações coletivas com uso da internet : o caso do projeto jogo justo. 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

COSTA, Alan Victor Pimenta de Almeida Pales. Lugares no avesso do deserto. 2007. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. Núcleo de comunicação e educação popular: a educação para os meios. In: IX Celacom - Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2005, São Bernardo do Campo. Anais do IX Celacom. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO e UMESP, 2005. v. 1. p. 1-10

DAMAS, Vandimar Marques. O vídeo como uma nova agência indígena. Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural, 2012. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(138\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(138).pdf)

DELIBERADOR, Luzia M. Yamashita; LOPES, Mariana Ferreira. Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo Soares Barros de Cambé – PR. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, Jun 2011, vol.34, no.1, p.85-103.

DÍAZ ESTEVEZ, Victor Adrián. Lo popular no-rating – soberania de la comunicación popular em América Latina. *Perspectivas de la comunicación* – vol. 2, nº 1, 2009.

DORNELLES, Beatriz. Divergências conceituais em torno da comunicação popular e comunitária na América Latina. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Agosto de 2007.

DUSSEL, Enrique. El programa científico de investigación de Karl Marx. Ciencia funcional y crítica. In Hacia una filosofía política crítica, Bilbao, Ed Desclée de Brouwer, 2001.

DUSSEL, Enrique. La Ética. In: Congreso del educador social, Barcelona, 2001b.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In In LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DUSSEL, Enrique. Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

DUSSEL, Enrique. Filosofía de la Liberación. Bogotá: Editorial Nueva América, 1996.

DUSSEL, Enrique. Introducción a la Filosofía de la Liberación. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995.

DUSSEL, Enrique. Democracia participativa, disolución del Estado y liderazgo político. Comunicação & política, v.30, nº1, p.009-024, 2011.

DUSSEL, Enrique. 20 Teses de Política. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante In BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante na América Latina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GALEANO, Eduardo. De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre:

L&PM, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008.

GERBASE, C. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação à distância (EAD). *Logos* (Rio de Janeiro), v. 24, p. 68-76, 2006.

GIMÉNEZ, Gilberto. Notas para uma teoria da comunicação popular. *Cadernos CEAS*. Salvador: CEAS, n. 61, p.57-61, maio-jun.1979.

GONÇALVES, Paulo Marco de Campos. “Anticorpos de Gaia no encontro das águas”: trajetórias de aprendizagem de jovens nas trilhas do ambientalismo. 2010. 272F. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

GUIDO, Lucia de Fátima Estevinho et al. Educação ambiental e cultura: articulando mídia e conhecimento popular sobre plantas. *Trab. educ. saúde*, Abr 2013, vol.11, no.1, p.129-144. ISSN 1981-7746

HUANACUNI, Fernando. Nosso modelo não é comunista, mas comunitário: entrevista. [13 de julho de 2009]. La Paz: Brasil de Fato e Agência Latino-americana de Informação. Entrevista concedida à Vinícius Mansur.

KAPLÚN, Mario. *Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)*. La Habana: Editorial Caminos, 2002.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEITE, Camila Rodrigues. *O grupo “Nós na fita”:* análise de uma prática mídia-educativa protagonizada por jovens moradores do Morro Preventório. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, Dissertação (mestrado), 2005.

LEÓN, Osvaldo. Democratizar la palabra. Movimientos convergentes en comunicación. Quito: Agencia Latinoamericana de Información (ALAI), 2013.

LIMA, Nataly de Queiroz; SANTOS, Maria Salett Tauk dos. Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, Dez 2012, vol.35, no.2, p.225-246. ISSN 1809-5844

MACHADO JÚNIOR., Cláudio de Sá. Povos indígenas e educação audiovisual. Porto Alegre: Evangraf, 2011 (Material didático).

MARANHÃO, Carlos André Cantisani. Comunicação Comunitária e Educação Popular: Caminhos para Uma Práxis Transformadora. CD Intercom, Rio de Janeiro, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Paradigmas de comunicación: un mapa con memoria latinoamericana. *Mediaciones Sociales*, Nº1, pp. 235-260, II semestre de 2007.

MATTELART, A; MATTELART, M. História das Teorias da Comunicação. Edições Loyola: São Paulo, 2011.

MIANI, Rozinaldo Antonio . Comunicação comunitária: uma alternativa política ao monopólio midiático. In: I Encontro da Ulepicc Brasil, 2006, Niterói. Anais do I Encontro da Ulepicc Brasil, 2006.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Comunicação Comunitária: uma disciplina de formação sociopolítica e de intervenção social. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, Jun 2014, vol.37, no.1, p.265-282

MIGNOLO, Walter D. Democracia liberal, camino de la autoridad humana y transición al vivir bien. *Soc. estado.*, Brasília , v. 29, n. 1, Apr. 2014 .

MIGNOLO, Walter D. Hermenéutica de la democracia: el pensamiento de los límites y la diferencia colonial. *Tábula Rasa*, n.9, p. 39-60, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008b.

NUÑEZ HURTADO, Carlos. Educar para transformar, Transformar para Educar: comunicação e educação popular. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos. São Carlos: UFSCar, 2004.

Pós-Doutorado – Fundação Oswaldo Cruz, 2003.

OLIVEIRA, Maria Waldenez, et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: 32a. Reunião Anual da ANPED, 2009, Caxambú. 32a Reunião Anual da ANPED: Sociedade, cultura e educação: novas regulações?. Rio de Janeiro : ANPED, 2009.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues da. Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; GONÇALVES JUNIOR, Luis; GARCIA MONTRONE, Aida Victoria; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues da. Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, Douglas Verrangia Corrêa da; SOUSA, Fabiana Rodrigues de; VASCONCELOS, Valéria Oliveira de. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues da. Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PEDRAZA TABARES, Andrés Eduardo. *Comunicación Audiovisual en Escuelas de Formación Popular: nuevas estrategias pedagógicas, estilos y lenguajes desde experiencias comunitarias en Colombia y Argentina*. In: III CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ARGENTINA DE ESTUDIOS DE CINE Y AUDIOVISUAL - ASAECA - ISBN: 978-987-25871-3-0, 2012.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. Vive a imprensa alternativa. Viva a imprensa alternativa! In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.

PERUZZO, Cecília M. K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. XXIX Congresso Intercom. São Paulo: Intercom, 2006.

PINHEIRO, Júnior. O Vídeo Popular no Ponto: Os Pontos de Cultura e a Produção

Audiovisual Alternativa. Apresentado no GT2: “Comunicação e gestão de programas de inclusão digital”, do XV Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM) – Araraquara-SP, 01 a 03 de junho de 2011. Artigo apresentado na XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Juiz de Fora-MG, 04 a 07 de maio de 2011

PIRES, Eloiza Gurgel. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. *Educ. Pesqui.*, Abr. 2010, vol.36, no.1, p.281-295.

PRUDENCIO, K. C. S. ; et al. Comunicação e cidadania: apontamentos a partir da experiência com rádio escola do Núcleo de Comunicação e Educação Popular. In: Ariane Pereira; Iris Tomita; Marcio Fernandes; Sonia Kurchaidt. (Org.). Recortes brasileiros de ativismo midiático. 1ed.Guarapuava-PR: , 2010, v. 1, p. 183-188.

RAMO, Maria Inês Barbosa; REZENDE FILHO, Luiz Augusto. Vídeo em Libras: um estudo sobre produção e consumo de material audiovisual para a educação de surdos. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, v. 7, p. 142-158, 2014.

RENO, Denis P.; GONÇALVES, Elizabeth M.. O vídeo popular e as novas tecnologias: mudanças na tecnologia, no espaço e na linguagem. *Razón y Palabra*, v. 61, p. 1-14, 2008.

RIBEIRO JUNIOR, Djalma. Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de dança de rua como processo de educação humanizadora. São Carlos: UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Educação, Dissertação (mestrado) UFSCar, 2009.

RIBEIRO JUNIOR, Djalma. Realização audiovisual em um contexto de Educação Popular e Comunicação Popular: apropriação dos meios e construção dos significados. In: 33a. Reunião Anual da ANPED, 2010, Caxambú. 33a Reunião Anual da ANPED: Educação no Brasil: o balanço de uma década. Rio de Janeiro : ANPEd, 2010.

RIBEIRO JUNIOR, Djalma. Comunicação e Educação: do hegemônico para o popular. RUA. *Revista Universitária do Audiovisual*, v. 11, p. 3897, 2011.

RIBEIRO JUNIOR, Djalma. Rádio escolar, vídeo popular e cineclube popular: um panorama sobre a atuação do Grupo de Estudos e Extensão em Comunicação e Educação Popular. 2013.

RIZZO JUNIOR, Sergio Alberto. Educação audiovisual: uma proposta para a formação de professores de ensino fundamental e de ensino médio no Brasil. 2011. Tese (Doutorado em

MEIOS E PROCESSOS AUDIOVISUAIS) - Universidade de São Paulo.

RODRIGUEZ ROJO, M. Cooperación institucional. El Título Cooperante. Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 16 (3), 74 – 94, 2013.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Pesquisa em educação: métodos e epistemologias. Chapecó:Argos, 2007.

SANTORO, Luiz Fernando. A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil. São Paulo: Summus, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SILBIGER, L. N. O potencial educativo do audiovisual na educação formal. In A. Fidalgo & P. Serra (Eds.). Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã, Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, Volume 4, Campos da Comunicação. Covilhã: LabCom, 2005. Pp. 376-381

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. As brechas da indústria cultural brasileira. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.

SILVA, Cícero Antônio Lira da. O envolvimento dos professores num projeto de Educação para a Mídia e as implicações para a sua prática docente. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Curitiba-PR, 2006.

SILVA, Douglas Verrangia Corrêa da. A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências : diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos. Tese, 322f. São Carlos : UFSCar, 2009.

SILVA, Gustavo Scolfaro Caetano da. Fragmentos de corpo e sombra. 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2013.

SILVA, Natália Menin da. A busca por uma educação de qualidade no campo em uma escola de um assentamento de reforma agrária: a distância entre o recurso disponível e o necessário. 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, 2013.

SILVA, Petronilha Beatriz Goncalves e. Educacao e identidade dos negros trabalhadores

rurais do limoeiro. Tese, 293f. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; ARAÚJO-OLIVERA, Sonia Stella. Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa. In: VI Corredor de ideas del cono sur, 2004. Montevideo: VI Corredor de ideas del cono sur, 2004.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. Roda de Conversas – excelência acadêmica é a diversidade. Educação, ano XXX, n. 1 (61), jan./abr., 2007.

SILVA, Maria José da; SILVA, Virgínia de Oliveira. Educação crítica e audiovisual na formação de professores. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010

SORJ, Bernardo. Democracia y medios de comunicación. Buenos Aires: Catálogos, 2012.

SOTOMAIOR, Gabriel de Barcelos. Cinema militante, videoativismo e vídeo popular: a luta no campo do visível e as imagens dialéticas da história. 2014. 393f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2014.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2004.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2007.

TOLEDO, Moira. Educação audiovisual popular no Brasil – panorama, 1990 – 2009. São Paulo: USP, Escola de Comunicação e Artes (tese), 2010.

YAMPARA HUARACHI, S.. Cosmovivencia Andina. Vivir y convivir en armonía integral – Suma Qamaña. Bolivian Studies Journal/Revista de Estudios Bolivianos, North America, v. 18, Fev. 2011. Versão digital disponível em: <http://bsj.pitt.edu/ojs/index.php/bsj/article/view/42/394>

ZENTENO BRUN, Hugo. Acercamiento a la visión cósmica del mundo Andino. *Punto Cero* [online]. vol.14, n.18, pp. 83-89, 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?pid=S1815-02762009000100010&script=sci_arttext

APÊNDICE

REVISÃO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

Teses e Dissertações

Foi empreendida uma busca no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), sem definição de um período exato com os seguintes descritores: “audiovisual popular”; “educação popular e comunicação comunitária”; “educação popular e comunicação popular”; “vídeo comunitário”; “vídeo popular” e “vídeo e movimentos sociais”. A partir destes descritores foi possível encontrar 15 dissertações e 6 teses defendidas entre os anos de 1995 e 2013. Nesta busca, 4 estudos se repetiram em descritores diferentes.

“Audiovisual Popular” (2)

MISSAU, Lucas Durr. TV Ovo: a representação de identidades juvenis no audiovisual. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2012.
Orientação: Profa. Dra. Veneza Mayora Ronsini

TOLEDO, Moira. Educação Popular Audiovisual no Brasil – Panorama, 1990 – 2009. 2010. 361f. Tese (Doutorado em Estudos dos Meios e das Produções Midiáticas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
Orientação: Profa. Dra. Esther Imperio Hamburger

“Educação Popular” e “Comunicação Comunitária” (1)

OLIVEIRA, Roberto Joaquim de.. Comunicação e cidadania às margens do São Francisco: os correspondentes populares da Diocese de Juazeiro Ba (1988-2008) . 2008. 182f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2008.
Orientação: Profa. Dra. Cicilia M. Krohling Peruzzo

“Educação Popular” e “Comunicação Popular” (2)

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. Comunicação popular como instrumento educativo na promoção da cidadania: a experiência radiofônica na Universidade Popular Comunitária (Cuiabá - MT). 2008. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2008.
Orientador: Prof. Dr. Danilo Romeu Streck

REIMBERG, Cristiane Oliveira. Comunicação, Educação e Saúde: a ação da Pastoral da Criança para a cidadania na Arquidiocese de São Paulo. 2009. 271f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009
Orientação: Profa. Dra. Alice Mitika Koshiyama

“Vídeo Comunitário” (2)

ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. Vídeo e experimentação social: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil. 2004. 206f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004
Orientação: Prof. Dr. Fernão Vítor de Almeida Pessoa Ramos

FRANCO, Juliana Oshima, Cristóvão Domingos de. Memórias em movimento: o vídeo comunitário na fronteira entre realidade e representação: um estudo do projeto Roda Memória. 2012. 210f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2012.
Orientação: Profa Dra. Florentina das Neves

“Vídeo Popular” (4)

ADERALDO, Guilherme André. Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. 2013. 382f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
Orientação: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. Vídeo e experimentação social: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil. 2004. 206f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004
Orientação: Prof. Dr. Fernão Vítor de Almeida Pessoa Ramos

CARVALHO, Josilda Maria Silva de. Vídeo popular : a concepção e a pratica comunicacional de grupos vinculados aos movimentos sociais e populares em Natal. 1995. 168f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1995.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro

FRANCO, Juliana Oshima, Cristóvão Domingos de. Memórias em movimento: o vídeo comunitário na fronteira entre realidade e representação: um estudo do projeto Roda Memória. 2012. 210f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2012.
Orientação: Profa Dra. Florentina das Neves

“Vídeo” e “Movimentos Sociais” (8)

ALMEIDA, Argemiro Ferreira de. Política e estética na comunicação popular: um estudo sobre os vídeos documentários Grito dos Excluídos da Associação Rede Rua. 2011. 185f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.
Orientação: Profa. Dra. Cicília M. Krohling Peruzzo

BEZERRA, Cláudio Roberto de Araújo. Tradição e Ruptura no Audiovisual: Um estudo de linguagem do vídeo popular em Pernambuco na década de 1980. 2001. 141f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2001.
Orientação: Prof. Dr. Paulo C. Cunha Filho

CARVALHO, Josilda Maria Silva de. Vídeo popular : a concepção e a pratica comunicacional de

grupos vinculados aos movimentos sociais e populares em Natal. 1995. 168f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1995.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro

CORTES, Rafael Luqui. Ações coletivas com uso da internet: o caso do projeto jogo justo. 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Orientação: Prof. Dr. Elie George Guimarães Ghanem Junior

DOWLING, Gabriela Buonfiglio. “Reforma urbana já”; “arroz, feijão, saúde, habitação”: a luta por moradia na grande João Pessoa. 2006. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2006.

Orientação: Profa. Dra. Lisabete Coradini

GONÇALVES, Paulo Marco de Campos. “Anticorpos de Gaia no encontro das águas”: trajetórias de aprendizagem de jovens nas trilhas do ambientalismo. 2010. 272F. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Roberto Jacobi

SANTOS, Rosângela Marques dos. Saúde, participação e controle social: lutas e ações estratégicas do Mops/SE pela efetivação dos direitos à saúde em Aracaju/SE (1989-2008). 2009. 227f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

Orientação: Profª Drª Maria Lúcia Carvalho da Silva

SILVA, Natália Menin da. A busca por uma educação de qualidade no campo em uma escola de um assentamento de reforma agrária: a distância entre o recurso disponível e o necessário. 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, 2013.

Orientação: Prof. Dr. José Marcelino de Rezende Pinto

“Educação Audiovisual” (6)

TOLEDO, Moira. Educação Popular Audiovisual no Brasil – Panorama, 1990 – 2009. 2010. 361f. Tese (Doutorado em Estudos dos Meios e das Produções Midiáticas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Orientação: Profa. Dra. Esther Imperio Hamburger

CORDEIRO, Silvio Luiz. A Paisagem Histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos - O Vídeo como Instrumento Educativo na Arqueologia do Monumento Quinhentista. 2007. 129f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Orientação: Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

COSTA, Alan Victor Pimenta de Almeida Pales. Lugares no avesso do deserto. 2007. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

Orientação: Prof. Dr. Milton José de Almeida

RIZZO JUNIOR, Sergio Alberto. Educação audiovisual: uma proposta para a formação de professores de Ensino Fundamental e de Ensino Médio no Brasil. 2011. 189f. Tese (Doutorado em

Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
Orientação: Profa. Dra. Maria Dora Genis Mourão

SILVA, Cícero Antônio Lira da. O envolvimento dos professores num projeto de Educação para a Mídia e as implicações para a sua prática docente. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontífica Universidade Católica, Curitiba-PR, 2006.

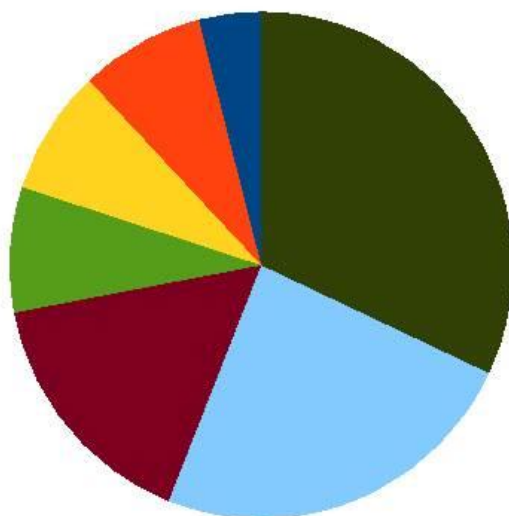
Orientação: Profa. Dra. Sônia Cristina Vermelho

SILVA, Gustavo Scolfaro Caetano da. Fragmentos de corpo e sombra. 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2013.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

LEVANTAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES CADASTRADAS NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)

QUANTIDADE DE DISSERTAÇÕES E TESES POR DESCRITORES

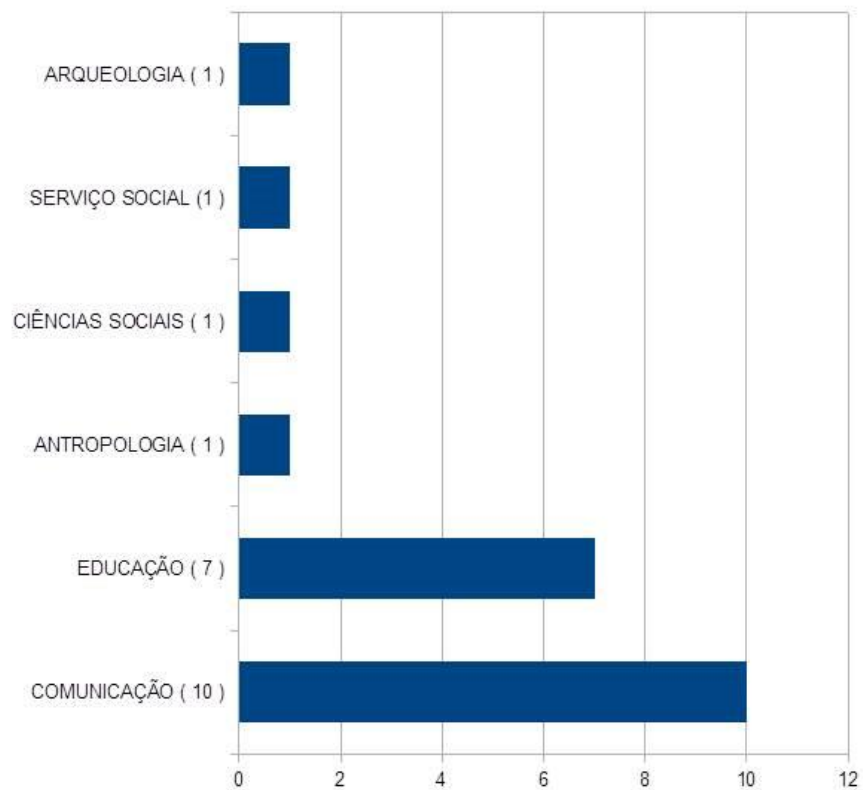


- EDUCACAO POPULAR | COMUNICACAO COMUNITÁRIA (1)
- AUDIOVISUAL POPULAR (2)
- EDUCACAO POPULAR | COMUNICACAO POPULAR (2)
- VIDEO COMUNITARIO (2)
- VIDEO POPULAR (4)
- EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL (6)
- VIDEO | MOVIMENTOS SOCIAIS (8)

4 ESTUDOS SE REPETEM EM DESCRITORES DIFER

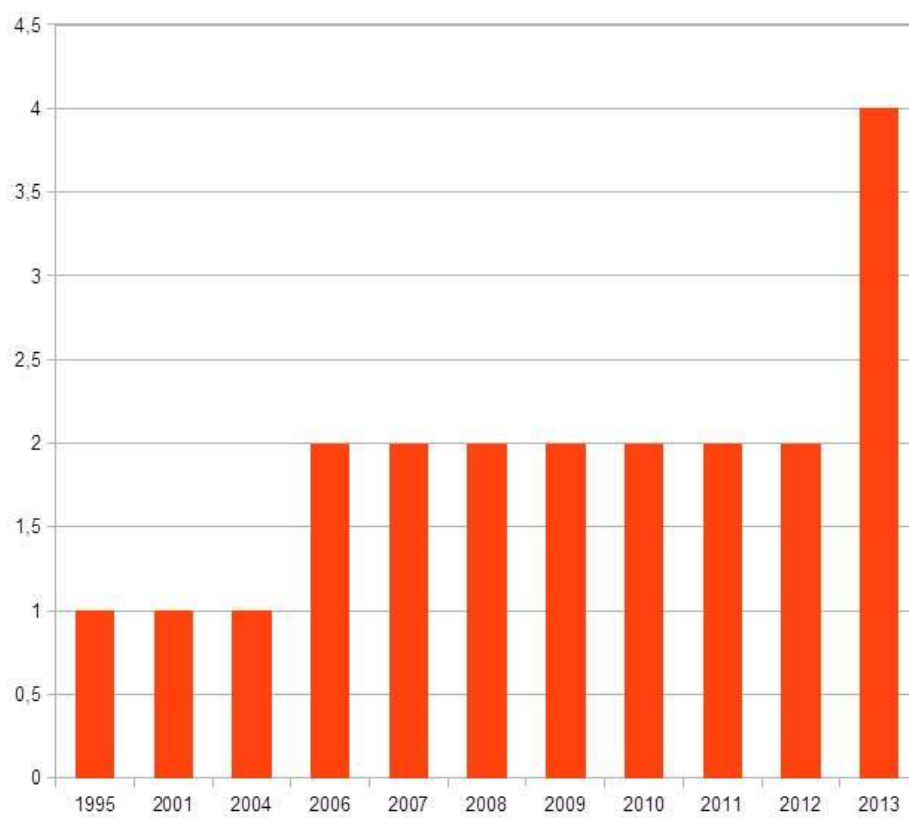
LEVANTAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES CADASTRADAS NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO



LEVANTAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES CADASTRADAS NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)

INDICAÇÃO DA QUANTIDADE DE TRABALHOS ENCONTRADOS POR ANO



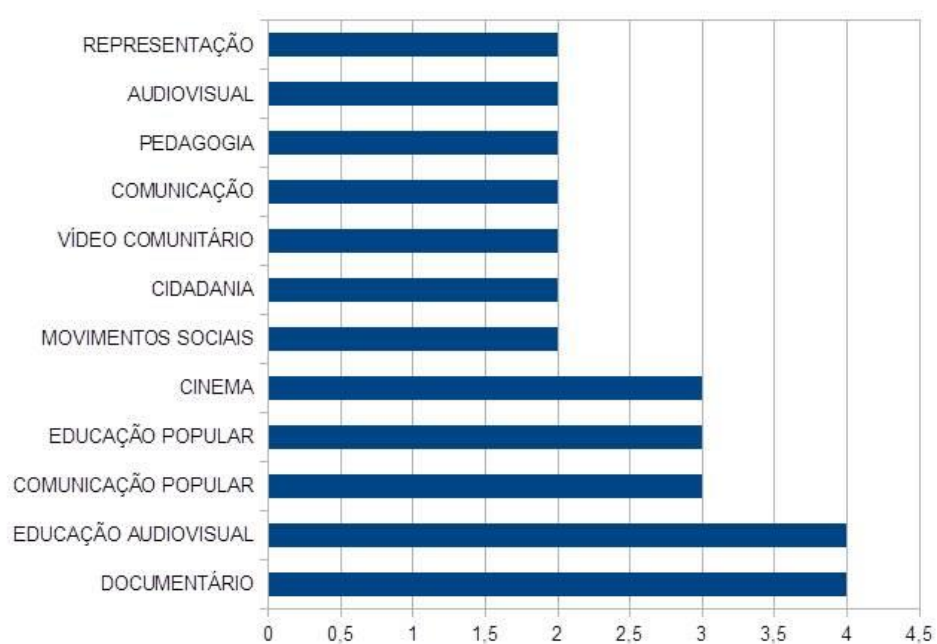
LEVANTAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES CADASTRADAS NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)

QUANTIDADE DE TRABALHOS ENCONTRADOS POR ORIENTADORES



LEVANTAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES CADASTRADAS NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)

PALAVRAS-CHAVES MAIS ENCONTRADAS



Artigos Científicos

As pesquisas realizadas por descritores apontaram 80 resultados. Desses 80, um artigo se repetiu em 3 descritores e outro artigo se repetiu em 2. Dessa maneira, foram encontrados um total de 77 artigos.

AUDIOVISUAL and POPULAR (1)

1	Siqueira, Alexandra Bujokas de and Cerigatto, Mariana Pícaro. Mídia-educação no Ensino Médio: por que e como fazer. <i>Educ. rev.</i> , Jun 2012, no.44, p.235-254. ISSN 0104-4060 (repete 3 vezes)
---	---

EDUCAÇÃO and AUDIOVISUAL (34)

1	Andriola, Wagner Bandeira and Andriola, Cristiany Gomes. Avaliação da qualidade educacional da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). <i>Ensaio: aval.pol.públ.Educ.</i> , Mar 2009, vol.17, no.62, p.153-168. ISSN 0104-4036
2	Andriola, Wagner Bandeira. Avaliação do aprendizado discente: estudo com professores de Escolas Públicas. <i>Educ. rev.</i> , Dez 2012, no.46, p.141-158. ISSN 0104-4060
3	Brendim, Mariana Pinheiro. A contribuição do recurso audiovisual na educação em prevenção e colaboração para a detecção precoce do câncer de cabeça e pescoço para acadêmicos de fonoaudiologia. <i>Rev. bras. educ. med.</i> , Dez 2009, vol.33, no.4, p.676-677. ISSN 0100-5502
4	Camargo, Eder Pires de, Nardi, Roberto and Veraszto, Estéfano Vizconde. A comunicação como barreira à inclusão de alunos com deficiência visual em aulas de óptica. <i>Rev. Bras. Ensino Fís.</i> , Set 2008, vol.30, no.3, p.3401.1-3401.13. ISSN 1806-1117
5	Catelli, Rosana Elisa. Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930. <i>Educ. Soc.</i> , Jun 2010, vol.31, no.111, p.605-624. ISSN 0101-7330
6	Champagnatte, Dostoiewski Mariatt de Oliveira and Nunes, Lina Cardoso. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. <i>Educ. rev.</i> , Dez 2011, vol.27, no.3, p.15-38. ISSN 0102- 4698
7	Corsaro, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. <i>Educ. Soc.</i> , Ago 2005, vol.26, no.91, p.443-464. ISSN 0101-7330
8	Ferrari, Anderson. Cultura visual e homossexualidades na constituição de "novas" infâncias e "novos" docentes. <i>Rev. Bras. Educ.</i> , Abr 2012, vol.17, no.49, p.107-120. ISSN 1413-2478
9	Fischer, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. <i>Rev. Bras. Educ.</i> , Abr 2009, vol.14, no.40, p.93-102. ISSN 1413-2478

10	Fischer, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. <i>Rev. Bras. Educ.</i> , Ago 2007, vol.12, no.35, p.290-299. ISSN 1413-2478
11	Fischer, Rosa Maria Bueno. <i>Pequena Miss Sunshine</i> : para além de uma subjetividade exterior. <i>Pro-Posições</i> , Ago 2008, vol.19, no.2, p.47-57. ISSN 0103-7307
12	Fischer, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. <i>Rev. Bras. Educ.</i> , Ago 2002, no.20, p.83-94. ISSN 1413-2478
13	Freitas, André Luís Policani and Silva, Vinicius Barcelos da. Avaliação e classificação de instituições de ensino médio: um estudo exploratório. <i>Educ. Pesqui.</i> , Mar 2014, vol.40, no.1, p.29-47. ISSN 1517-9702
14	Freitas, Lydia Vieira et al. Exame físico no pré-natal: construção e validação de hipermídia educativa para a Enfermagem. <i>Acta paul. enferm.</i> , 2012, vol.25, no.4, p.581-588. ISSN 0103-2100
15	Guimarães, Maria Cristina Soares et al. Educação sanitária em 16mm: memória audiovisual do Serviço Especial de Saúde Pública - SESP. <i>Interface (Botucatu)</i> , Mar 2010, vol.14, no.32, p.23- 34. ISSN 1414-3283
17	Jesus, Olinda Soares Fernandes de et al. O vídeo didático "Conhecendo o Solo" e a contribuição desse recurso audiovisual no processo de aprendizagem no ensino fundamental. <i>Rev. Bras. Ciênc. Solo</i> , Abr 2013, vol.37, no.2, p.548-553. ISSN 0100-0683
18	Leal, Soraya Coelho, Bezerra, Ana Cristina Barreto and Toledo, Orlando Ayrton de. Effectiveness of teaching methods for toothbrushing in preschool children. <i>Braz. Dent. J.</i> , 2002, vol.13, no.2, p.133-136. ISSN 0103-6440
16	Lervolino, Solange Abrocesi and Pelicioni, Maria Cecilia Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. <i>Rev. esc. enferm. USP</i> , Jun 2001, vol.35, no.2, p.115-121. ISSN 0080-6234
19	Nóbrega, Gabriela Silva da et al. Formação para marisqueiras em segurança de alimentos e saúde do trabalhador: uma experiência na comunidade de Ilha do Paty, Bahia, Brasil. <i>Ciênc. saúde coletiva</i> , Maio 2014, vol.19, no.5, p.1561-1571. ISSN 1413-8123
20	Nova, João Luiz Leocadio da, Bezerra Filho, José Joffily and Bastos, Liana Albernaz de Melo. Lição de Anatomia. <i>Interface (Botucatu)</i> , Fev 2000, vol.4, no.6, p.87-96. ISSN 1414-3283
21	Oliveira, Ana Claudia Coelho de and Siqueira, Vera Helena Ferraz de. O infame solitário: o que o documentário <i>Solitário Anônimo</i> pode acrescentar aos debates sobre educação em saúde?. <i>Pro-Posições</i> , Ago 2013, vol.24, no.2, p.147-164. ISSN 0103-7307
22	Paixão, Maurício Pedreira et al. Dermatúnel: modelo de ambiente interativo de aprendizagem em dermatologia. <i>Saúde soc.</i> , Dez 2009, vol.18, no.4, p.800-808. ISSN 0104-1290
23	Pastor Junior, Américo de Araujo, Rezende, Luiz Augusto de Coimbra and Bastos, Wagner Gonçalves. Recepção audiovisual na educação médica: leituras de um vídeo educativo de psicologia médica por estudantes de medicina. <i>Rev. bras. educ. med.</i> , Dez 2012, vol.36, no.4, p.516-523. ISSN 0100-5502
24	Picolini, Mirela Machado et al. A elaboração de um ambiente virtual de aprendizagem em

	síndromes genéticas. <i>Rev. CEFAC</i> , Abr 2013, vol.15, no.2, p.382-390. ISSN 1516-1846
25	Pimenta, Denise Nacif, Leandro, Anita and Schall, Virgínia Torres. A estética do grotesco e a produção audiovisual para a educação em saúde: segregação ou empatia? O caso das leishmanioses no Brasil. <i>Cad. Saúde Pública</i> , Maio 2007, vol.23, no.5, p.1161-1171. ISSN 0102-311X
26	Pires, Eloiza Gurgel. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. <i>Educ. Pesqui.</i> , Abr 2010, vol.36, no.1, p.281-295. ISSN 1517- 9702
27	Ramos, Mariana Brasil and Silva, Henrique César da. Educação em ciência e em audiovisual: olhares para a formação de leitores de ciências. <i>Cad. CEDES</i> , Abr 2014, vol.34, no.92, p.51-67. ISSN 0101-3262
28	Reis Junior, João (Alegria) Alves dos. Decifra-me ou devoro-te. <i>Cad. CEDES</i> , Abr 2005, vol.25, no.65, p.59-70. ISSN 0101-3262
29	Sato, Eduardo Toshio, Tamaki-Castro, Celina and Castro, Danilo Dimas Monteiro de. A importância do treinamento da criança com baixa visão, com emprego dos auxílios ópticos, para capacitação educacional: relato de caso. <i>Arq. Bras. Oftalmol.</i> , Jun 2010, vol.73, no.3, p.282-284. ISSN 0004-2749
30	Silva, Cibele C. B. Marques da et al. Evaluation of a multimedia online tool for teaching bronchial hygiene to physical therapy students. <i>Rev. bras. fisioter.</i> , Feb 2012, vol.16, no.1, p.68-73. ISSN 1413-3555
31	Silva, Cibele Cristine Berto Marques da, Carvalho, Sonia Lucia Pacheco de Toledo and Carvalho, Celso Ricardo Fernandes de. Desenvolvimento de um recurso didático multimídia para o ensino de higiene brônquica. <i>Fisioter. Pesqui.</i> , Mar 2009, vol.16, no.1, p.76-81. ISSN 1809-2950
32	Silva, Roberta Maria Lobo da. Tecnologia e desafios da educação brasileira contemporânea. <i>Trab. educ. saúde</i> , Jun 2008, vol.6, no.1, p.29-50. ISSN 1981-7746
33	Siqueira, Alexandra Bujokas de and Cerigatto, Mariana Pícaro. Mídia-educação no Ensino Médio: por que e como fazer. <i>Educ. rev.</i> , Jun 2012, no.44, p.235-254. ISSN 0104-4060
34	Vargas, Eliane Portes and Siqueira, Vera Helena Ferraz de. Sexualidade e corpo: o olhar do sujeito através das imagens em vídeo. <i>Cad. Saúde Pública</i> , 1999, vol.15, suppl.2, p.S69-S83. ISSN 0102-311X

EDUCAÇÃO and COMUNICAÇÃO and POPULAR (20)

1	Alvarez, Adriana et al. A gripe de longe e de perto: comparações entre as pandemias de 1918 e 2009. <i>Hist. cienc. saude-Manguinhos</i> , Dez 2009, vol.16, no.4, p.1065-1113. ISSN 0104-5970
2	Araújo, Maria Aparecida da Silva and Barbosa, Maria Alves. Relação entre o profissional de saúde da família e o idoso. <i>Esc. Anna Nery</i> , Dez 2010, vol.14, no.4, p.819-824. ISSN 1414-8145

3	Bastos, Bárbara Guimarães and Ferrari, Deborah Viviane. Internet e educação ao paciente. <i>Arquivos Int. Otorrinolaringol. (Impr.)</i> , Dez 2011, vol.15, no.4, p.515-522. ISSN 1809-4872
4	Caldana, Regina Helena Lima and Biasoli-Alves, Zélia Maria Mendes. Educação de crianças: idéias numa revista católica brasileira (1935 a 1988). <i>Paidéia (Ribeirão Preto)</i> , Jul 1993, no.4, p.37-44. ISSN 0103-863X
5	Cardoso, Andréia dos Santos and Nascimento, Marilene Cabral do. Comunicação no Programa Saúde da Família: o agente de saúde como elo integrador entre a equipe e a comunidade. <i>Ciênc. saúde coletiva</i> , Jun 2010, vol.15, suppl.1, p.1509-1520. ISSN 1413-8123
6	Cavaca, Aline Guio et al. As representações da saúde bucal na mídia impressa. <i>Interface (Botucatu)</i> , Dez 2012, vol.16, no.43, p.1055-1068. ISSN 1414-3283
7	Deliberador, Luzia M. Yamashita and Lopes, Mariana Ferreira. Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo Soares Barros de Cambé – PR. <i>Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.</i> , Jun 2011, vol.34, no.1, p.85-103. ISSN 1809-5844 (repete 2 vezes)
8	Fonseca, André Azevedo da. Eduardo Palmério, um perfil intelectual: humorismo e cultura política nas crônicas da imprensa paulista dos anos 1940. <i>Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.</i> , Dez 2012, vol.35, no.2, p.61-84. ISSN 1809-5844
9	Freitas, Ana Angélica de Souza and Cabral, Ivone Evangelista. O cuidado à pessoa traqueostomizada: análise de um folheto educativo. <i>Esc. Anna Nery</i> , Mar 2008, vol.12, no.1, p.84-89. ISSN 1414-8145
10	Furtado, Odair. 50 anos de Psicologia no Brasil: a construção social de uma profissão. <i>Psicol. cienc. prof.</i> , 2012, vol.32, no.spe, p.66-85. ISSN 1414-9893
11	Ikeda, Alberto T. Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração. <i>Estud. av.</i> , 2013, vol.27, no.79, p.173-190. ISSN 0103-4014
12	Lima, Nataly de Queiroz and Santos, Maria Salett Tauk dos. Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas. <i>Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.</i> , Dez 2012, vol.35, no.2, p.225-246. ISSN 1809-5844
13	Luz, Madel, Sabino, Cesar and Mattos, Rafael S. A ciência como cultura do mundo contemporâneo: a utopia dos saberes das (bio)ciências e a construção midiática do imaginário social. <i>Sociologias</i> , Abr 2013, vol.15, no.32, p.236-254. ISSN 1517-4522
14	Matraca, Marcus Vinicius Campos, Wimmer, Gert and Araújo-Jorge, Tania Cremonini de. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. <i>Ciênc. saúde coletiva</i> , Out 2011, vol.16, no.10, p.4127-4138. ISSN 1413-8123
15	Nuto, Sharmênia de Araújo Soares, Nations, Marilyn Kay and Costa, Íris do Céu Clara. Aspectos culturais na compreensão da periodontite crônica: um estudo qualitativo. <i>Cad. Saúde Pública</i> , Mar 2007, vol.23, no.3, p.681-690. ISSN 0102-311X
16	Oliveira, Vânia Lúcia Bezerra et al. Modelo explicativo popular e profissional das mensagens de cartazes utilizados nas campanhas de saúde. <i>Texto contexto - enferm.</i> , Jun

	2007, vol.16, no.2, p.287-293. ISSN 0104-0707
17	Pessoa, Jadir de Moraes. Mestres de caixa e viola. <i>Cad. CEDES</i> , Abr 2007, vol.27, no.71, p.63- 83. ISSN 0101-3262
18	Siqueira, Alexandra Bujokas de and Cerigatto, Mariana Pícaro. Mídia-educação no Ensino Médio: por que e como fazer. <i>Educ. rev.</i> , Jun 2012, no.44, p.235-254. ISSN 0104-4060
19	Torres, Heloisa de Carvalho et al. Intervenção educativa para o autocuidado de indivíduos com diabetes mellitus. <i>Acta paul. enferm.</i> , 2011, vol.24, no.4, p.514-519. ISSN 0103-2100
20	Vázquez, María Luisa, Mosquera, Mario and Kroeger, Axel. People's concepts on diarrhea and dehydration in Nicaragua: the difficulty of the intercultural dialogue. <i>Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.</i> , Dec 2002, vol.2, no.3, p.223-237. ISSN 1519-3829

EDUCAÇÃO and COMUNICAÇÃO and COMUNITÁRIA (14)

1	Bastos, Gustavo Grandini, Galli, Fernanda Correa Silveira and Romão, Lucília Maria Sousa. Discursividades sobre o bibliotecário. <i>Perspect. ciênc. inf.</i> , Mar 2013, vol.18, no.1, p.2-14. ISSN 1413-9936
2	Blank, Danilo. Controle de injúrias sob a ótica da pediatria contextual. <i>J. Pediatr. (Rio J.)</i> , Nov 2005, vol.81, no.5, p.s123-s136. ISSN 0021-7557
3	Costa, Marta Cocco da et al. Processo de trabalho dos agentes comunitários de saúde: possibilidades e limites. <i>Rev. Gaúcha Enferm.</i> , Set 2012, vol.33, no.3, p.134-140. ISSN 1983- 1447
4	Cyrino, Antonio Pithon and Cyrino, Eliana Goldfarb. Integrando comunicação, saúde e educação: experiência do UNI-Botucatu. <i>Interface (Botucatu)</i> , Ago 1997, vol.1, no.1, p.157-168. ISSN 1414-3283
5	Deliberador, Luzia M. Yamashita and Lopes, Mariana Ferreira. Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo Soares Barros de Cambé – PR. <i>Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.</i> , Jun 2011, vol.34, no.1, p.85-103. ISSN 1809-5844
6	Kleba, Maria Elisabeth, Krauser, Ivete Maroso and Vendruscolo, Carine. O planejamento estratégico situacional no ensino da gestão em saúde da família. <i>Texto contexto – enferm.</i> , Mar 2011, vol.20, no.1, p.184-193. ISSN 0104-0707
7	Lenz-de-Oliveira, Kátia et al. Elaborando uma cartilha sobre as ambiguidades da violência conjugal. <i>Psicol. cienc. prof.</i> , 2010, vol.30, no.2, p.428-439. ISSN 1414-9893
8	Longhi, Marcelen Palu, Craco, Priscila Frederico and Palha, Pedro Fredemir. Comunicação entre usuários e trabalhadores de saúde em colegiados de Saúde da Família. <i>Rev. bras. enferm.</i> , Fev 2013, vol.66, no.1, p.38-45. ISSN 0034-7167
9	Martínez-Hernández, Angel. Dialógica, etnografia e educação em saúde. <i>Rev. Saúde Pública</i> , Jun 2010, vol.44, no.3, p.399-405. ISSN 0034-8910
10	Miani, Rozinaldo Antonio. Comunicação Comunitária: uma disciplina de formação sociopolítica e de intervenção social. <i>Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.</i> , Jun 2014, vol.37,

	no.1, p.265-282. ISSN 1809-5844
11	Pereira, Beatriz, Silva, Kátia S. S. and Souza, Ricardo P. de. Um cidadão não nasce grandão. <i>Saude soc.</i> , Jun 2009, vol.18, suppl.2, p.93-95. ISSN 0104-1290
12	Rangel-S, Maria Ligia. Dengue: educação, comunicação e mobilização na perspectiva do controle - propostas inovadoras. <i>Interface (Botucatu)</i> , Jun 2008, vol.12, no.25, p.433-441. ISSN 1414-3283
13	Santana, Vilma Sousa et al. Efetividade do Programa de Comunicação e Educação em Saúde no controle da infecção por <i>S. mansoni</i> em algumas áreas do Estado da Bahia. <i>Rev. Soc. Bras. Med. Trop.</i> , Dez 1997, vol.30, no.6, p.447-456. ISSN 0037-8682
14	Souto, Silvana and Ferro-Bucher, Júlia Sursis Nobre. Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares. <i>Rev. Nutr.</i> , Dez 2006, vol.19, no.6, p.693-704. ISSN 1415-5273

VÍDEO and COMUNITÁRIO (0)

Sem resultados

VÍDEO and POPULAR (10)

1	Bakke, Rachel Rua Baptista. Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na música popular brasileira. <i>Relig. soc.</i> , Dez 2007, vol.27, no.2, p.85-113. ISSN 0100- 8587
3	Borém, Fausto and Taglianetti, Ana Paula Trajetória do canto cênico de Elis Regina. <i>Per musi</i> , Jun 2014, no.29, p.39-52. ISSN 1517-7599
2	Borém, Fausto and Taglianetti, Ana Paula. Texto-música-imagem de Elis Regina: uma análise de Ladeira da Preguiça, de Gilberto Gil e Atrás da porta, de Chico Buarque e Francis Hime. <i>Per musi</i> , Jun 2014, no.29, p.53-69. ISSN 1517-7599
4	Guido, Lucia de Fátima Estevinho et al. Educação ambiental e cultura: articulando mídia e conhecimento popular sobre plantas. <i>Trab. educ. saúde</i> , Abr 2013, vol.11, no.1, p.129-144. ISSN 1981-7746
5	Guilhoto, Laura et al. IBE Promising Strategies Program 2008: "Epilepsy at School: Teaching the Teachers" - educational plan of the " <i>Associação Brasileira de Epilepsia</i> " with teachers of elementary school. <i>J. epilepsy clin. neurophysiol.</i> , 2010, vol.16, no.2, p.80-86. ISSN 1676-2649
6	Mattos, Carmen Lúcia Guimarães de. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. <i>Educ. Pesqui.</i> , Ago 2005, vol.31, no.2, p.215-228. ISSN 1517-9702
7	Nunes, Alvimar Liberato and Borém, Fausto O arranjo e o improviso de Raphael Rabello sobre Odeon de Ernesto Nazareth. <i>Per musi</i> , Dez 2014, no.30, p.98-113. ISSN 1517-7599
8	Rozemberg, Brani. Saneamento rural em áreas endêmicas de esquistossomose: experiência e

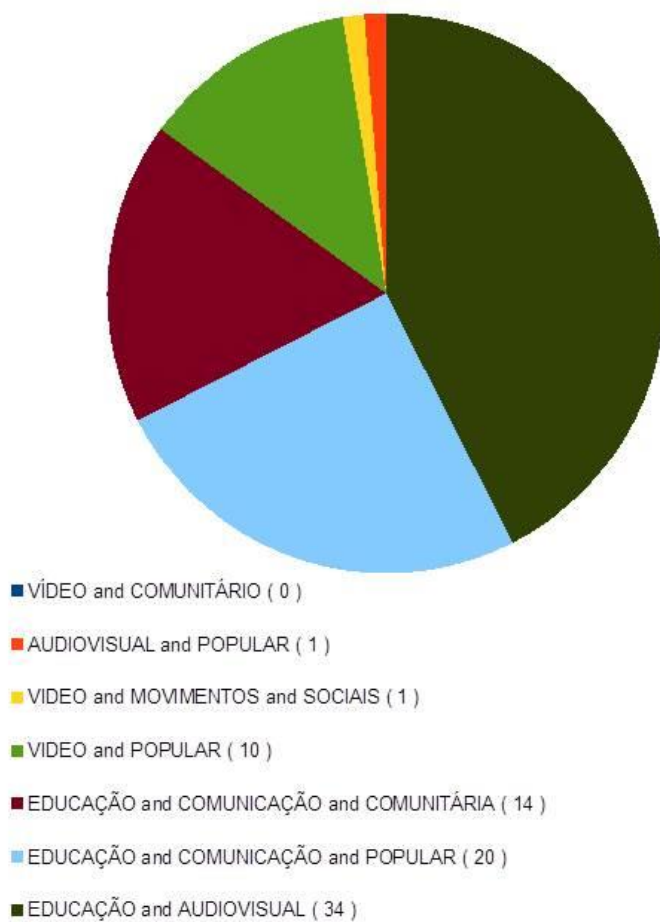
	aprendizagem. <i>Ciênc. saúde coletiva</i> , 1998, vol.3, no.2, p.125-141. ISSN 1413-8123
9	Santos, Fernando Sergio Dumas dos. Histórias de vida e história da cultura. <i>Hist. Cienc. saude-Manguinhos</i> , Jun 1998, vol.5, no.1, p.85-98. ISSN 0104-5970
10	Tagg, Philip. Os acordes de <i>Yes we can</i> do vídeo da campanha presidencial de Barak Obama. Translated by Fausto Borém. <i>Per musi</i> , Dez 2010, no.22, p.7-21. ISSN 1517-7599

VÍDEO and MOVIMENTOS and SOCIAIS (1)

1	Silva, Mabile Francine Ferreira et al. Conteúdos psíquicos e efeitos sociais associados à paralisia facial periférica: abordagem fonoaudiológica. <i>Arquivos Int. Otorrinolaringol. (Impr.)</i> , Dez 2011, vol.15, no.4, p.450-460. ISSN 1809-4872
---	--

LEVANTAMENTO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS CADASTRADOS NA BASE DE DADOS DO SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO)

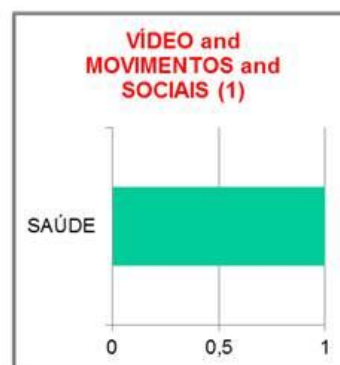
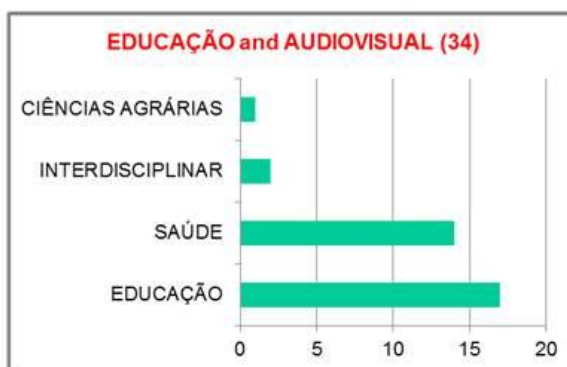
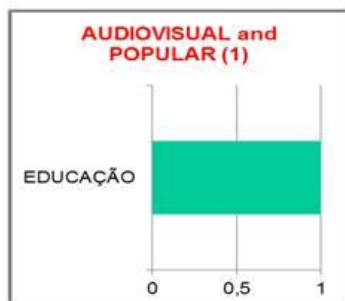
QUANTIDADE DE ARTIGOS CIENTÍFICOS POR DESCRITORES



As pesquisas realizadas por descritores apontaram 80 resultados. Desses 80, um artigo se repetiu em 3 descritores e outro artigo se repetiu em 2. Dessa maneira, foram encontrados um total de 77 artigos.

LEVANTAMENTO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS CADASTRADOS NA BASE DE DADOS DO SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO)

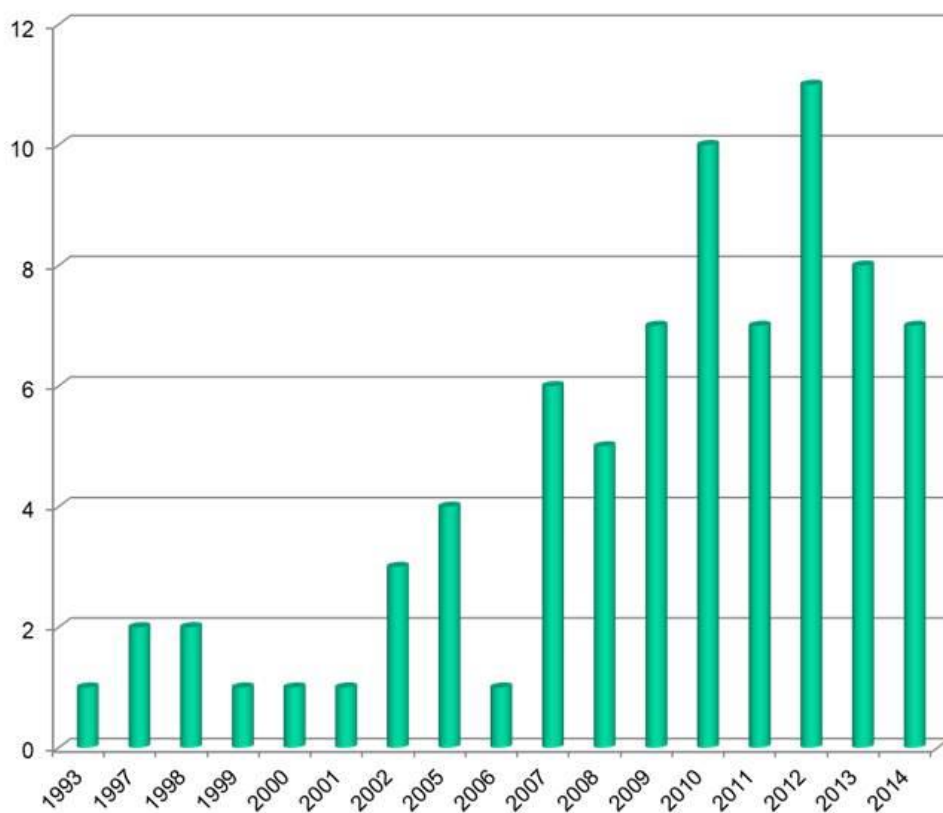
Área do conhecimento por descritores



VÍDEO and COMUNITÁRIO (0)

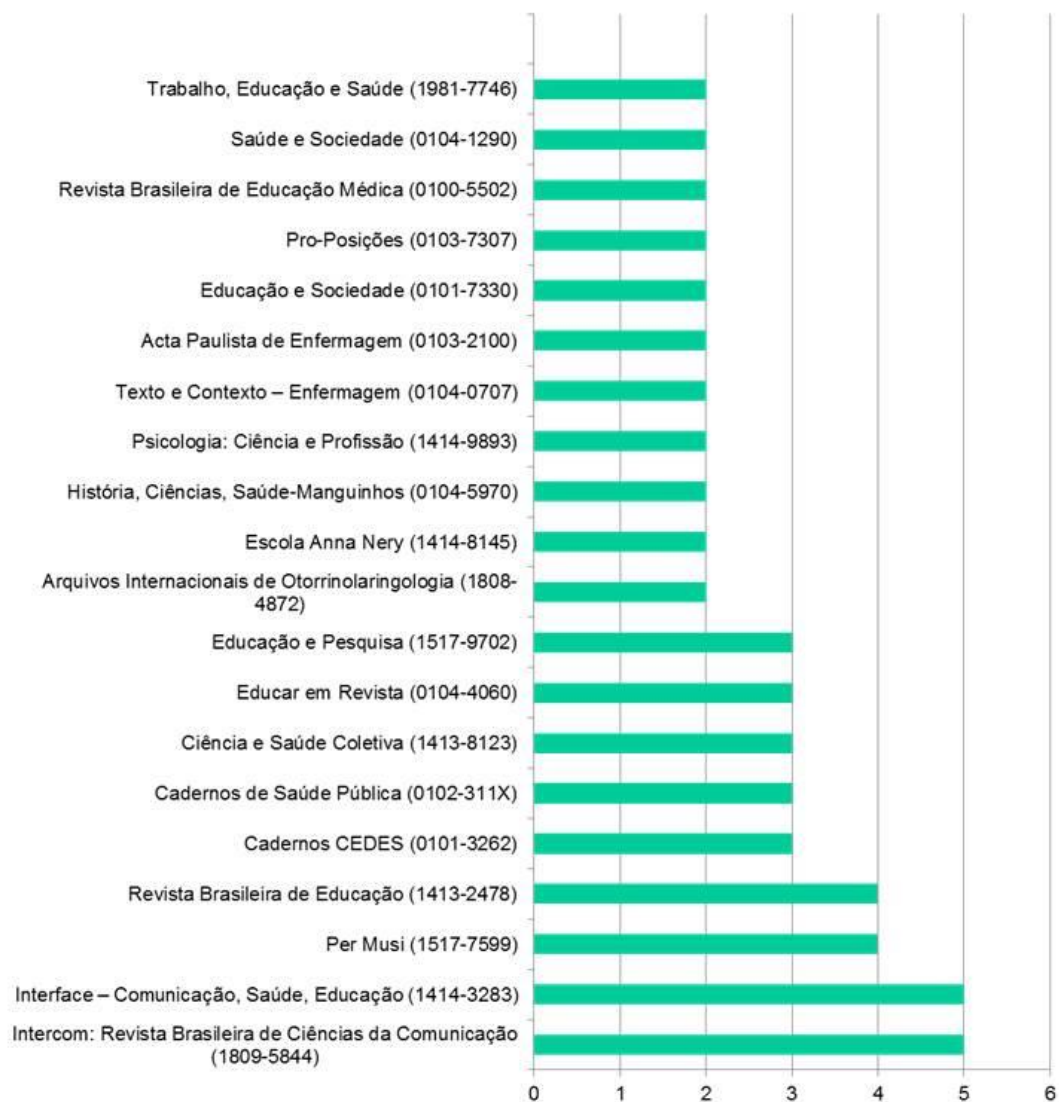
LEVANTAMENTO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS CADASTRADOS NA BASE DE DADOS DO SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO)

INDICAÇÃO DE TRABALHOS ENCONTRADOS POR ANO



LEVANTAMENTO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS CADASTRADOS NA BASE DE DADOS DO SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO)

PERIÓDICOS QUE MAIS APRESENTARAM ARTIGOS



Resultados das buscas no Google Acadêmico

Foram encontrados 34 resultados. Um material se repete em dois descritores diferentes

“AUDIOVISUAL POPULAR” no título (4)

1. Artigo em periódico da área de Comunicação:
SEDEÑO VALDELLOS, Ana María. Cultura de la escucha y videoclip musical: aportaciones de este formato audiovisual a la recepción de la música popular. F@ro: revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación, ISSN 0718-2023, ISSN-e 0718-4018, N°. 15, 2012.
2. Monografia de conclusão de bacharelado em Faculdade de Comunicação:
LÓPEZ CALZADA, Miguel. El Cinema cru: influència del fenomen audiovisual global-popular en el cinema del canvi de mil·leni. Universitat Autònoma de Barcelona. Facultat de Ciències de la Comunicació. Monografia de bacharelado. 2012
3. Texto apresentado em seminário sobre educação popular e audiovisual:
CHAVEZ, M. B.; Juliane Peixoto ; Diego Hoeffel ; HOFFEL, M. G. ; José Ricardo Alves . Surfando nas Ondas das redes Sociais - Um texto em construção sobre a relação entre educação popular, novas mídias e redes sociais tendo como estudo de caso o projeto vidas paralelas. In: Deseducando o Olhar - seminário nacional de educação popular em audiovisual, 2009, Rio de Janeiro. Deseducando o Olhar - seminário nacional de educação popular em audiovisual, 2009.
4. Texto apresentado em congresso sobre audiovisual:
PEDRAZA TABARES, Andrés Eduardo. *Comunicación Audiovisual en Escuelas de Formación Popular: nuevas estrategias pedagógicas, estilos y lenguajes desde experiencias comunitarias en Colombia y Argentina*. In: III CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ARGENTINA DE ESTUDIOS DE CINE Y AUDIOVISUAL - ASAECA - ISBN: 978-987-25871-3-0, 2012.

“EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL” no título (8)

1. Artigo em periódico da área de Comunicação:
GERBASE, C. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação à distância (EAD). Logos (Rio de Janeiro), v. 24, p. 68-76, 2006.
2. Artigo em periódico da área de Administração:
GUTIERREZ, O. L. B. A educação a distância, o uso de novas tecnologias e a ênfase no audiovisual. Revista Global Manager, Rio Grande do Sul, ano 7, n. 11, p.

77-87, dez. 2006.

3. Artigo em periódico da área de Educação:
RAMO, M. I. B. B. ;REZENDE FILHO, L. A. C.. Vídeo em Libras: um estudo sobre produção e consumo de material audiovisual para a educação de surdos. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 7, p. 142-158, 2014
4. Capítulo de livro:
LEONEL, J. ; MENDONÇA, R. F. ; ASPAHAN, P. C. Por uma pergunta sonora. In: LEONEL, J.; MENDONÇA, R. F.. (Org.). Audiovisual Comunitário e educação: histórias, processos e produtos. 01ed.BELO HORIZONTE: Autêntica Editora, 2010, v. 01, p. 125-143.
5. Material didático:
MACHADO JÚNIOR., Cláudio de Sá. Povos indígenas e educação audiovisual. Porto Alegre: Evangraf, 2011 (Material didático).
6. Texto apresentado em congresso sobre Comunicação:
SILVA, MARIA JOSÉ DA ;SILVA, Virgínia de Oliveira. Educação crítica e audiovisual na formação de professores. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010
7. Tese de doutorado na área de Comunicação:
RIZZO JUNIOR, Sergio Alberto. Educação audiovisual: uma proposta para a formação de professores de ensino fundamental e de ensino médio no Brasil. 2011. Tese (Doutorado em MEIOS E PROCESSOS AUDIOVISUAIS) - Universidade de São Paulo.
8. Texto apresentado em Congresso sobre Comunicação:
SILBINGER, L. N. (2005). O potencial educativo do audiovisual na educação formal. In A. Fidalgo & P. Serra (Eds.). Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã, Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, Volume 4, Campos da Comunicação. Covilhã: LabCom. Pp. 376-381

“EDUCAÇÃO POPULAR” “COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA” no título (1)

1. Texto apresentado em Congresso sobre Comunicação:
MARANHÃO, Carlos André Cantisani. Comunicação Comunitária e Educação Popular: Caminhos para Uma Práxis Transformadora. CD Intercom, Rio de Janeiro, 2005.

“EDUCAÇÃO POPULAR” “COMUNICAÇÃO POPULAR” no título (8)

1. Capítulo de livro:
PRUDENCIO, K. C. S. ; PANKE, L. ;DALLA COSTA, R. M. C.. Comunicação e cidadania: apontamentos a partir da experiência com rádio escola do Núcleo de Comunicação e Educação Popular. In: Ariane Pereira; Iris Tomita; Marcio Fernandes; Sonia Kurchaidt. (Org.). Recortes brasileiros de ativismo midiático. 1ed.Guarapuava-PR: , 2010, v. 1, p. 183-188.
2. Texto apresentado em congresso sobre Extensão Universitária:
RIBEIRO JUNIOR, Djalma. Rádio escolar, vídeo popular e cineclube popular: um panorama sobre a atuação do Grupo de Estudos e Extensão em Comunicação e Educação Popular. 2013. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
3. Texto apresentado em seminário sobre Extensão Universitária:
CAMPOS, M. I. P. ; SANTOS, F. R. .Ferramentas de comunicação e educação popular para a criação de medidas de proteção e recuperação da saúde do trabalhador.. In: 8ª Mostra Acadêmica da Universidade Metodista de Piracicaba, 2010, Piracicaba. 12º Seminário de Extensão da Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.
4. Artigo publicado em periódico da área de Comunicação:
RIBEIRO JUNIOR, Djalma. Comunicação e Educação: do hegemônico para o popular. RUA. Revista Universitária do Audiovisual, v. 11, p. 3897, 2011.
5. Texto apresentado em congresso sobre Economia Solidária:
CHERFEM, Carolina Orquiza. A experiência da INCOOP UFSCar no processo de incubação da marcenaria coletiva autogestionária no Assentamento Pirituba II: Limites e Possibilidades da Comunicação, Educação Popular e Economia Solidária. In: 2º Seminário de Processos Cooperativos y Asociativos: La economia solidária em América Latina ante el desafío de la Integracion Regional. - PROCOAS e AUGM, 2006, Rosário/Argentina. Anais 2º Seminário de Processos Cooperativos y Asociativos: La economia solidária em América Latina ante el desafío de la Integracion Regional. - PROCOAS e AUGM Rosário/Argentina, 2006. v. 1.
6. Texto apresentado em congresso sobre Educação:
RIBEIRO JUNIOR, Djalma. REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO POPULAR E COMUNICAÇÃO POPULAR: APROPRIAÇÃO DOS MEIOS E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS. In: 33ª Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2010, Caxambu. Educação no Brasil: o balanço de uma década. Rio de Janeiro: ANPED, 2010. v. 01. p. 01-13.
7. Texto apresentado em colóquio sobre Comunicação:
BUENO, Natalia de Lima. Educação e comunicação popular: elo teórico-prático de tecnologia social na educação de jovens e adultos. In: IX Colóquio Latino Alericano da Escola de Comunicação, 2005, São Bernardo do Campo. Anais IX Colóquio

Latino Americano da Escola de Comunicação, 2005

8. Texto apresentado em colóquio sobre Comunicação:
DALLA COSTA, R. M. C.. Núcleo de comunicação e educação popular: a educação para os meios. In: IX Celacom - Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2005, São Bernardo do Campo. Anais do IX Celacom. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO e UMESP, 2005. v. 1. p. 1-10

“VÍDEO COMUNITÁRIO” no título (2)

1. Dissertação de Mestrado na área de Comunicação:
FRANCO, Juliana Oshima, Cristóvão Domingos de. Memórias em movimento: o vídeo comunitário na fronteira entre realidade e representação: um estudo do projeto Roda Memória. 2012. 210f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2012.
2. Dissertação de Mestrado na área de Multimeios:
ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. Vídeo e experimentação social: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil. 2004. 206f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004

“VÍDEO POPULAR” no título (11)

1. Artigo publicado em periódico da área de Cinema:
RENO, Denis P.; GONCALVES, Elizabeth M.. O vídeo popular e as novas tecnologias digitais: uma releitura sobre tecnologia, linguagem e espaço do audiovisual. Guionactualidad (Barcelona), v. 1, p. 1-13, 2008.
2. Texto apresentado em colóquio sobre Comunicação:
PINHEIRO, Júnior. O Vídeo Popular no Ponto: Os Pontos de Cultura e a Produção Audiovisual Alternativa. Apresentado no GT2: “Comunicação e gestão de programas de inclusão digital”, do XV Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM) – Araraquara-SP, 01 a 03 de junho de 2011. Artigo apresentado na XIV Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Juiz de Fora-MG, 04 a 07 de maio de 2011.
3. Artigo publicado em periódico das áreas de Comunicação e Economia:
BRITTOS, V. C.; MENEZES, E. S. . Do vídeo popular às especificidades do padrão tecno-estético alternativo. Eptic (UFS), v. 13, p. 1-17, 2011.
4. Texto apresentado em congresso sobre Extensão Universitária:
RIBEIRO JUNIOR, Djalma. Rádio escolar, vídeo popular e cineclube popular: um panorama sobre a atuação do Grupo de Estudos e Extensão em Comunicação e

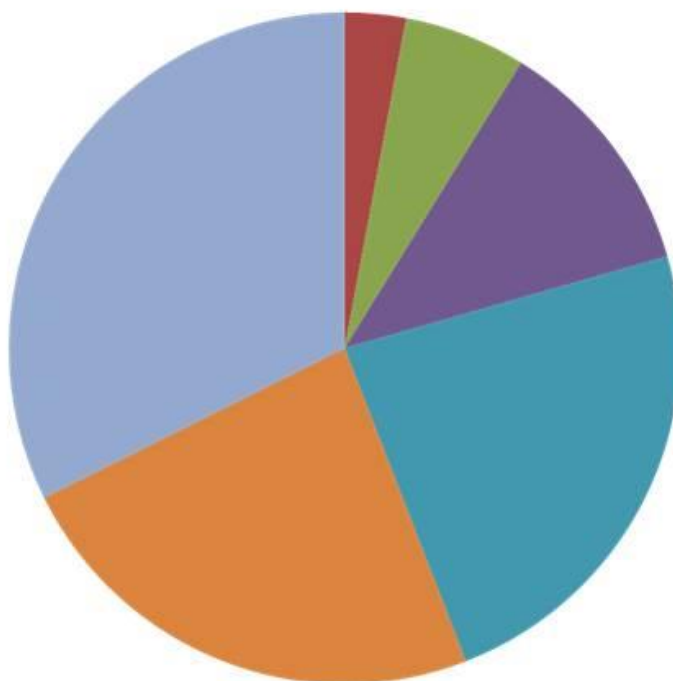
Educação Popular. 2013. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

5. Dissertação de Mestrado na área de Comunicação:
BRAGA, Robson da Silva. Identificações e recepção: o olhar dos moradores do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna sobre o vídeo popular da TV Janela. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Ceará, Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
6. Artigo publicado em periódico das áreas de Comunicação:
SELIGMAN, F. Televisão fora da televisão- O vídeo popular de caráter social no Brasil. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 04, p. 51, 1996.
7. Artigo publicado em periódico das áreas de Comunicação:
RENO, Denis P.;GONCALVES, Elizabeth M.. O vídeo popular e as novas tecnologias: mudanças na tecnologia, no espaço e na linguagem. Razón y Palabra, v. 61, p. 1-14, 2008.
8. Dissertação de Mestrado na área de Comunicação:
BEZERRA, Cláudio Roberto de Araújo. Tradição e Ruptura no Audiovisual: Um estudo de linguagem do vídeo popular em Pernambuco na década de 1980. 2001. 141f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2001.
9. Texto apresentado em colóquio sobre Comunicação:
BRAGA, R. S.. Identidades: o bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna pela perspectiva do vídeo popular da TV Janela. In: XII Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2007, Fortaleza. Regiocom 2007, 2007.
10. Texto apresentado em congresso sobre Comunicação:
SOUZA, João Rodrigo Costa de ; KNEIPP, V. P.. O vídeo popular contemporâneo em Natal - RN: uma análise comparativa de duas histórias. 2012. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
11. Artigo publicado em periódico das áreas de Cinema:
OLIVEIRA, H. L. P. . Transformações no vídeo popular. Sinopse, São Paulo, v. 7, n.7, p. 8-15, 2001.

“VÍDEO” “MOVIMENTOS SOCIAIS” no título (0)

LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS ENCONTRADAS NA BASE DE DADOS DO
GOOGLE ACADÊMICO – RESTRINGINDO A BUSCA PELOS TÍTULOS

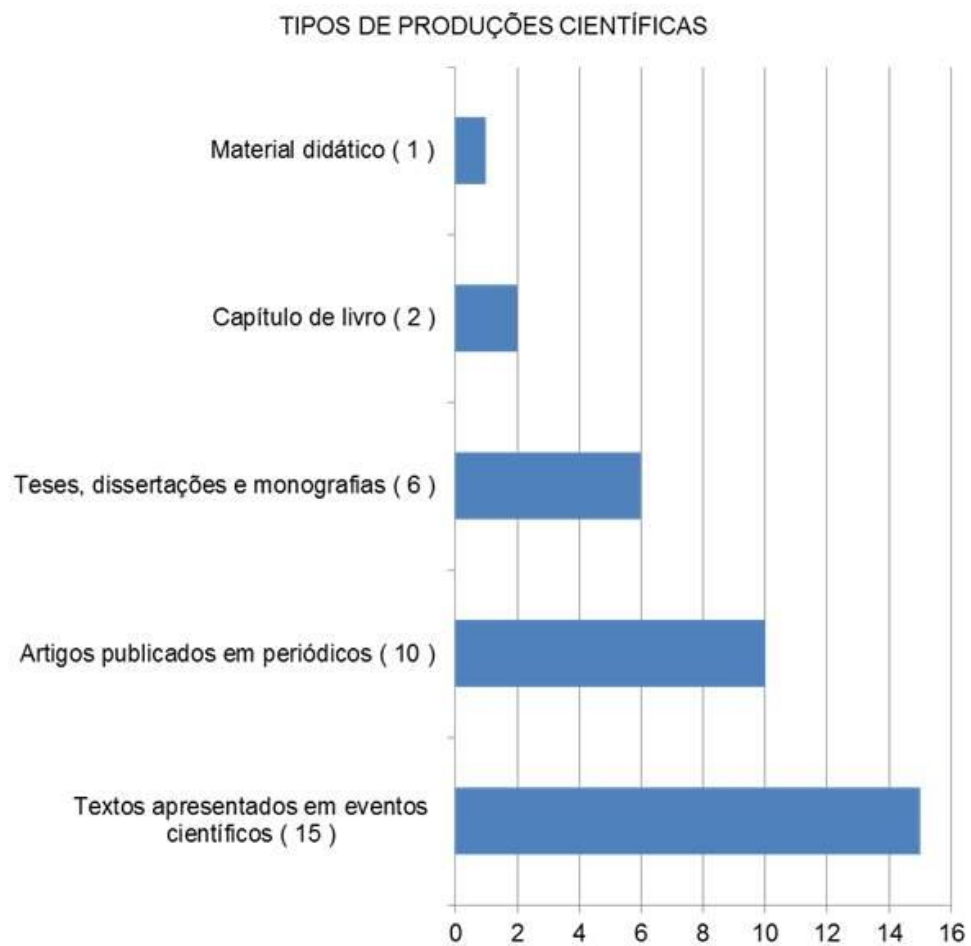
QUANTIDADE DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS POR DESCRITORES



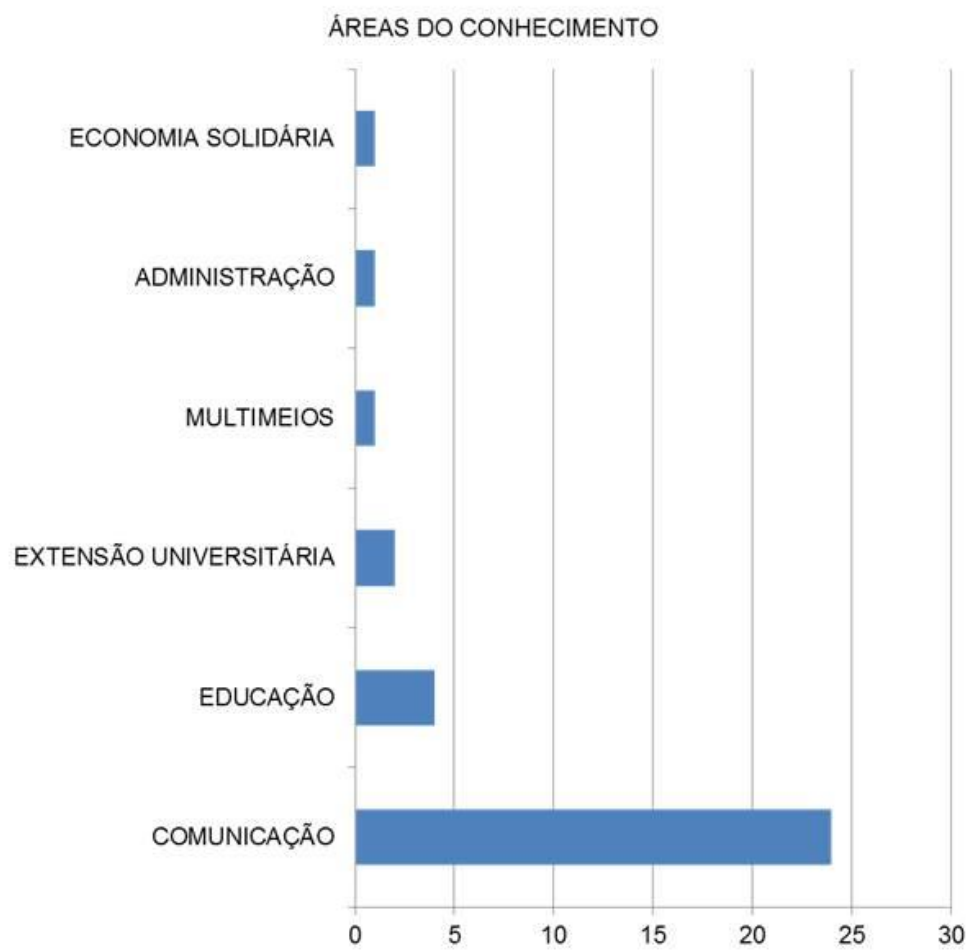
- "vídeo" "movimentos sociais" (0)
- "educação popular" "comunicação comunitária" (1)
- "vídeo comunitário" (2)
- "audiovisual popular" (4)
- "educação popular" "comunicação popular" (8)
- "educação audiovisual" (8)
- "vídeo popular" (11)

As pesquisas realizadas por descritores apontaram 34 resultados. Desses 34, um se repetiu em 2 descritores diferentes. Dessa maneira, foram encontrados um total de 33 produções científicas.

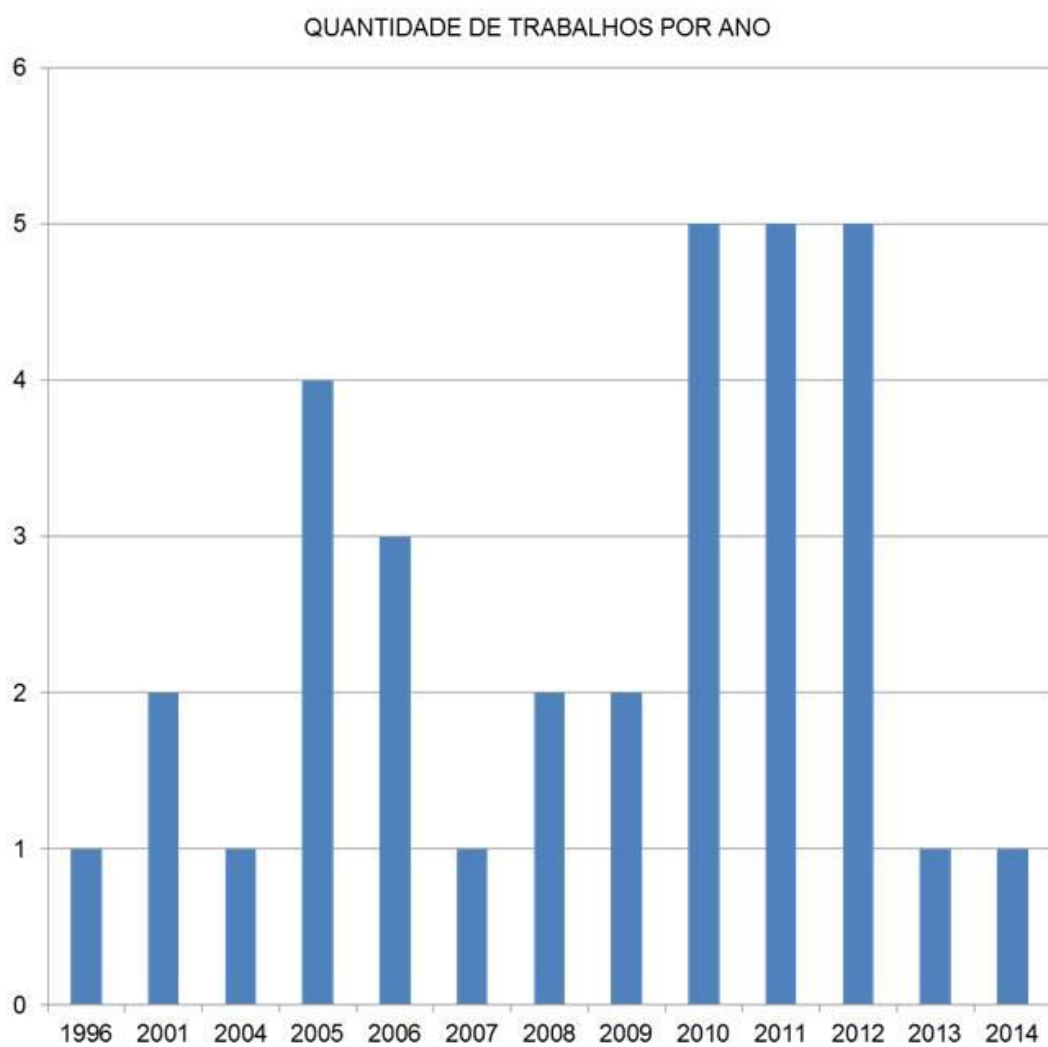
LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS ENCONTRADAS NA BASE DE DADOS DO
GOOGLE ACADÊMICO – RESTRINGINDO A BUSCA PELOS TÍTULOS



LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS ENCONTRADAS NA BASE DE DADOS DO
GOOGLE ACADÊMICO – RESTRINGINDO A BUSCA PELOS TÍTULOS



LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS ENCONTRADAS NA BASE DE DADOS DO
GOOGLE ACADÊMICO – RESTRINGINDO A BUSCA PELOS TÍTULOS



ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “**Comunicação Popular e Educação Popular: processos educativos em práticas de realização audiovisual de grupos populares**”⁹⁴. Esta pesquisa pretende compreender o que se aprende e o que se ensina em processos de realização audiovisual e de produções de vídeos que acontecem no grupo em que você faz parte. Com esta pesquisa queremos saber se é possível aprender e ensinar em uma prática de realização audiovisual que está inserida na vida do grupo e o que se aprende e se ensina neste processo. Toda a pesquisa será realizada por meio de rodas de conversas com as pessoas que aceitem participar e por meio de conversas individuais, desde que a pessoa aceite a conversar. Não serão utilizados, durante a pesquisa, procedimentos que não sejam previamente informados e autorizados por você. Você foi selecionado para participar da pesquisa por fazer parte da equipe de produção de vídeo do grupo em que está inserido e sua participação não é obrigatória. Os objetivos deste estudo são compreender o que se aprende e o que se ensina durante um processo de realização audiovisual inserido dentro do grupo e contribuir para que esta pesquisa possa fortalecer o próprio grupo e incorporar outras demandas que você ou seu grupo identificarem que sejam possíveis de atender dentro da proposta desta pesquisa. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conversar com o pesquisador e com os demais participantes por meio de rodas de conversas ou por meio de conversas individuais. O tema de pesquisa está relacionado com as questões da democratização da comunicação e com as aspirações do próprio grupo em que você está inserido. Estas temáticas podem ser difíceis de serem tratadas em decorrência de que você poderá se expor e se arrepender de algo que foi dito, acarretando possíveis desconfortos. Para minimizar este risco, é importante deixar claro que tudo o que você disser será autorizado por você antes de se tornar público e que, caso considere pertinente, você pode utilizar um pseudônimo para que sua identidade seja preservada. Antes de tornar público o produto das nossas conversas, você terá acesso ao material para que possa corrigir eventuais erros, suprimir informações ou acrescentar outras. É importante que a pesquisa contribua para o fortalecimento do grupo e sua ajuda é fundamental neste processo. Durante a pesquisa pode ser solicitado para que alguns momentos sejam registrados em vídeos ou em áudio. Este procedimento somente será utilizado com a sua autorização por escrito. Durante a pesquisa, o pesquisador irá, sempre com o seu consentimento, acompanhá-lo durante o processo de realização audiovisual e buscará conviver com você nos tempos e nos espaços que você permita, para que seja possível realizar nossas conversas em um clima mais amistoso. Em qualquer momento você pode solicitar, ao pesquisador, esclarecimentos a respeito do andamento da pesquisa e sobre quaisquer outras questões que estejam relacionadas com a pesquisa e com o papel do pesquisador. Todas as solicitações serão atendidas pelo pesquisador. A qualquer momento você pode desistir ou recusar a participar ou retirar seu consentimento durante a pesquisa. Sua recusa ou desistência não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador e nenhuma penalização. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados antes de sua anuência e se cuidará para que não seja possível sua identificação. Neste caso, podemos utilizar pseudônimos fornecidos por você. A participação na pesquisa é livre e gratuita, não acarretando em nenhum momento ônus financeiro e, caso isto aconteça, o pesquisador buscará, junto à instituição meios para poder ressarcir eventuais gastos com etapas previstas na pesquisa. Caso seja identificado algum dano decorrente da participação da pesquisa, o pesquisador se compromete a buscar, junto com a instituição meios para que o dano seja reparado. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone, o e-mail e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Djalma Ribeiro Junior (RG: 32.075.855-6)

Rua Frei Luiz Sant'anna, 927, Centro, Araraquara-SP | tel: 16 99751-5725 | djalmacine@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Local e data

Sujeito da pesquisa *

⁹⁴ Este era o título original da pesquisa que foi modificado para a versão final. Os sujeitos da pesquisa receberam uma cópia da versão final da pesquisa para analisarem e opinarem sobre quaisquer aspectos que considerassem pertinentes.

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Comunicação Popular e Educação Popular: processos educativos em práticas de realização audiovisual de grupos populares **Pesquisador:** Djalma Ribeiro Junior **Área Temática:**

Versão: 1

CAAE: 34967614.3.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer:

850.696 **Data da**

Relatoria: 28/08/2014

Apresentação do Projeto:

A pesquisa visa compreender que processos educativos presentes em práticas comunicativas audiovisuais de grupos populares que, historicamente utilizam o vídeo como meio de expressão, contribuem para o fortalecimento das lutas políticas destes grupos e quais se constituem como obstáculos. Para isso, parte-se da articulação entre a Educação e a Comunicação em uma perspectiva Popular, estabelecendo o diálogo com os contextos culturais em que atuam estes grupos. O projeto assume uma perspectiva de ciência crítica e se propõe a participar do debate acerca da descolonialidade do saber. Parte-se, também, da compreensão de que em todas as práticas sociais é possível encontramos processos educativos em diversas dimensões. Para a realização da pesquisa, prevê-se a inserção e convivência dialógica com um grupo popular que já utiliza o audiovisual em suas práticas cotidianas como forma de expressão.

Objetivo da Pesquisa:

O principal objetivo é compreender, junto com os sujeitos participantes da pesquisa, que processos educativos presentes na prática de comunicação audiovisual contribuem para o fortalecimento das lutas políticas do grupo e quais se constituem como obstáculos, estabelecendo uma relação crítica entre o processo de realização audiovisual e a luta política que historicamente caracteriza este grupo popular.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores(as) identificaram como risco da participação a exposição de argumentos e pontos de vistas que possam, de alguma maneira, vir a ser prejudicial para o sujeito. Para minimizar este risco, pesquisadores (as) afirmam que as informações deverão ser autorizadas pelo sujeito falante antes de se tornar público e que, em qualquer momento, pode-se utilizar um pseudônimo para que a identidade seja preservada. Os pesquisadores(as) detalharam benefícios de ordem indireta para os sujeitos participantes da pesquisa. De forma geral, os benefícios podem ser considerados maiores do que os riscos apresentados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área em questão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os(as) pesquisadores(as) apresentaram todos os documentos obrigatórios.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO CARLOS, 30 de Outubro de 2014

**Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)**

Aprovação da 2ª versão do projeto

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROCESSOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS EM EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO POPULAR NA MOSTRA AUDIOVISUAL DE CAMBUQUIRA-MG (MOSCA)
Pesquisador Responsável: Djalma Ribeiro Junior
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 34967614.3.0000.5504
Submetido em: 06/04/2016
Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção: PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_690701

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

- ▼ Versão Atual Aprovada (E1) - Versão 2
 - ▼ Emenda (E1) - Versão 2
 - ▼ Documentos do Projeto
 - Comprovante de Recepção - Submissã
 - Folha de Rosto - Submissão 1
 - Informações Básicas do Projeto - Subm
 - Projeto Detalhado / Brochura Investigad
 - TCLE / Termos de Assentimento / Justif
 - ▶ Apreciação 1 - Universidade Federal de São
 - ▶ Projeto Completo

Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
-------------------	----------	---------	----------	-------

LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações
E1	Djalma Ribeiro Junior	2	06/04/2016	11/05/2016	Aprovado	Sim	
PO	Djalma Ribeiro Junior	1	31/07/2014	30/10/2014	Aprovado	Não	

HISTÓRICO DE TRÂMITES

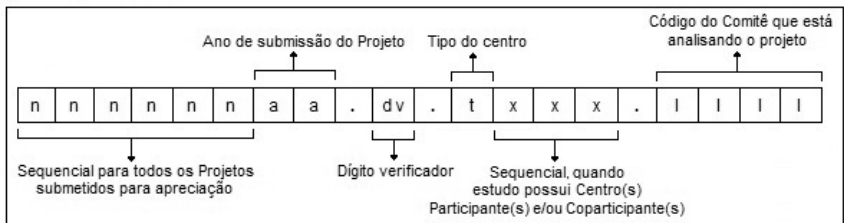
Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
E1	11/05/2016 15:24:59	Parecer liberado	2	Coordenador	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	PESQUISADOR	
E1	10/05/2016 16:08:11	Parecer do colegiado emitido	2	Coordenador	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	
E1	10/05/2016 16:07:45	Parecer do relator emitido	2	Coordenador	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	
E1	10/05/2016 16:00:34	Aceitação de Elaboração de Relatoria	2	Coordenador	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	
E1	11/04/2016 11:58:22	Confirmação de Indicação de Relatoria	2	Coordenador	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	
E1	11/04/2016 11:30:37	Indicação de Relatoria	2	Secretária	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	
E1	11/04/2016 11:27:38	Aceitação do PP	2	Secretária	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	
E1	06/04/2016 21:49:15	Submetido para avaliação do CEP	2	Pesquisador Principal	PESQUISADOR	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	
PO	30/10/2014 10:20:01	Parecer liberado			Universidade Federal de São Carlos/UFSCar		
PO	30/10/2014 08:43:24	Parecer do colegiado emitido			Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	

LEGENDA:

(*) Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	

(*) Formação do CAAE



[Voltar](#)